

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Kherolen Hanny Rodrigues Gonçalves Dias

Retorno à religião: análise de aspectos psicossociais
e do papel do apego

SÃO PAULO
2023

KHEROLEN HANNY RODRIGUES GONÇALVES DIAS

Retorno à religião: análise de aspectos psicossociais
e do papel do apego

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rodrigues Gonçalves Dias, Kherolen Hanny

Retorno à religião: análise de aspectos psicossociais e do papel do apego /
Kherolen Hanny Rodrigues Gonçalves Dias; orientadora Fatima Regina Machado.
-- São Paulo, 2023.

264 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Apego adulto. 2. Retorno à religião. 3. Mobilidade religiosa. 4. Umbanda. 5.
Pentecostalismo. I. Machado, Fatima Regina, orient. II. Título.

Dedico essa pesquisa a todas
as pessoas que vivenciaram
algum sofrimento no processo de
afastar-se/retornar a uma religião.

Agradecimentos

Ao meu admirado amigo Prof. Dr. Adriano da Silva Costa, minha alavanca quando esse projeto era apenas um sonho. Por mais pessoas como você no mundo acadêmico.

À minha competente orientadora, Prof. Dra. Fatima Regina Machado, por me conduzir levemente ao longo de todo o processo de maneira gentil e organizada. Nossa escalada foi emocionante para mim.

Ao respeitado Prof. Dr. Wellington Zangari por me contagiar com seu comprometimento e paixão pela Psicologia Social da Religião. E encher minha caixa de entrada com as leituras que eu faria nos próximos anos.

À Profa. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow, cuja visão objetiva e experiente tanto contribuiu com essa dissertação, e à Profa. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio por suas publicações, que inspiraram o projeto, e sua participação na banca de qualificação.

A todos os colegas da USP que contribuíram com minha formação. Ao GEMA, INTERPSI e aos generosos colegas que participaram do comitê de análise de conteúdo.

À equipe administrativa da Faculdade de Psicologia da USP, em especial à bibliotecária Lucila Borges Assis, sempre presente e solícita.

A cada pesquisador e pesquisadora cujos trabalhos foram citados nesse projeto por suas ricas contribuições a essa pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, que me abriram ao universo de suas religiões e experiências.

À minha mãe, meu padrasto, minha irmã, minha prima, minha amiga, meu amigo e meus tios, que me apoiaram ao longo das horas de produção e me ouviram falar sobre o assunto repetidamente com interesse. Vocês são tudo pra mim.

À minha avó por expressar seu orgulho pela minha vida acadêmica.

A Deus por me fazer acreditar e realizar.

Resumo

Em um contexto de crescimento da diversidade dos grupos religiosos e de limitada literatura acerca da mobilidade religiosa, observou-se a necessidade de um estudo sobre os fenômenos psicossociais relacionados ao retorno de pessoas a uma afiliação religiosa, considerando e mapeando os aspectos religiosos e o histórico pessoal de cada indivíduo. A Teoria do Apego apresenta-se como uma abordagem frutífera para a pesquisa em Psicologia da Religião nessa direção ao permitir verificar relação entre religiosidade e estilos de apego. Neste estudo, propõe-se analisar, à luz da Teoria do Apego, os fenômenos psicossociais relacionados ao processo de retorno de pessoas adultas a duas afiliações religiosas presentes no contexto brasileiro: o Evangelismo Pentecostal e a Umbanda. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo por meio de entrevistas semidirigidas conduzidas com seis pessoas de cada religião, focadas em sua trajetória de afastamento-e-retorno-à-religião e estilo de apego. A investigação pretende contribuir para aprofundamento da compreensão das relações entre o comportamento de apego na realidade brasileira de refiliação religiosa, além de prover informações relevantes e pertinentes para futuros estudos e aconselhamentos psicológicos nesses contextos.

Palavras-chave: Retorno à religião; Mobilidade religiosa; Estilo de apego; Pentecostal; Umbanda.

Abstract

In a context of growing diversity of religious groups and limited literature on religious mobility, there was a need for a study on the psychosocial phenomena related to the return of people to a religious affiliation, considering and mapping each individual's religious and historical aspects. Attachment Theory presents itself as a fruitful approach to research in the Psychology of Religion in this direction by allowing to verify the relationship between religiosity and attachment styles. In this study, we propose to analyze, in the light of Attachment Theory, the psychosocial phenomena related to the process of returning adults to two religious affiliations in the Brazilian context: Pentecostal Evangelism and Umbanda. Therefore, a qualitative study was carried out through semi-structured interviews conducted with six people from each religion, focusing on their trajectory of separation-and-return-to-religion and attachment style. The investigation aims to contribute to a deeper understanding of the relationships between attachment behavior in the Brazilian reality of religious affiliation, in addition to providing relevant and pertinent information for future studies and psychological counseling in these contexts.

Keywords: Return to religion; Religious mobility; Attachment style; Pentecostal; Umbanda.

Sumário

Apresentação	10
Parte I – Contextualização e referenciais teóricos	11
Capítulo 1 – Introdução ao Retorno à Religião	12
1.1 Mobilidade religiosa	12
1.2 A mobilidade religiosa no Brasil	13
1.3 Os conceitos de afiliação, desfiliação e refiliação religiosas	14
1.3.1 Afiliação religiosa	16
1.3.2 Desfiliação religiosa	19
1.3.3 Refiliação ou retorno à religião	21
1.4 Aspectos psicossociais e sua influência no trânsito religioso.	23
1.4.1 Rede de apoio	26
1.4.2 Sentimento de pertencimento	27
Capítulo 2 – Fundamentação Teórica	31
2.1 A Teoria do Apego	31
2.2 O Apego a Deus	33
Capítulo 3 – Afiliações religiosas	38
3.1 A Umbanda	38
3.2 O Evangelismo Pentecostal	43
Parte 2 – A Pesquisa.....	48
Capítulo 4 – Desenvolvimento da pesquisa proposta	49
4.1 Objetivos	49
4.1.1 Objetivo geral.....	49
4.1.2 Objetivos específicos	50
4.2 Justificativa	50
4.3 Hipóteses norteadoras da pesquisa	51
4.4 Método e procedimentos	52
4.4.1 Método.....	52
4.4.2 Participantes	54
4.4.3 Procedimento.....	54
4.4.4 Instrumentos	56
4.4.5 Forma de Análise	56
4.4.6 Aspectos Éticos	56
Parte 3 - Resultados.....	58
Capítulo 5 – Análise de dados: as entrevistas com os grupos religiosos	59

5.1 Entrevistas com umbandistas	60
5.1.1 Eixo 1: Processo de retorno à religião.....	63
5.1.2 Eixo 2: Relações pessoais no contexto de afastamento-e-retorno-à-religião.....	72
5.1.3 Eixo 3: Padrões de apego no contexto de retorno à religião	83
5.2 Entrevistas com evangélicos pentecostais	91
5.2.1 Eixo 1: Processo de retorno à religião.....	94
5.2.2 Eixo 2: Relações pessoais no contexto de afastamento-e-retorno-da-religião...	102
5.2.3 Eixo 3: Padrões de apego no contexto de retorno à religião	113
5.3 Discussão dos resultados.....	120
Considerações Finais.....	132
Referências.....	134
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
Apêndice B – Roteiro da Entrevista Semidirigida	
Apêndice C – Entrevistas com umbandistas	
Apêndice D – Entrevistas com pentecostais	
Apêndice E – Guia de Análise de Conteúdo	

Apresentação

A presente dissertação explora o fenômeno intrigante do retorno à religião, buscando uma compreensão aprofundada por meio da análise de aspectos psicossociais e do papel do apego. A motivação para investigar esse fenômeno surgiu da minha curiosidade pessoal ao experienciar meu próprio retorno à religião Evangélica Pentecostal. Nesse processo, questionei os motivos subjacentes a essa decisão e como ela se relaciona com outros casos semelhantes.

A dissertação está estruturada em três partes fundamentais. A primeira parte é dedicada à contextualização do fenômeno de afastamento-e-retorno-à-religião e referenciais teóricos. Nesta seção, são abordados temas como mobilidade religiosa, os conceitos de afiliação, desfiliação e refiliação religiosas, além de explorar dois aspectos psicossociais relevantes: a rede de apoio e o sentimento de pertença. A Teoria do Apego e o Apego a Deus foram escolhidos como fundamentação teórica central para enriquecer a compreensão desses processos. Por fim, foram introduzidas as duas religiões escolhidas para o estudo: a Umbanda e a Pentecostal.

A segunda parte da dissertação mergulha no desenvolvimento da pesquisa proposta. Detalhes metodológicos, escolhas de participantes e instrumentos de coleta de dados são discutidos, proporcionando uma visão clara do caminho trilhado para abordar a complexidade do retorno à religião. Essa seção destaca a relevância das escolhas metodológicas para a validade e confiabilidade dos resultados obtidos.

A terceira parte da dissertação apresenta os resultados da pesquisa e as discussões decorrentes. Aqui, os dados coletados são analisados e interpretados à luz dos referenciais teóricos previamente apresentados. Os achados são contextualizados no panorama mais amplo do fenômeno de retorno à religião, proporcionando uma contribuição significativa para a compreensão desse fenômeno complexo. As discussões abordam implicações práticas e teóricas, delineando possíveis direções para pesquisas futuras e ressaltando a importância dos resultados obtidos no contexto mais amplo dos estudos sobre a Psicologia Social da Religião.

Parte I – Contextualização e referenciais teóricos

Capítulo 1 – Introdução ao Retorno à Religião

1.1 Mobilidade religiosa

Diversas são as razões que levam à afiliação e à desfiliação religiosas (Streib & Keller, 2004). Grupos religiosos podem assumir a importante função de ajudar pessoas, de forma prática ou pelo apoio emocional, a enfrentar as dificuldades da vida (Pargament & Hahn, 1986; Kirkpatrick, 2005), demonstrando associações positivas com níveis de bem-estar, senso de propósito e esperança, e negativas com índices de ansiedade e depressão (Koenig et al., 2001). Por outro lado, esses mesmos grupos podem ser abandonados pela baixa identificação com os valores/ensinamentos, a perda da fé ou de sentido acerca das práticas religiosas, desapontamentos e conflitos (Streib & Keller, 2004; Diener et al., 2011; Niemelä, 2015; Djupe et al., 2017).

A forma de vivenciar a religião está condicionada, entre outros fatores, às diferentes fases da vida (Dalgalarrodo, 2008). Estudos revelam um padrão que vai do alto envolvimento religioso na infância ao abandono na adolescência e início da fase adulta e retorno à religião de uma pequena porcentagem por volta dos trinta anos de idade (Dreyer, 2004; Hood et al., 2009).

Em uma investigação sobre as variáveis relacionadas à desfiliação e à mudança de religião, outros estudos indicam que ingressar formalmente em uma igreja na juventude reduz a probabilidade de mudar de afiliação religiosa posteriormente (Loveland, 2003) e que ritos de passagem, tais como batismo e bar mitzvah, relacionam-se positivamente com a religiosidade e negativamente com o abandono da religião na idade adulta (Perry & Longest, 2019). Além disso, afirmam que essa associação “não parece variar de acordo com a tradição religiosa em questão.” (Perry & Longest, 2019, p. 12).

Embora relevante no contexto do trânsito religioso e na vida e bem-estar das pessoas, o processo de retorno a uma religião é um fenômeno cuja investigação parece relativamente nova, sendo ainda pouco explorado no que se refere ao cenário atual de mudanças e pluralidade religiosa brasileiro.

1.2 A mobilidade religiosa no Brasil

A religião é presente na vida de aproximadamente 89% dos brasileiros (Datafolha, 2020) em um contexto que revela o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no país, conforme destacado no último censo conduzido pelo IBGE (2010). Dados do Datafolha (2019) apontam que os católicos representam 50% da população, enquanto os evangélicos somam 31%, os espíritas chegam a 3% e os adeptos da Umbanda, Candomblé e outras religiões afro-brasileiras atingem a marca de 2%. Os que não possuem religião totalizam 10% e os ateus somam-se em 1%.

Embora abrangentes, não há questionamento sobre a religião anterior dos brasileiros nesses estudos, o que possibilitaria uma análise mais assertiva sobre padrões de mobilidade religiosa. Tal conhecimento poderia gerar indicadores importantes à medida que “a conversão de uma religião para outra pode representar a expressão de diferentes necessidades em níveis sociais e pessoais”. (Coutinho & Golgher, 2014, p. 74, tradução livre).

Apesar da pouca análise na área, uma pesquisa que investigou a mobilidade religiosa no país em uma amostra de 1252 brasileiros e brasileiras concluiu que “a maioria das pessoas religiosas não mudou sua filiação religiosa (60,3%), enquanto mais de um terço mudou (26,3%), deixou sua religião (10,4%), tornou-se não-religioso (2%) ou tornou-se religioso (1%)” (Maraldi et al., 2020, p. 13, tradução livre). Aqueles indivíduos que se tornaram não religiosos e permaneceram não religiosos apresentaram maior probabilidade de serem solteiros. Enquanto a maioria dos ateus e agnósticos era formada por entrevistados que eram religiosos, a pesquisa encontrou evidências que sugerem que a “mobilidade religiosa depende, pelo menos em parte, da influência de compromissos religiosos anteriores.” (Maraldi et al., 2020, p. 12, tradução livre). A pesquisa, no entanto, não aprofundou suas análises a partir da coleta de dados sobre as motivações de mudança religiosa, o que poderia trazer importantes contribuições para compreensão das necessidades psicossociais no cenário atual no país.

Um estudo baseado em dados dos censos de 1980 a 2010 encontrou duas tendências nos jovens brasileiros: a conversão ao pentecostalismo ou neopentecostalismo e ao grupo de não-religiosos, categoria com predominância do público masculino de todas as faixas etárias (Coutinho & Golgher, 2014). Enquanto a igreja católica possui um total de 30% de adeptos com idade entre 16 a 34 anos, as

igrejas evangélicas exibem 40% de membros nessa mesma faixa etária (Datafolha, 2019). O índice mais elevado parece relacionar-se ao fato de muitas mulheres procurarem a igreja em decorrência especialmente de problemas domésticos e levarem os filhos consigo (Coutinho & Golgher, 2014, p. 77). Quanto a espíritas kardecistas e seguidores da Umbanda e Candomblé, a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* (Novaes, 2004) apresenta uma porcentagem de 2% e 1% de jovens respectivamente. Contudo, os dados são inconsistentes, uma vez que muitos frequentam centros espíritas e terreiros, definindo-se como católicos ou sem religião, o que revela uma estratégia contra o preconceito ou sentimentos de duplo pertencimento (Novaes, 2004).

Com ênfase na conversão, a mobilidade religiosa é tema importante na Psicologia Social da Religião desde o início de seus estudos. Contudo, o aumento da diversidade religiosa e o recente crescimento da desfiliação religiosa ilustram também “a necessidade de considerar as interações do contexto social e os motivos individuais e as trajetórias biográficas envolvidas na saída de grupos religiosos” (Streib & Keller, 2004, p. 188) e, mais além, no retorno aos mesmos ou à mesma afiliação anteriormente abandonada. A emergência de não-religiosos, em particular, revela a importância de um olhar não apenas à mudança de religião, mas ainda sobre o movimento de retorno à religião, isto é, o processo de refiliação a uma religião outrora descartada.

O que motiva esse fenômeno? O que leva pessoas a desfilarem-se e depois retornarem a religiões por elas abandonadas? Tais questões, ainda pouco exploradas, mas cujos estudos são encorajados à luz da Teoria do Apego, envolvendo particularmente a diversidade religiosa (Granqvist et al., 2010), são o principal foco deste estudo.

1.3 Os conceitos de afiliação, desfiliação e refiliação religiosas

Em um país marcado por um intenso trânsito e pluralidade no campo religioso (Valle, 2002; Gomes, 2013), a compreensão dos aspectos psicossociais relacionados ao processo de afiliação e desfiliação torna-se necessária e complexa.

Ao contrário do que já foi considerado comum no contexto brasileiro, a religião que se professa hoje não é necessariamente aquela em que se nasce e nem aquela que a pessoa seguirá amanhã (Prandi, 2001, citado por Gomes, 2013). Essa

autonomia combina-se ainda a certa flexibilidade na organização da identidade religiosa pessoal do brasileiro, uma vez que “costuma ser um mix por ele mesmo construído com materiais retirados de procedências bem diferenciadas, mas que para ele não se apresentam como contraditórias.” (Valle, 2002, p. 59).

Para compreender o processo de mobilidade religiosa é necessário considerar, segundo Mossière (2007), que há três tipos diferentes da experiência de conversão: (a) conversão que acontece no indivíduo que se converte de uma religião para outra; (b) conversão que ocorre naquele sujeito que jamais pertenceu a uma tradição religiosa; (c) reconversão ou reversão (Mossière, 2007), sendo esse último comum no islamismo para designar adeptos oriundos de outras religiões.

No contexto brasileiro, no entanto, esse processo pode ser mais imprevisível. Em algumas religiões, o termo adesão parece mais adequado para denominar a experiência de afiliação religiosa (Paiva, 1999). Além disso, é possível, por exemplo, dentro de uma mesma religião haver o trânsito de uma denominação a outra. Do mesmo modo, não é necessário aderir a uma instituição religiosa para considerar-se convertido à religião em questão e vice-versa. Com o olhar nessa realidade, Valle (2002) elenca alguns padrões observados no trânsito religioso: passar de uma a outra igreja cristã; permanecer na mesma igreja, mudando a forma de praticar a fé; romper com paradigmas, embora dentro do referencial cultural típico; e adotar uma postura de busca “mais espiritualizante que religiosa” (p. 60) fora das igrejas institucionais e das religiões e movimentos constituídos.

A desfiliação religiosa também se manifesta de múltiplas formas, exigindo um olhar atento para sua compreensão. Apostasia, desconversão, abandono da fé e saída são alguns dos conceitos que se referem ao processo de afastamento da pessoa religiosa de seu grupo ou instituição. De acordo com Hood et al. (2009), dois aspectos são possíveis em seu desdobramento: a aproximação a uma denominação diferente ou a total rejeição da religião, assumindo-se o ateísmo ou agnosticismo.

Atualmente, tão fluído quanto o processo de afiliação e desfiliação parece ser o processo de refiliação. Essa flexibilidade e facilidade de mobilidade contribui para a manutenção de uma relação de “vai e vem” com grupos religiosos e com a coleção, em seu histórico religioso, de episódios de afastamento e retorno que podem caminhar de acordo com os ciclos de vida ou acontecimentos específicos que acompanham ou afetam emocional e fisicamente o indivíduo. Seja qual for o motivo, a investigação nesse sentido pode contribuir com a compreensão dos aspectos psicossociais

relacionados, sua previsão e potencial melhora do bem-estar subjetivo da pessoa religiosa. Discutir e conceituar cada fenômeno do trânsito religioso é o objetivo desta seção.

1.3.1 Afiliação religiosa

No estudo da conversão religiosa, muitas são as vozes, dentro e fora da Psicologia Social, no sentido de compreender a experiência e definir o conceito. Para William James (1995), um dos pioneiros no estudo da Psicologia Social da Religião, a conversão, especialmente quando repentina, sugere uma crise no universo interior do convertido, que resulta em mudanças profundas em sua personalidade e comportamento (Valle, 2002).

Converter-se, regenerar-se, receber a graça, sentir a religião, obter uma graça, são tantas outras expressões que denotam o processo, gradual ou repentino, por cujo intermédio um eu até então dividido, e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência de seu domínio mais firme das realidades religiosas. Isto, pelo menos, é o que significa a conversão em termos ferais, quer acreditemos quer não que se faz mister uma operação divina direta para produzir uma mudança natural dessa ordem. (James, 1995, p. 126)

Com uma visão social do fenômeno, Carrier (1988), sociólogo canadense, compreende a conversão como "uma adesão total, repentina e frequentemente acompanhada de crise, aos valores compartilhados com uma dada comunidade" (Carrier, 1988, p. 41). Para ele, "a experiência tenderá à reunificação da personalidade e à integração social" (Carrier, 1988 *apud* Valle, 2002, p. 63). Zetterberg (1952) também olhou o processo sob a perspectiva social ao definir a conversão como sendo a aceitação imprevista de um papel social valorizado pelo grupo religioso no qual o indivíduo se insere.

No Brasil, o pioneiro nos estudos sobre conversão religiosa Maurílio Penido (1935) distinguiu dois tipos de conversão: a endógena, cuja origem dá-se em um processo interno do indivíduo, e a exógena, que procede de acontecimentos externos. (Penido, 1935, citado por Gomes, 2013). Em ambas, o processo é composto por dois momentos: o primeiro de desagregação da síntese ou identidade anterior, podendo ser não-religiosa ou superficialmente religiosa, e o segundo de construção de uma

“constelação” nova, centrada na experiência religiosa. “Por aí se entende porque a conversão religiosa costuma ser acompanhada por uma crise psicológica do eu” (Gomes, 2013, p. 33).

Lewis Rambo, pesquisador influente nos estudos sobre conversão, criou um modelo em que afirma haver sempre algum tipo de busca e inquietação (“crise”) no início do processo que conduz à conversão. (Rambo, citado por Gomes, 2013, p. 40). Em seu modelo, apresenta quatro aspectos teórico-metodológicos presentes no processo de conversão: a influência de parentes e amigos próximos; o papel exercido pelo líder religioso do grupo; a maneira nova como o convertido passa a falar da vida; e o papel que o grupo religioso atribui ao convertido e por ele é assumido como essencial. A relevância da força de coesão do grupo é anunciada por outros autores (Suchman, 1992), bem como a importância do sentimento de pertença (Gomes, 2013).

No entanto, “o grau e o padrão de mudança de afiliação religiosa estão sujeitos a controvérsias entre os autores” (Gomes, 2013, p. 74).

Alguns falam de uma transformação radical (Nock, 1933), ou mesmo uma ruptura no sentido de uma reorganização fundamental do sistema de sentido do indivíduo (Travisano et al. 1970). Outros conceituam a conversão religiosa como uma mudança de ideologia ou “o deslocamento de um universo de discurso por outro ou a ascensão de um universo de discurso anteriormente periférico ao status de uma autoridade primária” (Snow e Machalek, 1984, p. 170), ou mesmo uma “mudança de paradigma” (Austin-Broos 2003; Lacar 2001). Para muitos, a conversão é mais uma mudança gradual nas crenças (Downton 1980; Long e Hadden 1983; Morrison 1992; Richardson 1978; Suchman 1992) ou um processo múltiplo, cumulativo, composto de diferentes estágios (Balch 1980; Balch e Taylor 1977; Greil e Rudy 1984; Rambo 1993). Finalmente, alguns veem isso de forma mais dinâmica como uma negociação permanente entre uma condição anterior e uma condição posterior (Bankston et al. 1981; Horton 1971, 1975). No entanto, a maioria dos pesquisadores reconhecem que este é um ato eminentemente social que muda todas as relações sociais e influencia a relação com a identidade, comunidade, etnia e estrutura social (Buckser e Glazier 2003). (Mossière, 2007, p. 9, tradução livre)

Especificamente no estudo psicológico da conversão ao cristianismo, alguns fatores foram apontados como sendo comuns nos diversos casos: (a) crise existencial que antecede essa experiência; (b) ruptura com o estilo de vida anterior à conversão; (c) mudança radical da cosmovisão ou mesmo no estilo de vida do sujeito; (d) um

estado paradoxal da consciência, que oscila entre os dois estados experimentados pelo convertido: aquele antes da conversão e aquele outro depois desta. De forma geral, a conversão apresenta os seguintes elementos: (a) uma crise pessoal, (b) um elemento sobrenatural, (c) o novo nascimento, (d) um elemento cognitivo, (e) um elemento emocional, (f) um elemento sentimental e (g) uma mudança de atitude (Gomes, 2013).

Em concordância com essas descobertas estão os resultados do estudo da conversão religiosa baseado na Teoria do Apego de Bowlby de Oksanen (1994). A pesquisa concluiu que a probabilidade de conversão religiosa aumenta quando o indivíduo experiencia situações de crise ou tensão. Além disso, indica uma relação positiva entre conversão e histórico de apego inseguro na infância e entre conversão e a presença da figura de apego no processo que antecede o fenômeno religioso (a pré-conversão).

A combinação de dois elementos fundamentais parece conectar os resultados dos diferentes estudos citados: a crise pessoal ou existencial que ameaça a estabilidade do indivíduo em diferentes dimensões e a presença ou influência de pessoas ou de uma rede de apoio que confere suporte e sentido para alívio do sofrimento. Essa realidade especialmente no contexto cristão em que o termo conversão é naturalmente aplicado parece fazer sentido. A questão que se abre, a partir daqui, é: seria esse referencial teórico válido para o contexto de afiliação de outras religiões em que o termo adesão parece mais adequado?

Sabe-se que existe uma diferença entre conversão e adesão religiosas. Dessa forma, para fins deste estudo, considera-se o conceito de conversão conforme Gomes (2013), que sugere uma mudança de direção e supõe a adoção de outra identidade religiosa por um sujeito social, que passa a assimilar e praticar espontânea e sinceramente o novo sistema de crenças e valores por ele adotado. O termo conversão, portanto, refere-se à entrada em uma nova religião, processo que implica mudança em todas as suas relações sociais a partir da transformação de sua forma de interpretação não apenas quanto à divindade, mas com relação a si e ao mundo.

No contexto do cristianismo, o termo adesão vem sendo utilizado em oposição ao da conversão. Desse modo, diferentemente do processo de conversão, “o ato de adesão compreende qualquer forma de participação e assimilação em um movimento religioso, sem alteração sistemática do estilo de vida”. (Gomes, 2013, p. 74).

Importante notar que, apesar de sua riqueza, a abordagem do corpo teórico acerca da conversão religiosa é, em grande parte, influenciada pelo dogma cristão, o que não contempla a totalidade da diversidade religiosa brasileira, fazendo-se necessários, portanto, mais estudos que abordem a realidade de adeptos de outras afiliações religiosas - um dos objetivos dessa pesquisa.

Como se dá o processo de conversão nas religiões estudadas? Trata-se de conversão ou adesão? É repentino ou gradual? Houve crise no universo interior? Quais aspectos psicossociais influenciam esse processo? Essas informações podem gerar subsídios para a compreensão da qualidade do compromisso religioso e análise dos fatores relacionados à posterior desfiliação e necessidade de retorno religioso. De igual modo, os aspectos da conversão mapeados podem ser comparados aos presentes no fenômeno do retorno para contribuir com uma investigação mais profunda dos fatores presentes nesse processo.

1.3.2 Desfiliação religiosa

O aumento recente no número de não-religiosos tem atraído a atenção de pesquisadores para o processo de desconversão e saída da religião (Streib, 2021). Além desse, existem outros termos em referência ao fenômeno que, embora não sejam sinônimos, “estão no extremo oposto do espectro do envolvimento (religioso)” (Hood et al., 2009, p. 145). Esse é o caso dos conceitos de abandono da religião, desfiliação religiosa e apostasia.

Para Hood et al. (2001), apostasia é “o abandono de compromissos religiosos institucionais em favor de uma orientação religiosa mais autônoma.” (Hood, 2001, citado por Gomes, 2013, p. 24). Essa seria a base do comportamento dos chamados “sem religião” brasileiros. Considerando que essas terminologias variam muito de estudo para estudo, Hood et al., (2009) conclui que não se deve presumir que os apóstatas constituem um grupo homogêneo ou que os processos de desengajamento sejam uniformes. Eles podem ou não envolver perda de fé ou de identificação, cessação da frequência ou descontinuação da participação no grupo religioso, isto é, a desfiliação religiosa.

Para o mesmo autor, a desconversão, por sua vez, refere-se ao “posterior abandono da nova religião adotada pelo neoconvertido.” (Hood, 2001, citado por

Gomes, 2013, p. 24), um fenômeno que movimenta o trânsito religioso na realidade brasileira de adoção simultânea de diferentes modalidades religiosas.

Em recente revisão realizada por Streib (2021), o pesquisador utiliza os termos abandono religioso e desconversão como sinônimos para designar “um processo de mudança biográfica que acompanha a conversão e envolve múltiplas dimensões, que podem incluir, finalmente, o término da participação em uma comunidade religiosa” (p. 139). Para o autor esse processo também pode envolver questões internas, “como a perda da experiência religiosa, dúvida ou negação intelectual em relação às crenças religiosas, críticas à moral e aos valores da comunidade religiosa e sofrimento ou crises emocionais” (p. 139).

No presente estudo, adota-se, como definição de desfiliação religiosa, a visão de Greenwald et al. (2021) que, na mesma linha de Streib (2021), definem desconversão ou apostasia como “um processo no qual pessoas religiosas reduzem a importância da religião à sua identidade própria” (p. 425). Do mesmo modo, os autores apontam que esse processo pode envolver perda de fé, desfiliação do grupo religioso, busca espiritual, crítica moral e sofrimento emocional (Barbour, 1994; Streib & Keller, 2004).

No processo de desconversão ou apostasia, conforme descrito pelos autores, a religião passa a ser compreendida como menos relevante e, como consequência, perde sua influência sobre os valores, pensamentos e comportamentos do indivíduo. Como consequência, o indivíduo pode desfiliar-se do grupo ou instituição, abandonando os compromissos pessoais e sociais ligados à comunidade. Desse modo, a desfiliação é considerada mesmo que não haja um romper completo com a instituição religiosa.

Três descobertas parecem relevantes nos estudos sobre apostasia: (a) estima-se que ela atinja cerca de metade dos religiosos; (b) ela tende a ocorrer durante a adolescência e início da idade adulta; e (c) varia muito em função da religião e extensão da desfiliação (Greenwald et al., 2021).

Diferentemente da conversão religiosa, a pesquisa sobre desfiliação religiosa ainda está no processo de identificação dos fatores de maior influência que caracterizam a desconversão (Streib, 2021). Estudos indicam que, entre os principais motivos para a desfiliação religiosa, estão: não ser religioso(a), a baixa identificação com os valores/ensinamentos, a perda de sentido acerca das práticas religiosas, mas

não da espiritualidade¹, perda da fé, desapontamentos e conflitos com o posicionamento social/político da instituição (Streib & Keller, 2004; Diener et al., 2011; Niemelä, 2015; Djupe et al., 2017).

Segundo levantamentos de Hood et al. (2009), a apostasia parece representar consistência com a baixa religiosidade dos pais. Greenwald et al. (2021), enfatiza a escassez e discrepâncias presentes nas investigações sobre apostasia e, ao apresentar alguns dos fatores psicológicos que a preveem, destaca o envolvimento religioso dos pais em uma denominação, a má qualidade do relacionamento com os pais e as baixas habilidades sociais, variáveis avaliadas e valorizadas à luz da Teoria do Apego.

Com o objetivo de ampliar o estudo dos processos de apego ao fenômeno da apostasia e compará-los aos observados na conversão religiosa, Greenwald et al. (2021) conduziram a primeira pesquisa sistemática focada na Teoria do Apego e concluíram que “os principais temas subjacentes à conversão religiosa e sua associação com orientações de apego também se aplicam à apostasia” (p. 433).

Focada na religião judaica ortodoxa, a pesquisa descobriu relações entre os processos de desconversão/apostasia e variações individuais relacionadas ao apego, apontando para a influência dos relacionamentos, em especial o papel dos pais, no processo e abrindo caminho para investigações mais profundas sobre os processos de apego em diferentes realidades religiosas.

1.3.3 Refiliação ou retorno à religião

Tão complexo quanto os fenômenos de afiliação e desfiliação religiosas é o retorno à religião ou refiliação. Os estudos nesse sentido são escassos, mas têm despertado interesse de pesquisadores à medida que a mobilidade se intensifica no cenário religioso.

Elencados por Hood et al. (2001, citado por Gomes, 2013), cinco elementos passaram a ocupar pesquisadores no estudo do retorno de religiosos a um grupo. Aqui, a apostasia e a desconversão, conforme já definidas anteriormente, dividem

¹ Espiritualidade é um termo controverso com várias definições. Sua conceituação não será foco do presente estudo.

espaço com outros três processos importantes: a intensificação, o deslocamento e as mudanças cíclicas.

O primeiro, como o próprio nome sugere, é resultado da intensificação ou fortalecimento do comportamento religioso, ou seja, “a retomada de uma religiosidade já existente que apenas estava latente” (p. 24). Esse processo difere-se, portanto, da conversão religiosa, sendo caracterizado como um resgate da crença religiosa e reintegração do religioso ao mesmo grupo social ou similar dentro do mesmo movimento religioso. Nesse caso, a pessoa não deixa de autodenominar-se religiosa, mas apresenta um distanciamento.

Deslocamento ou *switching* é o termo introduzido por Hood para designar o processo de trânsito entre um grupo religioso e outro que, segundo Valle, caracteriza bem a mobilidade entre uma denominação evangélica e outra. Nesse caso também, não se pode assumir um processo de “conversão no sentido de uma autotransformação” (p. 25). Além disso, segundo o autor, o processo de adesão ao grupo social acontece de maneira secundária, privilegiando os interesses imediatos do indivíduo.

Por fim, as mudanças características das diferentes fases da vida são contempladas por Hood no que ele denomina “mudanças cíclicas”. Sabe-se que na evolução de um a outro ciclo de vida (infância, adolescência, juventude, vida adulta), podem ocorrer transformações e crises. Estudiosos da Psicologia Social têm investido recursos na busca por possíveis padrões estabelecidos e evidenciados em cada cultura a cada estágio de vida na tentativa de levantar o que é “normal no amadurecimento psicorreligioso de todas as pessoas” (p. 25).

Entre as importantes descobertas já feitas nesse sentido está a tendência de saída de religiosos durante a adolescência e início da idade adulta e possível retorno de uma parcela por volta dos trinta anos (Dreyer, 2004; Hood et al., 2009). As variáveis mais relacionadas ao retorno, segundo levantamento de Hood et al. (2009), são o casamento e a constituição da família, bem como uma boa relação com os pais na adolescência. Outra descoberta interessante diz respeito à diferença entre os gêneros: as mulheres demonstraram-se menos propensas a se tornarem apóstatas do que os homens, mas as apóstatas também demonstraram-se menos propensas a retornar à religião do que os homens. Contudo, a maioria dos estudos em questão foi conduzida com estudantes universitários no final do século passado nos Estados Unidos, o que revela a importância de expandir e atualizar a investigação.

A Teoria do Apego oferece um corpo literário consistente para estudo do fenômeno de retorno à religião a partir da compreensão dos conceitos de sistema de apego e da figura de apego. Embora não contemplem a diversidade religiosa brasileira, estudos apontam que, assim como pessoas próximas e lideranças, divindades podem ser interpretadas como figuras de apego e, portanto, têm sua aproximação buscada em prol de proteção e segurança. Além disso, como tal, elas podem ser substituídas na presença de outras figuras que desempenhem o seu papel a depender do momento de vida e do estilo de apego do indivíduo em questão.

Todo esse referencial torna o apego uma via promissora para análise do processo de refiliação. Embora escassos os estudos sobre retorno à religião à luz do apego, tanto na investigação sobre a desconversão quanto da conversão religiosa, pesquisadores (Greenwald et al., 2021) defendem a utilidade da Teoria do Apego no estudo da mobilidade religiosa para compreensão das questões internas da Psicologia Social. O retorno se deu na intensificação da fé e adesão aos princípios ou na mudança de instituição dentro da mesma religião? As figuras de apego permanecem as mesmas ou mudam? Na pesquisa de mestrado ora apresentada buscou-se ampliar o estudo dos aspectos psicossociais relacionados ao fenômeno do retorno a uma religião e comparar esses processos em dois contextos religiosos distintos: o umbandista e o evangélico pentecostal levando em conta especialmente os aspectos psicossociais envolvidos nesses processos.

1.4 Aspectos psicossociais e sua influência no trânsito religioso.

O termo psicossocial nasce na junção de dois elementos ao mesmo tempo opostos e simbióticos: o individual e o social. Nas palavras de Machado (2014), cada pessoa possui “um corpo, aspecto individual que enseja o psicológico e que habita e constrói o social ao mesmo tempo que é simbolicamente habitado e construído pelo social” (Machado, 2014 *apud* Junior & Zangari, 2017, p. 79). Desse modo, aspectos psicossociais estão intrinsecamente ligados e refletem questões psicológicas enquanto perpassam e refletem relações sociais.

Conforme discutido anteriormente, muitos fatores influenciam o processo de filiação e desfiliação de instituições religiosas. Quando esses fatores advêm de questões socioculturais e psicológicas são chamados psicossociais. Entre eles

destacam-se a identidade social, a busca por sentido, as relações sociais, o senso de pertença e as crenças religiosas.

Apontando para a importância desses aspectos no processo de envolvimento religioso, Hood Jr. et al. (2009) apresentam as conclusões de dois estudos que consideram relevantes. A primeira pesquisa foi realizada por Roberts e Davidson (1984) e apontou a presença de duas abordagens principais para análise do envolvimento de pessoas nas igrejas: (a) a importância do significado religioso para o indivíduo e (b) a religião como um fenômeno social, isto é, o significado de pertencer a uma igreja e se relacionar com seus membros (Hood Jr et al., 2009, p. 143). Aqui vê-se o destaque conferido pelo aspecto social na tomada de decisão religiosa. A segunda pesquisa foi realizada por Cornwall (1987) que, ao analisar como adultos adotam suas perspectivas religiosas e as mantêm, descobriu que a socialização religiosa acontece a partir da influência da família e de amigos e que, uma vez que esta estrutura é estabelecida, uma conexão com a comunidade apoia e fortalece o sistema religioso (p. 144).

Essa última descoberta caminha em linha com uma importante contribuição de Gordon Allport (1897-1967). Na tentativa de compreender os elementos que poderiam formar a base da religiosidade humana, Allport (1950) concluiu que um dos elementos que motivam a adesão a uma religião é a aprendizagem a partir da exposição social. Conforme explicam Zangari e Machado (2023), “se nós nascemos em um ambiente religioso, mais facilmente nos tornamos religiosos” (p. 74). O inverso também seria verdadeiro, o que ressalta a influência do ambiente social e familiar na construção do histórico religioso ou não-religioso do indivíduo.

Outra contribuição de Allport em sua busca científica é a categorização da orientação religiosa em intrínseca e extrínseca. A primeira relaciona-se à busca de sentido e de um constructo que ofereça significado e explicações para a vida como um todo. A segunda, por sua vez, corresponde ao interesse pela satisfação pessoal, isto é, por aquilo que pode ser conquistado a partir da adesão religiosa (Zangari & Machado, 2023). Portanto, a afiliação religiosa giraria em torno dessas duas orientações e estaria ligada a uma expressão da personalidade do indivíduo. Segundo ele, a personalidade madura tende a uma orientação religiosa intrínseca de modo que a religião pode contribuir com a atribuição de sentido para desenvolvimento da personalidade e integração dos elementos do *self*, como seus valores e autoidentidade.

Segundo Hood et al. (2009), estudos envolvendo uma ampla variedade de faixas etárias na América do Norte e em outros lugares confirmaram que os indivíduos percebem seus pais como a influência mais importante em sua religiosidade. Contudo, o pesquisador também conclui que, embora tenha havido pouca investigação sobre a possível influência dos pares na religiosidade na idade adulta, além das redes de amizade, alguns estudos sugeriram que outros elementos podem ter influência no processo de socialização religiosa, como as próprias instituições religiosas, o status socioeconômico, a configuração de irmãos, tamanho da cidade, mídia de massa, leitura e assim por diante (p. 123).

É sabido que o indivíduo tende a consultar seu repertório cultural, formado por hábitos, regras e costumes recebidos dos pais e da vida social e internalizados como sendo naturais, para encontrar explicação e sentido para a vida ou, ainda, para experiências e acontecimentos que fogem de sua compreensão ou acarretam sofrimento. Quando o ambiente em que ele está inserido é permeado por crenças religiosas, essas experiências acabam por converterem-se em experiências religiosas, ancoradas em aspectos individuais e sociais. Nessas experiências:

Há algo que efetivamente ocorre dentro dos indivíduos. Mas esse algo é reconhecido por ele a partir de referências advindas de seu meio social, de sua cultura. Se o que uma pessoa expressa (narra) de sua vivência é reconhecido como pertencente à dimensão religiosa, eis que a experiência se torna religiosa e pode ser, então, compartilhada com os membros de seu grupo. Portanto, a narrativa tem duplo papel: ao mesmo tempo em que ela é permeada de referências oferecidas pelo grupo, também permite que a experiência que é vivenciada de forma muito individual se torne social. Na verdade, “individual” e “social” se constituem mutuamente. (Zangari & Machado, 2023, p. 41)

A importância do social na jornada religiosa foi destacada nas contribuições de Abraham Maslow (1954). O pesquisador enfatizou o papel da religião como instrumento para atingir a autorrealização, elemento que considera se posicionar no topo da pirâmide das necessidades humanas. Nessa busca, Maslow defende a importância da satisfação da necessidade por amor, “de termos relacionamentos que nos ofereçam crescimento pessoal”, e pertencimento, de “sentirmos que fazemos parte de um grupo (por exemplo, um grupo religioso)” (Zangari & Machado, 2023, p. 67).

Essas e outras pesquisas já citadas revelam a relevância de dois aspectos psicossociais nos contextos de afiliação e desfiliação religiosos: a rede de apoio social e o senso de pertencimento. Esses aspectos psicossociais recebem destaque no presente estudo e serão discutidos mais detidamente a seguir.

1.4.1 Rede de apoio

O ser humano é um ser relacional que vive em grupos. A organização social e criação de laços fortes aumentaram suas chances de sobrevivência e reprodução em seu histórico evolutivo e continuam gerando bem-estar até os dias de hoje.

De acordo com Brito e Koller (1999), rede de apoio social é um “conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo” (Juliano & Yunes, 2014, p. 136). A rede de apoio, portanto, é resultado da qualidade das relações estabelecidas. Pode ser formada por familiares, parentes, amigos, membros de uma comunidade ou pessoas com as quais o indivíduo encontra identificação ou compartilha valores e expectativas. Esses elos de relacionamento são considerados importantes pelos autores porque permitem enfrentamento e superação de dificuldades e podem impactar de maneira significativa a identidade e o desenvolvimento do indivíduo.

O papel desempenhado pelas redes de apoio têm sido objeto de estudo da Psicologia Social devido à sua ampla influência no comportamento religioso. Diversos estudos revelam a importância do apoio social presente nos grupos religiosos para a saúde física e emocional (Hood Jr et al., 2009).

Em uma longa discussão sobre as diversas maneiras pelas quais as pessoas fornecem apoio social mútuo dentro de instituições religiosas, Pargament (1997) observa que, embora esse suporte não seja exclusivo de grupos religiosos, o apoio social mútuo nesse contexto pode ser particularmente importante, porque tende a ocorrer com maior estabilidade e continuidade ao longo do tempo em comparação com o de outras instituições e ambientes sociais, como universidades (Kirkpatrick, 2005, p. 256). Uma percepção semelhante leva Soeiro et al. (2008) a considerar ser “possível que pessoas sem religião sejam também aquelas com uma pior rede de apoio” (p. 796) em estudo sobre a prevalência de transtornos mentais em pacientes com diferentes níveis de religiosidade e religiões.

Redes de apoio afetivo são recursos importantes na produção de estratégias eficazes em situações de crise por estarem associadas a um aumento na qualidade dos relacionamentos e ao fortalecimento de uma atitude de segurança e outras competências (Bowlby, 1988). Conforme a Teoria do Apego, as pessoas têm necessidade de criar elos afetivos estáveis e seguros. Importante lembrar que elas tendem a dirigir seus comportamentos de apego adquiridos a outras pessoas, líderes religiosos ou mesmo Deus (Kirkpatrick, 2005) e que interrupções e conflitos nessas relações podem resultar no aumento da vulnerabilidade frente a situações de risco, crises e doenças.

Nas palavras de Zangari e Machado (2023):

A vida social promovida pelas religiões poderá ter o impacto da característica relações positivas com os outros (uma das características individuais compreendidas pelo bem-estar). Sempre temos a expectativa de encontrar um ambiente acolhedor e de confiança nos grupos religiosos. Neles, supostamente podemos contar com uma importante rede de apoio social que será útil na superação de nossas dificuldades pessoais e também na promoção do sentimento de segurança que esse pertencimento causa. No grupo religioso, de modo geral, há uma vigilância constante das qualidades das relações e estímulo a relacionamentos positivos e saudáveis a partir do ponto de vista doutrinal que o inspira. (p. 122)

A rede de apoio atua, portanto, como uma base segura para a construção do indivíduo como um ser individual e social capaz de viver bem uma vida com significado e ferramentas para enfrentar desafios e dificuldades. Conforme defendido por Baumeister e Leary (1995), esse fenômeno ocorre devido à motivação humana de busca e manutenção de vínculos sociais profundos e recompensadores, isto é, da necessidade de pertencimento.

1.4.2 Sentimento de pertencimento

O papel do sentimento de pertencimento é reconhecido na Psicologia Social da Religião, considerando-se os vários exemplos de manifestação desse fenômeno nos grupos religiosos. Conforme afirma Kirkpatrick (2005), várias teorias psicológicas propõem que as pessoas têm uma “necessidade de pertencer” e que tal inclusão grupal representa uma fonte de autoestima.

Baumeister e Leary (1995) conceituam a necessidade de pertencer como “uma necessidade de formar e manter pelo menos uma quantidade mínima de relacionamentos interpessoais” (p. 499). Trata-se de um profundo desejo de formar e manter vínculos interpessoais fortes, positivos e duradouros. Em sua visão, o ser humano é naturalmente direcionado para estabelecer e sustentar o pertencimento justamente pela influência da organização em grupo sobre sua sobrevivência e reprodução ao longo do processo evolutivo (Baumeister & Leary, 1995).

Essas conclusões estão em linha com as contribuições de Bowlby (1969/1982) e do papel do comportamento de apego. A partir dessa visão, portanto, compreende-se o sentimento de pertencimento como resultado da conquista e manutenção de interações positivas frequentes com pessoas com as quais o indivíduo se identifica e nutre relações de afeto dentro do contexto de cuidado a longo prazo.

A influência desse aspecto psicossocial pode ser observada na base do comportamento religioso. Baumeister e Leary (1995) apresentam as sugestões de Stark e Bainbridge (1985) para fundamentar sua visão no contexto cristão. Para eles, a afiliação e desfiliação religiosas estariam muito mais fortemente ligadas aos laços sociais do que à própria crença ideológica, defendendo que a necessidade de pertencer ao grupo religioso pode superar a necessidade de acreditar em uma doutrina religiosa. Três conclusões embasam essa ideia: (1) muitas pessoas não entendem completamente a crença teológica que estrutura sua própria religião (por exemplo, as diferenças entre o pentecostalismo e as outras vertentes evangélicas), mas sabem reconhecer o perfil de pessoas pertencentes a sua religião e a outras da comunidade; (2) os cultos atraem principalmente pessoas que estão socialmente isoladas ou solitárias, e esses indivíduos são frequentemente atraídos para participar principalmente pela promessa de se tornar parte de uma comunidade ou ganhar um sentimento de pertença; e, por fim, (3) aqueles que formam vínculos sociais com outros membros do culto tendem a permanecer, enquanto aqueles que não formam laços sociais tendem a se desfiliar logo (p. 522).

Nesse sentido, Kirkpatrick (2005), afirma: “ganhar os outros para o seu ponto de vista particular pode ser menos importante do que ganhar os outros para o seu lado” (p. 261). O autor ainda acrescenta mais algumas argumentações para enfatizar o papel do pertencimento, como a natureza das práticas de recrutamento para participação em cultos religiosos e as estratégias para rápida valorização dos novos membros. Para ele, esse comportamento pode ocorrer por dois motivos: a

necessidade de confirmação social das próprias crenças e o desejo (consciente ou inconsciente) de fortalecer a comunidade.

Kirkpatrick (2005) defende que, “embora os cultos (religiosos) ilustrem o processo vividamente e talvez de forma extrema, parece haver pouca dúvida de que os mesmos processos psicológicos de coalizão estão funcionando em vários níveis em outras configurações religiosas” (p. 261), evidenciando, desse modo, a oportunidade de investigação dessa realidade em outras afiliações religiosas, como a Umbanda, uma vez que os estudos em geral focam as religiões cristãs, mas o processo pode ser observado em outras tradições religiosas.

A formação de uma atitude de pertença é um processo de integração psicossocial e, como tal, pode levar anos para concretizar-se (Gomes, 2013). Segundo Allport, conforme citado por Gomes (2013) uma pertença bem consolidada é formada a partir de quatro canais:

- a integração: resultado de um contato profundo e assimilação dos estímulos do meio;
- a diferenciação, “processo pelo qual atitudes originalmente difusas vão se diferenciando e assumindo características próprias que as definem em si mesmas” (p. 44);
- a crise, experiência dramática de busca de uma nova orientação em detrimento das construções psicológicas anteriores;
- a imitação das atitudes de pessoas consideradas referências no grupo.

Baumeister e Leary (1995) afirmam que, embora Bowlby (1969/1982) tenha defendido a hipótese de os apegos adultos em grupos religiosos serem direcionados principalmente à liderança, Baumeister e Leary (1995) contrastam essa ideia propondo que a necessidade de pertença pode, em princípio, ser dirigida a qualquer outra pessoa e que um relacionamento perdido pode, até certo ponto, ser substituído por outro. Contudo, eles alertam para um obstáculo nesse processo de substituição: “a construção de relacionamentos leva tempo, tanto para criação de intimidade quanto para o compartilhamento de experiências. Desse modo, o contato social com uma pessoa de longa data forneceria algumas satisfações, incluindo um sentimento de pertencimento” (p. 500).

Percebe-se, desse modo, a importância do sentimento de pertença, da rede de apoio e, em todo esse contexto, da influência da figura de apego e da presença de

peças familiares, peças que atuam como referência no grupo para imitação, ações para integração e acompanhamento para superação de crises.

A escolha de se envolver com uma instituição religiosa é ancorada em diversos fatores psicossociais. Eles variam da socialização automática da tradição familiar às profundas crises pessoais. Em suas múltiplas facetas, a religião tem o potencial de beneficiar seus participantes, fornecendo significado e respostas, reunindo indivíduos que se identificam entre si e contribuindo com o enfrentamento de dificuldades. Em adição a tudo isso, ainda há espaço para o apego utilitário à religião, como o conceito de orientação religiosa extrínseca de Allport transmite (Hood Jr., 2009).

Isso posto, o objetivo dos próximos capítulos é analisar os fenômenos psicossociais, com ênfase no senso de pertença e rede de apoio relacionados ao retorno de adultos e adultas a sua afiliação religiosa à luz da Teoria do Apego.

Capítulo 2 – Fundamentação Teórica

2.1 A Teoria do Apego

A Teoria do Apego propõe que, como estratégia de sobrevivência, os indivíduos desenvolvem um apego a um cuidador primário que assegura uma sensação de segurança (Bowlby, 1969/1982; Ainsworth, 1985). Segundo Bowlby (1969/1982), “nenhuma forma de comportamento é acompanhada por sentimento mais forte do que o comportamento de apego” (p. 209). Tal comportamento provém de um sistema psicobiológico inato e é motivado pela busca por proximidade em relação ao cuidador ou figura de apego visando proteção e cuidado (Ainsworth, 1985).

A partir de estudos acerca das interações entre crianças e seus cuidadores, Ainsworth et al. (1978) observaram padrões de comportamento que classificaram como estilos de apego. O apego seguro é identificado em crianças que acreditam que suas figuras de apego responderão de forma consistente a suas necessidades e, portanto, sentem confiança para explorar seu ambiente. Crianças com apego evitante, por normalmente não terem sua figura de apego disponível ou responsiva, aprendem a não procurar conforto em seus cuidadores e reprimem os sentimentos de apego para evitar a rejeição. Crianças com apego ansioso-ambivalente não estão certas de que seus cuidadores estarão disponíveis e parecem desejar e buscar conforto de seus cuidadores, exibindo uma dependência excessiva (Bowlby, 1988). Posteriormente, foi identificado um quarto padrão, chamado ansioso-evitante ou inseguro desorganizado/desorientado, marcado por comportamentos oscilantes e contraditórios (Main & Solomon, 1986). Os três últimos são apegos inseguros.

O quadro abaixo apresenta a descrição e um resumo das principais características dos estilos de apego:

Quadro 1 - Descrição dos estilos de apego e suas principais características

Estilo de apego	Descrição	Características
Seguro	Sente-se confortável com intimidade e independência. Confia em seus cuidadores e tem a capacidade de estabelecer limites saudáveis, tanto para si mesmas quanto para os outros.	Busca e manutenção de relações saudáveis; conforto com intimidade e autonomia; capacidade de expressar suas emoções de forma equilibrada.

Inseguro evitante	Exibe uma tendência a reprimir suas emoções e evitar a intimidade em relacionamentos próximos. Apresenta propensão a evitar o apego e a desconfiar das intenções dos outros a partir do esforço defensivo para desativar o sistema de apego a fim de manter sua independência comportamental e emocional.	Medo de intimidade e proximidade; distância emocional e desapego; dificuldade em confiar nos outros; preferência pela autossuficiência.
Inseguro ansioso-ambivalente	Apresenta ansiedade em relação ao apego, preocupação com a falta de apoio dos outros e conseqüente hiperativação do sistema de apego a partir da busca constante e ansiosa por amor e cuidado.	Medo de abandono e rejeição; busca por validação e aprovação constantes; dependência excessiva dos outros; tendência à emotividade.
Inseguro ansioso-evitante	Tem desejos conflitantes de intimidade e independência. Apresenta uma visão negativa tanto de si mesmos quanto dos outros. Deseja relacionamentos próximos, mas tem medo de rejeição e abandono.	Medo de intimidade e abandono; dificuldade em confiar nos outros; tendência a oscilar entre buscar e evitar a proximidade; dificuldades com a regulação emocional

Essas diferenças individuais no funcionamento do sistema de apego podem ser, portanto, resultado de variações nas experiências com as figuras de apego. À medida que são armazenadas e passam a moldar as representações individuais sobre si, sobre os outros e seus relacionamentos, elas formam os modelos funcionais internos (Cherniak et al., 2021) que vão influenciar suas interações. Relações com pessoas mais responsivas levam à segurança do apego enquanto a falta de responsividade das figuras de apego, por outro lado, podem resultar em inseguranças no apego.

O comportamento de apego demonstrado na infância, portanto, tende a continuar ao longo da vida, tornando-se um modelo para relacionamentos posteriores, levando a expectativas e crenças sobre si mesmo e outros que influenciam o bem-estar ao longo da vida (Bowlby, 1969/1982). De acordo com Bowlby (1973, p. 23, citado por Kirkpatrick, 2005), a noção de proximidade torna-se mais psicológica: “por presença tem-se ‘rapidamente acessível’, por ausência, ‘inacessível’” (p. 57).

Focados na adolescência e idade adulta, pesquisadores conceituaram diferenças individuais relacionadas aos estilos de apego como “regiões em um espaço bidimensional contínuo” (Cherniak et al., 2021, p. 126). Uma dimensão refere-se à

evitação relacionada ao apego e reflete o nível de desconfiança quanto às intenções dos outros e o esforço defensivo para desativar o sistema de apego, mantendo a independência comportamental e emocional. A outra dimensão refere-se à ansiedade relacionada ao apego e reflete o nível de preocupação com a falta de apoio dos outros e consequente hiperativação do sistema de apego a partir da busca ansiosa por amor e cuidado. Pessoas com pontuações relativamente baixas em ambas as dimensões são consideradas seguras em relação ao apego.

Segundo Ainsworth (1985), um relacionamento de apego diferencia-se de outros relacionamentos a partir de cinco características, a saber: (1) a procura por proximidade quando assustado(a); (2) o cuidador é visto como porto seguro; (3) o cuidador é visto como base segura; (4) a ameaça de separação causa ansiedade; (5) a perda da figura de apego causa luto (Kirkpatrick, 2005).

Relacionamentos de apego estão presentes nos grupos religiosos e podem estabelecer-se não apenas com cuidadores naturais, mas com figuras sobrenaturais. A abordagem da religião como apego fornece uma estrutura para análise e compreensão dos comportamentos de apego no contexto das principais tradições religiosas que exaltam Deus como uma fonte de amor e segurança. Esse horizonte se abre a partir do estudo do Apego a Deus.

2.2 O Apego a Deus

A partir de estudos conduzidos por Kirkpatrick, Shaver e outros pesquisadores, o conceito de apego tem sido investigado no contexto religioso, particularmente no relacionamento com Deus. Kaufman (1981) assinalou que “a ideia de Deus é a ideia de uma figura de apego absolutamente adequada”. (p. 67, tradução livre). No contexto religioso, portanto, “o simples conhecimento da presença de Deus e de sua acessibilidade possibilita ao indivíduo abordar os problemas e dificuldades da vida cotidiana com confiança” (Kirkpatrick, 2005, p. 52, tradução livre).

Há ampla evidência de que Deus é construído, percebido e usado como um porto seguro e uma base segura. Estudos apontam que o apego a Deus parece desenvolver-se em conjunção temporal com o amadurecimento do comportamento de apego (Granqvist, 2020). Entidades incorpóreas como Deus podem ser percebidas como figuras de apego à medida que desenvolvimentos cognitivos, como o pensamento simbólico, diminuem a confiança das crianças no contato físico com o

cuidador e aumentam sua capacidade de confiar em fontes internalizadas de segurança (Cherniak, 2021).

Nesse sentido, Beck e McDonald (2004) pontuam que no corpo de pesquisa empírica crescente sobre o apego a Deus, sugere uma relação entre estilos de apego e religiosidade se constituindo como uma linha de investigação frutífera: os comportamentos de apego e a relação com as variáveis religiosas (crença religiosa, envolvimento, imagem de Deus) podem variar segundo os estilos de apego (Kirkpatrick & Shaver, 1992).

Sob a ótica do processo de conversão, segundo Granqvist e Kirkpatrick (2004), indivíduos com apego seguro na infância estariam mais presentes na população de conversões não repentinas de modo que é comum que “a religiosidade desse grupo de pessoas esteja mais baseada na socialização das normas religiosas dos pais” (Granqvist & Kirkpatrick, 2004, p. 228, tradução livre).

Um estudo mais recente de Cooper et al. (2009) observou que pessoas com histórico de apego seguro voltaram-se para a religião para evitar problemas. Já para indivíduos com padrões de apego inseguros, enquanto o ansioso apresenta um comportamento mais oscilante frente à religião, “os evitantes focaram mais em boas obras e evitaram qualquer sentido de apelo” a Deus (Cooper et al., 2009, p. 137), sendo associado a temas de exploração e socialização mais fracos.

Duas hipóteses amplamente apoiadas na literatura empírica (Granqvist, 2020) acerca dos possíveis caminhos de envolvimento religioso foram propostas com base em experiências de apego: a hipótese da correspondência e a hipótese da compensação.

A hipótese da correspondência indica uma generalização do comportamento de apego. Abrange dois aspectos: (1) os modelos funcionais internos resultantes de experiências interpessoais com cuidadores anteriores se generalizam para a interpretação sobre Deus, carregando representações correspondentemente positivas ou negativas na relação com o divino; e (2) a correspondência pode ser socializada, isto é, aprendida socialmente com as figuras de apego, é facilitada em casos de cuidado responsivo e formação de uma orientação de apego seguro. Dessa forma, a mesma qualidade de relação com o divino encontrada nos pais pode ser transmitida aos filhos.

Estudos evidenciam que o apego seguro facilita a transmissão intergeracional da afiliação religiosa e do nível de religiosidade dos pais durante a infância (Greenwald

et al., 2018). Por outro lado, o apego ansioso foi associado a mais rejeição da religiosidade dos pais e a mais temas de compensação emocional.

Um relacionamento com Deus do tipo compensatório pode ser notado, também, nos seguintes casos: (a) quando a pessoa experiencia grande estresse ou perigo sem possuir uma figura de apego suficiente; (b) quando a figura de apego primária encontra-se indisponível, o que inclui a perda de um relacionamento amoroso na idade adulta; (c) quando há uma história de apegos inseguros (Granqvist & Kirkpatrick, 2004).

A hipótese de compensação, por sua vez, afirma que Deus é adotado como uma figura de apego compensatória. Experiências anteriores marcadas pela insegurança no apego podem levar o indivíduo a compensar essa falta de responsividade aceitando a proposta de relacionamento com o divino.

Deus pode servir como uma figura de apego substituto quando o indivíduo, com apego inseguro, enfrenta sofrimento intenso (Granqvist et al., 2012). O processo de conversão religiosa de indivíduos com esse histórico geralmente acontece de maneira repentina e marcada por maior crença religiosa (Granqvist; Kirkpatrick, 2004).

Segundo Cherniak et al. (2021), o apoio à hipótese de compensação parece estar restrito principalmente ao contexto da conversão religiosa. Estudos baseados em autorrelatos de apego na idade adulta têm demonstrado que experiências de apego inseguro estão associadas à instabilidade religiosa, especialmente à conversão religiosa repentina e intensa em contextos de crise.

O uso compensatório da religião pode ser observado em relacionamentos em que Deus parece contribuir com a regulação da hiperativação do sistema de apego. Contudo, uma revisão recente (Cherniak et al., 2021) aponta que Granqvist sugere que esse processo de compensação religiosa parece não facilitar a segurança conquistada de maneira definitiva na maioria dos casos, uma vez que os modelos funcionais internos negativos geralmente persistem.

Em uma revisão integrativa da literatura realizada por August e Esperandio (2019), quinze estudos foram encontrados relacionando o apego a Deus aos comportamentos da infância à vida adulta e são unânimes no entendimento sobre “a relevância do apego parental na maneira como a pessoa irá construir ou não uma relação de apego a Deus” (Augusto & Esperandio, 2019, p. 1064). Estudos realizados junto a pessoas adultas (Birgegard & Granqvist, 2004; Cassibba et al., 2008; Sandage

et al.; 2015) concluem que há correspondência entre o apego a pai/mãe e o apego a Deus, com evidências em todos os estilos.

Além disso, conforme descoberto por Cicirelli (2004), o apego a Deus varia de um grupo religioso para outro. Os autores abordam ainda a relação entre os diferentes estilos de apego a Deus e seu papel no bem-estar. Eles concluem que “pessoas com apego seguro a Deus apresentam um aumento sadio da espiritualidade e adotam comportamentos que favorecem a saúde física e emocional”. Por outro lado, “pessoas com apego inseguro a Deus apresentam níveis elevados de instabilidade em sua espiritualidade e reportam mais aflição, podendo sofrer um declínio na saúde mental.” (August & Esperandio, 2019, p. 1064).

Desse modo, o apego inseguro ansioso parece estar associado à compensação emocional e a um impacto negativo no bem-estar, enquanto o apego seguro está menos relacionado a temas de compensação, mas aberto à exploração de novas ideias (Cherniak et al., 2021).

Kirkpatrick (2005) argumenta que a analogia é assertiva independentemente de “a figura de apego ser Deus, Jesus Cristo, a Virgem Maria, ou um dos vários santos, anjos da guarda, ou algum outro ser sobrenatural” (p. 52). Por sua vez, Granqvist et al. (2010) discutem as limitações do modelo e sugerem estudos que abranjam religiões não teístas, como o budismo e a espiritualidade da Nova Era.

Em um estudo recente para validação do IAD-Br (August et al., 2018), a versão brasileira do *Attachment to God Inventory* (Beck & McDonald, 2004), os autores decidiram por excluir as respostas representativas do espiritismo kardecista e das religiões afro-brasileiras, Candomblé e Umbanda, uma vez que o conteúdo das crenças religiosas tende a variar de acordo com cada grupo religioso, o que implicaria em um desvio nos resultados da pesquisa. (August et al., 2018). Portanto, muitos questionamentos acerca da relação entre o comportamento de apego em diferentes grupos religiosos ainda persistem sem investigação.

As diferenças individuais e seus padrões relacionados ao apego juntamente com sua relação com as variáveis da mobilidade religiosa (compensação, correspondência, exploração, socialização) parecem oferecer uma base sólida para a compreensão do impacto de aspectos psicossociais no processo de retorno de pessoas a uma religião, sendo necessário expandir suas fronteiras e realizar estudos comparativos para sua validação e descobertas mais profundas.

No presente estudo, busca-se ampliar o estudo dos processos de apego ao fenômeno do retorno a uma religião e comparar esses processos em duas afiliações religiosas distintas: a Umbanda e a Evangélica Pentecostal.

Capítulo 3 – Afiliações religiosas

Este capítulo apresenta aspectos históricos, sociais e institucionais das religiões enfocadas neste estudo para que os dados encontrados e analisados posteriormente possam ser contextualizados em seus universos de referência. Os dois contextos religiosos enfocados são a Umbanda e o Evangelismo Pentecostal. Essa contextualização permitirá uma compreensão mais profunda das influências que moldaram o comportamento de apego e retorno à religião, contribuindo para uma análise mais abrangente e significativa dos dados coletados.

3.1 A Umbanda

Oriunda na cidade do Rio de Janeiro por volta da segunda década do século XX, a Umbanda é uma religião brasileira, gerada em um contexto de pluralidade religiosa e de discriminação social e étnico-racial.

Segundo Costa (2013), a entidade autodenominada Caboclo das Sete Encruzilhadas foi incorporada pelo médium Zélio Fernandino de Moraes em uma sessão espírita após um episódio de cura milagroso de uma paralisia que o acometia há meses. Durante a incorporação, a entidade não se sentiu acolhida pelos espíritas presentes e anunciou a criação de uma nova religião, aberta a todos e livre de intolerâncias ou impedimentos às manifestações de pretos velhos, índios ou caboclos no serviço às pessoas necessitadas. Consideradas atrasadas ou menos evoluídas, essas entidades eram excluídas das sessões kardecistas. Importa ressaltar, no entanto, que embora esse relato de fundação seja largamente aceito e divulgado, não se sabe ao certo se possui “mais componentes míticos do que históricos” (Rohde, 2009, p.82).

Sabe-se que a Umbanda é formada a partir do encontro de quatro experiências religiosas que coexistiram historicamente no Brasil: o Espiritismo Kardecista francês, elementos de algumas religiões indígenas brasileiras, o Catolicismo europeu e as religiões de origem africana dos povos trazidos ao Brasil como escravos, em que se destaca a herança de três segmentos, os Calundus, a Cabula e a Macumba (Costa, 2013). Conforme sumariza Prandi (2004), “o culto aos orixás primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro, forjando-se o sincretismo; depois apagou

elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral, gestando-se a Umbanda” (p. 224).

Desde a colonização, o Catolicismo foi considerado a religião oficial do Brasil, coibindo afro-brasileiros e indígenas de manifestarem suas crenças livremente. Reprimidos e arrancados de suas raízes culturais, eles desenvolveram alternativas para subverter as condições adversas às quais estavam submetidos, adotando uma associação direta entre seus orixás e os santos católicos para realizarem seus cultos pacificamente: cultuavam suas divindades enterradas no chão, posicionando nos altares as imagens de santos e santas da religião europeia.

É nesse contexto que nascem as religiões de origem afro-brasileiras. Durante os séculos que perpassaram o período de escravidão à liberdade, afrodescendentes tentaram recriar o universo religioso africano “primeiro com os Calundus seguidos pela Cabula, pela Macumba e posteriormente pela Umbanda” (Costa, 2013, p. 141).

Contudo, diferentemente das religiões afro-brasileiras que a precederam, a Umbanda foi concebida por um grupo de intelectuais de classe média branca, que, originalmente kardecistas, “começaram a incorporar tradições afro-brasileiras em suas práticas religiosas” (Brown, 1985, p. 9) como forma de expressar seus próprios valores e ideais sociais. Seu nascimento é marcado por influências da política de branqueamento em um contexto social e político de intensa rejeição da cultura africana e estética negra no país. Na conclusão de Costa (2013), o branqueamento na Umbanda representa o distanciamento das matrizes africanas e de referências à Macumba, religião carioca profundamente sincrética, influenciada por “uma infinidade de nações africanas” (p. 81) e cada vez mais marginalizada por ser considerada repulsiva devido aos elementos e rituais religiosos agregados.

Dessa forma, considerada ofensiva para o sistema de governo da época, sua aproximação ao Espiritismo Kardecista foi importante na busca por aceitação por parte da classe social dominante: associar-se à religião espírita e ao seu prestígio na classe média urbana poderia lhe conferir proteção e fuga dos estereótipos que culminaram em perseguições violentas, inclusive de autoridades policiais (Oliveira, 2007).

Na Umbanda encontramos resquícios do culto à natureza deificada dos gentios, das soluções mágicas que permeavam o catolicismo professado pelos colonizadores, do culto aos antepassados dos negros bantos que, por sua vez, aproximava-se da estrutura do Espiritismo. Desta última, a Umbanda herdou também os adeptos

entediados com a excessiva erudição das sessões doutrinárias que ofereceram, em contrapartida, o tom racional às práticas rituais a fim de livrar a nova religião do estigma de seita fetichista. (Oliveira, 2007, p. 54).

A Umbanda possui em sua origem um sincretismo intencional, dinâmico e contínuo. É fruto de uma mistura complexa, responsável por sua sobrevivência e expansão: de um lado há a necessidade de acomodação e aceitação, que se desdobrou em um processo de branqueamento e ruptura com símbolos tradicionais; do outro, a luta pela preservação das raízes e herança africanas. Uma história de resistência, de uma religião que se propõe “para todos, capaz mesmo de se mostrar como símbolo de identidade de um país mestiço que então se forjava no Brasil” (Zangari, 2005, p. 72).

Do simbolismo indígena e crenças em espíritos ancestrais africanos a valores do catolicismo e dogmas do espiritismo, a umbanda é uma religião híbrida e plural cuja identidade resulta de uma profunda miscigenação de doutrinas e práticas religiosas. Ela prega a imortalidade da alma, a reencarnação, a existência de um plano superior onde habitam entidades espirituais e a interação caridosa das mesmas por meio de médiuns que as incorporam a partir do transe de possessão. Na concepção de Rubens Saraceni (2009) "a Umbanda é uma religião espiritualista que ensina que a vida é eterna e que a nossa curta passagem aqui no plano material destina-se à evolução, ao aperfeiçoamento e à conscientização dos espíritos" (Saraceni, 2009, p. 31).

Trata-se de uma religião monoteísta, centrada na figura do deus onipresente, Olorum. Congrega também os orixás, considerados divindades regentes do planeta, e uma diversidade de guias espirituais, as chamadas entidades, que representam personagens relevantes no histórico da construção cultural brasileira, como indígenas e escravos.

A religião prega a inclusão aos espíritos de negros, de índios ou de qualquer outra origem, valorizando-os por suas mensagens e pelo trabalho espiritual de caridade empreendido a partir de curas, por exemplo. Todas essas figuras podem assumir o papel de heróis que souberam superar as opressões sofridas em outras vidas, ou que, pela via evolutiva, mantinham ainda a esperança de ocupar espaços de maior prestígio, uma vez que foram segregados na hierarquia social dos vivos (Oliveira, 2007).

No plano espiritual, a hierarquia umbandista se configura a partir da presença das imagens dos orixás na parte superior, seguida pelos caboclos e, mais abaixo, pelos pretos velhos. Os caboclos possuem o poder espiritual de cura e combate às calamidades da vida, enquanto os pretos velhos contribuem com o alívio do sofrimento alheio a partir da orientação dos orixás. Além das entidades, existem ainda as autoridades do terreiro no plano físico, que são chamados de pai ou mãe de santo e são responsáveis pelo terreiro, pela transmissão da doutrina e dos rituais e por acompanhar as práticas e desenvolvimento dos filhos e filhas, como são intitulados os demais adeptos.

Vale ressaltar que, de acordo com Georges Lapassade (1972) em *O segredo da macumba*, sob uma perspectiva sociológica, a representação simbólica do culto umbandista procede da formação social escravista, ou seja, é um retrato da formação social brasileira com sua hierarquia e a obediência à autoridade. (Martins, 2020, p. 102)

A Umbanda reúne no terreiro o culto aos orixás, o desenvolvimento da mediunidade e as práticas religiosas realizadas pelas entidades incorporadas pelos médiuns em favor dos vivos. Os rituais e as giras, como é conhecido o momento de manifestação dos espíritos, têm como objetivo a assistência aos frequentadores do terreiro a partir da interação entre elas e as entidades incorporadas pelos médiuns que nele trabalham com a finalidade de obter orientações, cortar magias negras, desmanchar trabalhos feitos, entre outras boas ações. Outros aspectos presentes em todos os eventos são a música, a dança e uma relação íntima com elementos da natureza.

Sabemos que existem várias correntes de pensamento dentro da Umbanda, e também há muitas formas de praticá-la, ainda que todas se mantenham fiéis à participação dos espíritos nos seus trabalhos ou giras. Não consideramos nenhuma das correntes melhor ou pior e nem mais ou menos importante para a consolidação da Umbanda. Todas foram, são e sempre serão boas e importantes, pois só assim não se estabelecerá um domínio e uma paralisia geral na assimilação e incorporação de novas práticas ou conceitos renovadores. (...) a Umbanda é uma na essência e diversa nas formas de praticá-la. O UM da Unidade e a BANDA da Diversidade. O Uno e o Verso deste Universo Umbandista. (Apostila Templo Escola de Umbanda Luz de Caboclo, p. 10)

A Umbanda é, portanto, uma religião estruturada a partir de tabus, rituais e consultas espirituais que proporcionam a seus adeptos identidade, direção, sentido e propósito.

Apesar de sua rápida expansão e de tratar-se de uma religião brasileira, os umbandistas continuam sendo minoria no Brasil. No censo de 2000, o número de pessoas que se declaravam umbandistas representava 0,26% da população brasileira. Tratavam-se de cerca de 450.000 adeptos, percentual que foi maior em décadas passadas e segue em redução paulatina: de acordo com os dados do censo de 2010, o número de umbandistas no Brasil chegou a 432 mil, uma queda de 20% em relação ao censo de 1991. O percentual baixo é explicado, entre outros fatores, pelo costume de seus adeptos de apresentarem-se como católicos ou espíritas, mesmo após a legalização de seus cultos.

Entretanto, é importante ressaltar o impacto da influência neopentecostal no cenário religioso brasileiro desde sua chegada no Brasil no final da década de 1980. Representada principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus, mais do que uma alternativa religiosa para as massas, o neopentecostalismo teve como uma de suas estratégias evangelísticas demonizar as entidades cultuadas na Umbanda, entre as demais religiões, o que atraiu muitos convertidos para suas igrejas e garantiu grande crescimento para a população evangélica.

Além desse fenômeno do trânsito religioso, outros motivos levam à saída de pessoas da Umbanda. Uma apostila utilizada no Templo Escola de Umbanda Luz de Caboclo (n.d.), material básico de apoio ao estudo do Módulo 1 do Curso Básico em Umbanda, alerta acerca de problemas de ordem espiritual e administrativa que, comumente, resultam na escolha de pessoas a se consultarem em outros lugares. Entre eles estão a desunião entre os adeptos, inclusive de seus pensamentos e ideais, a falta de conexão positiva entre o médium e suas entidades de guarda, o que pode provocar de imediato incorporações insatisfatórias e insegurança, o cansaço físico dos médiuns após as sessões e as “possíveis perturbações por intromissão de entidades do Baixo Astral” (Apostila Templo Escola de Umbanda Luz de Caboclo, n.d., p. 28). Além da evasão de pessoas, essas circunstâncias são consideradas riscos na vida material de todos, podendo desencadear doenças e múltiplas dificuldades, que não são detalhadas no material.

A seguir, vamos compreender melhor a religião pentecostal e analisar esse trânsito religioso, observando os motivos de saída e retorno dos umbandistas e evangélicos pentecostais entrevistados.

3.2 O Evangelismo Pentecostal

Nascido na América do Norte no início do século XX, o pentecostalismo é uma forma de protestantismo popular que desembarcou no Brasil em 1910-11. Como sucessor do metodismo wesleyano e do movimento de santidade, diferencia-se do Protestantismo, de modo geral, pela pregação da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo (Mariano, 1999).

O termo evangélico abrange o grupo religioso composto pelas denominações cristãs oriundas da Reforma Protestante da Europa do século XVI, englobando tanto as Igrejas Protestantes Históricas como as Pentecostais. A palavra Pentecostal, por sua vez, deriva de Pentecostes, termo que designa o evento considerado marco da criação da igreja primitiva: o batismo dos apóstolos de Jesus Cristo pelo Espírito Santo, conforme descrito no capítulo dois do livro bíblico de Atos dos Apóstolos (A Bíblia na Linguagem de Hoje, 1988, At 2). O Pentecostalismo, portanto, é um fenômeno surgido séculos mais tarde e popularizado nos Estados Unidos sob a liderança de William Joseph Seymour a partir de 1906 quando ocorreu um novo evento religioso que foi comparado ao Pentecostes: o Avivamento da Rua Azusa.

Seymour era filho de ex-escravos, pregador do movimento de santidade e discípulo de Charles Parham, um ex-pastor metodista e, então, líder religioso à frente das primeiras manifestações de batismo do Espírito Santo, em Topeka, nos moldes que dariam forma ao pentecostalismo moderno. Parham acrescentava às duas bênçãos metodistas tradicionais (a conversão e a santidade) uma terceira bênção a ser buscada pelos fiéis: o batismo com o Espírito Santo. Contudo, o preconceito sofrido pelo discípulo com relação a sua mensagem o levou a inaugurar o seu próprio grupo religioso na rua Azusa, em Los Angeles, Califórnia, onde passou a realizar ministrações sobre o batismo do Espírito Santo com ênfase na glossolalia. Os cultos na rua Azusa cresceram e ganharam visibilidade, atraindo religiosos como William Durham, da igreja de Chicago, cujos seguidores, os missionários Daniel Berg, Gunnar Vingren e Louis Francescon, iniciaram a propagação do pentecostalismo no Brasil.

Contudo, a identidade pentecostal não é resultado do posicionamento de líderes específicos ou eventos isolados. Nas palavras de Campos (2005):

Portanto, os eventos de Topeka, Los Angeles ou Chicago não foram frutos do acaso, nem tampouco pioneiros nesse processo crescente de pentecostalização de igrejas protestantes norte-americanas. Todavia, esses movimentos de busca de santidade e batismo com o Espírito Santo apontam muito mais para a continuidade do que para as rupturas desse nascente pentecostalismo em relação ao protestantismo avivalista e puritano que o gerou. É, portanto, a fertilidade do terreno social que tem estimulado o crescimento da semente pentecostal. A vitalidade da semente, na perspectiva sociológica, transcende a si mesma e se aloja nas estruturas da sociedade que a acolhe e lhe dá a germinação no tempo certo. (p.106)

No plano de fundo da origem e expansão do pentecostalismo havia um contexto social de transformações desfavorável para as camadas mais pobres da sociedade: o processo de industrialização e urbanização, o descontentamento crescente de imigrantes, a escassez de recursos, as concessões sociopolíticas para a segregação racial e o domínio de denominações religiosas acomodadas. Nesse cenário, o Pentecostalismo surge como uma solução espiritual para problemas reais enfrentados no cotidiano da população, que passa a rejeitar a anterior liderança intelectual, tradicional e distante em função de novos líderes, sem prestígio, mas capazes de satisfazer mais convenientemente seus anseios emocionais.

Exporta-se, assim, mais uma característica cultural norte-americana para outros países. Com variadas modalidades no Brasil e no mundo, o pentecostalismo configura-se como um movimento dinâmico e complexo, de amplitude global e crescimento acelerado em todos os continentes, atingindo especialmente as camadas mais populares das sociedades.

A América Latina é destaque no universo pentecostal. No continente, o número de convertidos saltou de 1% a 19% entre os anos de 1970 e 2014, em contraste com o dominante Catolicismo, que passou de 94% a 69% no mesmo período. Esse trânsito é explicado por Pablo Semán (2019) a partir de duas causas principais: (1) da noção de atualidade dos dons do Espírito Santo, que traz no bojo a performance de milagres, conectando-se facilmente com as noções de sensibilidade religiosa da maioria das camadas populares do continente, e (2) da universalidade do sacerdócio na religião,

que permite aos pentecostais capilaridade logística e adaptação cultural para atender à expectativa por milagres das populações em que estão inseridos. A religião Evangélica Pentecostal flexibiliza, portanto, uma democratização da ascensão como liderança religiosa a partir da produção e oferta de soluções culturais que podem ser adaptadas aos mais variados nichos sociais.

Em estudo sobre a abrangência do Pentecostalismo no Brasil, Ricardo Mariano (1999) apontou para as altas taxas de crescimento da vertente religiosa nas últimas décadas no século XX, destacando sua concentração nas camadas com menor renda e nível de escolaridade da sociedade à época. Embora não apresente conclusões definitivas acerca desse fenômeno, ele destaca uma correlação entre pobreza e Pentecostalismo:

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escusos e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados - distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poder públicos -, têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. Nelas, encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material. (p. 12)

Com um olhar sobre a evolução da vertente religiosa, Mariano (1999) defende a classificação do pentecostalismo em três ondas, definidas por período de tempo e organização social: o pentecostalismo clássico, que teve início com a Congregação Cristã de 1910 e a Assembleia de Deus de 1911, o Deuteropentecostalismo, representado pela Igreja do Evangelho Quadrangular de 1951, pela Igreja Pentecostal Brasil para Cristo de 1955 e pela Igreja Pentecostal Deus é Amor de 1962, e o Neopentecostalismo, cujas principais precursoras são a Universal do Reino de Deus de 1977, a Igreja Mundial da Graça de Deus de 1980 e a Igreja Renascer em Cristo de 1986. Nenhuma das ondas é marcada por homogeneidade teológica, contendo diferenças internas desde o início.

As duas primeiras ondas são separadas não por diferenças teológicas significativas, mas por um corte histórico-institucional, sendo que o Pentecostalismo enfatiza o dom de línguas, o Deuteropentecostalismo, o dom de cura. O

Neopentecostalismo, entretanto, apresenta as principais doutrinas das primeiras ondas, diferenciando-se por questões teológicas e sociocomportamentais.

Entre as principais diferenças, o Neopentecostalismo inova a partir da liberalização dos antigos usos e costumes de santidade que marcaram as igrejas pentecostais das ondas anteriores, e da ênfase em rituais e experiências emocionais e grandes milagres midiáticos, com a inclusão da batalha espiritual, que representa a libertação dos demônios que causam doenças, opressão e miséria, em uma oposição declarada às religiões afro-brasileiras e suas entidades. Soma-se a essa solução a pregação contínua da Teologia da Prosperidade, cuja filosofia difunde a crença de que o cristão deve ser próspero e obter vitória frente às dificuldades e em seus empreendimentos terrenos por meio da obediência na entrega de dízimos, ofertas e realização de votos, um contraponto à antiga valorização cristã do sofrimento. A partir desse período, as igrejas passam a adotar uma estruturação empresarial, com gestão financeira eficiente e a combinação entre religião e marketing em suas estratégias, com utilização intensa das mídias de massa (Oro, 2001).

Atualmente, os pentecostais brasileiros adotaram em suas reuniões, chamadas de cultos, e em seus momentos de busca privada uma série de técnicas e tecnologias aspirando sentir a presença e o poder divinos, como por meio da leitura bíblica, de orações e de louvores de invocação divina carregados de emocionalidade. As igrejas adotam design e *servicescape*² funcional e atraente e são equipadas eletronicamente, com técnicas de iluminação, imagem e som, para que a música permeie o ambiente, criando uma atmosfera específica de louvor e adoração (van der Merwe et al., 2012), considerada ideal para a manifestação do poder sobrenatural. Vicente da Silva (2021) defende a ideia de um ritualismo pentecostal na estética pentecostal e argumenta que “a emocionalidade e a reverência dedicados ao rito demonstram a importância dessa busca que é ao mesmo tempo individual e coletiva (Durkheim, 2000)” (p. 70). Ela explica que “o momento dos cânticos e das orações, por exemplo, envolve os crentes em uma busca por dons espirituais que em última instância conduz ao êxtase, sobrepondo emoção à razão e a expressão corporal a contenção dos impulsos” (Vicente da Silva, 2021, p. 69). O resultado é a construção de experiências individuais e coletivas com a divindade.

² *Servicescape* refere-se ao ambiente físico e visual onde ocorre a interação entre prestador de serviços e cliente, influenciando a percepção da qualidade do serviço e a experiência do cliente. Inclui elementos como layout, design, decoração e interações sociais.

Segundo o Censo 2010 do IBGE, o total de evangélicos no Brasil subiu de 26,2 milhões para 42,3 milhões entre 2000 e 2010, um aumento de 16,1 milhões de convertidos. A proporção de evangélicos brasileiros em relação à população brasileira, que em 1991 representava apenas 9%, avançou de 15,5% para 22,2% nesse período, crescendo cinco vezes a mais do que a população brasileira. Entre os evangélicos, mais da metade declara-se pentecostal, somando 25,4 milhões de brasileiros, o que representa um aumento de apenas 44%, desempenho inferior à metade das obtidas nos dois decênios anteriores: 111,7% em 1991 e 115,4% em 2000.

Em comparação com o quadro do perfil socioeconômico traçado pelo Censo 2010, que revela que 63,7% dos pentecostais acima de 10 anos ganham até um salário mínimo e 42,3% dos acima de 15 anos têm apenas o ensino fundamental incompleto, dados mais recentes do Datafolha (2020) revelam que o percentual de evangélicos no Brasil chega a 31%, sendo em sua maioria mulheres (58%), com ensino fundamental (35%) e médio (49%), recebendo até dois salários mínimos (48%). Segundo Mariano (2013), “o pentecostalismo, portanto, continua se expandindo nos estratos econômica e socialmente mais vulneráveis da população” (p.125).

Outra mudança importante é vista no processo de desconcentração pentecostal e no aumento da diversificação institucional do Pentecostalismo. De 2000 a 2010, cinco denominações, que juntas concentravam 85% dos pentecostais, perderam 9,6% de convertidos enquanto outras denominações de origem pentecostal dobraram sua participação relativa de 10,4% para 20,8%, passando a englobar um quinto dos pentecostais, o que representa pouco mais de 5 milhões de afiliados.

Embora os dados não compreendam o recorte do trânsito religioso que representa o processo de afastamento-e-retorno-à-religião pentecostal, esse é um fenômeno comum no universo evangélico, ilustrado na Bíblia a partir da passagem do filho pródigo, em Lucas 15 (A Bíblia na Linguagem de Hoje, 1988, Lc 15), e da ovelha perdida, em Mateus 18 (A Bíblia na Linguagem de Hoje, 1988, Mt 18). Líderes de denominações pentecostais atuais, de relevância e crescimento vertiginoso realizam ações com apelo para o retorno de pessoas consideradas desviadas, inclusive a partir da popularização de sua experiência pessoal de afastamento-e-retorno-da-religião, como é o caso do Pastor Teófilo Hayashi, Pastor Sênior da Igreja Zion Church, uma igreja que se destaca no contexto Pentecostal na Grande São Paulo, que hoje movimenta centenas de milhares de pessoas em suas mídias sociais.

Parte 2 – A Pesquisa

Capítulo 4 – Desenvolvimento da pesquisa proposta

Neste capítulo, serão apresentados detalhes do desenvolvimento da pesquisa proposta. Os métodos utilizados, a seleção de participantes e os instrumentos de coleta de dados serão discutidos, fornecendo uma compreensão clara da abordagem adotada para alcançar os objetivos da pesquisa. Destaca-se, nesta parte, a importância das escolhas metodológicas para a validade e confiabilidade dos resultados obtidos.

4.1 Objetivos

4.1.1 Objetivo geral

Estudos anteriores sobre os processos de conversão e desconversão religiosa à luz da Teoria do Apego têm revelado avanços no mapeamento de padrões na mobilidade religiosa a partir da análise do comportamento de apego. Contudo, embora se apresente como uma linha promissora de pesquisa, seu estudo tem sido limitado ao universo monoteísta em que Deus é promovido e interpretado como um porto seguro e base segura.

Da mesma forma, apesar da identificação acerca de importantes variáveis subjacentes ao processo de conversão, como a compensação, socialização e exploração, e as tendências para a estabilidade ou instabilidade no compromisso religioso segundo cada estilo de apego, pouco estudos investigam o surpreendente processo de refiliação religiosa e os aspectos psicossociais relacionados a esse fenômeno sob a ótica do apego.

Isso posto, como objetivo geral, o presente estudo propõe-se a compreender, à luz da Teoria do Apego, os aspectos psicossociais relacionados ao retorno de adultos e adultas a duas religiões relevantes no contexto sociocultural brasileiro: a religião Evangélica Pentecostal e a Umbanda.

A escolha das religiões tem como finalidade subsidiar uma potencial comparação entre dois universos simbólicos distintos: a primeira se enquadra no perfil de religiões estudadas previamente na literatura do apego, enquanto a segunda, por

sua vez, expande as investigações para além das fronteiras do monoteísmo judaico-cristão. Pretende-se, portanto, validar as descobertas do corpo teórico no contexto do Pentecostalismo brasileiro e identificar possíveis semelhanças e diferenças na realidade umbandista no que se refere à influência de aspectos psicossociais com especial atenção ao papel da rede de apoio e do sentimento de pertença à luz da Teoria do Apego.

4.1.2 Objetivos específicos

Para alcançar o objetivo geral almejado, foram estabelecidos objetivos específicos que têm como foco a viabilização da análise. São eles:

1. Identificar o estilo de apego de cada participante;
2. Investigar a possível relação de cada participante com a figura de apego religiosa atual;
3. Investigar os motivos de desfiliação religiosa;
4. Investigar os motivos de retorno à religião;
5. Verificar o papel de aspectos psicossociais (em especial, senso de pertença, rede de apoio) no retorno à religião;
6. Investigar associações entre apego, aspectos psicossociais e o processo de retorno à religião.

4.2 Justificativa

Em um contexto de crescimento do número de pessoas sem religião e limitada literatura acerca da mobilidade religiosa, o Brasil apresenta-se como um campo promissor para investigação sobre os aspectos psicossociais relacionados ao processo de retorno do religioso a um grupo ou denominação anteriormente abandonado.

Estudos anteriores revelaram padrões no trânsito religioso em seus contextos específicos. A tendência de aumento dos não religiosos caminha em paralelo com a importância de analisar o fenômeno de retorno, identificando alguns padrões, se houver, e para compreender como se dá esse processo de retorno em termos

psicossociais. Além disso, ambas as religiões aqui analisadas são relevantes no contexto nacional e estão, cada uma à sua medida e com suas próprias características, em processo de transformação e expansão.

Por fim, a Teoria do Apego apresenta-se como uma linha-promissora para aprofundamento nos estudos e compreensão das diferenças individuais e padrões do comportamento religioso. A investigação nesse sentido pode tanto aprofundar as noções sobre o comportamento de apego na realidade brasileira de afiliação, desfiliação e refiliação religiosas, quanto encontrar informações relevantes e pertinentes para futuros estudos e subsídios para o aconselhamento psicológico no contexto de retorno a uma afiliação religiosa a partir da compreensão dos aspectos psicossociais relacionados ao processo e seus impactos na vida e bem-estar do indivíduo.

4.3 Hipóteses norteadoras da pesquisa

Com base nas descobertas de estudos anteriores referentes ao processo de retorno de pessoas à religião (Dreyer, 2004; Hood et al., 2009) e influência do apego no trânsito religioso (Kirkpatrick & Shaver, 1992; Greenwald et al., 2021), o estudo proposto é norteado por três hipóteses que combinam os objetivos específicos estipulados. As hipóteses são:

- 1) Há associação entre os estilos de apego e os motivos de retorno à afiliação religiosa. Essa hipótese fundamenta-se em estudos que sugerem que Deus pode servir como uma figura de apego substituto quando o indivíduo, com apego inseguro, enfrenta sofrimento intenso (Granqvist et al., 2012), que pessoas tendem a recorrer a sua figura de apego em situações de sofrimento emocional (Kirkpatrick, 2005), e que existem diferenças entre estilo de apego e comportamento religioso (Granqvist & Kirkpatrick, 2004; Cooper et al., 2009): enquanto o estilo de apego ansioso apresenta um comportamento mais oscilante frente à religião, pessoas com estilo seguro voltam-se à religião de seus pais como forma de evitar problemas e evitantes focam em boas obras, rejeitando qualquer forma de apelo a Deus. Apostou-se, portanto, que a maioria dos indivíduos que retornam apresenta

estilo de apego inseguro e tenderia a retornar a sua figura de apego religiosa após sofrimento emocional (e ausência de uma figura de apego substituta), sendo que a intensidade do sofrimento seria mais elevada para o estilo evitante.

- 2) Há diferença no processo de retorno à religião Evangélica Pentecostal e à Umbanda e na forma como as figuras de apego são interpretadas. Essa hipótese baseia-se principalmente na compreensão da importância da figura de apego na mobilidade religiosa (Oksanen, 1994; Kirkpatrick, 2005; Granqvist, 2020). Apostou-se que o retorno ao Evangelismo Pentecostal tenha origem, majoritariamente, em uma relação de apego do tipo compensatória, ao passo que o retorno à Umbanda pode apresentar características distintas.
- 3) A rede de apoio e o sentimento de pertença grupal são aspectos psicossociais que desempenham papel fundamental no movimento de retorno à religião e dependem do estilo de apego.

4.4 Método e procedimentos

4.4.1 Método

A pesquisa realizada é um estudo qualitativo cujos dados foram coletados por meio de entrevistas semidirigidas com base em um roteiro (Apêndice B) composto por perguntas sobre o histórico de vida e trajetória religiosa dos participantes, incluindo motivos de desfiliação e retorno, e dos aspectos psicossociais influentes no processo.

Na realização da entrevista buscou-se promover um ambiente acolhedor e flexível para cada participante expor suas experiências e falas segundo suas próprias prioridades na apresentação de suas respostas, tendo liberdade para apresentar informações e opiniões além do que foi perguntado conforme desejasse dentro da temática proposta.

Realizadas individualmente com cada participante de maneira presencial ou online, as entrevistas foram viabilizadas por meio da plataforma de encontros online Microsoft Teams ou presencialmente, a depender da disponibilidade e preferência de

cada participante. No caso dos encontros online, o conteúdo foi gravado e os áudios foram arquivados, conforme anuência dos entrevistados e das entrevistadas.

Para atingir os objetivos propostos e verificar as hipóteses norteadoras da pesquisa, o recurso metodológico adotado foi a exploração da história de vida, direcionada para o aspecto da religiosidade. Buscou-se motivar um resgate da história pessoal de cada participante, possibilitando que os indivíduos falassem de si a partir de sua memória e lembranças durante o encontro a partir da realização das entrevistas (Nogueira et al., 2017).

Após a realização das entrevistas, suas transcrições foram submetidas a um comitê de juízes independentes para análise do estilo de apego de cada participante da pesquisa com o objetivo de checar a concordância na categorização do estilo de apego a partir da avaliação da variabilidade/concordância interobservador e comparação com a análise realizada pela pesquisadora em conformidade com os padrões descritos na Teoria do Apego, conforme Apêndice E.

O comitê foi formado por nove colaboradores independentes, dentre eles doutores, doutorandos, mestres e mestrandos em Psicologia Social. Os interobservadores foram organizados proporcionalmente em três grupos, aos quais foram atribuídas as análises de quatro entrevistas cada, conforme a figura abaixo:

Quadro 2 – Distribuição dos grupos e entrevistas para análise da variabilidade/concordância interobservador.

Grupo	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Interobservadores	1a 1b 1c	2a 2b 2c	3a 3b 3c
Entrevistas analisadas ³	UM1 UF1 EM1 EF1	UM2 UF2 EM2 EF2	UM3 UF3 EM3 EF3

Para viabilizar a análise, foi apresentado a cada colaborador um material com o resumo da história de vida de cada participante, com ênfase em sua trajetória religiosa, resultado de uma revisão aprofundada das informações coletadas durante

³ As entrevistas foram nomeadas a partir de códigos de três algoritmos, conforme descrito no subcapítulo 4.4.3.

as entrevistas semidirigidas, juntamente a um quadro com uma seleção de trechos relevantes das entrevistas relacionados à temática do apego (Apêndice E), e a transcrição completa de todas as entrevistas para consulta. No material, constou também um quadro descritivo com o detalhamento dos estilos de apego, construído a partir de uma revisão da literatura especializada em apego que serviu como referência para a análise de cada participante. Ao fim de cada página destinada a cada participante, um quadro resumido foi apresentado para que fosse ali assinalado o tipo de apego inferido a partir do material apresentado.

4.4.2 Participantes

Em conformidade com os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, o grupo de participantes do estudo é formado por pessoas com idade a partir de 18 anos, residentes da Grande São Paulo, adeptos à religião Evangélica Pentecostal ou à Umbanda, que deixaram e posteriormente retornaram à sua religião. Ao todo, foram selecionados para a entrevista seis adultos afiliados e afiliadas a uma denominação Evangélica Pentecostal e seis à Umbanda, buscando-se um pareamento de três pessoas de cada gênero para cada afiliação religiosa.

4.4.3 Procedimento

O recrutamento de participantes ocorreu por meio da técnica bola de neve: o programa de participação foi baseado na indicação de novos e novas participantes, a começar por dois contatos, um em cada grupo religioso, previamente estabelecidos.

A coleta de dados foi realizada com doze pessoas em um período de sete meses, de junho de 2022 a janeiro de 2023 por meio de entrevistas presenciais e online, conforme a preferência e disponibilidade de cada participante. O número de participantes foi estabelecido previamente, considerando as limitações para a realização da pesquisa e análises pretendidas em conformidade com as exigências acadêmicas, porém também observando o critério de saturação dos dados e as restrições de alcance de generalização dos resultados a serem obtidos.

Como forma de preservar a identidade dos entrevistados e das entrevistadas, optou-se por identificar cada participante a partir de um código formado por 3

caracteres: o primeiro é composto pela letra inicial da afiliação religiosa, podendo ser “E” para evangélicos pentecostais e “U” para umbandistas; o segundo refere-se ao gênero do entrevistado, sendo “M” para masculino e “F” para feminino; e o terceiro indica a ordem cronológica de realização da entrevista, a saber “1” para primeira, “2” para segunda e “3” para terceira. Tem-se, portanto, os seguintes códigos definidos:

- UM1, UM2 e UM3 para referir-se aos umbandistas do gênero masculino;
- UF1, UF2 e UF3 para referir-se às umbandistas do gênero feminino;
- EM1, EM2 e EM3 para referir-se aos evangélicos pentecostais do gênero masculino;
- EF1, EF2 e EF3 para referir-se às evangélicas pentecostais do gênero feminino.

As primeiras entrevistas foram realizadas com os umbandistas a partir de uma visita realizada a um templo umbandista. Nessa visita, o pai de santo apresentou o primeiro adepto com o perfil segundo os requisitos da pesquisa. Apesar de o primeiro participante ter sido contatado no templo, a pesquisa não foi realizada no âmbito institucional, tendo os participantes aceitado participar individualmente. A primeira entrevista aconteceu de maneira presencial em data marcada diretamente com o participante, o UM1, no próprio templo. Ao fim da entrevista, o UM1 disponibilizou o contato de mais uma pessoa com o histórico religioso definido, dando início ao método bola de neve.

As demais entrevistas agendadas com os umbandistas aconteceram da seguinte forma: UF1 presencialmente em sua casa; UM2, UF2 e UM3 por videochamada via Microsoft Teams; e UF3 presencialmente em sua casa. Os 5 primeiros frequentam o mesmo templo, sendo a UF3 a única a frequentar um templo diferente.

Paralelamente à realização das entrevistas com os umbandistas, foram realizados contatos com evangélicos pentecostais. Foram realizadas visitas a igrejas próximas ao templo inicialmente abordado. Contudo, essas visitas não obtiveram sucesso na prospecção de participantes. O contato do primeiro entrevistado, o EM1, foi obtido, portanto, a partir da indicação de um conhecido da pesquisadora. A entrevista ocorreu por videochamada via Microsoft Teams e, da mesma maneira, o entrevistado indicou um novo contato, iniciando o processo de captação do método bola de neve. As próximas entrevistas ocorreram a partir de agendamento da seguinte

maneira: EM2 presencialmente em casa; EF1, EF2 e EF3 por videochamada via Microsoft Teams; e EM3 em seu trabalho. Com exceção do primeiro participante, todos os demais frequentam a mesma igreja.

4.4.4 Instrumentos

O instrumento usado (Apêndice B) foi um roteiro composto por perguntas sobre o histórico religioso, com foco no retorno à religião e na análise dos padrões de apego, bem como na verificação dos aspectos psicossociais envolvidos no processo/decisão de retorno à religião. O Roteiro de Entrevista Semidirigida (Apêndice B) traz questões divididas em três eixos que norteiam e articulam a entrevista, a saber: 1) Processo de retorno à religião; 2) Relações pessoais no contexto de retorno e afastamento; e 3) Padrões de apego.

4.4.5 Forma de Análise

As entrevistas foram analisadas conforme o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011) em três etapas: (1) pré-análise, de forma a permitir sua organização, (2) exploração do material e (3) tratamento dos resultados - a inferência e interpretação. Foi utilizada a técnica de análise temática com o objetivo de encontrar os padrões repetidos de significado para realização de inferências. Na pré-análise, em contato exaustivo com o material, todas as entrevistas realizadas foram transcritas, lidas e organizadas formalmente para a próxima fase, a exploração do material, em que as informações foram codificadas, classificadas e categorizadas segundo os propósitos do estudo. Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, os resultados brutos foram interpretados de modo a se compreender os motivos relacionados ao processo de retorno a cada religião e sua relação com os estilos de apego e aspectos psicossociais.

4.4.6 Aspectos Éticos

Em todas as etapas da pesquisa foram respeitados os procedimentos éticos de acordo com os Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido à

avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da USP por meio de seu registro na Plataforma Brasil e foi aprovado, conforme o parecer de número 5.254.699. A cada participante foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme consta no Apêndice A. Somente participaram aqueles e aquelas que aceitaram voluntariamente entregar o documento assinado. Os dados só começaram a ser coletados após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética a que foi submetido.

Parte 3 - Resultados

Capítulo 5 – Análise de dados: as entrevistas com os grupos religiosos

Foram entrevistados 12 participantes, sendo seis umbandistas (três homens e três mulheres) e seis evangélicos pentecostais (três homens e três mulheres). Com exceção de um participante Evangélico Pentecostal, residente da zona norte de São Paulo, todas as demais pessoas de ambas as religiões são residentes da região sul da Grande São Paulo.

A idade dos(as) participantes da religião Evangélica Pentecostal varia de 24 a 38 anos. Os(as) participantes umbandistas, por sua vez, apresentaram uma faixa etária entre 29 e 55 anos, sendo que cinco participantes apresentaram idade entre 29 e 30 anos.

Em ambos os grupos, cinco pessoas são solteiras, cinco são casadas e duas divorciadas. Em termos de escolaridade, mais da metade cursou superior completo nos dois grupos.

O tempo de adesão religiosa também variou de um ano a 13 anos, sendo que alguns não consideraram o período pré-afastamento na contagem, o que pode ser um indicativo de como interpretam sua trajetória religiosa.

O quadro abaixo apresenta as características dos entrevistados e entrevistadas de ambas as religiões:

Quadro 3 - Características sociodemográficas e da trajetória de afastamento-e-retorno-à-religião de participantes umbandistas e pentecostais

Código	Religião	Gênero	Estado civil	Idade	Idade da adesão	Tempo adesão	Ano do afastamento	Tempo afastada(o)	Retorno
UM1	Umbanda	Masculino	Solteiro	29	18	12 anos	2018	4 anos	2022
UM2	Umbanda	Masculino	Solteiro	29	19	10 anos	2020	5 meses	2021
UM3	Umbanda	Masculino	Casado	30	21	9 anos	2019	2 anos	2021
UF1	Umbanda	Feminino	Divorciada	29	18	11 anos	2020	1 ano	2021
UF2	Umbanda	Feminino	Casada	29	19	10 anos	2019	1 ano	2020
UF3	Umbanda	Feminino	Divorciada	55	47	8 anos	2021	3 meses	2022
EM1	Pentecostal	Masculino	Casado	30	19	11 anos	*	1 ano	*
EM2	Pentecostal	Masculino	Solteiro	24	19	1 ano	2018	4 anos	2022
EM3	Pentecostal	Masculino	Casado	25	11	14 anos	2011	~10 anos	2022
EF1	Pentecostal	Feminino	Solteira	25	Criança	1 ano	2015	7 anos	2022
EF2	Pentecostal	Feminino	Solteira	33	20	13 anos	2016	4 anos	2020
EF3	Pentecostal	Feminino	Casada	38	33	15 anos	2018	4 anos	2022

* Dado não fornecido pelo participante.

As entrevistas versaram sobre os motivos de afastamento e retorno à religião de cada pessoa e o contexto e circunstâncias vividas em ambos os períodos, tendo como foco a investigação quanto ao estilo de apego e seu papel, bem como a influência dos aspectos psicossociais em todo o processo.

Para a análise das entrevistas, as informações coletadas de cada grupo religioso são expostas em separado, a começar pela Umbanda, seguindo a sequência dos eixos que nortearam a coleta dos dados nas entrevistas.

5.1 Entrevistas com umbandistas

As entrevistas com o grupo de umbandistas ocorreram de maneira presencial e online, conforme escolha e local de preferência de cada participante, e tiveram duração variável de meia hora a 1 hora e meia, tempo em que relataram suas histórias e percepções sobre o período de afastamento-e-retorno-à-religião enquanto a pesquisadora conduzia a conversa a partir da realização de perguntas do roteiro ou delas derivadas, conforme pode ser observado no Apêndice C que traz a transcrição das entrevistas na íntegra.

O quadro abaixo contém um resumo de todas as entrevistas para conhecimento, em linhas gerais, do relato de história de vida de cada entrevistado e entrevistada umbandista:

Quadro 4 - Resumo da história de vida de cada umbandista

Código	Resumo da história de vida relatada
UM1	Aderiu à Umbanda em 2012, aos 18 anos. É diagnosticado com HIV e ansiedade desde 2013, após a morte de seu primeiro namorado por HIV. Encontrou na Umbanda uma fonte de prazer. Transitou para outra casa em 2015 em busca de “fortalecimento em conhecimento” e afastou-se em 2018, quando ficou desempregado, devido a cobranças financeiras na casa. Mas não queria se afastar. Por causa do compromisso com o espiritual, sentia uma cobrança do espiritual durante o afastamento. É uma pessoa que se define como carente e gosta de estar rodeada por outras, por isso também sentia falta das pessoas, em um período em que sua rede de contatos se estreitou, e de ter coisas para fazer que ocupassem sua mente na casa de axé. Teve o apoio dos pais para retorno à religião e de algumas amigas. Retornou em 2022 devido ao senso de propósito, pertença e ao sofrimento emocional. Passou a apresentar um envolvimento

	<p>mais intenso após o retorno. Parece apresentar um estilo de apego ansioso e busca controlar a ansiedade com a religião.</p>
UM2	<p>Foi criado dentro de uma “bolha religiosa” com a mãe testemunha de Jeová. Aderiu à Umbanda por volta dos 19 anos e permaneceu no templo por nove anos antes de afastar-se. Sofreu muito devido ao julgamento da mãe de santo quanto ao seu comportamento fora do templo e diferenças de pensamentos. Mas a amava muito. Não teve crescimento e reconhecimento por parte dela, mas postergou sua saída apesar de tudo porque queria ser uma pessoa melhor e por respeito às entidades. Só saiu da casa quando obteve a aprovação das entidades e a comunicação clara e perdão mútuo em conversa com a mãe de santo. No período afastado sofreu muito. Retornou com a ajuda de algumas amigas e com a influência do guia a partir de uma incorporação na praia. Hoje tem um apego mais intenso com o caboclo. Parece apresentar um estilo de apego inseguro.</p>
UM3	<p>Era kardecista por influência da família. Contudo, a família sempre o incentivou a encontrar uma religião, porque sentia que faltava algo. A vó tocava no terreiro e ele sempre teve curiosidade de estar lá, apesar do preconceito. A esposa o chamou para ir ao terreiro. Chegando lá, ele ouviu o som e sentiu-se familiarizado, como se aquilo “fizesse parte”. Quando pisou no terreiro, sentiu um vazio sendo preenchido. Aderiu à Umbanda por volta de 2012. Ver a transformação das pessoas aumentou sua fé e fez com que ficasse na religião. Todos eram muito apegados. As conexões das pessoas foram o maior apego. Afastou-se devido à transfobia da mãe de santo especialmente durante sua transição. Aguentou o tratamento hostil até se afastar por cerca de dois anos. Ficou muito mal quando se afastou. No fundo do poço. Mas se reencontrou com amigos pais de santo e voltou para a religião. Agora é muito mais intensa sua busca e participação, porque não tem repressão. O apego seguro atualmente parece ter trazido muito mais bem-estar emocional, mas continua apresentando indícios do estilo de apego ansioso.</p>
UF1	<p>Sempre teve uma boa rede de apoio formada por familiares e amigos. É mãe divorciada. Sofreu agressão do ex-marido e recorreu à mãe de santo, que a orientou a “lutar pela sua família”. Perdeu a admiração pela liderança nesse episódio. Além disso, sentiu-se julgada e não recebeu apoio no templo. Em seus onze anos de adesão à Umbanda, afastou-se duas vezes: uma por conta do divórcio e outra por conta de cobranças de participação incoerentes no período da pandemia de covid-19. Na segunda vez, ficou um ano afastada. Sobre esse período, relata grande sofrimento: saudades das entidades e afastamento de pessoas com as quais convivia há anos. Relatou apego e revolta com relação às entidades. Retornou pelo senso de propósito e pertença. Aparentemente, migrou do apego seguro para o inseguro a partir das experiências na idade adulta.</p>
UF2	<p>Passeou por muitas religiões, mas acabou escolhendo a Umbanda, uma das primeiras religiões que teve contato quando criança, aderindo a ela com 18 anos. Fez essa escolha</p>

	<p>por causa da energia do ambiente (tambores) e pela recepção das pessoas na casa. Inicialmente, apegou-se a uma mulher, que se tornou, juntamente com suas entidades, uma figura de apego. Decepcionou-se com essa mulher devido a posturas com seu marido (UM3) e resolveu deixar a casa por causa desses conflitos após sete anos de adesão. Nesse período, alguns de seus amigos já estavam afastados. O período de afastamento durou um ano. Nele, sentia um vazio gigantesco. Sua maior falta foi das entidades, mas não nomeou nenhuma. A família ficou alegre com seu afastamento, mas todos ao seu redor também estavam afastados e sofrendo. Há dois anos, resolveu voltar aos poucos, principalmente porque uma entidade lembrou a necessidade de cuidar do seu sobrinho, que ama a Umbanda. Não tinha laços com a mãe. Foi adotada pela mãe de uma amiga, que conheceu na Umbanda e hoje considera sua irmã (UF1). Diz estar aprendendo a ser mais sociável até hoje com seu marido e irmã. Hoje seu maior apego é sua santa. Mas está em uma casa em que os pais de santo são amigos da adolescência. Seu estilo de apego parece ansioso-evitante.</p>
UF3	<p>Sentia-se rejeitada pela mãe. Apesar de o pai dar todo o carinho e a irmã executar o papel de figura de apego, tinha a carência da mãe. A mãe é a única viva, mas não é uma figura de apego. Apresenta sinais de estilo de apego ansioso, pelo constante medo da rejeição e necessidade de sempre doar demais. Buscou muitas religiões, até escolher a Umbanda para ajudar o filho (na primeira adesão) e a filha (no retorno). Aderiu à Umbanda há oito anos e afastou-se por apenas três meses devido a discordâncias quanto ao comportamento da liderança. Parece precisar estar rodeada de pessoas e consegue compensar a carência e inseguranças a partir das relações e trocas que a religião e os religiosos permitem. Não menciona tanto as entidades, como os demais. As pessoas parecem desempenhar um papel de figura de apego, especialmente os dois casais: os líderes e o casal de amigos mencionado. Seu estilo de apego parece ansioso.</p>

Em linhas gerais, é possível perceber que os umbandistas entrevistados se afastaram de sua afiliação religiosa devido a conflitos com a liderança de seus terreiros, enfrentaram intenso sofrimento emocional e depois retornaram com a ajuda de outras pessoas com as quais se identificavam por desempenharem um papel importante em suas vidas ou por já terem vivido uma situação semelhante na Umbanda. Todos já possuíam uma relação profunda com a religião antes do afastamento, sendo médiuns ou servindo no templo, e vivenciaram uma intensificação no envolvimento religioso ou no senso de pertencimento à religião após o retorno. Importa ressaltar que a maioria deles pensava em retornar quando se afastou. Durante o afastamento, relataram sentir falta principalmente das entidades e, embora nenhum indivíduo entrevistado enfatize qualquer relação de apego aos novos líderes,

todos focam na importância das entidades em todo o processo. Todos e todas apresentaram em suas falas indícios de um estilo de apego inseguro, principalmente ansioso, possivelmente acentuado durante os conflitos vivenciados no afastamento-e-retorno-à-religião.

Considerando os procedimentos de análise de conteúdo adotados para esta pesquisa, este estudo foi realizado a partir de três eixos de análise considerados em sua inter-relação no processo de afastamento-e-retorno-à-religião narrado nas entrevistas: (1) Processo de retorno à religião; (2) Relações pessoais no contexto de retorno e afastamento; (3) Padrões de apego no contexto de retorno à religião. A seguir é apresentada a análise de cada eixo ancorada em trechos das entrevistas que serão posteriormente discutidas.

5.1.1 Eixo 1: Processo de retorno à religião

O processo de retorno à religião de cada adepto e adepta foi distinto e marcado por sofrimento emocional, seguido por visitas esporádicas a locais de prática religiosa até culminar no retorno. Antes de analisar o processo de retorno, procurou-se compreender o motivo de afastamento para obtenção de uma visão mais contextualizada sobre a trajetória religiosa de cada pessoa e as possíveis motivações de retorno.

Todos e todas atribuem seu afastamento a conflitos com as autoridades religiosas humanas, especialmente divergências ou discordância quanto à postura ou julgamento das lideranças. Entre os motivos apontados estão: cobrança de mensalidade, agressividade no trato dos adeptos, diferenciação entre os médiuns e falta de reconhecimento, transfobia, machismo e falta de suporte, conforme pode-se verificar nos relatos abaixo:

UM1: Eu me via ainda incompleto e não tão amparado na casa em que eu estava. A nossa religião não tem fins lucrativos, como nenhuma outra. Não tem nenhuma fonte de renda. A única fonte de renda são os próprios filhos que ajudam a manter a casa. E nessa casa era muito regrada quanto a ter dinheiro. E nessa época eu fiquei desempregado. A mensalidade lá era alta: R\$ 250. E eu não tinha esse valor mais pra pagar. E aí com 3 meses de falta de mensalidade eu fui convidado a me retirar.

UM2: Sempre teve uma diferença de pensamentos meus e da minha ex-mãe de santo. A gente não tinha... a gente tinha um bom convívio, um bom amor, um bom sentimento um pelo outro, mas a gente tinha alguns pontos de vistas sobre como ser, ser humano e ser médium... era meio conflituoso isso em alguns termos, em alguns aspectos. E acabava que a gente não se concordava em algumas situações... que eu vivia minha vida, o que eu fazia fora do terreiro. (...) Teve um belo dia que eu tive um fim de semana de folga e eu fui viajar com umas amigas minhas, inclusive, essas pessoas que também estavam nesse terreiro na época, e a gente foi para um sítio passar um final de semana basicamente, e nesse final de semana eu bebi, eu dancei, eu estava de sunga... enfim, nas minhas redes sociais, eu fiz o que qualquer pessoa faz naturalmente. E eu estava de sunga, dancei de sunga... basicamente foi isso. E aí na outra semana quando eu voltei pro terreiro, aconteceu um movimento que (rs) ainda até hoje eu não compreendo muito bem, mas um movimento de pessoas verem esses stories, verem essa conduta na rede social e ela não gostou porque na cabeça dela, levaria o nome do terreiro dela, faria algo como um... tipo assim... como eu posso dizer... "o que eu estou fazendo com o meu médium, que ele pode fazer isso nas redes sociais?" Que exemplo que eu tô dando para ele ou que exemplo ele está dando que vai atingir diretamente o meu terreiro, o nome do terreiro que eu ia? E quando ela chegou a mim e começou a conversar dessa forma isso me feriu muito como pessoa. Primeiramente, que o que eu faço dançando ou curtindo no final de semana não interfere na minha qualidade como pessoa muito menos como médium. Então, isso me feriu muito particularmente e não era a religião. Foi da pessoa que estaria ali para me acolher e me encaminhar, que teve esse julgamento muito pesado, de que eu não queria que tivesse esse julgamento.

UM3: Minha ex-mãe de santo era mega transfóbica. Todas as fobias possíveis, preconceitos possíveis e imagináveis vinha dela e ela foi uma pessoa que eu esperava muito, sabe? Quando eu comecei a minha transição, eu achei que ela ia entender muito mais fácil do que alguém da minha família. E foi muito pelo contrário. Ela começou a me colocar em situações mega constrangedoras e até de não deixar as pessoas me chamar pelo meu nome, né, que eu retifiquei. Me chamava pelo meu nome morto, até me tratar diferente. Ela me excluía... ela me fazia eu me sentir alguém diferente, sabe? Ela fazia eu me sentir alguém fora da religião, ela nunca lembrava de mim, essa série de coisas. E aí foi passando o

tempo, tempo, eu continuei dentro do terreiro mais um ano, dois anos, por conta das minhas entidades, né? Porque eu tava respeitando aquela situação toda. Até que teve uma hora que não deu mais. Teve uma hora... eu fui fazer a minha cirurgia e eu cheguei pra ela e eu fui contar que eu ia fazer a cirurgia e ela não me mandou mensagem, não me falou nada. Ela foi falar, sei lá, uns 2, 3 dias depois. Não me perguntou se eu tava bem, só queria saber... porque como a UF2 teve que me ajudar, a preocupação dela era da UF2 não ta no terreiro por conta da entidade dela não ta lá dando passe. Ela não se preocupou nenhum pouco comigo. E aí foi passando, foi passando o tempo e teve uma hora que eu fiquei muito disfórico, e tive muita crise de ansiedade e eu larguei o terreiro e não quis mais ir pra lugar nenhum. Eu realmente meio que larguei a religião, pra falar modesto eu caguei pras minhas entidades, caguei pra religião e acho que eu fiquei (não me lembro se foi dois anos ou um ano só) sem ir pra lugar nenhum, sem fazer qualquer coisa da religião, renegava mesmo, falava que não queria saber e que to nem aí.

UF1: Quando eu me separei, é, nós dois éramos frequentadores da mesma casa e aí quando a gente se separou, quando a gente resolveu não continuar mais o relacionamento, é, foi sempre todo mundo do lado dele, e eu sempre a errada... mulher, né? E aí foi me desmotivando, me desmotivando. E aí a gente teve um episódio de agressão. E aí quando eu fui conversar com a dirigente da casa ela me disse que eu teria que lutar pela minha família, depois de ter apanhado e tudo mais. E aí aquilo pra mim foi o fim. Eu falei: "num quero mais". Eu acho que para você estar num lugar, pra você seguir uma pessoa, você tem que admirar, e ali eu perdi a admiração por ela.

UF2: Aconteceram algumas coisas lá dentro com meu marido que não foi muito legal. Que deu uma chacoalhada e eu falei: 'Eu acho que não é mais o local onde eu vou ficar'. Se a minha família não é bem-vinda, não tá numa situação bacana, eu não sou. E tava começando a me fazer mal.

UF3: O motivo foi que, dentro da umbanda quem está acima tem que manter é, o líder é um papel solitário. Tem que manter o mínimo de equilíbrio e não ser agressivo, grosseiro e expor e humilhar pessoas. (...) E eu tinha uma relação muito, muito próxima à Yalorixá da casa, de estar junto, criando projetos sociais, eu escrevia. Então é, eu entendi que era necessário uma conversa em que eu pudesse ser muito franca e dissesse, por que eu estava saindo. Então a minha

saída se deu assim: no... pra mim, no primeiro momento, também era importante que eu explicitasse: 'olha, por que eu estou saindo? Por isso, isso, isso' e contextualizar fatos comigo, não tem nada a ver com outra pessoa ninguém, porque tem muito de: ai, a pessoa me maltratou lá dentro, então eu vou sair. Não teve nada disso, eu realmente saí no momento em que eu estava... foi exatamente, é no final de 2021 para 2022, em que... a minha família é toda de Fortaleza, a minha irmã mais velha estava na UTI. Assim, era um momento que eu estava totalmente fragilizada, era aquele momento que eu busquei ajuda, o espiritual para me ajudar e naquele momento eu não tive também. Foi algo que... e sem nenhuma crítica à gestão do local, ela estava com outras coisas e tudo bem, havia uma diferença entre cada um da casa, esse podia, esse merecia mais, esse menos, e tudo bem, mas eu não me senti confortável com isso e com todo sofrimento, eu falei: 'o meu povo está comigo' mas eu não consigo ser hipócrita, eu não consigo chegar no lugar e ainda é... trazer a entidade. Ela vinha, ela trabalhava e eu não conseguia sair feliz e eu precisava disso. Eu busco o espiritual pra dar... pra me dar o equilíbrio pra caminhar nas outras coisas, né? Então nesse contexto eu saí.

Entretanto, apesar do afastamento, os entrevistados e as entrevistadas não deixaram de acreditar nas entidades, não havendo indícios de crise de fé ou dúvidas, com exceção do UM3, que relata ter abandonado também as entidades após os episódios de preconceito e descaso da liderança, conforme trecho acima. As demais pessoas parecem diferenciar os aspectos humanos e materiais do universo sobrenatural da afiliação, como é possível verificar neste relato da UF2:

UF2: É. o que eu acho que é natural e acho que 90% das vezes que acontece acaba sendo por causa de relações pessoais. Não sei, do ciclo que eu tenho de vida e amigos a maioria passou por isso por questão social, não por desacreditar na religião em si, nada disso, mais pela relação social mesmo.

Contudo, apesar de todos os demais indivíduos afirmarem terem mantido a fé religiosa, terem continuado conectados à religião de algum modo e alguns relembrem a pretensão de retornar já no próprio processo de afastamento, a demora no retorno resultou, em alguns casos, em um afastamento das entidades e em uma diminuição da crença religiosa e da confiança nas mesmas, que parece influenciada

pelo sofrimento gerado no afastamento, pela culpa e pela sensação de desamparo por parte delas.

UM1: Eu sempre senti eles junto comigo. Eu sentia, mas ao mesmo tempo eu sentia que sempre estava devendo para eles, porque eu sempre pedia, pedia, pedia, pedia e não agradecia de alguma forma mais material ou física ou das formas que a gente faz de agradecimento.

UM2: Eu senti que eu me afastei um pouco, mas a minha fé não mudou. Não tive mudança de crença, de acreditar, de confiar. Mas o saber que eu tinha me afastado um pouco, então isso mudou na questão de eu saber que eu não posso mais passar por isso em questão de me afastar deles. Então a fé em si não mudou, o amor não mudou. Eu senti que eu me afastei por questões que eu fiquei magoado, não com eles, eles sabem disso.

UF1: Ah em alguns momentos teve uma revolta. “Ah por que vocês estão deixando isso acontecer comigo? Por que comigo? Eu sempre fiz tudo tão certo.” Mas sempre acreditando, sempre pedindo muito para eles, mas tinham momentos de revolta sim, que eu questionava se eles realmente estavam ali se eles realmente estavam me ajudando, sabe? Existiu esses momentos. E por algumas vezes eu deixei de confiar.

UF2: No começo eu pensei assim: ah não, eu vou sair e logo eu vou pra uma outra casa... mas eu não fiz isso”. Fui me afastando cada vez mais. E meio que deixando... Eu acho que é o momento que eu falo que a minha fé meio que morreu. Eu até brinco com a minha irmã que eu falo que ia pegar todas as coisas que eu tinha das entidades e ia despachar assim porque eu não queria saber mais. E é muito louco porque você acaba culpando por algo que não tem nada a ver, porque depois que o caso encerrou você fala assim que as entidades não têm nada a ver com isso.

UF3: Eu não parava de entrar ali (aponta para um quartinho com um altar e algumas imagens e símbolos religiosos), de bater cabeça, de fazer meditação, de fazer assentamento, de defumar, de fazer todo um processo que pra mim fazia sentido, né?

Ao mencionarem os motivos que levaram ao retorno à religião para cada participante, obteve-se os seguintes relatos:

UM1: Precisava cuidar. Não só o cuidar sozinho. O cuidar com alguém. De uma casa. De um lugar para colocar o Exu, de um lugar para colocar o Caboclo, o meu Orixá. Então eu já estava ficando louco. (...) Ou eu voltava ou eu enlouquecia.

UM2: O que motivou foi realmente a perturbação que eu comecei a ter (risos). Na verdade eu fiquei por muito tempo, como eu falei, sonhando. Foi no final do ano, na virada do ano, eu incorporei uma entidade, fazia muito tempo que eu não incorporava. Quando eu incorporei eles, veio tudo aquela sensação do começo de volta assim, (...) Sonhava muito com meu terreiro, que era o terreiro que eu ia. Acordava com muita saudade, chorava de saudade.

UM3: Bem, eu acho que quando eu voltei pro terreiro, que eu fui me re... fui começando a voltar aos poucos... No último terreiro que eu ia eu tocava, né? Eu tocava atabaque. E foi o motivo pelo qual eu entrei no terreiro. E aí a primeira vez que eu fui depois desses dois anos que eu fiquei fora, quando eu ouvi o som do atabaque foi como se eu tivesse, tinha alguma coisa dentro de mim muito adormecida assim e tivesse a cada tum e cada taque que o atabaque tocava, ela batia de um jeito diferente dentro de mim, assim. É como se um monstro tivesse se acordando assim, sabe?

UF1: A falta. Eu via, quando eu ia lá tomar um passe, eu via que eu fazia parte daquilo, mas eu não tava mais ali dentro. Eu queria tá ali de novo. Então, a falta deles, a consciência da missão que eu tenho dentro da religião me fez voltar. (...) Era o que estava faltando ali naquele momento. Acho que já estava tudo mais ou menos encaminhado, arrumado, mas eu ainda sentia essa falta. Então era o que faltava pra mim, era o que eu precisava fazer e eu sabia disso. E aí... é... quando eu fui lá tomar um passe e eles vieram e eles falaram que era aquilo e eu precisava fazer aquilo... e eu fiz.

UF2: Lembro que eu fui uma vez numa gira e eu acabei trazendo o meu caboclo e ele me falou que eu tinha que estar lá não só por mim, mas pelo meu sobrinho também. Ele é uma pessoa que (choro) mexe muito comigo e foi a parte que me

deu pra eu falar assim: “não, eu vou voltar”. No início foi mais por ele do que por mim assim.

UF3: A minha irmã já tinha partido e eles (casal de amigos) estavam iniciando, ainda num outro espaço ainda não tinham alugado um canto fixo como tem hoje e eu... foi que a minha filha veio e falou assim: mãe se eles estão lá, porque que a gente não vai? Aí eu falei assim: você quer ir pra lá? Ela falou, quero. Aí na hora que ela falou isso eu peguei o telefone e falei: você me aceita na sua casa? Ele falou: filha, você é muito bem-vinda aqui, sempre foi.

O quadro abaixo sintetiza a motivação para o afastamento e para o retorno de cada adepto e adepta:

Quadro 5 - Motivação de afastamento e retorno de cada umbandista

Código	Motivo do afastamento	Situação relatada no contexto do afastamento	Motivo do retorno	Situação relatada no contexto do retorno
UM1	<i>Sentimento de desamparo</i>	Exclusão ao não pagar a mensalidade em período de desemprego.	<i>Sentimento de pertencimento</i> <i>Busca por apoio social</i>	Falta do convívio na comunidade religiosa.
UM2	<i>Sentimento de desamparo</i> <i>Desilusão</i>	Conflitos de visão e julgamentos por parte da ex-mãe de santo, especialmente em relação à sua vida fora do terreiro.	<i>Sentimento de pertencimento</i> <i>Busca por segurança social</i>	Saudade do terreiro.
UM3	<i>Sentimento de rejeição</i>	Discriminação e exclusão por parte da ex-mãe de santo	<i>Sentimento de pertencimento</i> <i>Possível senso de propósito</i>	Saudade de tocar o atabaque.
UF1	<i>Sentimento de desamparo</i> <i>Descontentamento</i>	Desmotivação e perda da admiração pela líder religiosa devido à falta de apoio e compreensão.	<i>Sentimento de pertencimento</i> <i>Senso de propósito</i> <i>Busca por apoio social</i>	Saudade das entidades e sentimento de ser parte do terreiro pela consciência da missão.

UF2	<i>Descontentamento</i> <i>Decepção com a liderança religiosa</i>	Percepção de que sua família não era bem-vinda e que a situação dentro da religião estava prejudicando seu bem-estar emocional.	<i>Sentimento de pertencimento</i> <i>Responsabilidade e laços familiares</i> <i>Busca por apoio social</i>	Consciência (endossada pela entidade) de que precisava estar lá por ela e pelo sobrinho.
UF3	<i>Decepção com a liderança religiosa</i> <i>Sentimento de desamparo</i>	Desaprovação do comportamento agressivo da ex-mãe de santo e falta de suporte durante um período de fragilidade pessoal	<i>Sentimento de pertencimento</i> <i>Responsabilidade e laços familiares</i> <i>Busca por apoio social</i>	Pedido de retorno da filha para o templo do casal que dava suporte à família.

Um elemento em comum a todas as entrevistas é a exposição de sofrimentos emocionais intensos no período de afastamento, traduzidos em seus relatos por frases e expressões como as que seguem: “vazio gigantesco” e “não tinha força para nada” (UF2); “depressão muito grande” e “perdi 10 quilos” (UF1), “ou voltava ou enlouquecia” (UM1); e “eu basicamente enlouqueci” e “buraco negro” (UM3).

Embora não seja viável mensurar o nível de sofrimento emocional por meio do instrumento de pesquisa utilizado ou traçar um comparativo entre a intensidade do sofrimento de cada pessoa, a presença de sofrimento é evidenciada em seus relatos, como:

UF1: Foi muito ruim se afastar. Mas foi muito difícil, muito difícil. Em todas as áreas da minha vida: na sentimental, na profissional. É... eu desenvolvi uma depressão muito grande, sabe? E aí eu não conseguia fazer nada direito. Não conseguia ser mãe direito, não conseguia ser profissional direito, não conseguia ser amiga direito, não conseguia mais nada. (...) Eu... minha vida desandou muito, sabe? Eu acho que quando você tem uma fé e você se apoia a ela em tudo na sua vida, você meio que perde o chão, então foi horrível. Foi um tempo muito difícil. Sentia muita saudade das entidades. E foi assim, um período em que eu perdi 10 quilos. Foi muito difícil. Muito sem chão, sabe? Sem ter um norte, sem ter o que procurar, sem ter com quem contar, né. Porque o umbandista conta muito com suas entidades.

UM1: Péssimos. Estava indo de mal a pior. Psicológico muito abalado. Eu me sentia como um incapaz. Não só incapaz. Mas como se eu não servisse mais.

UM2: Parecia como, como se eu estivesse sido abandonado, como se eu tivesse nada. Como se um pedaço meu não estivesse mais dentro de mim. Tinha meu trabalho, eu não tava muito legal, mas estava tudo dando certo. É... tinha minha casa, conseguia comer, conseguia comprar minhas coisas, conseguia fazer tudo o que tinha que fazer para sobreviver como todo mundo faz e fazer isso tranquilamente sem muita dor de cabeça. Mas o principal que me dava força pra continuar, pra enfrentar os problemas, pra ficar de pé, pra não ter que fazer... filtrar as coisas melhor forma, não tinha, que era o espiritual, que era ta ali dentro de uma casa conversando, e ajudando as pessoas da forma que eu sei ajudar, da forma que eu já fui ajudado. Então isso me fazia muita falta, como se eu tivesse sido abandonado. Como se um pedaço meu não estivesse mais dentro de mim, como se tivesse um vazio assim.

UM3: É... eu basicamente enlouqueci assim. Eu fiquei mega desorientado. Fiquei muito perdido. Tive... é... Eu já tenho tendência... é... já tenho ansiedade. E a crise de ansiedade era muito pior. De eu sair na rua andando sem eira nem beira. Eu sentia que tinha, não era uma cobrança, mas eu sentia que tinha alguma coisa que sempre me puxava pra tar melhor e eu não conseguia. Entrei num ciclo profundo assim de abismo, num buraco negro. E ai eu me sentia perdido assim, não tinha vontade de fazer nada, não tinha vontade de buscar nada novo... eu fiquei bem sem direção. Sem caminho, assim.

UF2: E eu acho que é o momento mais triste da minha vida. Você sente falta. Tinha um vazio gigantesco. E aí é... ta faltando alguma coisa, mas agora eu faço o quê? eu vou pra onde, eu vou procurar o quê? Vou procurar quem? Eu não tinha força pra nada assim, nem pra... no sentido de nem de querer acender uma vela, nem de procurar uma casa de nada nem de parar pra conversar com eles e falar: "o que que eu faço? Me dá uma luz, me ajuda.

Embora relate sofrimento intenso no período de afastamento, a UF3 pode ser uma exceção porque atribui o sofrimento à perda da irmã, o que ocorreu no mesmo período do seu afastamento da religião. Contudo, apesar de afirmar que não se afastou do terreiro machucada, uma vez que não recebeu ofensas diretas, não é

possível avaliar quanto do sofrimento é ou não resultado do afastamento, conforme segue:

UF3: Eu não saí machucada porque eu saí a tempo de não ser machucada, de não ser apontada. (...) Eu estava acessando toda a escuridão que eu tinha e que eu não tinha. Assim, vivenciando um escuro, vendo a minha irmã partir. Não estava, não estava indo em lugar nenhum. Não queria não me... eu não tinha nem estrutura naquele momento pra pensar em nada. A verdade que eu não estava pensando em nada. Só uma dor muito grande. Muito porque muito porque essa minha irmã é a irmã mais velha, ela me criou, chamava ela de mãe e toda vida ela foi minha companheira, minha melhor amiga.

Importante ressaltar que o sofrimento parece ter início no período de afastamento e após o mesmo até culminar no retorno. Portanto, no caso dos umbandistas entrevistados, o sofrimento parece ser uma consequência do próprio afastamento, não sendo gerado devido a situações externas, como perda de um relacionamento, falecimento familiar ou perda de uma figura de apego fora do contexto religioso.

5.1.2 Eixo 2: Relações pessoais no contexto de afastamento-e-retorno-à-religião

As relações pessoais desempenham papel crucial de todo o grupo na trajetória religiosa do afastamento ao retorno. É possível notar que a rede de apoio específica para cada participante inclui familiares, poucos amigos e pessoas da religião cuja presença se destaca como uma fonte significativa de suporte durante o afastamento e sentido e fortalecimento do senso de pertencimento à comunidade religiosa no processo de retorno.

Durante o afastamento, cada participante teve diferentes tipos e níveis de apoio social em suas jornadas:

UM1: Era bem pequeno. Poucas pessoas, mas sempre pessoas que tentavam me motivar. As pessoas que queriam me levar para baixo eu já ia colocando de escanteio também. Mas as poucas pessoas que eu tinha sempre queriam me alavancar. Eram pouquíssimas e são pouquíssimas até hoje, mas era sempre pra tentar me reestruturar.

UM2: É... então, meu círculo de amizades dentro, é... espiritualmente falando mudou, não tinha mais. Eu tinha na época um namorado que era de lá também, que continuou lá, tinha algumas 3, 4 pessoas que eu conversava assim... basicamente, e o restante do ciclo não tinha mais, a gente não tinha mais. Esse talvez era um dos motivos que me deixava mais triste, porque não tinha mais as pessoas que eu via todas as quintas-feiras, todas as terças, ou todos os sábados, que eu falava, que eu abraçava. Enfim, não tinha mais... embora eu tinha elas nas redes sociais, mas o contato não existia mais. (...) E aí foi quando eu decidi mesmo, mesmo contra muitos amigos que falavam: “não faça isso, não faça isso, não faça isso”; Foi quando eu decidi: “eu preciso voltar lá pra entender, eu preciso entender o que está acontecendo”. Mas ao mesmo tempo eles apoiavam porque eles sabiam que o espiritual pra mim era muito importante, então eles apoiavam mesmo não concordando.

UM3: Eu era... eu não tinha relações assim. Eu nunca, eu não gostava de falar com ninguém assim. Eu não tinha paciência para falar com as pessoas, eu era bem antissocial. Eu falava com meus amigos, assim, poucos amigos, com a minha família, e mesmo assim com eles eu não tinha saco para conversar. Eles começavam a falar da vida deles e eu começava: “ai que saco”. Eu queria ficar muito isolado assim. Muito muito sozinho. Então eu não tinha muita paciência.

UF1: Alguns amigos, a minha mãe, bastante suporte.

UF2: Quando eu parei de ir, ela não tava indo (UF1), meu marido não tava indo, meu amigo já tinha acabado de sair da casa também. E aí juntava todo mundo, parecia que ir dar a mão pra entrar todo mundo num buraco junto... É, acho melhor a gente ficar aqui e não fazer nada. E era muito essa coisa de um olhar pro outro e questionar assim: o que a gente vai fazer? Pra onde a gente vai?

UF3: É foi é um casal de amigos umbandistas. Um casal de amigos que também saíram. É... todos os dias estavam aqui segurando na minha mão e falando: vamos rezar, vamos orar, porque vai dar tudo certo... Nesse processo foi quando saímos, saiu junto um casal, né? Que ela é a psicóloga da minha filha e era do terreiro também. A gente tinha muita afinidade... E eles estavam fazendo os trabalhos pela minha irmã. Esse casal que abriu o terreiro agora em abril.

Em termos de rede de apoio, observando-se especificamente a jornada de retorno. No círculo familiar que envolve a UF2, UM3 e UF1, a UF2 foi a primeira a voltar, conforme relata:

UF2: Aí eu acabei achando essa (casa). Fui. Eles (UF1 e UM3) ainda continuaram sem ir. E ai agora ta todo mundo de volta.

Todos e todas contaram com a presença de pessoas da religião no processo de retorno:

UM1: E ai foi quando umas amigas minhas que vêm aqui (no terreiro) falaram: “vamos lá conhecer”. Eu relutava com medo de acontecer tudo de novo, porque a gente sempre tem esse medo. (...) A gente (UM1 e as amigas) tem um vínculo muito grande espiritual e pessoal.

UM2: Então, quando eu vi ele ajudando, depois que me contaram porque eu não lembro de tudo, me contaram o que tinha acontecido, eu vi que ele ajudou muito uma amiga, muito, que ela ficou muito agradecida, foi quando meus olhos voltaram a brilhar. Tipo assim: “eu não posso ficar longe, porque eu realmente tenho uma missão e eu preciso cumprir ela ajudando as pessoas e me ajudando. E eu não to me ajudando nesse momento e não é legal pra mim isso”. E ai logo na virada eu falei assim: eu preciso procurar uma casa e me inserir.

UM3: E eu sou uma pessoa que eu não me deixo levar assim pela, pela, ah, vamos, vamos, vamos fazer, vamos todo mundo junto, e vamos. Eu sou uma pessoa que só faço se eu realmente eu sentir dentro de mim, eu só vou se eu sentir. E foi uma coisa que eu fui sentindo, fui sentindo, fui sentindo e aquela, que é o atabaque tocado e aquele barulho ia, cada vez que ia, foi um processo bem lento assim, mas cada vez que eu ia eu me reconectava de novo, eu voltava a sentir fé de novo e acreditar. (Relatando o processo de acompanhar a esposa e amigos no retorno)

UF1: Então, ai, depois... é... eu conheci o UM1 e a gente conversou muito sobre a religião, a gente conversava bastante, e aí a minha irmã resolveu se iniciar no candomblé, conheceu esse culto que a gente vai hoje, que é os dois e ai eu voltei. Eu comecei a ir conhecer, comecei a ir tomar só um passe e voltei.

UF2: Ah grande parte das pessoas que eu convivo, né, são da religião. Só que foi no momento onde as pessoas mais próximas se afastaram também. Então era aquele momento que um olhava pro outro e falava: “tá, mas a gente vai fazer o que agora?” Porque eu passei por um momento parecido com esse onde minha irmã ela se afastou só que eu ainda continuava indo pra casa e aí eu falava: “não meu você vai”. De puxar ela e de ter aquela coisa. Quando eu parei de ir, ela não tava indo, meu marido não tava indo, meu amigo já tinha acabado de sair da casa também. E aí juntava todo mundo, parecia que ir dar a mão pra entrar todo mundo num buraco junto... É, acho melhor a gente ficar aqui e não fazer nada. E era muito essa coisa de um olhar pro outro e questionar assim: o que a gente vai fazer? Pra onde a gente vai? E se a gente não achar uma casa? Se a gente não achar nada. E aquela coisa de: “Ah não. Eu não quero mais”? Ou então: “Ah a gente pode ir só pra tomar um passe de vez em quando...” e não tem ninguém ali pra impulsionar.

UF3: Eu já tinha alguns irmãos que tinham saído né, da religião, estavam me dando todo o apoio que eu estava precisando naquele momento, né?”

No caso do UM1, UM3 e UF1 houve apoio familiar e de amigos da religião:

UM1: Amigos da religião, apoiaram. Amigos que não são da religião, tanto faz tanto fez, nunca opinaram quanto a isso. Meus familiares... minha mãe lógico gostou pra caramba, porque ela via que eu tava muito ruim psicologicamente. E quando ela viu que eu voltei para uma casa de axé, ela já fica mais contente. Sai daquela vida de esquecer a religião e ir só pra rolê e foca mais em uma coisa mais segura, sabe, coisa de mãe. Meu pai tranquilo também.

UM3: Meu pai, ele é devoto de Preto Velho, então, é... ele conta as histórias do que que ele viveu, o que ele passou, e sempre incentivou assim, minha família sempre me incentivou muito: ah você quer fazer isso? Então faz. Você quer fazer isso, tá legal pra você? Tá bom pra você? Então bora. Ah, como é que é? É assim, assim, assado? E a gente vai, é uma troca assim, tipo, o tempo inteiro eles me ensinam, mas o tempo inteiro eu também ensino eles.

UF1: Acho que sempre (recebo suporte da família). Eles são muito presentes.

No caso do UM2, a família não é próxima, e no caso da UF2, apenas uma parte não oferecia apoio:

UM2: É.. a minha família, especificamente, eu não sou muito próximo. Próximo assim né de dia a dia. Então com eles eu... continua a mesma coisa.

UF2: A outra parte da minha família não é da minha religião. No começo eu tive grandes atritos com eles por causa disso então no momento que eu parei de ir... diferente né? Os olhares de certa forma bem felizes. Agora, hoje eu acho que depois do tempo assim eles não falam mais nada. No começo foi bem complicadinho. Eles ficaram bem alegres assim de eu não estar mais dentro da religião. Mas isso acabou passando e ai depois a gente ficou pulando de galho em galho, procurando outras casas. Ai eu acabei achando essa. Fui, eles ainda continuaram sem ir. E ai agora ta todo mundo de volta.

Nos seguintes relatos verifica-se o papel fundamental da família para o UM3 e para as adeptas:

UM3: A gente criou uma amizade muito, muito grande assim. E antigamente eu tinha uma dependência muito grande dela, hoje em dia eu não tenho mais, mas eu acho que se eu perdesse essa... essa relação, eu acho que eu ficaria... como é que eu posso dizer? Não perdido, mas eu ficaria sem uma base, sabe? Quando a gente cria uma base tudo que tá em cima fortalece, e hoje eu tenho uma base, então seria como se eu tivesse... tudo que eu tivesse construído desmoronasse por conta de não ter uma base, assim, não ter uma relação de bases. Eu acho que seria isso. (Mencionando a esposa, a qual o levou de volta para a Umbanda.)

UF1: E aí a minha irmã resolveu se iniciar no candomblé, conheceu esse culto que a gente vai hoje, que é os dois e ai eu voltei. Eu comecei a ir conhecer, comecei a ir tomar só um passe e voltei.

UF2: Ele (meu sobrinho) gosta, ele pede pra ir. Ai você escutar ele pedindo pra ir e você falar: "não, eu não vou"...? Dói um pouquinho assim. Ai foi a hora que eu falei: "é... vai com calma, UF2, não é assim.

UF3: A minha irmã já tinha partido e eles estavam iniciando, ainda num outro espaço ainda não tinham alugado um canto fixo como tem hoje e eu... foi que a minha filha veio e falou assim: mãe se eles estão lá, porque que a gente não vai? Aí eu falei assim: você quer ir pra lá? Ela falou, quero. Aí na hora que ela falou isso eu peguei o telefone e falei: você me aceita na sua casa? Ele falou: filha, você é muito bem-vinda aqui, sempre foi.

Na tentativa de identificar as relações de apego dos entrevistados e entrevistadas verificando quais relações eram mais importantes e mais geravam conforto para cada pessoa, os entrevistados e entrevistadas foram levados a refletir sobre o que mais sentiram falta durante o afastamento e a quem recorriam em situações de adversidade, entre outras perguntas relacionadas a esse aspecto. Nos relatos coletados, todas e todos mencionam a importância das entidades:

UM1: Eu sempre sinto falta das entidades. Da casa em si... é o que eu falei, a casa é a estrutura que está lá para te receber, só que sem as suas entidades também você vai fazer o quê?" E adiciona: "Sempre (recorro ao) Exu. É o primeiro. Quando são coisas mundanas então, que ele vive no mundo, ruas, vielas e becos... eu recorro primeiro a ele. É como se eu tivesse falando com um amigo: "cara, e aí, o que a gente faz agora, o que eu faço agora?" Ele é o primeiro que eu recorro." E ainda diz: "Mas acho que na época (do afastamento) eu tinha um apego maior com meu caboclo, que é o Índio, que é o de direita que a gente chama, que era um apego maior que eu tinha. Foi o apego... acho que foi a dor maior, que foi ficar esses 4 anos sem incorporar ele. Fora todos os outros, Baiano, Boiadeiro, Preto-Velho, Criança, Exu, Pomba-Gira. Mas acho que o caboclo... Porque ele é o início de tudo dentro da casa de umbanda. Ele é o primeiro. Lógico que a gente sabe que o primeiro de tudo é o Exu. Só que tecnicamente você conhece primeiro seu caboclo para depois conhecer todas as entendidas, porque é ele que te leva a conhecê-las.

UM2: Que eu voltaria para o espiritual eu tinha certeza, porque eu não tinha a capacidade de ficar sem eles (as entidades). Eu sei que parece uma dependência muito grande, e realmente é uma dependência muito grande.

UM3: O que eu mais senti falta, eu acho que foi... ah, eu falo que é o abraço de uma entidade, mas é porque quando a gente incorpora a gente está envolvido. É como se a gente estivesse no colo da nossa mãe, sabe? A gente volta pro colo assim da nossa mãe.

UF1: Eu sentia muita saudade da minha cabocla, dos caboclos. Eu sentia muita falta.

UF2: Eu acho que eu sentia falta de alguma coisa, das entidades, de receber um abraço, escutar que: 'não, ta tudo bem. Você não ta sozinha' (chora).

UF3: Normalmente a entidade que eu camboneava, né, por muito tempo fui cambona das entidades do meu companheiro. Então eu falava muito com o Caboclo. É... pras orientações.

Os pais e mães de santo também parecem ter desempenhado um papel fundamental, inclusive na decisão de afastamento de cada participante e em seu sofrimento. Sua importância pode ser entendida a partir da explicação do UM1 e percebida no relato do UM2:

UM1: Toda casa que a gente frequente sempre tem uma ou duas pessoas que a gente é mais apegado. Só que ainda não é tudo, porque se não é o dono ou a dona da casa, o dono, dona que a gente chama é o babalorixá e a ialorixá, se não tem essa receptividade deles, qualquer outro irmão não vai conseguir te ajudar. Porque a gente precisa... dentro de uma casa tem uma hierarquia. Se a gente não tem perto dessa hierarquia essa proximidade e a gente só tem o pessoal, vamos dizer assim, o pessoal debaixo igual a você, você não consegue se manter.

UM2: Pra você ter uma ideia no nível de entrega que eu tinha por ela (mãe de santo) e de amor... até hoje eu amo muito ela inclusive... é... de amor que eu tinha por ela e tudo mais e de confiança e aquilo me machucou muito e eu ficava sonhando com ela repetidas vezes... e com a casa também.

A maioria dos entrevistados e das entrevistadas umbandistas parece ter desenvolvido uma relação de apego com a liderança e outros adeptos antes dos

conflitos que levaram ao afastamento, sendo que todo o processo parece ter contribuído com a intensificação no envolvimento religioso e no apego às entidades após o retorno, como pode ser observado nos seguintes relatos:

UM1: Hoje eu acho mais forte essa busca. Esse comprometimento, porque eu voltei com tudo. (...) Eu não aguento mais ficar sem isso. Sabe... sem essa galera, sem essas coisas, sem esse movimento, é um movimento material que traz o pessoal. Então eu não consigo viver sem isso mais.

UM3: Eu não troco o sábado por nada. É muito raro agora eu trocar um sábado. Ai, vamos, sei lá, fazer qualquer coisa. Não. Quero ta no terreiro. Quero ta no terreiro pelas pessoas, mas eu quero ta no terreiro pelas entidades. Elas sempre... eu sempre sei que elas têm alguma coisa pra dizer, sabe? Eu acho que eu nunca mais vou querer não estar.

UF1: Hoje minha fé é maior porque hoje eu vi o que eles podem fazer, eu vi o que eles fizeram na minha vida, eu vejo o que eles fazem na vida das pessoas. Então hoje a minha fé é muito maior do que era antes.

UF2: E acho que agora se acontecesse mais uma vez de eu sair da casa ou coisa do tipo, eu acho que eu não agiria como eu agi antes de jogar tudo pro alto e falar assim: "Ai, deixa". Mesmo que eu não achasse outra casa pra ficar assim, eu acho que eu não teria mais essa atitude de falar que é jogar tudo pro alto e não querer saber mais deles. Mesmo que eu tivesse que me cuidar, ou ir tomar um passe uma vez ou outra. Eu acho que isso continuaria. Eu não teria mais a atitude de querer largar tudo, abrir mão de tudo e de abandonar tudo, porque fica um vazio né, fica um buraco.

UF3: Eu sou uma das bases do templo atual.

Além disso, destaca-se como as entidades dão sentido ao período de afastamento e proveem orientação para o retorno e estimulam o sentimento de pertencimento. Em alguns casos, elas influenciam diretamente o processo de retorno a partir de suas orientações, instruções e acolhimento, segundo os relatos:

UM1: Mas a primeira vez que eu pisei aqui, depois de tudo isso que aconteceu, meu Exu veio. Ele foi explicando por que estava acontecendo tudo aquilo. E igual eu falei muita coisa aconteceu por causa de mim, porque eu ficava relutando para entrar em uma casa. Eu ficava pensando em desistir de tudo, jogar tudo fora. (...) É a decisão final mesmo (de retornar) foi ter as 4 entidades... não, foram 3: o Exu e 2 Pomba-Giras minhas que vieram e falaram: “ou volta ou você vira um igual a nós, um escravo de nós”. Quando eles falam isso é porque tecnicamente você está à beira da morte, porque você está se entregando para algo que não é correto, vamos dizer assim. Se entregando para uma vida que não é correta. E eu via isso. Não levava mais uma vida de... porque não existe uma vida assim certinha, mas existem lugares e coisas que você tem o discernimento que são corretos ou não de fazer. Então eles falaram praticamente isso: ou você se localiza dentro de um plano espiritual ou você vira um escravo de nós. E ninguém quer virar escravo de Exu ou Pomba-Gira.

UM2: E aí trouxe minha entidade e foi quando ele falou que ainda não era o tempo de eu ir embora, que ainda era o tempo, que ali ainda era a casa dele, que seria a casa dele e quando fosse a hora ele ia me mostrar que fosse a hora e aí aquilo me colocou no chão e aí eu fui voltando, e voltando e voltando até me inserir novamente. Foi nesse momento que eu percebi: “preciso estar lá novamente” e aí depois não larguei mais. risos.

UF1: Tava com muito... tava com medo né do que eu ia ouvir, do que ia acontecer. Mas foi muito bom para mim, porque quando eu retornei, retornei na esquerda, retornei com a minha pomba-gira. E foi muito bom.

UF2: Eu não vou mentir pra você foi uma época que eu tinha falado que eu ia largar tudo, ia abandonar tudo, e lembro que eu fui uma vez numa gira e eu acabei trazendo o meu caboclo e ele me falou que eu tinha que estar lá não só por mim, mas pelo meu sobrinho também.

Pode-se considerar que, para além das relações e engajamento pessoais, o sentimento de pertença é reforçado/se ancora também na suposta fala das próprias entidades, conforme relatos já expostos, como: “o Exu e duas Pomba-Giras minhas que vieram e falaram: ‘ou volta ou você vira um igual a nós, um escravo de nós’” (UM1); “e aí trouxe minha entidade e foi quando ele falou que ainda não era o tempo

de eu ir embora” (UM2); e “eu acabei trazendo o meu caboclo e ele me falou que eu tinha que estar lá” (UF2).

De fato, o sentimento de pertença parece desempenhar um papel fundamental no processo de retorno. Esse sentimento é claramente exposto na motivação do retorno de todos os indivíduos:

UM1: Toda essa energia. De ter de volta essa energia. De sentir esse prazer de volta. De estar em uma casa e: “oh, tem que arrumar tal coisa” ou não sei o que lá. E sair daqui cansado. De ter participar de obrigação. De tudo isso. Isso é o que me motivou. (...) Eu gosto muito de participar das atividades, gosto de ensinar, gosto de aprender, de conversar, cantar, fazer as coisas. Porque não é só limpar, mas tem coisas que a gente faz na cozinha, tem coisa que a gente faz no... eu gosto de tudo isso. Então a importância é extrema. É muito importante para minha vida. Porque tudo o que a gente faz dentro de uma casa de axé você tem que transportar para sua vida pessoal, lá fora. Não que você tenha a vida no axé e a fora do axé. Não! É uma vida só. Só que aí tudo vai ligando lá pra fora. Igual: uma vida em comunidade... como você leva isso lá pra fora? No trabalho em equipe... porque aqui é tudo em equipe. Não existe o individual, o sozinho. Existe uma comunhão. Então tudo o que você aprende aqui você leva e transmite lá fora.

UM2: Eu tenho que estar inserido de uma forma ativa, sabe? Eu preciso me sentir ativo dentro de uma casa, dentro de uma religiosidade, pra eu saber que minha espiritualidade está servindo pra alguma coisa, pra alguém, é... pra mim, é muito latente essa necessidade. Eu sabia que em algum momento eu ia voltar pra alguma atividade, pra alguma casa voltada para a espiritualidade. (...) Esse talvez era um dos motivos que me deixava mais triste, porque não tinha mais as pessoas que eu via todas as quintas-feiras, todas as terças, ou todos os sábados, que eu falava, que eu abraçava. Enfim, não tinha mais...

UM3: Eu acho que quando a gente tá num lugar que a gente tá confortável, num lugar que é uma rede de apoio, né? Que a gente tem também, que a gente tá com pessoas que fazem a gente ta bem. Eu acho que a gente amolece, né? Que é a pedra tanto bate até que fura. Então a gente acaba amolecendo e deixando as pessoas entrar na sua vida. Deixando as entidades entrarem na sua vida. (...) Eu acho que o meu maior apego... nossa, pergunta difícil essa. É lembrar que a

gente nunca tá sozinho assim, tipo, é... a religião ela faz com que a gente crie um ciclo de pessoas, né, e um depende do outro. E acho que é isso que me faz eu sempre me apegar assim, que eu acho que quando uma pessoa a sua volta cai você cai um pouco junto com ela. Então acho que isso faz com que as conexões das pessoas, né, quanto... é, é o mesmo lugar, mas o quanto cada pessoa bate de um jeito diferente e cada pessoa se conecta com você desse jeito diferente. Eu acho que é isso que faz eu... que me pega assim, quando eu... Portanto quando eu entrei a primeira vez, quando eu voltei de novo, quando você tá dentro de um terreiro que você vê uma gira acontecendo com aquele círculo fechado, aquelas pessoas interligando pra outras pessoas que elas não conhecem, cada um dando um pouquinho da sua energia e fazendo aquela caridade, né? Eu acho que é muito bonito assim, tipo assim, você fala assim, não tem como não falar, não dá mais, sabe? Tipo, é aqui mesmo, é o chão que eu vou pisar e é onde eu escolhi estar, sabe?

UF1: Eu via, quando eu ia lá tomar um passe, eu via que eu fazia parte daquilo, mas eu não tava mais ali dentro. Eu queria tá ali de novo. Então, a falta deles, a consciência da missão que eu tenho dentro da religião me fez voltar.

UF2: Mulher, aquilo te chama. É uma coisa que te chama e eu não.. a gente tem as nossas entidades também. E é uma coisa que a gente... eu respeito muito. Eu não vou mentir pra você, eu já tive pequenos surtos de olhar pro meu pai de santo e falar: “quer saber, eu não vou ficar mais. Eu não quero saber mais e tchau”. Mas é coisa que dura meia hora e só o estresse diário assim a sair e eles falarem: “não, você não vai sair, porque eu escolhi essa casa e você vai ficar aqui pelo tempo que tiver que ficar, pela missão que tiver que cumprir aqui com as outras pessoas ou com você mesmo.” E a gente fica.

UF3: A primeira foi um processo de primeiro, me sentir em casa.

A sua maneira, cada participante enfatizou a influência do sentimento de pertencimento sob sua própria perspectiva. O UM1 ressaltou a importância de se sentir conectado e integrado, descrevendo a sensação de estar em casa e participar ativamente das atividades religiosas. O UM2 destacou a necessidade de se sentir ativo e inserido na religiosidade, buscando um propósito, significado e ser útil para si e para o outro. O UM3 enfatizou a sensação de conforto e apoio na rede de

relacionamentos que interliga e ajuda pessoas, descrevendo-a como “o chão que eu vou pisar” e “onde eu escolhi estar”. A UF1 relata o desejo de retornar e integrar novamente a comunidade, bem como o compromisso e vínculo estabelecidos com a casa religiosa e sua missão. No relato da UF2 o sentimento de pertencimento é evidenciado pela sua disposição em permanecer na casa religiosa, mesmo diante de desafios e estresse, motivada pela crença de que ela foi escolhida e tem uma missão a cumprir com as outras pessoas e consigo mesma. Por fim, a UF3 expressa o sentimento de se “sentir em casa” e pertencer ao grupo religioso.

Destaca-se nos relatos a importância da caridade e da consciência da missão religiosa como elementos essenciais do senso de pertencimento. Não se trata apenas de se sentir conectado(a) e apoiado(a) na comunidade religiosa, mas também de se envolver ativamente, ajudando outras pessoas, o que confere significado e motivação para permanecer e retornar à comunidade religiosa.

Importante notar que os elementos da religião caridade e troca social e a coerência entre discurso e conduta religiosa são aspectos importantes tanto na influência para o afastamento, quando não praticados, quanto no processo de retorno, quando lembrados.

5.1.3 Eixo 3: Padrões de apego no contexto de retorno à religião

A partir da categorização dos tipos de apego proposta por Ainsworth et al. (1978) e Bowlby (1988), cujo detalhamento encontra-se no Quadro 1, no item 2.1 do Capítulo 2 desta dissertação, a identificação dos estilos de apego dos participantes foi feita por inferência a partir de sua narrativa (autorrelato) acerca de seus modos de relação interpessoal.

No grupo de umbandistas entrevistado é possível verificar a presença predominante do estilo de apego inseguro, o que pode ser verificado a partir de trechos da entrevista, conforme consta no Quadro 6:

Quadro 6 - Estilo de apego inferido para cada umbandista a partir de seu relato.

Código	Estilo de apego inferido	Questões	Trechos das entrevistas
UM1	Ansioso	<i>Como você se sente quando estabelece proximidade com alguma pessoa?</i>	"Aí eu já fico naquele: tudo que eu te dou eu quero de volta. Aí quando eu não começo a ter, isso ou pode me bloquear ou me deixar muito triste."
		<i>Como é seu nível de ansiedade em perder proximidade com as pessoas?</i>	"Muito grande."
		<i>Com qual frequência você pensa e se preocupa que você pode perdê-la?</i>	"Todo segundo (risos). A partir do momento em que você perde um, você acha que não vai ser capaz de ter mais nenhum. Então você fica nessa cobrança pessoal e na cobrança do próximo que não é certo. Que é onde eu mais perco."
UM2	Ansioso-evitante	<i>Você se sente à vontade com intimidade?</i>	"Não, não (risos). Eu sou canceriano, então eu já tenho um problema emocional que pra mim tudo pega muito mais pesado, é tudo mais intenso. E antigamente eu já cheguei a sofrer muito por me dar muito, por me abrir muito por ser muito com as pessoas, e ai foram fazendo coisas como essas por exemplo que foram me dando murros e hoje em dia eu não consigo me abrir. Eu vou lá, converso, tudo mais nã nã nã, mas tenho uma dificuldade muito grande de me abrir, de falar sobre meus sentimentos, de me abrir totalmente. Eu sempre acho que as pessoas não vão me entender ou se me entender vão me interpretar mal."
		<i>Como você se sente confiando em outras pessoas?</i>	"Vulnerável demais (risos). Me sinto assim... essas pessoas que eu amo, confio, espero não me decepcionar. Mas eu me sinto vulnerável, sinto que essas pessoas têm armas suficientes

			<p>para acabar comigo qualquer hora que quiser, entende? E não de uma maneira... ah sim, de uma maneira ruim também... sim eu me sinto vulnerável... com essas pessoas que eu confio eu me sinto vulnerável, mas acolhido. Tipo assim: aí se der algum, amanhã ou depois, acontecer algum problema e a pessoa ficar muito louca, sei lá o que acontecer, pode me chatear muito. Falo acabar comigo, deixar muito triste, muito mal, muito magoado, né?”</p>
		<p><i>Qual seu nível de ansiedade, de preocupação em perder proximidade nas suas relações?</i></p>	<p>“Nossa! Muito grande (risos). Me dá ansiedade só de imaginar (risos). Muito grande! Eu tenho, é... eu sou muito apegado. Muito. Dá pra perceber. Acho que eu percebo nas conversas como eu sou apegado (risos). Eu sou muito apegado a situações, pessoas e as relações. Então quando acontece... é... quando fica visível algum tipo de rompimento eu sofro muito. Muito, muito, muito, muito, muito, muito. E quando eu falo sofrer muito é doer... é como se doesse no coração assim, como se machucasse. E ai esse processo às vezes é mais longo, ou mais curto, mas eu fico muito mal, tenho ansiedade horrores, começo a não dormir direito, a não comer direito, enfim eu fico muito muito ansioso. Já tive até alguns ataques, ataques assim: alguns picos de ansiedade quando o caso foi se afastar de alguém.”</p>
		<p><i>Você já teve medo de rejeição?</i></p>	<p>“Boa pergunta. Eu acho... (pensa e ri). Essa foi grande. Eu acho... que eu já tive. Já tive medo de rejeição. Não é algo que me move. Acho que inclusive nesse trabalho agora que eu to, eu fiquei com muito medo de entrar e saber o que ia acontecer. E as pessoas não forem com a minha cara... Não, sim. Já, sim... Eu fui assim tentando buscar na mente, sabe? Mas já, sim. Mas não é algo que me move todos os dias. Eu vou mesmo com medo. Eu sou meio “to nem aí”. Mas já sim.</p>

			Mas não é algo presente a ponto de me inibir de certas atitudes, mas é algo presente sim, que eu já senti.”
UM3	Ansioso	<i>Como você se sente quando você está construindo intimidade com alguém? Você se sente bem com intimidade?</i>	“Eu me sinto, isso é importante. Eu acho que quando eu tô construindo ela com alguém que eu queira que isso seja duradouro, enfim, é, a intimidade ela é essencial pra você conhecer um pouco mais do outro e essa pessoa conhecer um pouco mais de você. Acho que é a troca que é necessária. Então eu acredito que é válido, sim.”
		<i>E a preocupação de perder essas relações, ela existe?</i>	“Ah, bastante. Hoje, existe. Antigamente, eu não lembro, mas hoje, tipo, é você ter... é... feito relações incríveis é... dá medo de perder assim, mas eu sempre fui uma pessoa que, independente do tempo, enfim, independente do quanto eu vejo a pessoa, se eu vejo menos, se eu falo menos, pra mim é sempre, quando eu vou ver ela é sempre uma novidade e é sempre a mesma coisa ao mesmo tempo.”
		<i>Você já teve medo de ser rejeitado, de rejeição?</i>	“Ah, o tempo inteiro. Até hoje eu tenho medo de, de, de, de rejeição assim. Eu acho... eu sou uma pessoa que eu, eu sou muito carente de atenção, eu quero o tempo inteiro ter atenção, quando eu tô com alguém, conversando com alguém, eu quero essa atenção. E quando essa pessoa, ela, às vezes ela não me dá atenção, eu fico: será que eu fiz alguma coisa? Será que eu fiz alguma coisa errada? Será que o problema sou eu? E nem sempre o problema sou eu. Porque a pessoa tem um jeito de ser. E hoje em dia eu fui conhecendo várias pessoas de vários jeitos diferente e elas me ensinam o tempo inteiro sobre essa... esse negócio da atenção. Porque pra mim é muito importante assim você ter essa

			atenção o tempo inteiro. Está tudo bem não ter atenção o tempo todo, até às vezes eu não consigo dar atenção pras pessoas e como é que eu posso cobrar uma atenção que eu não vou dar? É. Então é mais tranquilo assim.”
UF1	Ansioso-evitante	<i>Como você avalia sua predisposição em se abrir ou não... se conectar ou não com outras pessoas?</i>	“Já foi mais fácil assim. hoje é só com as pessoas que eu já tenho relação. De abrir, de falar alguma coisa. Muitas vezes eu nem falo para eles as coisas que eu passo. É mais mesmo com as minhas entidades. Mas de abrir, de confiança, é só com quem já está há muito tempo na minha vida mesmo.”
		<i>Como você lida com o medo de você se ferir numa relação?</i>	“Hm muito! Depois do que eu passei ainda muito, muito, muito. Por isso que eu evito.”
		<i>Como você avalia seu nível de ansiedade ou preocupação em perder proximidade nas suas relações?</i>	“Sim. Eu tenho muito medo de perder as pessoas.”
UF2	Ansioso-evitante	Você diria que você se sente à vontade criando intimidade com as pessoas?	“100% não. Eu ainda tenho um... presinhos assim. Não é todo mundo que eu consigo criar tanta intimidade e me sentir tão à vontade a ponto disso. Não é 100%.”
		<i>E quando você precisa confiar, se apoiar, contar com alguém, você se sente bem?</i>	“(risos) eu brigo até dentro de casa por não me abrir totalmente, por não me apoiar totalmente. E falar: “olha, saindo daqui eu preciso de ajuda”. A briga é até dentro de casa. É bem... de falar assim: “olha tem umas casquinhas aqui meio de ferida que ta saindo aqui, ta machucando”... pra eu falar leva um tempo.”
		<i>E como que você lida com medo de você se ferir numa relação?</i>	“Eu acho que tento colocar uma capa, sabe? Uma pedra, assim, e falar assim: “não, está tudo bem”. É o meu peito de aço, a UF2 é forte. “Ah

			nada me abala, vou mostrar pra ninguém que machuca, que ta doendo, que eu vou sofrer, nada disso". É só uma capa. Por dentro ta aquela coisa tipo água caindo, sofrendo eternamente, mas não baixo a guarda em momento algum."
		<i>Como você avalia o seu nível de ansiedade e preocupação em perder proximidade nas suas relações?</i>	"Perder proximidade? Sou muito seletiva com isso, tá? Tem pessoas específicas que eu me preocupo muito de perder proximidade. Dá uma abalada assim. Agora tem outras pessoas que eu supero. São escolhas tanto minha quanto da outra pessoa. Se ta perto bem, se não tá perto tudo bem. Acho que é muito melhor não fazer nada forçado. fica aquela coisa por obrigação, pra fazer uma média. Então não tenho essa preocupação gigantesca com todo mundo. Existem bloquinhos de... que eu falaria: "opa, vai mexer muito comigo se a gente perder essa proximidade". Do contrário... (dá de ombros)."
UF3	Ansioso	<i>Você sente que tinha algum tipo de insegurança nas suas relações?</i>	"Com certeza. Com certeza. (...) Eu acho que... não sei se a insegurança fazia eu doar demais e ganhar de menos."
		<i>Você tem algum tipo de ansiedade quando você está nas suas relações, de perder é, proximidade, intimidade com a pessoa? Em relacionamento.</i>	"Eu sempre tive muito medo de perder. De perder. Isso é uma coisa assim. Eu sou ciumenta, eu sou apegada"
		<i>Nas suas relações, você é já teve medo de rejeição?</i>	"Rejeição é a palavra que mais me assusta. Mas eu tenho ela. Tenho. Ainda é um bichinho que eu não quero mais alimentar, mas ainda estou trabalhando, né?"

A predominância do estilo de apego inseguro é confirmada na análise da variabilidade/concordância interobservador. O quadro 7 expõe as conclusões dos juízes independentes em comparação com a análise previamente apresentada pela

entrevistadora. Nele, é possível observar a ocorrência de apenas uma sugestão de estilo de apego seguro atribuída ao participante UM3.

Quadro 7 - Estilo de apego inferido para cada umbandista na análise da variabilidade/concordância interobservador.

Umbandistas	Análise da pesquisadora	Análises 1a, 2a, 3a	Análises 1b, 2b, 3b	Análises 1c, 2c, 3c
UM1	Ansioso	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante
UM2	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante
UM3	Ansioso	Seguro	Ansioso	Ansioso
UF1	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante	Evitante	Ansioso
UF2	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante	Evitante	Ansioso-evitante
UF3	Ansioso	Ansioso	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante

A partir dos comentários registrados individualmente pelos juízes colaboradores na análise de conteúdo, identifica-se em especial a complexidade no processo de diferenciação entre as variações de estilo de apego inseguro.

No caso do participante UM1, os juízes destacaram a dificuldade em categorizar seu estilo de apego entre ansioso e ansioso-evitante. Um deles justifica sua decisão a partir de duas principais variáveis percebidas no discurso do participante e consideradas na análise: “o medo de se abrir para a intimidade novamente, e uma resistência a se permitir ter essa intimidade”.

A respeito do UM2, caso em que os resultados das análises coincidem, um dos juízes enfatiza a presença do “movimento de esquiva quando frustrado em sua expectativa quanto a mãe-de-santo” em contraste com a “necessidade de participar da religião e dos afetos e laços que ela traz”. Ele afirma: “Desse modo, me parece transitar entre uma busca intensa por afeto e uma ruptura e esquiva quando não correspondido.”

O participante UM3 foi o único a receber a inferência de estilo de apego seguro por um dos juízes em contraste com três inferências de estilo de apego inseguro ansioso. Em sua justificativa, explica que “embora na narrativa o sujeito se considere uma pessoa ansiosa e com medo de rejeição, ele se entrega a experiência da religião e confia que ali terá sempre o acolhimento desejado”. Os demais juízes, no entanto,

ressaltam “o sofrimento no período de afastamento, e o desejo pelo apoio e aprovação do outro”, e por aparentar ser uma pessoa “claramente insegura e, apesar de ter evitado por anos a participação na religião, voltou a participar por considerar a necessidade de apoio, mais que o temor do rompimento”.

Embora não haja uma concordância quanto à variação do estilo de apego inseguro inferido à participante UF1 entre os juízes, é unânime em todas as avaliações a presença do estilo de apego inseguro. O trecho destacado pelo juiz que inferiu o estilo de apego ansioso-evitante em concordância com a pesquisadora é: “eu tenho muito medo de perder as pessoas.”

Quanto à participante UF2, por sua vez, é destacada por um dos juízes a presença de “desejos conflitantes” explícitos no trecho: “pulando de galho em galho... Eu não agiria como eu agi antes... não sou muito sociável... Eu sentia falta de alguma coisa, das entidades, de receber um abraço, escutar que: 'não, tá tudo bem. Você não tá sozinha...’” Contudo, o juiz que inferiu seu estilo de apego como sendo evitante justificou sua escolha a partir do discurso da participante cuja tônica parece basear-se em um “exercício de distanciamento” como forma de autoproteção.

Quanto ao estilo de apego de UF3, apesar de não haver uma unanimidade nas inferências, os juízes apresentaram o mesmo aspecto como base para suas decisões: o medo excessivo de rejeição. Além disso, um deles destacou que, “embora ela se relacione com as pessoas, procura auxiliar, se colocar na relação, se considera uma ‘amiga ausente, mas presente’ – uma ambivalência entre estar próxima e não estar”.

Dessa forma, considerando o cenário e circunstâncias do afastamento-e-retorno-à-religião, o estilo de apego identificado de maneira predominante no grupo é o estilo de apego inseguro. Cada participante parece utilizar recursos para se proteger emocionalmente de perdas e decepções e, possuindo um círculo de amigos e familiares que considera pequeno, parece valorizar muito as relações e apresentar inseguranças e visões negativas de si.

O grupo de umbandistas enfrentou uma ruptura significativa e não desejada/planejada com sua comunidade religiosa devido a conflitos com a liderança, que resultaram em decepções e sentimentos de desamparo. A figura da liderança parece desempenhar o papel de figura de apego para essas pessoas e o rompimento desse laço somado à saída indesejada da comunidade, com o afastamento das atividades religiosas e perda da rede de apoio, levaram ao enfraquecimento do sentimento de pertencimento e a um impacto negativo na visão sobre si e sobre os

outros. Esse rompimento causou uma fragilização emocional intensa, que culminou no sofrimento durante o período de afastamento, afetando a relação com as entidades e gerando uma rejeição parcial à religião. Evidencia-se aqui que o vínculo com as entidades está condicionado à qualidade das relações humanas pelo menos até o retorno.

Contudo, com o suporte de sua rede de apoio, que é formada por pessoas da religião, e com a aparente ausência de uma figura de apego suficientemente significativa durante o afastamento, esses indivíduos encontraram uma maneira de retornar à comunidade religiosa, devido ao resgate do senso de pertencimento, endossado pelas orientações das entidades. Essa relação de apego, portanto, parece ocorrer a partir da hipótese de compensação.

O retorno é marcado pelo fortalecimento do apego às entidades, que parecem assumir o papel de figura de apego após o retorno. O pertencimento também ganha força a partir de uma conexão profunda com o grupo, envolvimento em atividades religiosas, pelo senso de missão e prática da caridade, que parece contribuir com o processo de regular as necessidades de apego, as visões sobre si e conferir sentido e propósito.

5.2 Entrevistas com evangélicos pentecostais

As entrevistas com o grupo de pentecostais ocorreram de maneira online e presencial, conforme escolha e local de preferência de cada participante, e tiveram duração de meia hora a uma hora e, da mesma forma como foi feito com cada umbandista, o grupo de pentecostais teve a oportunidade de relatar suas histórias e percepções sobre o período de afastamento-e-retorno-à-religião enquanto a pesquisadora conduzia a conversa a partir da realização de perguntas do roteiro ou relacionadas, conforme pode ser observado na íntegra das entrevistas no Apêndice D.

O quadro a seguir contém um resumo de todas as para conhecimento, em linhas gerais, da história de vida relatada de entrevistado e entrevistada pentecostal:

Quadro 8 - Resumo da história de vida de cada participante pentecostal.

Código	Resumo da história de vida relatada
EM1	<p>Foi criado pela avó, pois a mãe não era muito presente. A avó foi contra a primeira conversão, que aconteceu logo após uma desilusão amorosa, sendo o primeiro de sua família a aceitar Jesus, aos 19 anos. Alguns anos depois, em outro relacionamento, fornicou e foi desprezado pelos irmãos da igreja devido ao pecado. O desprezo o fez se afastar do templo para viver sua vida longe da religião. Em um ano, tudo começou a dar errado, perdeu o prazer de estar fora, sentiu falta do templo e resolveu voltar para sua figura de apego: Cristo. Atualmente, não tem amigos na igreja. Continua frequentando, mas reduziu a intimidade com as pessoas devido a decepções anteriores. A esposa já o traiu, momento em que mais se apegou a Deus. E se mantém firme nas promessas que lhe foram feitas anos atrás, durante a conversão. Apesar de dizer-se “firme”, também diz que seu envolvimento nas atividades religiosas é menor agora, alegando que não deixa de trabalhar para estar presente na igreja. Parece ser por causa do envolvimento com as pessoas, o qual ele menciona em algumas ocasiões. Parece possuir o estilo de apego inseguro ansioso.</p>
EM2	<p>Foi abandonado pelo pai e criado apenas pela mãe, católica, que sempre trabalhou muito. É distante do restante dos familiares, dando indícios em suas falas de que sempre passou muito tempo sozinho e demonstrando a falta de uma rede de apoio que o levou a ter uma vida, inclusive social de sair bastante e “farrear”, que não lhe agradava. Sua primeira conversão se deu devido à influência da namorada, aos 19 para 20 anos, mas não gostava da igreja. Ao término do namoro, se afastou e logo começou a sentir que faltava algo em sua vida. Recebeu um convite de uma professora, alguém com quem conversa bastante, e resolveu voltar. Gostou da igreja, diz ter sido muito acolhido pelas pessoas e liderança da igreja e agora demonstra uma intensidade religiosa. Existem pessoas evangélicas em sua rede de apoio. Apresentou um estilo de apego inseguro ansioso durante a conversa.</p>
EM3	<p>Parece apresentar um perfil de apego inseguro evitante. Sempre teve problemas com os pais e sempre passou muito tempo sozinho. Tornou-se Testemunha de Jeová aos nove anos para contrariar os pais. Seu refúgio e pouca ajuda que obteve teve relação com a religião (Sérgio, uma figura de apego da adolescência, a professora adventista, que o ajudava etc) na juventude. Se aproximou da religião evangélica aos onze anos devido à influência do Sérgio, um pregador, que o valorizava. Saiu porque sentiu-se preterido pelo Espírito Santo alguns . Usuário de drogas, viu sua vida indo para um caminho que não o agradava. Quando começou a enfrentar problemas e o medo de não ser um bom pai, voltou-se para uma igreja que considerou “bonita” e hoje sente confiança no pastor e nas pessoas da igreja, as quais tem contato próximo. Diz ter ganhado uma família.</p>

EF1	<p>Não se lembra a primeira vez que entrou na igreja. Ia porque a mãe ia até que começou a crescer e gostar, da comunhão com os amigos, da leitura etc. Começou a se afastar naturalmente com 18, 19 anos. Entrou na faculdade e outras coisas aconteceram em sua vida. Tinha amigos de todas as religiões e estava descobrindo novas filosofias e formas de ver o mundo. A família não apoiou a saída. Sentiu muita falta da música e das práticas na igreja, procurando sempre algo para preencher/suprir a lacuna que ficou. As pessoas começaram a convidá-la a voltar e ela aceitou sete anos depois porque sabia que a mãe ficaria feliz. Seu estilo de apego parece ansioso.</p>
EF2	<p>Sempre teve uma relação muito distante com os pais. Relata a falta de carinho e de suporte emocional da infância, que pode ter contribuído para o desenvolvimento de um apego inseguro ansioso. Acredita ter se tornado uma pessoa fraca emocionalmente como consequência. Passou a ir para a igreja aos 20 anos por querer a felicidade que observava de fora na comunidade religiosa. Apegou-se aos pastores da igreja a ponto de transitar para outra denominação com eles. Sentia-se útil e pertencente a partir do exercício de várias atividades e responsabilidades no ministério. Começou a namorar com uma pessoa que qualificou como tóxica e passou a questionar os líderes até se afastar, por volta dos 27 ou 28 anos. Foi morar com uma amiga antiga, terminou o relacionamento e decidiu se afastar para viver a vida em liberdade. Sentia-se culpada por pecar e, mesmo em afastamento, continuou visitando a igreja. Foi um período de altos e baixos, com crises de ansiedade e instabilidade emocional. Relata se apaixonar e ficar obcecada pelas pessoas com as quais se envolvia facilmente (dependência emocional). Resolveu retornar quando aconteceu uma situação grave com sua mãe. Deixou o namorado. Sente-se forte e relata possuir uma boa rede de apoio na igreja.</p>
EF3	<p>Frequenta a igreja desde criança por influência de uma mulher da Assembleia de Deus que levava as crianças da sua rua para a igreja. Na adolescência preferiu transitar para a igreja católica onde ficou até decidir se desvincular totalmente da religião aos 18 anos. Casou-se e, um ano após engravidar, 22-23 anos, teve uma briga com o marido e decidiu aceitar um convite insistente de visitar uma igreja na tentativa de recorrer a Deus para salvar o casamento. Decidiu afastar-se há quatro anos, aos 34 anos, quando machucou o tornozelo e sentiu-se sem o suporte da comunidade religiosa. Isso lhe gerou uma decepção com relação aos líderes e a igreja. Durante esse período, continuou lutando contra a depressão e a ansiedade, até ver uma live do filho da mulher assembleiana, sentir-se culpada e decidir visitar a igreja próxima a sua casa. Ali, relata ter encontrado uma comunidade acolhedora e disposta a ajudá-la e intensificado sua busca religiosa. Embora afirme que sua família sempre esteve presente, apresenta um estilo de apego inseguro ansioso.</p>

De modo geral, percebe-se motivos diferentes de afastamento entre o grupo de pentecostais entrevistados e o de umbandistas. No caso dos pentecostais, dentre os motivos está não apenas a decepção com a liderança, mas também a decepção com os membros da igreja e com a divindade, a não identificação com os preceitos e a vontade de viver livremente sem preocupação com o pecado. Este último é um dos principais motivos de duas entrevistadas (EF1 e EF2) que possuíam um vínculo mais profundo com a religião e serviam na igreja. Todos e todas parecem apresentar um estilo de apego inseguro, o que pode ser inferido a partir de relatos acerca de suas relações parentais no caso dos participantes EF2, EM1, EM2 e EM3. Um ponto em comum entre os entrevistados e entrevistadas pentecostais parece ser o motivo de retorno: todos relatam ter sentido uma tristeza ou culpa em um período da vida em que as circunstâncias não estavam favoráveis e retornaram em busca de reconciliação com Deus, redenção e ajuda. Entre os pentecostais, a rede de apoio religiosa parece desempenhar um papel tão fundamental quanto a própria divindade, o que merece mais investigação.

A seguir, tal como feito com as narrativas dos umbandistas participantes, são escrutinados os conteúdos de cada eixo de análise das entrevistas com os participantes pentecostais: (1) Processo de retorno à religião; (2) Relações pessoais no contexto de retorno e afastamento; (3) Padrões de apego no contexto de retorno à religião.

5.2.1 Eixo 1: Processo de retorno à religião

Três características predominam no processo de retorno à religião de pentecostais: a tentativa de melhorar as circunstâncias de vida, a culpa e o sofrimento emocional. Antes de analisar o processo de retorno, procurou-se compreender o motivo de afastamento de cada um para obtenção de uma visão mais contextualizada sobre a trajetória religiosa e as possíveis motivações de retorno.

As razões relatadas para o afastamento podem ser organizadas em duas categorias principais por serem atribuídas a duas questões distintas: à decepção ou desilusão com membros e liderança humana ou divina e ao desejo de viver a vida livre das imposições religiosas. A primeira aparece nos seguintes relatos:

EM1: Eu me afastei devido ao destratar de alguns irmãos. Infelizmente na igreja quando você... você erra, no linguajar mais simples, quando você peca, os irmãos te desprezam. E o desprezo, ele acaba com qualquer pessoa. Então eu acabei me decepcionando e não queria mais saber de ir. E eu me perguntava o porquê desse... que evangelho é esse que se o irmão erra as pessoas desprezam? Então isso fez com que eu me afastasse, foi um dos motivos eu me afastei tanto na primeira como na segunda também.

EM3: Tava todo mundo na quadra buscando o Espírito Santo. E aí eu vi um amigo que não fazia, aos meus olhos, o que eu fazia. Ele foi batizado e eu não. E aí isso gerou um conflito. Aí foi onde eu perdi a vontade de ir.

(...) Senti que Deus não viu o meu esforço, mas viu o esforço de alguém que não tava fazendo o que eu tava fazendo e eu fiquei... me senti mal. Tipo o que Caim sentiu. Ele fez um sacrifício que era bom aos olhos dele, mas Deus aceitou outro.

EF3: Eu me afastei é... estava tudo bem. Até eu ter decepções dentro da igreja. É, eu sei que o meu foco dentro da igreja não são as pessoas, é Jesus Cristo mas eu me decepcionei com os líderes que eu tinha é, com a igreja em si, e isso foi me deixando, foi... fui me afastando, me afastando aos poucos até chegar o momento de não ir mais pra igreja. (...) Ah... hoje, atualmente, eu luto há quatro anos com a depressão, com a ansiedade e isso me afastou muito, muito, muito da igreja. É, eu me vi em um momento aonde eu precisei muito dos membros da minha igreja, dos irmãos da minha igreja e eu não tive retorno, eu não tive respaldo nenhum deles.

EM1 também opina sobre o que acredita ser o principal motivo para a saída de pessoas da religião:

EM1: A maioria, eu acredito sinceramente que a maioria das pessoas que... que se desviam, saem da igreja, são pessoas que se decepcionam, decepcionam e acabam deixando a igreja e saindo. Entendeu?

O segundo motivo, o desejo de viver a vida livre das imposições religiosas, aparece nos demais relatos:

EM2: Aí me afastei, assim que a gente (ele e a namorada) terminou eu nunca mais fui na igreja.

EF1: Não, não me fazia tanto... tanta falta assim, não era tão importante ir na igreja, porque começou a diminuir de ir até que eu não fui mais.

Especificamente no relato da EF2, é possível observar a influência de ambos os motivos no processo de afastamento. A decepção com a liderança surge primeiro, conforme segue:

EF2: Só que depois que eu comecei a namorar esse rapaz, ele tinha uma outra visão e ele ficava muito indignado com algumas coisas que o meu pastor na época fazia. E isso foi alimentando algo em mim, uma certa revolta, não sei se eu posso dizer desse termo, né? Mas seria mais ou menos isso. Eu comecei a me sentir, ah, eu acho que realmente aqui não é o meu lugar, não concordo com o que meus pastores estão fazendo. E aí nós, eu decidi sair dessa igreja

Em seguida, ela relata a decisão de viver a vida sem “obrigações”:

EF2: Não tava numa fase muito legal desse namoro, eu também tava querendo terminar e aí eu fui morar com essa amiga e aí foi nesse momento que eu me desviei, que eu acabei saindo, é deixando de frequentar a igreja e não tendo mais tanta... é... tanta proximidade com o religioso talvez. É... e foi um momento que eu meio que me permiti fazer o que eu queria fazer. Então nós saíamos, nós íamos pra baladas, né, foi o tempo que eu já tinha terminado com esse namorado. Então eu meio que me senti livre pra fazer o que eu quisesse fazer. Sem obrigações.

Embora em afastamento, é possível perceber que algumas pessoas tiveram conflitos de fé, mas outras continuaram acreditando. Entre as que mantiveram sua fé, verificam-se os seguintes relatos:

EM1: Sentia uma tristeza muito grande por tá fora da casa de Deus e eu queria bastante voltar, queria bastante voltar.

EM2: Então eu sempre sentia do fundo do meu coração aquela tristeza de não poder dar o meu 100% pra Jesus, sabe? De não dar meu 100% pra Deus.

EF2: Eu sempre, apesar de sair, né, de... de me desviar, pode dizer assim, eu não conseguia não deixar de ir, eu ia em alguns cultos. Era, eram raros, mas eu ia em alguns. Porque eu sentia aquela culpa, sabe? Eu sentia um certo medo de abandonar definitivamente porque eu sabia que Deus... eu sempre soube que Deus existe, então pra mim não tinha como não, pelo menos ir frequentar a igreja em algum culto.

Importante destacar que, assim como os indivíduos umbandistas entrevistados, a EF2 ocupava um cargo de obreira, isto é, uma posição de destaque e responsabilidade na comunidade religiosa e, como eles, não abandonou totalmente a religião, continuando a visitar os cultos esporadicamente, o que outros membros que não possuíam cargos não fizeram. Também é possível identificar a presença de sofrimento emocional atrelado ao afastamento em seu relato, o que pode resultar no processo de culpa citado anteriormente.

Na contramão, outras pessoas afirmam sua necessidade de afastar-se completamente dos preceitos, conforme segue:

EM3: E me revoltei. E fazia tudo que era ruim aos olhos de Deus. Talvez pra chamar atenção, não sei.

EF1: Tem uma, uma escritura, né? Na, na Bíblia, que fala: Não apaguem o Espírito, lá em I Tessalonicenses 5:19, daí ia fazer de tudo pra que isso acontecesse, apagava o espírito de todas as formas que eu podia. Tudo que era relacionado a igreja ou algo que me lembrasse as coisas que eu fazia na igreja ou... ou aquelas alegrias, as coisas em geral, né? Que eu fazia na igreja, se tivesse algo que me lembrasse aquilo, eu ficava super irritada, é, não queria participar de nada, tipo, se tinha festas aqui na minha casa, coisa do tipo, eu me abstinha de participar ou fazer qualquer coisa.

EF3: Foi um momento onde eu me revoltei contra Deus. Eu questioneei a existência do senhor. Por que eu? Por que comigo? Por que isso? É... e aí eu comecei a questionar, foi onde me revoltei mais ainda, onde eu não tinha vontade

nenhuma de estar na presença do senhor. Eu não orava. Teve um momento em que eu voltei pro mundo, eu voltei a beber, eu frequentei lugares aonde eu não deveria frequentar e não foi isso sozinha, eu levei as minhas filhas, né? Eu levei a minha família pra isso, aonde dificultou mais ainda o meu retorno, o meu buscar pra Cristo.

Aqui também é possível verificar um sofrimento emocional resultante do processo de afastamento, que, da mesma forma, pode ter tido seu estopim na manifestação do sentimento de culpa que culminou no retorno. Embora as expressões quanto ao sofrimento emocional sejam mais leves, é possível verificar o sofrimento relacionado ao distanciamento em todos os relatos, expressos de diferentes maneiras.

Diferentemente de umbandistas, que relataram um sofrimento emocional intenso no período de afastamento, o grupo de pentecostais descreve os motivos de retorno enfocando as circunstâncias de vida e expondo o sofrimento emocional a partir de expressões que ocupam o segundo plano em comparação aos relatos do outro grupo religioso, conforme segue:

EM1: Tudo começou a dar errado, eu fiquei desempregado, eu trabalhava numa empresa, eu era operador de injetora, e eu tava há um tempo dentro dessa empresa, eu fiquei desempregado. Aí fui trabalhar também sem ser carteira assinada em outros locais como ajudante de serralheiro e não tinha mais emprego, ou seja, eu procurava prum lado e pro outro, aí foi onde eu comecei e a pensar: não, eu tenho que voltar pra igreja. Porque querendo ou não acaba piorando, né? Acaba piorando a situação. Então isso foi um dos motivos que eu voltei. Porque eu vi que não tinha outro meio de eu conseguir vencer, eu conseguir mudar de vida a não ser nos pés de Cristo, né? (...) Sentia uma tristeza muito grande por tá fora da casa de Deus e eu queria bastante voltar, queria bastante voltar. (...) A vontade de estar no lugar daí... num lugar, num templo em si, falava mais alto, de tal maneira que eu acabei perdendo aquele prazer de estar fora e queria voltar, só que a vergonha me impedia. Até que um certo dia eu voltei.

EM2: Foi só ladeira abaixo assim, né, porque eu acho que eu fiz uma coisa muito errada de... de ter ido pra igreja só por causa dela, não por minha causa. Então eu sempre sentia do fundo do meu coração aquela tristeza de não poder dar o meu 100% pra Jesus, sabe? De não dar meu 100% pra Deus. Então eu me senti

super mal e nesse, nesse período foi várias coisas que aconteceram na minha vida e que eu vi: caramba! Depois que eu voltei eu fui e pensei: meu, se eu soubesse disso antes eu não... eu teria achado o meu lugar e teria ficado, não teria me afastado. (...) Ah, eu sentia muita tristeza. Tristeza assim, né? Eu trabalhava na semana, final de semana a alegria que eu tinha era o quê? Sair, beber, sair com os amigos, é... virar noites, gostava de viajar. E eu num... e eu sentia que faltava alguma coisa na minha vida. Depois que quando eu voltei eu falei assim: era isso que tava faltando.

EM3: A oficina tava péssima, que era um lugar horrível, e tudo que eu fazia lá não dava certo. Minha mãe, que eu e meu pai não tava muito bem, minha mãe que tava me ajudando tinha viajado pra... pra Minas ou pra Bahia, então não tinha motivo pra ir em casa, que ela tava viajando. Minha irmã, que sempre foi um refúgio, tinha, ela tinha falecido. E meus amigos tava tudo distante. E eu e a minha esposa tava no pior momento do casamento, tava bem ruim a minha situação. (...) Porque, querendo ou não, tudo o que eu fiz foi contra o que eu sabia que era certo. Então tipo eu já conhecia a lei de Deus e tudo que ele não gosta e eu fiz tudo isso talvez como uma forma de chamar atenção e tudo isso aí voltou contra mim. Tipo, você tá fazendo tudo errado. E nisso eu busquei um... eu tava buscando um conforto e aí eu acabei na igreja. (...) Um dia que eu comecei caminhar, me senti mal, parecia que minha... a culpa tava me perseguindo e eu comecei... fui fazer uma caminhada, andei, acho que uns 15 quilômetros pela região todinha de Taboão, Pirajussara, Kizaemon, Campo Limpo, eu andei tudo. E no final da noite eu parei na igreja. Nessa mesma igreja. E aí parecia que o culto era pra mim.

EF1: Eu tava num barquinho furado e tava vindo muitas ondas e, tipo, já não tinha mais lugar pra ficar e só tinha uma única ilha, só que pra eu chegar lá eu tinha que pular na água, sendo que eu já tava toda imersa, então não tinha muita diferença, sabe? Pra mim era meio que isso. E eu não via aquilo. (...) eu não via que eu precisava daquilo, sabe? Que a única salvação que tinha, tinha que mergulhar, por mais que eu já estivesse imersa por água no barquinho furado. É. É isso. (...) Oh, cinco anos aí, fiquei sofrendo.

EF2: A... eu esqueci a palavra agora, a fornicção, e eu tava vivendo... eu tava tendo essa vida com esse rapaz. Então eu estava totalmente dividida porque eu

sabia que o que eu tava fazendo era errado, então me trazia muita culpa, mas ao mesmo tempo, eu gostava muito dele, eu me sentia muito dependente dele. Eu tinha, eu era muito apegada a ele, tava muito apaixonada. E... então, eu tava bem dividida. E aí aconteceu uma situação muito chata é... na minha família com a minha mãe, uma situação horrível que me tirou totalmente... foi um baque muito grande. E eu lembro que depois que aconteceu isso com a minha mãe, eu corri pros pés do senhor e eu decidi dar um basta. E eu falei: Senhor, eu vou terminar com esse rapaz, eu quero viver em santidade, porque eu não quero mais. Eu meio que fiz aquilo por pela minha mãe, porque eu não queria continuar vivendo aquilo, eu queria que a minha mãe se convertesse, eu queria que a minha família fosse salva, eu queria que a minha mãe tomasse um rumo, porque o que ela tinha feito tinha sido muito grave. E eu vi que eu também tava muito errada pelo que eu tava fazendo, então eu decidi entregar tudo pra Deus. Tomar um posicionamento, porque eu queria voltar pra Deus e eu queria que a minha mãe também, é... se firmasse, que ela também fosse salva. Então ali eu decidi terminar com ele. É... e aí foi aí que eu comecei a voltar. Aí eu tentei terminar com ele, eu terminei, só que eu tive algumas recaídas, porque não era fácil, eu me sentia muito sozinha.

EF3: O meu emocional, que já era abalado, ficou muito pior porque as minhas crises, eu tinha duas, três crises por semana, eu não conseguia me controlar, as minhas medicações, as minhas consultas eram feitas online e as minhas medicações só iam aumentando. (...) Eu estava mexendo no Facebook e aí o neto dessa senhora que eu te disse, que levava a gente pra igreja na infância (...) estava uma live dele e da esposa. E eu resolvi assistir. E ali eu falei: meu Deus, como eu sou ingrata. Como eu sou ingrata. É... me perdoa. Foi onde eu comecei a pedir. Ele tocou um louvor, um louvor que ele fez e esse louvor tocou muito comigo. E aí eu comecei a pedir perdão pra Deus. É... pela minha ingratidão, pela minha falha, porque nesses quatro anos. É... esses três de afastamento mais um ano aonde eu fiquei doente, então durante esses quatro anos, foram quatro tentativas contra a minha vida e nas quatro tentativas o senhor foi misericordioso comigo.

Analisando a motivação do retorno, é possível verificar a existência de um sentimento de culpa permeando o processo, conforme os trechos: “Eu sempre sentia do fundo do meu coração aquela tristeza de não poder dar o meu 100% pra Jesus”

(EM2); “Me senti mal, parecia que minha... a culpa tava me perseguindo” (EM3); “Porque eu sentia aquela culpa, sabe?” e “E eu vi que eu também tava muito errada pelo que eu tava fazendo” (EF2); “E aí eu comecei a pedir perdão pra Deus é... pela minha ingratidão, pela minha falha” (EF3). Também é possível observar no relato do EM1 a crença de que o agravamento da adversidade está atrelado à distância do religioso, conforme o seguinte trecho: “aí foi onde eu comecei e a pensar: não, eu tenho que voltar pra igreja. Porque querendo ou não acaba piorando, né? Acaba piorando a situação” (EM1). Existe uma relação estabelecida entre a superação e a prosperidade com a aproximação com o religioso, como é visto nos trechos: “Porque eu vi que não tinha outro meio de eu conseguir vencer, eu conseguir mudar de vida a não ser nos pés de Cristo” (UM1) e “eu reconheço a verdade que se eu não tiver alicerçada em Jesus Cristo e... minhas decisões sejam tomadas a partir dele, nada vai dar certo pra mim” (UF1).

A partir do relato acerca do contexto e motivação de retorno à religião, é possível identificar um padrão: todos e todas possuem um histórico de apego inseguro e estavam passando por situações de estresse ou perda quando decidiram retornar. O quadro a seguir apresenta, de maneira resumida, os motivos de afastamento e retorno de cada entrevistado e entrevistada pentecostal a partir dos recortes da entrevista já mencionados e a sua íntegra:

Quadro 9 - Motivação de afastamento e retorno de cada pentecostal

Código	Motivo do afastamento	Situação relatada no contexto do afastamento	Motivo do retorno	Situação relatada no contexto do retorno
EM1	<i>Decepção</i>	Desprezo e destrato de alguns irmãos devido a um erro	<i>Medo do futuro</i> <i>Culpa</i>	Desemprego
EM2	<i>Sentimento de liberdade</i>	Término do namoro	<i>Sentimento de desamparo</i> <i>Medo</i> <i>Culpa</i>	Sentia falta de algo, solidão
EM3	<i>Sentimento de rejeição</i>	Batismo do amigo antes dele	<i>Sentimento de desamparo</i> <i>Medo</i>	Falecimento da irmã e problemas financeiros

			<i>Culpa</i>	
EF1	<i>Desinteresse</i> <i>Sentimento de liberdade</i>	Perda de importância e diminuição do interesse em frequentar a igreja	<i>Sentimento de desamparo</i> <i>Medo</i> <i>Culpa</i>	Problemas pessoais e tristeza
EF2	<i>Decepção</i> <i>Sentimento de liberdade</i>	Discordância da conduta da liderança por influência do namorado e oportunidade de aproveitar a vida	<i>Sentimento de desamparo</i> <i>Medo</i> <i>Culpa</i>	Situação de estresse com a mãe
EF3	<i>Decepção</i>	Falta de apoio durante a depressão	<i>Sentimento de desamparo</i> <i>Medo</i> <i>Culpa</i>	Agravamento das doenças mentais, cirurgia do marido e abuso da filha

5.2.2 Eixo 2: Relações pessoais no contexto de afastamento-e-retorno-da-religião

Assim como umbandistas, pentecostais também contaram com diferentes tipos e níveis de relações no afastamento e retorno, dentro e fora da igreja. Durante o afastamento, é possível identificar a presença de uma rede de relacionamentos que parece insuficiente em cada relato.

O EM1 parece ter concentrado sua atenção no período de afastamento à sua família:

EM1: Fui viver minha vida, porque trabalhar e me ocupar com minha casa e cuidar da minha casa.

O EM2, por sua vez, não conseguiu encontrar relações fortes de apego durante o afastamento, mencionando a superficialidade de suas relações de amizade:

EM2: Assim, até o... na social seria os amigos, me afastei de alguns amigos que pra mim num... eu já sentia isso antes, mas eu não queria ficar sozinho, aí então eu falava assim: ah... ficava dependendo deles, sabe? Falando que era meus amigos, mas era só um momento de felicidade depois ali não tinha mais amigos.

O EM3 possuía uma rede de apoio formada por amigos e família, que se desestabilizou no período próximo ao retorno:

EM3: Minha mãe, que eu e meu pai não tava muito bem, minha mãe que tava me ajudando tinha viajado pra... pra Minas ou pra Bahia, então não tinha motivo pra ir em casa, que ela tava viajando. Minha irmã, que sempre foi um refúgio, tinha, ela tinha falecido. E meus amigos tava tudo distante. E eu e a minha esposa tava no pior momento do casamento, tava bem ruim a minha situação.

A EF1 contava com uma rede de amigos ampla. Contudo, as alegrias eram passageiras, conforme relata, e a relação com os pais só era boa quando frequentava a igreja:

EF1: Ai, meu círculo de amigos era bem diverso, tinha pessoas da igreja, pentecostal, tinha apostólico romano, tinha umbandista, tinha, sei lá, satanista, tinha tudo. (...) E daí era... eram alegrias momentâneas, era meio que... é... como eu posso dizer? Tipo, era legal, era divertido, mas não tinha continuidade, era só uma vez, ali, era só aqueles momentos que estavam ali e, tipo, hoje, amanhã já não existia mais. (...) eu acho que a minha relação com meus pais, eu acho que melhorou um pouco, eu acho, tenho certeza disso, né? Alguns amigos, é, que acho que eles não eram tão meus amigos assim, a gente começou a se falar menos, conversar menos, fazer menos coisas juntos. Acho que por que o que nós fazíamos juntos não condiz mais, sabe?

A EF2 relata sentir uma dependência emocional grande de seu ex-namorado e, na sequência, de sua amiga e de qualquer nova pessoa que se envolvesse romanticamente no período.

EF2: Sempre me apeguei, ah... aos... às pessoas, né, aos rapazes que eu me envolvi e a essa minha amiga também. Eu sempre contei tudo pra ela, sempre... ela sempre, né, foi minha melhor amiga, então eu também sentia que eu me... eu dependia muito dela emocionalmente.

Por fim, a EF3 demonstra seu apego a sua família durante o período:

EF3: É... eu não, nunca tive muitos amigos. Eu sempre tive a minha família.

Observando-se as relações sociais e suporte especificamente no período de retorno, o EM1 retornou juntamente de sua esposa e teve apoio de sua mãe e amigos:

EM1: A minha mãe, a minha mãe, ela realmente, ela não aceitou, ela falou: meu filho, não... ela aconselhou pra mim não sair da igreja e voltar a ficar onde eu estava, porque ela falou que pra mim não era o caminho certo, né, ela me aconselhou. Alguns amigos também disseram pra mim: rapaz, o melhor caminho é você ficar firme. (...) Sentia uma tristeza muito grande por tá fora da casa de Deus e eu queria bastante voltar, queria bastante voltar. Até que um dia a minha esposa falou assim: vamos voltar pra lá, vamos voltar praquele lugar. E aí eu... foi a gota d'água, eu falei: vamos voltar. Aí voltamos e até hoje.

O EM2 contou com o convite e apoio de uma professora e recebeu o apoio da comunidade religiosa:

EM2: Eu recebi um convite, é... pra poder ir pra... pra igreja. Eu acabei aceitando e fui. E quando eu cheguei lá eu... eu me senti muito... muito confortável, me senti... porque pra mim eu acho que tem que se sentir confortável, se vocês não tá se sentindo... é... desconfortável, acho que ali não é o seu lugar. Eu senti confortável, as pessoas, o pessoal da igreja, pastores, os obreiros me acolheram bastante, os membros. E eu vi que aquela igreja prezava a palavra de Deus. (...) Ela... na verdade foi uma professora que me convidou e pra mim foi muito importante porque, é... se não fosse aquele convite eu não estava hoje na igreja, não teria mudado de forma diferente. Sou, eu sou muito agradecido a ela que mudou tudo, que me fez o convite pra poder mudar. Eu acho que ela sentiu, né? No coração dela pra poder me convidar pra poder, é... eu seguir um caminho que eu... pra mim é um caminho correto. (...) Sim, sim, atualmente é minha professora ainda. Então a gente tem um convívio bem próximo, a gente... até na igreja e fora da igreja que é na... no curso, a gente tem uma convivência bem próxima, a gente conversa bastante sobre isso... (...) Ah, são muito... é maravilhosa a minha relação com as pessoas da igreja. Igual, eu vou citar novamente, eu me senti muito acolhido lá pelos pastores, pelos obreiros, até pelos... as pessoas que vão à igreja todos os... os cultos, eu me senti muito bem,

muito acolhido, muito, muito próximo. É... eu senti uma família de verdade ali. Porque nós somos uma família ali, né? Então eu me senti muito acolhido. E isso aí foi muito importante pra mim, na mudança, sabe, de poder é... viver tudo... todo o culto ali. Saber que se eu for lá as pessoas vão falar comigo, vão conversar comigo. Se eu for lá pedir uma... uma... se for pedir uma oração ao pastor, vou trocar algumas ideias com o pastor. Eu sei que ele vai... ele vai me escutar, vai querer meu bem. Então isso foi muito importante pra mim. Como eu cresci sozinho, então não tinha muitas pessoas na minha vida. Então isso tá sendo muito legal.

O EM3 obteve o apoio da mãe evangélica no processo:

EM3: Eu tava sentindo uma dor na barriga, parecia que tinha uma faca, presa aqui do lado, na costela, eu não conseguia me mexer direito, doía. E a minha mãe falou que o pastor da igreja dela tinha o dom de cura. E por mais que eu acreditasse, eu pensei: não é... porque você nunca foi curado de nada então você não acredita. Aí pegamos o Uber, ela ficou na igreja e eu e a minha esposa foi no hospital ali no Campo Limpo, mas tava fechado o posto, aí voltamos andando até a igreja. Aí eu sentei nas últimas cadeiras, não consegui assistir o culto por causa da dor. No final do culto minha mãe foi conversar com o pastor e falou pra mim ir lá na frente conversar com ele. Sem as pessoas estar assistindo. E aí, ele orou, perguntou se eu tinha... aí, nisso daí, ele me chamou, perguntou se eu tinha fé, aí eu disse que tinha. Aí ele falou assim: mas não é pela sua fé é pela minha. Aí ele orou e falou: sai. Na hora que ele falou, sai, a dor passou na hora. Aí ninguém... as pessoas da igreja já tavam acostumada, porque eles vêm em milagre direto. Tipo o pessoal vomitar câncer. Cadeira de roda levantar. Ele eles já... eles têm o... eles já tão lá há muito tempo, então eles já tinham visto, então pra eles não foi nenhum espanto, mas pra mim que nunca tinha visto foi... aí mesmo assim eu num... não voltei. Continuei... eu sabia que tinha algo maior, mas num... não quis voltar de imediato. Aí um dia que eu comecei caminhar, me senti mal, parecia que minha... a culpa tava me perseguindo e eu comecei... fui fazer uma caminhada, andei, acho que uns 15 quilômetros pela região todinha de Taboão, Pirajussara, Kizaemon, Campo Limpo, eu andei tudo. E no final da noite eu parei na igreja. Nessa mesma igreja. E aí parecia que o culto era pra mim.

A EF1 teve apoio de sua mãe pentecostal e de pessoas de sua igreja por meio de convites insistentes:

EF1: Sim. Na verdade, foram as circunstâncias que fizeram com que eu ficasse na igreja. É, algumas pessoas bem próximas a mim faziam com que (inaudível) eu fosse a igreja, é, fazia com que, é, eu tentava assim me lembrar das coisas que, que eu fazia quando ia à igreja. Comecei a frequentar algumas vezes, tive alguns convites. E aí na igreja da minha mãe as pessoas ficavam me convidando, é, me pedia pra participar de orações, por mais que eu odiasse aquilo. Não queria, mais de alguma parte de mim dizia que eu devia fazer, por mais ríspida, mal-educada, sei lá, que eu respondesse as pessoas, elas continuavam a fazer. E aí chegou um certo momento no qual eu falei: oh, eu não sei se já tive verdade ou não, mas se for eu preciso de algo plausível, tangível pra mim, pra que eu possa ver com os meus olhos o que alguém tá falando pra mim. Então eu, eu, como eu fiz uma, uma simples oração a respeito disso e tive uma, uma resposta, vamos dizer assim, de que aquilo era o que eu havia feito e que deveria continuar e que aquilo era correto, sabe? E aí que eu tô aí.

A EF2 cita o apoio da amiga evangélica e da pastora na igreja:

EF2: Hum... na minha família. Ah, é que meus pais, eles não, eles não são... a minha mãe vai na igreja, o meu pai não. É... não mudou muita coisa na minha casa. É... mais quem mudou fui eu. Talvez isso acaba me deixando mais forte. É... na minha rede, não falei, né, eu tenho a minha amiga que também tem a... professa, tem a mesma fé que eu, é... tem as pessoas da igreja, eu tenho amigas de infância também que servem o Senhor. É... então eu tô sempre cercada de pessoas. Eu percebo que o que mudou, o fato dessa minha amiga servir ao senhor, isso, com certeza, contribui pra eu me aproximar mais de Deus também, porque eu vejo que nós duas nos ajudamos nesse sentido. Uma fortalece a outra. (...) Aí eu voltei, comecei a voltar pra igreja. E aí foi nessa igreja que realmente eu me firmei. Conversando com essa pastora, eu comecei a ser disciplinada, é... lembro de uma oração que ela fez comigo muito forte, né, de tudo que eu tava passando, tudo que eu tava vivendo, que o que eu tava fazendo era errado com esse rapaz. E eu sabia que era errado, me sentia muito mal. E foi basicamente assim que eu voltei.

A EF3 recebeu um convite de uma colega evangélica:

EF3: Hoje eu faço parte de um membro de uma igreja, próximo à minha casa e eu encontrei, eu frequento essa igreja desde o dia 25 de agosto de 2022, então fazem meses. Vai fazer quatro meses. E eu encontrei, em quatro meses, o que eu não encontrei durante 16 anos. É... nós temos acolhimento, nós temos membros dispostos a estar contigo seja na risada, seja no choro. É... nós temos, nós encontramos Jesus de verdade, acima de tudo, antes de termos os membros, nós encontramos Jesus de verdade. É... eu fui pra essa igreja por um acaso, um acaso. Foi um convite também de uma colega que já é membro dessa igreja e ela me convidou pra assistir um culto e eu falei que ia, que ia, não fui, ia, não fui, aí na terceira vez que ela me convidou, eu fui. E quando eu estive lá, só de entrar na igreja, a sensação é diferente. Então assim, eu acho que a igreja te contribui pra isso ela não te... ela te garante que você não está sozinha. Que a minhas lutas, as minhas... as minhas fraquezas, é... os meus choros eles estarão comigo. Aonde eu posso também contribuir, as minhas alegrias, os meus risos, é... a minha força, onde eu possa... a gente pode estar trocando momentos de palavras, não só o físico, sabe? Então, assim, eu acho que isso, vindo de uma igreja, é muito importante. Os membros da igreja te dar esse retorno, te dar esse respaldo, faz toda a diferença. Porque não adianta eu ir pruma igreja e buscar como se eu fosse sozinha. Eu tenho que ter um retorno. Irmão, eu estou contigo. Eu vou orar por você. É, o que tá acontecendo? Eu posso te ajudar? Eu vou orar contigo, sabe? Vamos dobrar os nossos joelhos e vamos orar pela tua vida, pela tua casa, pela tua causa. Enfim, é te dando aquela certeza de que você não está sozinho. Porque nós somos irmãos em Cristo. E isso é muito essencial. Então eu encontrei isso há quatro meses. O que eu achei que eu tinha e eu não tinha.

Além da rede de apoio, o sentimento de pertença parece desempenhar um papel fundamental não apenas na motivação para o retorno, mas ainda no processo de intensificação do envolvimento religioso, o que corrobora resultados de pesquisas que afirmam que o processo de conversão religiosa de indivíduos com histórico de apego inseguro, como é o caso dos participantes pentecostais, geralmente acontece de maneira repentina e marcada por maior crença religiosa (Granqvist; Kirkpatrick, 2004).

Nessa linha, o EM1 destaca sua fé no chamado de Deus:

EM1: A relação assim, quando eu me converti, me recordo muito bem, uma irmã da igreja veio falar pra mim a seguinte palavra: olha, irmão, Deus tem uma promessa muito linda na sua vida. Ele tem uma chamada ainda na sua vida de pastorear, ser pastor um dia, e ele precisa moldar você. Vai demorar. Porque Deus ele usa o tempo. A ferramenta que Deus sempre vai usar na vida do ser humano é o tempo. E aí irmão você fique firme que Deus vai te dar a vitória, você vai passar por grandes lutas, aí vai chegar o tempo de Deus na sua vida. Então, isso é o que faz eu pensar naquilo que ele prometeu, falou que ia cumprir. Então, eu vejo hoje se cumprir aos poucos na minha vida o que Deus prometeu, entendeu?

O EM2 afirma ter mudado após o retorno, sentindo-se ele mesmo novamente:

EM2: Ah, muitas coisas. Em questão de profissional, trabalho, a vida financeira, até minha própria mente, meu próprio coração, meu jeito de viver. Mudou tudo, parece que agora voltou aquele EM2 de verdade, sabe? Voltou aquele EM2 que eu sempre sonhei em ser assim, mentalmente, sempre... aquele EM2 que não depen... não ia ficar dependendo de, de farra, de balada, de, de sair à noite com os amigos, falar besteira, virar noite, é... ficar solitário em casa, sozinho, sabe? E tudo, tudo mudou na minha vida. Mudou tudo.

O EM3 relata ter sentido que seu lugar é na igreja atual:

EM3: Mas eu vi que era ali o meu lugar (...) E... mas o querer voltar e fazer a obra, foi na igreja que eu olhei e eu não sei se foi uma visão, se... alguma coisa falou assim: seu lugar é aqui. Então tanto que eu cheguei, eu comecei ir pros cultos pra ver se realmente era uma igreja que tinha a presença de Deus, não falava com ninguém pra num criar um laço e quando eu vi que era ali eu falei: pastor, quero ser membro. E tudo o que acontece eu participo, mas dessa vez, porque eu quero fazer a obra, eu vi que é o que eu tenho que fazer, então eu decidi fazer.

A EF1, que relata sentir falta da música, explicou que no período de afastamento, tentou preencher a “lacuna” que as atividades religiosas deixaram em sua vida, conforme segue:

EF1: Portanto, eu fiquei procurando várias coisas, fiz várias coisas tentando preencher essa... essa lacuna, sabe. Então, tipo, não era só a música em si, né? Esse foi acho que o principal, né? Mas as outras foi, foi... experimentando até achar alguma coisa pra suprir, assim. E daí era... eram alegrias momentâneas, era meio que... é... como eu posso dizer? Tipo, era legal, era divertido, mas não tinha continuidade, era só uma vez, ali, era só aqueles momentos que estavam ali e, tipo, hoje, amanhã já não existia mais.

Após o retorno, ela explica que teve o sentimento de pertencimento após tocar algumas notas:

EF1: E ainda assim eu não tinha conseguido tocar, mas depois de um tempo, é... eu havia feito algumas orações, alguns jejuns a respeito disso, que pra mim foi bem importante, e aí eu não consegui tocar uma música inteira, mas consegui fazer alguns acordes de algumas músicas que pra mim no passado fazia muito sentido, que por mais que eu, havia muito tempo que não tinha tocado nada, é... foram os primeiros acordes que me veio à cabeça de quando eu... sei lá, não sei explicar isso (risos) veio na minha cabeça esses acordes e eu fiz e eu falei: caraca! Muito bom. E daí aquele sentimento de pertencimento, de alegria, de... é isso que a minha alma ansiava, vamos dizer assim. E aí, tamo aí.

Também explica estar se envolvendo mais nas atividades religiosas aos poucos:

EF1: Mas eu acho que é, é gradual, né? Eu acho que aos poucos que eu fui chegando, é... eu vou... me sentindo mais parte da... da igreja assim, então eu vou participando.

No caso da EF2, ela já se considerava um pilar antes de sair:

EF2: É... e eu tinha um, certo vínculo muito forte com os meus pastores. Ham, porque eu estava sempre presente na igreja e eu realmente me sentia responsável ali pelas atividades que eu exercia, né, porque eu era, posso dizer que eu era uma parte da... um pilar, uma das colunas da liderança.

Após o retorno, voltou a ser participativa:

EF2: Hoje eu tô... eu sou bem participativa no meu ministério, é... faço parte do... sou obreira, né, no meu... na minha igreja, que eu é... eu faço parte do ministério de louvor, é... ajudo em tudo praticamente na liturgia ali do culto, né, nas... na direção do culto, quando existe alguma oportunidade pra pregar, eu também tô presente, já preguei, é... tenho bastante envolvimento com as pessoas, né no ministério, com os meus pastores, com a liderança, com os membros também, é...

A EF3, por sua vez, afirma que a motivação para o seu retorno tem relação com a compreensão de que sua “vida é do senhor”:

EF3: Então eu entendi, eu entendi que a minha vida é do Senhor. Eu entendi que eu não tenho controle de nada, de nada sobre a minha vida. De nada. Então após ouvir o louvor que ele colocou, eu precisei, eu não tive é, alternativas que não fosse me render pro senhor ali naquele momento.

A EF3 relata já ter se afastado da religião anteriormente. Quando questionada sobre o porquê de seus retornos, ela reafirma seu sentimento de pertença:

EF3: Porque a minha vida é do Senhor. Ele não abre mão, ele declarou, eu fui escolhida, eu fui escolhida. Por mais que eu saio, por mais que eu o renegue, ele é o dono da minha vida. Eu não tenho como ficar longe do Senhor. Eu não tenho como. Porque as pessoas de... é, eu já ouvi as pessoas dizerem assim: ah, eu escolho a Cristo. Não, eu fui escolhida. Eu não escolhi, ele e me escolheu. E uma vez que ele declara que eu sou filha dele, só cabe a mim a obediência e aceitação. Então as três vezes, as três vezes que eu saí da igreja e eu voltei foi porque ele me resgatou. Porque é um propósito, é um propósito a se cumprir, a minha vida. E a única coisa que eu tenho que fazer é ser obediente.

Com o intuito de obter informações que possibilitassem identificar as relações de apego dos entrevistados e entrevistadas para analisar como são interpretadas e seu impacto no processo de afastamento-e-retorno-à-religião, cada participante foi questionado(a) sobre o que mais sentiu falta durante o afastamento. Nos relatos coletados, diferentemente do que se verifica entre umbandistas, que mencionaram o apego às entidades, pentecostais não apresentam uma mesma linha na resposta, conforme segue:

EM1: Da presença de Deus. (...) É, é algo assim que não pode se dizer que é... é inexplicável, é inexplicável. Então o que que acontece? É... O que acontece? Sentia uma tristeza muito grande por tá fora da casa de Deus e eu queria bastante voltar, queria bastante voltar.

EM2: E eu sentia que faltava alguma coisa na minha vida. Depois que quando eu voltei eu falei assim: era isso que tava faltando.

EM3: Da presença. Só da presença, né? Porque, como diz, é individual, então cada um busca aquilo que te faz bem e eu sempre gostei de estar na presença de Deus. Então... só.

EF1: Olha, vamos lá... tem algo específico assim que pra mim sempre foi... foi muito difícil, porque eu sempre fui musicista. Não sou, nossa! Musicista, mas quando me afastei assim, acho que foi o que mais me pegou daí, acho que foi a música em geral, porque eu não, não só fazia parte, não era só membro que tocava, eu coordenava tipo instrumento, via as escalas, é... então era... foi bem impactante pra mim, porém não foi tão, tão forte quanto, quanto sair, porque se fosse forte o suficiente num, num tinha saído. (...) É, das práticas, talvez. E aí nesse tempo de saída, eu acho que eu ficava procurando algo que me preenchesse, que ocupasse o meu tempo, vamos dizer assim. Procurava algo no qual eu fizesse com que aquela alegria, aquela... aqueles momentos felizes aparecessem, é, por mais que eu não tivesse lá dentro da igreja. Portanto, eu fiquei procurando várias coisas, fiz várias coisas tentando preencher essa... essa lacuna, sabe. Então, tipo, não era só a música em si, né? Esse foi acho que o principal, né? Mas as outras foi, foi... experimentando até achar alguma coisa pra suprir, assim. E daí era... eram alegrias momentâneas, era meio que... é... como eu posso dizer? Tipo, era legal, era divertido, mas não tinha continuidade,

era só uma vez, ali, era só aqueles momentos que estavam ali e, tipo, hoje, amanhã já não existia mais. Foi meio que isso.

EF2: A comunhão, de ta com pessoas que servem ao senhor. Porque faz toda a diferença, você ficar isolado é... não dá, você não consegue servir o senhor se você tá isolado, porque a igreja é um corpo, né? A igreja é uma família, são várias pessoas, então eu sentia falta disso, eu sentia falta de um discipulado, de ter um pastor, acho que era esse o principal, eu sempre ia pra igreja querendo, sabe, ter uma... ter a opinião, a visão de um líder, uma pessoa com uma experiência pra me dar a direção, pra me... pra me falar do senhor, né, pra estar ali comigo me ajudando, me discipulando, acho que eu sentia muita falta de um pastor, uma pastora pra me discipular, um acompanhamento mais próximo de um líder.

EF3: Eu sentia falta de ter a minha vida, de andar, de trabalhar, de fazer as minhas coisas, de arrumar minha casa, porque eu amo arrumar minha casa, de poder me dedicar 100% às minhas filhas, porque eu amo ser mãe e eu não podia fazer isso. Eu não podia fazer isso. É... eu não sentia falta de Cristo, porque eu já questionava a ele, então eu não sentia falta dele. A única coisa que eu sabia fazer era questionar, era brigar, era me revoltar, porque eu fiquei rebelde com Cristo. Eu briguei com ele. Então eu tinha falta de ter a minha vida.

Percebe-se, portanto, que, enquanto uns indivíduos sentem falta da presença de Deus, da igreja, liderança e comunhão com as pessoas, outros sentem falta das atividades (música) e da própria vida/rotina. Interessante notar que apenas o EM1 e o EM3 se referiram a Deus. Ainda assim, eles não mencionaram sentir falta de Deus, de Jesus ou do Espírito Santo, apenas de estar na presença da divindade, o que pode demonstrar a qualidade da intimidade ou apego dos pentecostais entrevistados e ainda se relaciona aos motivos de retorno, conforme será analisado. Dessa forma, fica evidente a importância dos aspectos psicossociais no processo de afastamento-e-retorno-à-religião.

Embora com base no material coletado não seja possível avaliar como se dava a relação de apego e como era interpretada a figura de apego antes do afastamento, isto é, se havia uma relação de apego prévia com Deus nesse período - aspecto que

não fica claro ao longo da entrevista -, em todo o grupo, é possível verificar uma relação de apego a Deus, conforme relatos:

EM1: Às vezes eu me ocupo muito com o trabalho, me ocupo bastante no trabalho, e aí às vezes essa ocupação, eu acabo sentindo aquela falta, falta de algo. Aí eu venho e recordo: é falta de Deus, de orar mais, ficar mais... aquela sensação de perda. Já sentiu isso? Aquela sensação de perda, que algo está faltando. Você pode ter tudo mais falta algo na sua vida? É isso.

EM2: Uhum. A, primeiramente a Deus. Antigamente eu não tinha esse pensamento, né? Mas hoje é primeiramente a Deus. Eu recorro primeiramente, por isso que a minha fé é tão grande, que eu sei que ele nunca vai me abandonar, eu sei que um pai nunca abandona o filho.

EM3: E o único refúgio que eu tive foi Deus.

EF1: Ah, no meu caso, agora, eu consigo ver que seja Jesus Cristo (a minha rocha), né?

EF2: E hoje eu vejo que o que mais importa é o meu relacionamento com ele. A profundidade, a intimidade, aquilo que eu construo com ele. No secreto, na minha vida, né? No meu dia a dia. (...) E não sei te explicar, mas hoje eu percebo que eu sinto mais fome, mais paixão por Deus. Mais vontade de ter ele por perto, de estar perto dele.

EF3: Hoje, a minha prioridade é o senhor.

5.2.3 Eixo 3: Padrões de apego no contexto de retorno à religião

Assim como realizado com os participantes umbandistas, a identificação dos tipos de apego dos participantes pentecostais foi feita por inferência a partir de sua narrativa (autorrelato) acerca de seus modos de relação interpessoal.

Entre as pessoas entrevistadas, foi inferida a presença predominante do estilo de apego inseguro, evidenciada em seu histórico de vida, conforme apresentado o quadro abaixo:

Quadro 10 - Estilo de apego inferido para cada umbandista

Código	Estilo de apego inferido	Questões	Trechos das entrevistas
EM1	Ansioso	<i>Você já teve medo de rejeição?</i>	“Eu já passei por rejeição, já passei por rejeição. No começo eu tive medo também, mas hoje em dia, fui amadurecendo com a situação e acabei deixando de lado. Não dei mais importância a parte de rejeição, mas eu ainda passo por rejeição, sim”
		<i>Como você lida com o medo de se ferir numa relação?</i>	“Bem difícil. É bem difícil. Procuo buscar na oração a resposta pra poder se acalmar.”
		<i>Você sempre foi assim, quando você era mais novo você também era um pouco assim?</i>	“Na verdade, na verdade eu sempre fui aquela pessoa que queria tudo rápido, né, queria tudo rápido, nunca dava tempo ao tempo, mas devido alguns sofrimentos durante a vida, algumas decepções, a gente vai ficando mais calmo, vai ficando mais, mais zen, né?”
EM2	Ansioso	<i>Numa relação amorosa ou de amizade, com que frequência passa pela sua cabeça o medo de perder a pessoa?</i>	“Isso causa um pouco de ansiedade assim. Isso causa um pouco de medo. Um pouco, não, acho que dá um pouquinho mais. Dá, dá medo, dá, pra falar a verdade.”
		<i>E você se preocupa nessas relações se a outra pessoa também gosta de você?</i>	“Sim. Acho que me preocupa, sim. Até pelas atitudes acho que a gente consegue perceber, né? Mas a gente sempre fica com um pensamento assim na nossa cabeça se a pessoa gosta mesmo da gente ou não.”

EM3	Ansioso- evitante	<i>Como você se sente quando você começa a estabelecer relações mais próximas com outras pessoas?</i>	“De boa, só... só que no meu momento de dificuldade eu me isolo, é eu e eu. Mas eu recorro a Deus só e... mas pra fazer amizade eu sou uma pessoa de boa.”
		<i>E quando você começa a abrir sua intimidade?</i>	“Ah não, nisso daí demora, sou bem... eu vejo assim, a maldade das pessoas. Tipo, pra mim confiar no... nos pastores, no pessoal, eu demorei muito até criar uma certa intimidade com eles. E, tipo, é quando eu vejo... dentro de mim parece que tem algo que fala assim: esse alguém pode. Então quem foi em casa, foi, tipo a EF1 e o EM2, esses dias, jogar baralho, mas eu ainda não vejo um negócio pra mim falar, me abrir, soltar. Nem pros meus amigos mais antigos eu não tenho esse negócio. Quem me conhecia mesmo era minha irmã.”
		<i>Você se sente bem se apoiando ou confiando em outras pessoas?</i>	“Não. (...) Talvez porque eu nunca consegui, sempre fui... deixa eu ver. É que eu sempre me decepcionei. Então nunca consegui soltar uma carga que eu carregava pra alguém, porque só tive problema, então eu guardo pra mim, acho que é mais fácil.”
EF1	Ansioso	<i>Você se considera uma pessoa que se preocupa em perder proximidade nas relações?</i>	“Não (...) Super (desapegada). E eu acho que isso não é bom, sabia? (...) porque eu acho que o... acho que você tem que criar vínculos na vida.”
		<i>Você já teve medo de rejeição?</i>	“Olha, eu sempre fui muito é tudo ou nada. Era tudo ou nada, eu sou muito assim, não sei, tipo, eu, eu penso nisso 100%. Cinquenta, Cinquenta, vai dar e num vai. E se deu, bom, se não deu, vida seguindo.”
		<i>Então você não se considera uma pessoa que fica com</i>	“Não. Porque eu acho que isso pode acontecer e também não pode, daí se você só ficar

		<i>medo de se ferir numa relação?</i>	pensando: nossa, se eu entrar nisso aqui eu vou acabar me machucando, daí. Mas aí se você ficar pensando nesse aspecto, você não vai crescer, não vai fazer nada, vai ficar com medo de viver, eu acho. E é igual eu falei, é tudo ou nada. Tem que ser intenso nas coisas. Eu só não sei se tem que ser, né? Mas eu sou”
EF2	Ansioso	<i>Por que você acha que você não conseguiu desenvolver a inteligência emocional até esse período?</i>	“Sempre que eu vejo outras mães tratando bem as filhas, isso me deixa um pouco triste, sabe? Porque eu não tive isso. Então eu acredito que, por conta disso, de todas as palavras que eu ouvi da minha mãe também, não foram palavras de afirmação, pelo contrário, tudo isso foi construindo uma adulta muito frágil. Que não tem a segurança que eu gostaria de ter. Eu admiro muito pessoas que são seguras, porque não tenho isso.”
		<i>Você tinha medo de rejeição?</i>	“Sim. Totalmente, principalmente com esse colega de trabalho que eu me apaixonei.”
EF3	Ansioso	<i>E quanto fácil ou difícil era pra você estabelecer novas relações?</i>	“Não, eu não me acho difícil ter novas... eu não me julgo uma pessoa difícil em ter novas relações. Eu me acho uma pessoa aberta pra ter novas relações. É... eu costumo dizer que eu tenho um problema muito assim, eu não sei nem se é um problema, mas do mesmo modo que eu me apego às pessoas, do mesmo modo que eu faço amizade muito rápido, eu desfaço também muito rápido, é meio que a mesma proporção, sabe? Às vezes isso me assusta. Às vezes eu acho que está tudo certo, é por aí que vai. Então eu não me julgo uma pessoa difícil em estar aberta a ter novas relações.”
		<i>Quando você começa a estabelecer uma relação nova ou quando você</i>	“Então, hoje eu já não tenho esse medo mais. E tudo isso mudou após esse episódio com a minha filha. É... muita coisa mudou após isso.

		<i>começa a se apegar, quanto frequentemente passa pela sua cabeça o medo de perder a pessoa?</i>	Então antes disso, eu tinha medo. De perder a minha amiga, de falar alguma coisa a mais pro meu irmão. Após isso não. Após isso não. É... se eu tiver que perder, eu penso desta forma, se eu tiver que perder, se eu tiver que ir embora, é porque não era pra ficar.”
		<i>Por que você acha que buscava o amor nas pessoas?</i>	“Eu creio que eu buscava pra preencher um vazio que eu tinha. Eu tinha um vazio, uma necessidade de ter muita gente perto de mim, de estar comigo, de compartilhar com o mundo. Então hoje, eu sei que eu busquei a minha vida inteira errada. A vida inteira errada. Porque esse vazio que eu tinha somente o Senhor preenche, somente ele, somente ele preenche. Eu faço a minha parte aqui para ele e ele faz o resto para mim e pronto.”

Na análise da variabilidade/concordância interobservador também é confirmada a predominância do estilo de apego inseguro, conforme o quadro 11. Nele, é possível observar a ocorrência de apenas duas inferências de estilo de apego seguro, sendo uma realizada ao participante EM2 e outra à participante EF1.

Quadro 11 - Estilo de apego inferido para cada pentecostal na análise da variabilidade/concordância interobservador.

Pentecostais	Análise da pesquisadora	Análises 1a, 2a, 3a	Análises 1b, 2b, 3b	Análises 1c, 2c, 3c
EM1	Ansioso	Evitante	Ansioso	Ansioso
EM2	Ansioso	Ansioso	Seguro	Ansioso
EM3	Ansioso-evitante	Ansioso-evitante	Evitante	Ansioso-evitante
EF1	Ansioso	Seguro	Evitante	Evitante
EF2	Ansioso	Ansioso	Ansioso	Ansioso
EF3	Ansioso	Evitante	Ansioso	Evitante

Aos participantes EM1 e EM2 foi inferido principalmente o estilo de apego inseguro ansioso, com uma exceção para o EM1, categorizado no estilo de apego

inseguro evitante por um dos juízes. O juiz que avaliou o EM2 na categoria de estilo de apego seguro, apontou “atitude bastante positiva frente ao acolhimento que tem tido pelos membros da igreja e uma grande confiança e tranquilidade em sua relação com o divino”. Contudo, conforme destacado por outro avaliador, a ansiedade parece um elemento central, explicitada pelo próprio participante: “Se você gosta muito da pessoa eu creio que você não quer perder a pessoa. Isso causa um pouco de ansiedade assim.”

EM3 foi avaliado com o estilo de apego inseguro ansioso-evitante por dois juízes além da pesquisadora. O primeiro juiz ressaltou perceber que “embora esse sujeito queira se sentir acolhido ele demonstra preocupação em não conseguir corresponder ao que esperariam dele. Ele tem uma imagem negativa ao seu respeito e sente medo de acabar decepcionando os que estão ao seu redor.” O segundo, por sua vez, afirma: “Aqui a decisão foi tomada em função da necessidade de evitar os contatos. Deus aparece como a única figura confiável e que, portanto, não o abandonaria”.

Outra inferência de estilo de apego seguro deu-se em relação à UF1. O interobservador justificou sua decisão com base no processo de afastamento e em alguns trechos da entrevista. Em suas palavras: “O processo de afastamento me demonstrou um estilo de apego seguro que explora o ambiente e se permite viver outras experiências. Também utilizei algumas falas da entrevista para elaborar melhor a minha percepção sobre o perfil: “É, eu acho que é essa relação o qual eu tenho, de confiança de que meu pai sabe mais do que eu, ele viveu mais do que eu, então” (p.97) “É, eu acho bem divertido, mas eu acho que vai criando de acordo com a convivência com a pessoa, eu acho. Tipo, eu falo muito, cumprimento todo mundo, eu começo a zoar assim, no início qualquer pessoa, mas eu acho que pra firmar uma amizade ou qualquer coisa, tipo, tem que ser convivência, não posso taxar a pessoa de alguma coisa se eu não a conheço”. Sobre a pergunta do medo da rejeição, a participante respondeu “Não sei. Deixa eu pensar. Não. Eu acho que não, eu acho que... não sei, não sei se de outras pessoas ou de algumas coisas...”. Os demais interobservadores, por sua vez, destacaram a dificuldade em categorizar o estilo de apego da EF1.

Por outro lado, à EF2 foi inferido o estilo de apego ansioso de modo unânime, na justificativa dos juízes, devido à demonstração de uma hiper necessidade de conexão emocional com os outros, bem como à sua autodepreciação e baixa

autoestima. Ela expressa medo recorrente e descreve um padrão de se apegar emocionalmente rapidamente aos outros. Além disso, sua autoestima e segurança parecem depender fortemente de suas relações interpessoais, e ela busca rapidamente novos relacionamentos para suprir sua necessidade de vínculo, características típicas do estilo de apego ansioso.

A participante EF3, por fim, recebeu duas inferências relacionadas ao estilo de apego evitante. Os juízes justificaram suas escolhas destacando que, embora ela busque algum grau de acolhimento e relacionamento com os outros na igreja, demonstra uma relutância em confiar plenamente que suas necessidades emocionais serão atendidas pelas pessoas do grupo. Ela teve dificuldades no passado, sentindo-se abandonada, e atualmente enfatiza que sua relação mais estável é com a figura de Jesus e Deus. Isso sugere que ela mantém conexões sociais, mas não se sente totalmente segura com o apoio das pessoas, preferindo depositar sua confiança em uma entidade divina, o que é característico do apego evitante. A interobservadora que optou pelo estilo de apego inseguro ansioso nesse caso, no entanto, ressaltou o conflito da participante entre o desejo por relacionamentos e o sofrimento devido à ansiedade pela falta de apoio nos mesmos e ao medo de abandono e rejeição.

Feita essa análise, é interessante destacar a presença, no relato de indivíduos alguns entrevistados, de mudanças na forma como se relacionam com as pessoas, incluindo suas expectativas nas relações, antes e depois do período de afastamento-e-retorno-à-religião. A EF3 relata não ter mais medo de perder as pessoas em suas relações, a EF2 avalia que hoje não liga muito se as pessoas gostam dela e o EM1 afirma que hoje não tem mais tanto medo de rejeição e não se abre tanto com os membros da igreja. Essas mudanças podem estar relacionadas a um amadurecimento religioso, como relatam, e a um apego mais seguro com a figura de apego religiosa atual. Esse é um dado sugestivo que poderia ser investigado com mais profundidade em próximos estudos.

Em suma, é possível verificar que durante o afastamento as circunstâncias de vida e as relações pessoais impulsionam a necessidade do retorno à figura de apego espiritual outrora abandonada, resgatando-se um sentimento de pertencimento em período em que nenhuma outra figura de apego parece disponível ou forte o suficiente. Desse modo, tem-se uma relação de apego com a figura divina a partir da hipótese de compensação em todos os casos.

Interessante notar que o apego à figura religiosa e o pertencimento são aspectos psicossociais relevantes e o retorno da pessoa pentecostal acontece de uma maneira aparentemente mais autônoma e repentina do que no caso de umbandistas.

Outro aspecto importante relaciona-se às circunstâncias de vida de cada pessoa: elas se afastam devido a decepções na rede de apoio religiosa ou à decisão de viver a vida livremente, mas retornam frente às dificuldades da vida, lidando com o sofrimento emocional decorrente do sentimento de desamparo, medo e culpa, e frente à falta de uma figura de apego substituta.

5.3 Discussão dos resultados

O estudo realizado foi norteado por três hipóteses e é retomando-as e em diálogo com elas, verificando se foram ou não confirmadas, que os resultados encontrados serão discutidos.

Contudo, antes de aprofundar-se na discussão, é importante destacar dois aspectos que se destacam na história e trajetória religiosa de participantes umbandistas e pentecostais: (1) a faixa etária no período de retorno e (2) a não socialização da religião dos pais.

Faixa etária no período de retorno

Dentre as doze pessoas umbandistas e pentecostais entrevistadas, onze retornaram à religião na faixa etária entre 24 e 38 anos, o que corrobora resultados de estudos acerca da tendência do retorno à religião por volta dos trinta anos de idade (Dreyer, 2004; Hood et al., 2009). A exceção é uma única participante umbandista, a UF3, que se afastou brevemente, por poucos meses, da comunidade religiosa com idade superior a 50 anos.

Considerando-se que a captação de participantes foi realizada a partir do método bola de neve, em que participantes indicam pessoas com o mesmo perfil de sua própria rede de contatos, essa coincidência nos dados pode indicar uma particularidade da população estudada ou um vício da amostragem. Contudo, apesar da limitação da amostra e do possível vício da amostragem, esses achados iniciais fornecem um ponto de partida para investigações futuras e destacam a importância

de aprofundar o conhecimento sobre os padrões de retorno à religião em contextos específicos.

Ainda quanto ao padrão de idade, entre as demais cinco pessoas umbandistas, é possível verificar conformidades no processo de conversão e afastamento-e-retorno-à-religião: elas aderiram à religião no início da idade adulta, entre 18 e 19 anos (apenas o UM3 aderiu aos 21 anos), sofreram decepções com a liderança e afastaram-se após cerca de sete a oito anos de adesão. Todas desempenhavam funções religiosas, como mediunidade, ficaram cerca de um a dois anos afastadas (apenas o UM1 ficou 3 anos) e retornaram após intenso sofrimento emocional. Coincidentemente, a EF2 e o EM1 seguem esse mesmo padrão de idade no movimento religioso pentecostal.

Dentre o grupo de pentecostais, a única a herdar a religião dos pais é a EF1. Como tal, EF1 segue exatamente a tendência de afastamento-e-retorno-à-religião identificada em estudos anteriores (Dreyer, 2004; Hood et al., 2009). Todas as demais são as primeiras pessoas convertidas da família. Um ponto em comum é a conversão antes dos 19 anos. Contudo, as trajetórias religiosas possuem diferenças: EM1 afastou-se ainda adolescente, EM2 afastou-se por um período curto e EF3, a única a ter contato na infância (por influência fora da família) afastou-se na idade adulta, após longo período convertida.

Não socialização da religião dos pais

Com base em estudos anteriores (Coutinho & Golgher, 2014; Dreyer, 2004; Hood et al., 2009), esperava-se encontrar e entrevistar pessoas que nasceram no berço religioso da refiliação ou afiliaram-se por influência de seus pais. Contudo, onze dos doze indivíduos rejeitaram a religião de seus pais, aderiram à religião escolhida, envolveram-se por um período variável, afastaram-se e retornaram devido a algum sofrimento emocional.

Portanto, com exceção da EF1, onze participantes buscaram por uma religião de maneira autônoma. Por exemplo, no caso da EF2, fica claro que essa busca estava relacionada à necessidade de um sentimento de pertencimento e rede de apoio, enquanto no caso do EM1, a rede de apoio religiosa disponibilizou-se em um momento de perda. O motivo da adesão religiosa entre os umbandistas, no entanto, não foi compartilhado em detalhes, sendo necessário aprofundamento na investigação.

A opção de afiliarem-se a religiões fora do berço familiar pode estar em concordância com a sugestão de estudos anteriores que revelam associação a uma maior rejeição da religiosidade dos pais e a mais temas de compensação emocional entre pessoas com estilo de apego inseguro (Greenwald et al., 2018). Nesse caso, não se trata apenas de evitar engajar-se com a mesma intensidade nas atividades religiosas dos pais, mas de rejeitar totalmente seu universo religioso. Contudo, para realizar essa afirmação, seria necessário investigar mais a fundo a relação familiar e o papel desempenhado pela religião na família, especialmente durante a infância dos entrevistados.

Discussão a partir da hipótese 1: “Há associação entre os estilos de apego e os motivos de retorno à afiliação religiosa”

Conforme o enunciado, como primeira hipótese para este estudo apostou-se que seria encontrada associação entre os estilos de apego e os motivos de retorno à religião anteriormente abandonada, como proposto por Granqvist e Kirkpatrick (2004) e Granqvist et al. (2012). Essa hipótese foi baseada em resultados de estudos que sugerem que pessoas com o estilo inseguro ansioso apresentam o comportamento mais oscilante frente à religião (Cooper et al., 2009), o que se relacionaria com o fenômeno de afastamento-e-retorno-à-religião investigado.

A avaliação da hipótese 1 foi realizada a partir da análise do estilo de apego inferido de cada participante e de sua comparação com os relatos referentes às circunstâncias vivenciadas individualmente pelos entrevistados e entrevistadas no período de afastamento-e-retorno-à-religião.

Do motivo de retorno à religião

O motivo de retorno à religião apresentou-se como uma variável relevante na comparação entre os indivíduos das duas religiões em questão. Enquanto entre umbandistas a motivação parece desdobrar-se a partir da saudade das entidades e pertencimento religioso, a partir da consciência da missão dentro da religião e da influência de pessoas próximas, entre pentecostais os motivos giram em torno de urgências mais relacionadas à necessidade de conquistas e alívio de inseguranças, como o medo do futuro, e da culpa.

Em ambos os grupos, as pessoas apresentam sofrimento emocional no processo de retorno, sendo o sofrimento um tema recorrente nos relatos. Contudo, diferentemente do que é visto nas entrevistas com pentecostais, que retornaram em busca de ajuda a partir de circunstâncias que se desdobraram após o afastamento, entre umbandistas o sofrimento é relatado com mais intensidade: ele parece ter início no período de afastamento, como uma consequência do próprio processo, não sendo gerado devido a situações posteriores, como perda de um relacionamento, falecimento familiar ou perda de uma figura de apego fora do contexto religioso. E o retorno à religião ocorre em ambas as religiões como um modo de aplacar ou eliminar o sofrimento. Portanto, o sofrimento parece ser uma temática central nesse processo todo.

Do estilo de apego

Em ambos os grupos, encontram-se pessoas do estilo de apego inseguro. O método de pesquisa e o instrumento parecem limitados para a inferência do estilo de apego em todos os casos, se evitante, ansioso ou ansioso-evitante. A análise para diferenciação das variações do estilo de apego inseguro é complexa, o que é evidenciado a partir dos resultados da análise da variabilidade/concordância interobservador e em alguns comentários dos interobservadores em sua participação. De todo modo, parece correto afirmar que se trata de pessoas de estilo de apego inseguro. Esse resultado está em linha com estudos de Cooper et al. (2009), que atribuem ao estilo de apego ansioso o comportamento mais oscilante frente à religião.

Como posto, as entrevistas com adeptos e adeptas da Umbanda sugerem que todos(as) apresentam perfil de estilo de apego inseguro e retornaram após intenso sofrimento emocional, o que corrobora a hipótese apresentada de que pessoas com estilo de apego inseguro tenderiam a retornar a sua figura de apego no contexto religioso em situações de sofrimento ou crise. Os relatos revelam sentimentos de desorientação, saudade e a busca por cuidado e segurança nas entidades espirituais. Esse grupo, portanto, parece relacionar a Umbanda à busca por conforto emocional entre indivíduos com estilo de apego inseguro.

O estilo de apego inseguro também foi predominante entre pentecostais. Esse grupo com o apego inseguro parece fazer uma relação direta entre as circunstâncias da vida e seu compromisso religioso, voltando-se a Deus para resolver seus

problemas materiais, emocionais e a culpa. Além disso, a origem desses problemas parece ser atribuída ao próprio afastamento da pessoa religiosa de seu Deus. Portanto, diferentemente do grupo de umbandistas, pentecostais afirmam terem retornado porque as circunstâncias de suas vidas não estavam satisfatórias e precisavam de um apoio espiritual para a conquista material e cuidado emocional. Embora relatem a presença de um sofrimento emocional, fazem isso utilizando expressões mais leves e focando nas circunstâncias da vida, o que pode sugerir uma dependência e relação de apego diferente entre pentecostais com Deus e umbandistas com as entidades.

Para analisar o contraste entre as duas religiões, é interessante resgatar um trecho da entrevista da UF1, em que ela relata já ter as circunstâncias de sua vida mais satisfatórias antes do processo de retorno, indicando que o retorno não aconteceu devido a problemas ou adversidades da vida cotidiana:

UF1: Acho que já estava tudo mais ou menos encaminhado, arrumado, mas eu ainda sentia essa falta. Então era o que faltava pra mim, era o que eu precisava fazer e eu sabia disso. E aí... é... quando eu fui lá tomar um passe e eles vieram e eles falaram que era aquilo e eu precisava fazer aquilo... e eu fiz.

Devido ao fato de não ter sido detectado perfil de apego seguro nos dois grupos religiosos, não é possível realizar uma investigação mais profunda a partir da comparação entre os estilos seguro e inseguro. Contudo, a ausência de pessoas com esse perfil por si só já pode ser um indicativo de uma possível diferença no comportamento religioso entre pessoas com o apego seguro e pessoas com apego inseguro e predominância do perfil de apego inseguro no retorno à religião.

O material coletado não é suficiente para embasar sugestões de que a intensidade do sofrimento no caso do estilo de apego evitante seria mais elevado conforme apostou-se, uma vez que todos os entrevistados e entrevistadas relatam intenso sofrimento. Seriam necessários novos estudos para compreender: (1) como se comportam pessoas com estilo de apego seguro no processo de afastamento e retorno à Umbanda e Pentecostal; e (2) se existe diferença na intensidade do sofrimento emocional entre pessoas de perfil evitante, ansioso e ansioso-evitante no processo de retorno. No presente estudo, não foi possível realizar essa análise.

Outro ponto que merece atenção é a possibilidade de mudança no estilo de apego no processo de afastamento. Seria possível verificar uma mudança no estilo, de seguro a inseguro, entre umbandistas durante esse trânsito religioso? Seriam os conflitos com as autoridades religiosas causas suficientes de mudança no estilo de apego? Como se daria esse processo? Esse processo parece ser sugerido no caso da UF1. Em seu relato, a entrevistada parece apresentar um estilo de apego seguro antes do episódio do divórcio e do afastamento religioso.

Discussão a partir da hipótese 2: “Há diferença no processo de retorno à religião Evangélica Pentecostal e à Umbanda e na forma como as figuras de apego são interpretadas”

No que se refere à hipótese 2, avaliou-se a diferença no processo de retorno à religião Evangélica Pentecostal e à Umbanda e na forma como as figuras de apego são interpretadas. No caso da religião evangélica pentecostal, apostou-se que o retorno à religião seria consequência de uma relação do tipo compensatória em pessoas que apresentam o estilo de apego inseguro, ao passo que na Umbanda essa relação ainda precisaria ser mais estudada.

Conforme estudos da Teoria do Apego e do Apego a Deus tomados como referência para este estudo (Bowlby, 1988; Kirkpatrick, 2005), é possível verificar a hipótese da compensação nas entrevistas. Deus ou as entidades são adotados como figuras de apego compensatórias devido ao histórico de insegurança no apego. No processo de retorno, parecem servir como uma figura de apego substituta devido ao sofrimento intenso que, no caso de umbandistas, ocorre especialmente devido à dor do afastamento da religião por atritos interpessoais com o grupo de referência, mas no caso de pentecostais ocorre devido à perda da figura de apego anterior ou a uma crise pessoal individual relacionada com a religião, e não interpessoal ou relacionada ao grupo propriamente (com exceção do UM1 e UF3, que revelam insatisfação com a atitude dos membros da igreja).

O processo de conversão religiosa da maioria dos indivíduos ocorreu de maneira repentina e marcada por maior crença religiosa, o que corrobora descobertas de estudos anteriores baseados em autorrelatos de apego na idade adulta que têm demonstrado que experiências de apego inseguro estão associadas à instabilidade religiosa (Cooper et al., 2009).

Nos relatos umbandistas, é possível identificar os cinco atributos de Ainsworth (1985) que caracterizam relacionamentos de apego ou com as figuras religiosas humanas ou sobrenaturais: (1) a procura por proximidade quando assustado(a); (2) o cuidador é visto como porto seguro; (3) o cuidador é visto como base segura; (4) a ameaça de separação causa ansiedade; (5) a perda da figura de apego causa luto (Kirkpatrick, 2005). Especificamente no caso do UM2, parece seguro afirmar que as cinco características eram presentes em sua relação com a mãe de santo antes do afastamento, o que configurava uma relação de apego. Por exemplo, a ameaça de separação lhe gerava ansiedade (4) e culminou em luto (5). No caso dos demais participantes, não fica claro se a relação maior de apego era com a liderança ou com as entidades, embora relatem a saudade gerada dessas últimas.

Apesar de no discurso do grupo umbandista ser esclarecido o apego às entidades, é evidente a importância dos aspectos psicossociais no processo de afastamento-e-retorno-à-religião e sua influência na geração e evolução do sofrimento ao longo do discurso. Entre esses aspectos são destacados o relacionamento com a liderança e rede de apoio e o envolvimento nas atividades religiosas dentro da estrutura do terreiro. Nessa linha, a maioria dos entrevistados e das entrevistadas umbandistas parece migrar de uma relação de apego com a liderança e outros adeptos antes do afastamento para uma intensificação do apego às entidades e envolvimento religioso após o retorno.

Ainda assim, em concordância com a segunda hipótese, o retorno à religião, portanto, parece ocorrer a partir de um fenômeno compensatório em que as entidades se configuram como a figura de apego de cada participante em uma relação de apego, tão somente no sentido que os adeptos e adeptas em afastamento não encontram uma figura de apego que promova segurança em suas relações durante esse processo e retornam à religião devido ao sofrimento emocional gerado pela falta que sentem da figura de apego, à impossibilidade de substituição da mesma e a fatores psicossociais, que serão analisados em diálogo com a terceira hipótese.

No caso do grupo de pentecostais, considerando as circunstâncias de vida e motivações pelas quais os entrevistados e as entrevistadas optaram pelo retorno à religião, é possível concluir que Deus atua como uma figura de apego numa relação do tipo compensatória nesses casos, conforme apostou-se na hipótese apresentada. Segundo Granqvist e Kirkpatrick (2004), um relacionamento com Deus do tipo compensatório pode ser notado nos seguintes casos: (1) quando a pessoa experientia

grande estresse ou perigo sem possuir uma figura de apego suficiente; (2) quando a figura de apego primária encontra-se indisponível, o que inclui a perda de um relacionamento amoroso na idade adulta; (3) quando há uma história de apegos inseguros. Desse modo, os dados da pesquisa corroboram resultados de pesquisas anteriores no estudo do Apego a Deus: o primeiro caso é notado na história relatada dos entrevistados EM1, EF1, EF2 e EF3. O segundo caso, nos relatos do EM3. O terceiro, nos relatos do EM2.

Portanto, no que tange à análise das figuras de apego adotadas em cada religião, entre umbandistas parece haver uma transição das figuras de apego no período de retorno: de figuras naturais/humanas (a liderança) para figuras sobrenaturais (as entidades). O retorno nesse caso poderia ser interpretado como uma evidência do processo de amadurecimento da relação entre a pessoa umbandista com a figura de apego religiosa sobrenatural, uma vez que após esse processo, parece haver: (1) uma resignificação do papel da liderança, que parecem perder a centralidade na relação de apego; e (2) uma resignificação da relação entre o(a) umbandista e as entidades, que parecem ganhar mais relevância na construção de sentido do indivíduo religioso. Do mesmo modo, a escolha da entidade a ser interpretada como figura de apego pode ser resultado de um processo mais fluído do que nos casos de figuras de apego humanas: o indivíduo apega-se às entidades mais presentes, que oferecem acompanhamento e aconselhamento, conforme sua proximidade e relevância. Estudos mais aprofundados nesse sentido podem ser interessantes para compreensão da qualidade dos laços estabelecidos na religião e seu impacto no sistema de apego do indivíduo, bem como no envolvimento religioso.

Entre pentecostais, em contrapartida, parece haver um abandono mais ativo do que reativo da figura de apego no sentido de o indivíduo decidir afastar-se não apenas por causa de decepções, mas devido a novas decisões quanto à forma que deseja viver e relações que deseja estabelecer. Desse modo, o motivo de retorno parece ter mais a ver com a culpa e a necessidade de estar próximo de uma figura de apego que ofereça uma relação segura como forma de buscar a solução para problemas do que com a saudade da figura de apego. Isso parece enfatizado especialmente entre pentecostais, que retornam para sua figura de apego anterior na falta de uma figura de apego substituta. Nesse sentido, umbandistas, por sua vez, parecem expressar mais saudade da figura de apego sobrenatural e atrelar seu retorno a isso, talvez

porque deixam de associar a liderança que motivou o afastamento à solução religiosa em si.

Embora não fique claro o processo de transição e mudanças de figuras de apego em todas as entrevistas no período de afastamento-e-retorno-à-religião, a existência de figuras de apego fora do universo religioso entre umbandistas parece um pouco menos provável (pelo menos não a ponto de substituir o benefício psicossocial ofertado pela Umbanda) do que o observado no contexto das pessoas pentecostais. Além disso, é importante destacar que alguns umbandistas possuem relações de apego estabelecidas uns com os outros, como no caso da UF1 e do UM3 com a UF2. Essa conexão e a sensação de saudade compartilhada podem reforçar ainda mais a necessidade de retorno. Isso pode explicar o sofrimento emocional que a separação da figura de apego gera ao longo do período de afastamento até culminar no retorno. Entre pentecostais, parece haver um suporte social maior ou uma decisão mais individual voluntária para afastamento. Nesse sentido, a presença de um profissional no aconselhamento psicológico que ofereça suporte e atue como uma figura de apego seguro para o indivíduo que decidiu afastar-se devido a conflitos pode ser fundamental no alívio do sofrimento emocional.

A decepção com a liderança, no entanto, é um ponto em comum em ambos os grupos. Alguns questionamentos surgem dessa relação: pessoas com estilo de apego inseguro podem ter uma sensibilidade maior ao comportamento da liderança? Tendem a retornar à religião mais do que pessoas com o estilo de apego seguro? Aqui, a questão da transição do estilo de apego seguro para o inseguro depois do período de afastamento-e-retorno-à-religião pode ser levantada novamente. Para responder a essas perguntas, é necessário ampliar o estudo, cruzando seus resultados com estudos que investigam o processo de afastamento sem retorno.

Discussão a partir da hipótese 3: “A rede de apoio e o sentimento de pertença grupal são aspectos psicossociais que desempenham papel fundamental no movimento de retorno à religião e dependem do estilo de apego”

Na hipótese 3 apostou-se que os aspectos psicossociais, com destaque à rede de apoio e ao sentimento de pertença grupal, desempenham papel fundamental no movimento de retorno à religião e dependem do estilo de apego.

No estudo realizado verificou-se que, de fato, a importância do sentimento de pertença está presente em todos os relatos. Esse aspecto parece desempenhar um papel fundamental não apenas na motivação para o retorno, mas ainda no processo de intensificação do envolvimento religioso.

Nos relatos de umbandistas, é ressaltada a importância do sentimento de conexão, integração e aceitação dentro da comunidade religiosa, expresso a partir da sensação de estar em casa, de encontrar apoio emocional e participar ativamente das atividades religiosas. O senso de pertencimento é fortalecido pelo envolvimento ativo nas práticas religiosas e pela conscientização da missão religiosa, que proporcionam significado, propósito e um sentimento de contribuição para o bem-estar coletivo.

Na mesma linha, pentecostais expressam a importância de se sentirem parte de um grupo religioso e de compartilharem experiências e vínculos com outros membros. Os relatos revelam que o sentimento de pertencer à religião traz mudanças significativas na vida dos indivíduos, como a retomada da identidade, a transformação pessoal e a sensação de preencher um vazio emocional. Além disso, destacam a crença em um chamado divino e a compreensão de que suas vidas são guiadas por um propósito religioso.

Outro aspecto influente nas duas religiões é a rede de apoio disponível. É possível perceber que a família, especialmente os pais, permanece desempenhando um papel secundário no processo de decisão da trajetória religiosa. Contudo, embora em ambos os grupos o retorno tenha sido para outra comunidade, o de umbandistas parece ter contado com uma rede de apoio mais ampla, coesa e sólida do que o de pentecostais.

Entre umbandistas, as pessoas entrevistadas contaram com uma rede de apoio de amigos umbandistas próximos que as conectou novamente à religião. Pessoas com as quais já se relacionavam, inclusive na comunidade anterior. Já entre a metade dos(as) pentecostais, o retorno foi resultado de uma decisão e de uma trajetória mais individual: as pessoas decidiram visitar uma igreja, porque sentiam a necessidade de retornar independentemente do recebimento de um convite ou incentivo. Além disso, a maioria não contou com a mesma rede de apoio do afastamento.

Um ponto de diferenciação entre os dois grupos merece destaque: o papel desempenhado pela maioria das pessoas de cada grupo em sua religião. Entre umbandistas, a maioria é formada por pessoas que ocupam cargos importantes na comunidade religiosa, como o de médiuns. Já entre pentecostais, com exceção do

EM1 e da UF2, a maioria é composta por membros considerados comuns. Embora o senso de pertencimento seja um aspecto importante no retorno à religião de ambos os grupos, essa diferença de papéis pode influenciar no sentimento de urgência e na dinâmica de atuação e envolvimento da rede de apoio, o que pode ser uma variável importante na explicação das diferenças encontradas nos grupos.

Conclusão acerca da verificação das hipóteses

Em suma, verificou-se que as hipóteses 1, 2 e 3 foram parcialmente confirmadas.

No caso da hipótese 1, a aposta confirmou-se: “há associação entre os estilos de apego e os motivos de retorno à afiliação religiosa”. Contudo, para avaliar a variação entre os diferentes tipos de estilo de apego, seria necessário o aparecimento do estilo de apego seguro no grupo de entrevistados e, para diferenciação entre os estilos inseguros, um estudo mais aprofundado para uma melhor investigação.

Quanto à hipótese 2, que sugere que “há diferença no processo de retorno à religião Evangélica Pentecostal e à Umbanda e na forma como as figuras de apego são interpretadas”, embora o retorno em ambos os grupos tenha ocorrido a partir da hipótese da compensação entre pessoas com histórico de apego inseguro, considera-se que exista diferença na forma de relação entre as figuras de apego, tanto naturais quanto sobrenaturais, em cada religião, sendo necessário um estudo mais aprofundado para sua melhor compreensão. Os resultados sugerem que os umbandistas tendem a se voltar para uma figura de apego sobrenatural, as entidades espirituais, devido ao sentimento de pertencimento e em busca de apoio social após um intenso sofrimento emocional causado por decepção com a liderança religiosa natural. Por outro lado, os pentecostais retornam para Deus na ausência de outra figura de apego durante momentos de sofrimento emocional devido a circunstâncias desfavoráveis na vida, buscando lidar com o desamparo, o medo e a culpa. Essa diferença revela possíveis discrepâncias significativas entre os dois grupos.

Por fim, a hipótese 3, de que a rede de apoio e o sentimento de pertença grupal são aspectos psicossociais que desempenham papel fundamental no movimento de retorno à religião e dependem do estilo de apego, se confirmou parcialmente porque, apesar de as entrevistas evidenciarem que os aspectos psicossociais foram fundamentais no processo de retorno e que sua influência e atuação pode variar em

cada religião, não foi possível analisar propriamente a dependência do estilo de apego devido à ausência do estilo de apego seguro nos grupos. No entanto, como mencionado, o fato de não ter sido detectado outro tipo de apego sugere, como tendência, que o apego inseguro esteja relacionado a histórias de afastamento e retorno à religião. Esta é uma questão a ser verificada em futuros estudos.

Um resumo do que corrobora cada uma das hipóteses pode ser verificado no quadro a seguir:

Quadro 12 - Verificação das hipóteses

Hipóteses	Conclusão	Umbandistas	Pentecostais
Hipótese 1: Há associação entre os estilos de apego e os motivos de retorno à afiliação religiosa.	Confirmada	Predominância do estilo de apego inseguro, ansioso ou evitante, e retorno a partir de intenso sofrimento emocional associado ao afastamento, à saudade do terreiro ou entidades.	Predominância do estilo de apego inseguro ansioso e retorno devido a problemas de ordem financeira, familiar e pessoal e sofrimento emocional.
Hipótese 2: Há diferença no processo de retorno à religião Evangélica Pentecostal e à Umbanda e na forma como as figuras de apego são interpretadas.	Parcialmente confirmada	Parece haver uma transição entre figuras de apego: da liderança antes do afastamento para entidades após o afastamento. As entidades mais presentes ou influentes são citadas num relacionamento do tipo compensatório.	Retornam para Deus (ou Jesus) na ausência de uma figura de apego suficiente para lidar com as circunstâncias de vida (crise) num relacionamento do tipo compensatório.
Hipótese 3: A rede de apoio e o sentimento de pertença grupal são aspectos psicossociais que desempenham papel fundamental no movimento de retorno à religião e dependem do estilo de apego.	Parcialmente confirmada.	Tanto a rede de apoio quanto o senso de pertencimento desempenham papel fundamental no processo de retorno entre pessoas de estilo de apego inseguro.	O senso de pertença é importante na decisão de vincular-se à comunidade. Contudo, o processo de retorno não parece depender na mesma medida da influência ativa de uma rede de apoio entre pessoas de estilo de apego inseguro.

Considerações Finais

O presente estudo qualitativo, realizado a partir de alguns casos em duas religiões distintas, oferece subsídios para o delineamento de novo(s) estudo(s) que englobem mais participantes para a investigação das principais variáveis relacionadas ao processo de afastamento-e-retorno-à-religião. As diferenças encontradas nos grupos religiosos também representam um campo amplo e frutífero para investigação da Psicologia Social da Religião, estimulando o olhar para além do universo monoteísta cristão.

Apesar das limitações do estudo apresentado, considera-se que este pode servir como incentivo para futuras investigações que pretendam diferenciar o processo de retorno da conversão inicial e compreender o que motiva e influencia esse trânsito religioso. Em linha com as descobertas da presente pesquisa, é importante notar que, embora entre o grupo de umbandistas o afastamento que precede o retorno esteja relacionado a uma frustração com a liderança e, no caso do grupo de pentecostais, também a uma rejeição à doutrina, ambos sentem e expressam a culpa do afastamento no processo de retorno e consideram a necessidade de retornar como forma de redenção e proteção. Essa variável pode ser um importante elemento para futuros estudos no caminho de distinguir o retorno à religião do processo de afiliação religiosa no sentido de primeira conversão ou adesão.

Muitos questionamentos permanecem em aberto e apresentam-se como desdobramentos dos resultados da pesquisa: (1) Seriam os conflitos com as lideranças religiosas causas para mudança de estilo de apego de pessoas que se afastam? (2) Como se comportam pessoas com estilo de apego seguro no processo de afastamento-e-retorno-à-religião em religiões distintas, como a Umbanda e a Evangélica Pentecostal? (3) Existe diferença na intensidade do sofrimento emocional entre religiosos e religiosas de estilo de apego evitante, ansioso e ansioso-evitante no processo de afastamento-e-retorno-à-religião? (4) Qual é a relação entre elementos como o tipo de afiliação religiosa, o motivo de afastamento, o papel da rede de apoio e do senso de pertencimento no processo de retorno e no envolvimento religioso?

A Teoria do Apego e do Apego a Deus têm se mostrado úteis para o estudo de aspectos psicossociais relacionados ao fenômeno de afiliação e refiliação religiosas. Contudo, é necessário investir em uma coleta mais ampla de dados para aprofundar as descobertas e encontrar padrões no comportamento religioso a partir do apego

inseguro e seguro que possam proporcionar soluções para o sofrimento emocional gerado a partir das interações sociais nos grupos religiosos e das possíveis crises pessoais que se desdobram no afastamento-e-retorno-à-religião.

A realização deste estudo proporcionou uma oportunidade de aprimoramento como pesquisadora no campo da Psicologia Social da Religião. Ao investigar o processo de afastamento-e-retorno-à-religião, foi possível aprofundar conhecimentos sobre as dinâmicas psicossociais envolvidas nesse fenômeno e ampliar a compreensão da relação entre o papel do apego em diferentes afiliações religiosas.

Essas descobertas têm implicações práticas para profissionais da área da saúde e religiosos, permitindo um entendimento mais abrangente das necessidades e desafios enfrentados pelos indivíduos nesse processo. Em suma, este estudo representa um passo importante para uma compreensão mais aprofundada e sensível do fenômeno do apego no universo religioso e seu impacto na vida das pessoas.

Referências

- A Bíblia na Linguagem de Hoje. (1988). Sociedade Bíblica do Brasil.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation. Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Patterns of infant- mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 771–791. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3864510/>
- (n.d.) Apostila Templo Escola de Umbanda Luz de Caboclo
- August, H.; Esperandio, M. R. G., & Escudero, F. T. (2018). Brazilian Validation of the Attachment to God Inventory (IAD-Br). *Religions*, 9(4), 103. <https://doi.org/10.3390/rel9040103>
- August, H., & Esperandio, M. R. G. (2019). Apego a Deus: revisão integrativa da literatura. *Horizonte*, 17(53), 1039–1072. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2019v17n53p1039>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117(3), 497-529. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497>
- Beck, R., & McDonald, A. (2004). Attachment to God: The Attachment to God Inventory, tests of working model correspondence, and an exploration of faith group differences. *Journal of Psychology and Theology*, 32(2), 92–103. <https://doi.org/10.1177/009164710403200202>
- Birgegard, A., & Granqvist, P. (2004). The correspondence between attachment to parents and God: Three experiments using subliminal separation cues. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 1122–1135.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss* (2^a ed., Vol. 1). Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. Basic Books.
- Brown, D. (1985). *Umbanda: Uma religião brasileira*. Edições Loyola.
- Campos, L. S. (2005). As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, 67, 100-115. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p100-115>
- Cassibba, R., Granqvist, P., Costantini, A., & Gatto, S. (2008). Attachment and God representations among lay Catholics, priests, and religious: A matched comparison study based on the Adult Attachment Interview. *Developmental Psychology*, 44(6), 1753–1763. <https://doi.org/10.1037/a0013772>

- Cherniak, E., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2021). *Attachment to God: Insights from the psychology of religion*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.08.020>
- Cicirelli, V. (2004). God as the ultimate attachment figure for older adults. *Attachment & Human Development*, 6(4), 371–388. <https://doi.org/10.1080/1461673042000303091>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment Style, Working Models and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Cooper, L. B., Bruce, A. J., Harman, M. J., & Boccaccini, M. T. (2009). Differentiated styles of attachment to God and varying religious coping efforts. *Journal of Psychology and Theology*, 37(2), 134–141. <https://doi.org/10.1177/009164710903700205>
- Costa, H. S. C. (2013). *Umbanda, uma religião sincrética e brasileira*. [Tese de Doutorado, Departamento de Filosofia e Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás]. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/758>
- Coutinho, R. Z., & Golgher, A. B. (2014). The changing landscape of religious affiliation in Brazil between 1980 and 2010: age, period, and cohort perspectives. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 1(31), 5–23. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982014000100005>
- Dalgalarrodo, P. (2008). *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Artmed. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500023>
- G1. (2020). 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>
- Diener, E., Tay, L., & Myers, D. G. (2011). The religion paradox: If religion makes people happy, why are so many dropping out? *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1278–1290. <https://doi.org/10.1037/a0024402>
- Djupe, P. A., Neiheisel, J. R., & Sokhey, A. E. (2018). Reconsidering the Role of Politics in Leaving Religion: The Importance of Affiliation. *American Journal of Political Science*, 62(1), 161–175. <http://www.jstor.org/stable/26598757>
- Dreyer, Y. (2004). A public practical theological theory for religious education of secularised youth, *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, 60(3), 919–945. <https://hdl.handle.net/10520/EJC35850>
- Gomes, A. M. A. (2013). *Psicologia Social da Conversão Religiosa*. Editora Reflexão.

- Granqvist, P., & Kirkpatrick, L. A. (2004). Religious conversion and perceived childhood attachment: A meta-analysis. *International Journal for the Psychology of Religion*, 14(4), 223–250. https://doi.org/10.1207/s15327582ijpr1404_1
- Granqvist, P., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2010). Religion as attachment: Normative processes and individual differences. *Personality and Social Psychology Review*, 14(1), 49–59. <https://doi.org/10.1177/1088868309348618>
- Granqvist, P., Mikulincer, M., Gewirtz, V., & Shaver, P. R. (2012). Experimental findings on God as an attachment figure: Normative processes and moderating effects of internal working models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(5), 804–818. <https://doi.org/10.1037/a0029344>
- Greenwald, Y., Mikulincer, M., Granqvist, P., & Shaver, P. R. (2021). Apostasy and conversion: Attachment orientations and individual differences in the process of religious change. *Psychology of Religion and Spirituality*, 13(4), 425–436. <https://doi.org/10.1037/rel0000239>
- Hood, R. W., Hill, P. C., & Spilka, B. (2009). *The Psychology of Religion: An Empirical Approach* (4th ed.). Guilford Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Censo demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.
- James, W. (1995). *As variedades da experiência religiosa. Um estudo sobre a natureza humana*. Cultrix.
- Juliano, M. C. C., & Yunes, M. A. M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, 17(3), 135–154. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>
- Junior, N. S., & Zangari, W. (2017). *A Psicologia Social e a questão do hífen*. Editora Edgard Blücher Ltda. <https://sites.usp.br/ppg-pst/wpcontent/uploads/sites/218/2017/03/psicologiasocialquestaohifen.pdf>
- Kaufman, G. D. (1981). *The theological imagination: Constructing the concept of God*. Westminster.
- Kirkpatrick, L. A. (2005). *Attachment, Evolution, and the Psychology of Religion*. Guilford.
- Kirkpatrick, L. A., & Shaver, P. R. (1992). An attachment-theoretical approach to romantic love and religious belief. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18(3), 266–275. <https://doi.org/10.1177/0146167292183002>
- Koenig, H. G., Larson, D. B., & Larson, S. S. (2001). Religion and Coping with Serious Medical Illness. *Annals of Pharmacotherapy*, 35(3), 352–359. <https://doi.org/10.1345/aph.10215>

- Loveland, M. T. (2003). Religious switching: preference development, maintenance, and change. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 42(1), 147–157. <https://doi.org/10.1111/1468-5906.00168>
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. W. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy*, 95–124. Ablex Publishing
- Maraldi, E. O., Toniol, R. F., Swerts, D. B., Lucchetti, D., Leão, F. C., & Peres, M. F. P. (2020) The dynamics of religious mobility: investigating the patterns and sociodemographic characteristics of religious affiliation and disaffiliation in a Brazilian sample. *International Journal of Latin American Religions*, 5, 133–148. <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00107-1>
- Mariano, R. (1999). *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. (2a ed.) Edições Loyola.
- Mariano, R. (2013). Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, 2(24), 119-137. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.43696>
- Martins, T. S. (2020). Psicanálise e cultura: umbanda e discurso psicanalítico. *Reverso*, 42(80), 101-108. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952020000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Mossière, G. (2007). *La conversion religieuse: approches épistémologiques et polysémie d'un concept*. Groupe de recherche Diversité urbaine, Université de Montréal.
- Niemelä, K. (2015). 'No longer believing in belonging': A longitudinal study of Finnish Generation Y from confirmation experience to Church-leaving. *Social Compass*, 62(2), 172–186. <https://doi.org/10.1177/0037768615571688>
- Novaes, R. (2004). Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. *Notas preliminares*. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300020>
- Oksanen, A. (1994). *Religious conversion: a meta-analytical study*. Lund University Press.
- Oliveira, J. H. M. (2017). *A escrita do sagrado na literatura umbandista: Uma análise da obra de Matta e Silva em perspectiva comparada*. [Tese de Doutorado, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=180-a-escrita-do-sagrado-na-literatura-umbandista-uma-analise-daobra-de-matta-e-silva-em-perspectivacomparada&category_slug=teses&Itemid=155
- Oro, A. P. (2001). Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Ilha: revista de antropologia*. Florianópolis, SC. Vol. 3, n. 1, p. 71-85. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165036>

- Paiva, G. L. (1999). *Evangélicos sem igreja: itinerários religiosos no Brasil*. Editora Vozes.
- Pargament, K. I., & Hahn, J. (1986). God and the just world: Causal and coping attributions to God in health situations. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 25(2), 193–207. <https://doi.org/10.2307/1385476>
- Perry, S. L., & Kyle C. L. (2019). Examining the impact of religious initiation rites on religiosity and disaffiliation over time. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 58(4), 891–904. <https://doi.org/10.1111/jssr.12632>
- Prandi, R. (2004). O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, 18(52), 223–238. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300015>
- Rohde, R. (2009). Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *Revista de Estudos da Religião*, 77-96. https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf
- Sandage, S. J., Jankowski, P., Crabtree, S., & Schweer, M. (2015). Attachment to God, adult attachment, and spiritual pathology: Mediator and moderator effects. *Mental Health, Religion & Culture*, 18(10), 795–808. <http://doi.org/10.1080/13674676.2015.1090965>
- Saraceni, R. (2009). *Tratado geral de Umbanda: compêndio simplificado de teologia de Umbanda, a religião dos mistérios de Deus: "as chaves interpretativas"*. Madras Editora.
- Semán, P. F. (2019). ¿Quiénes son? ¿Por qué crecen? ¿En qué creen? *Nueva Sociedad*, 280, 26-46.
- da Silva, A. V. (2021). Novas Mídias e o Sagrado: mudança ritual no louvor pentecostal. *revista ANTHROPOLÓGICAS*, 64. <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2021.244072>
- Soeiro, R. E., Colombo, E. S., Ferreira, M. H., Guimarães, P. S., Botega, N. J., & Dalgalarondo, P. (2008). Religião e transtornos mentais em pacientes internados em um hospital geral universitário. *Cadernos de Saúde Pública*, 24, 793-799.
- Streib, H., Keller, B. (2004). The variety of deconversion experiences: contours of a concept in respect to empirical research. *Archive for the Psychology of Religion*, 26(1), 181–200. <https://doi.org/10.1163/0084672053598030>
- Streib, H. (2021). Leaving religion: Deconversion. *Current Opinion in Psychology*, 40, 139–144. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.09.007>
- Valle, E. (2002). Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. *Revista de Estudos da Religião*, 2, 51-76.

- Van der Merwe, M. C., Grobler, A. F., Strasheim, A., & Orton, L. (2013). Getting young adults back to church: A marketing approach. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, 69(2).
<https://hts.org.za/index.php/HTS/article/view/1326>
- Zangari, W. (2005). Uma leitura psicossocial do fenômeno de incorporação na Umbanda. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 3, 70-88.
<https://www.redalyc.org/pdf/946/94625312.pdf>
- Zangari, W., & Machado, F. R. (2023). *Fundamentos da Psicologia da Religião: Aspectos individuais e psicossociais - Coleção: Fundamentos de Psicologia Social*. Editora CRV.

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está convidado(a) a participar da pesquisa “Retorno à religião: análise de aspectos psicossociais e o papel do apego”. Para participar, além de ler e compreender bem este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, é preciso que você leia a declaração ao final deste texto e assine as duas vias deste documento, indicando que concorda com as condições para participação na pesquisa. Você ficará com uma das vias, que também será assinada pela pesquisadora, e ela ficará com a outra via.

A sua participação neste estudo consistirá em conceder à pesquisadora uma entrevista que comporá um estudo acerca dos aspectos relacionados ao retorno de jovens adultos a uma afiliação religiosa e o impacto desse retorno na autopercepção de bem-estar subjetivo. Para tanto, serão realizadas perguntas sobre sua trajetória de vida e histórico religioso. Sua colaboração é muito importante para ajudar a compreender quais aspectos psicológicos e sociais estão envolvidos e sofrem impacto nesse trânsito religioso.

Ao concordar em participar desta pesquisa, você tem garantida a manutenção do sigilo, confidencialidade e privacidade dos seus dados antes, durante e após o término do estudo. A apresentação dos resultados em eventos acadêmico-científicos e artigo científico será feita de modo a zelar pelo sigilo quanto à identidade dos(as) participantes, sendo estes(as) referidos(as) por nomes fictícios.

Este estudo foi elaborado de modo a não oferecer riscos às pessoas que dele participarem. No entanto, caso você se sinta psicologicamente incomodado(a)/afetado(a) com algum conteúdo que venha a emergir em função das questões tratadas na entrevista, você receberá apoio da pesquisadora com assistência da orientadora da pesquisadora (que é psicóloga, CRP 06/127273), do modo que for mais adequado de acordo com o caso.

Esteja ciente de que, se você concordar em colaborar com esta pesquisa, você não receberá compensação financeira alguma por sua participação. Esteja ciente também que você terá o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalidade ou prejuízo.

Você poderá solicitar e receberá esclarecimentos antes, durante e após o término do estudo a respeito da metodologia de pesquisa, bem como os possíveis resultados esperados e obtidos. Caso você tenha alguma dúvida sobre este estudo, poderá entrar em contato com a pesquisadora por email kherolen.dias@usp.br ou diretamente no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (Av Prof Mello Moraes, 1721, Bloco F, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo, SP – fone: (11) 3091-4182 – e-mail: ceph.ip@usp.br).

Pesquisadora Executora

Kherolen Hanny Rodrigues Gonçalves Dias

Aluna da Pós-Graduação Instituto de Psicologia da USP

Av. Professor Mello Moraes, 1721 - Butantã, São Paulo/SP, 05508-030. Tel.: (11) 3091-4178

Supervisora: Profa. Dra. Fatima Regina Machado

E-mail para contato com a pesquisadora: kherolen.dias@usp.br

Telefone: (11) 942422444

_____ São Paulo dd/mm/aaaa
Assinatura da pesquisadora responsável *Local* *Data*

ATENÇÃO: Para participar, além de ler o texto acima, é preciso informar seus dados e assinar a declaração abaixo.

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DO(A) PARTICIPANTE

Declaro ter sido suficientemente informado(a) a respeito do estudo “Mobilidade religiosa: uma análise do retorno a uma afiliação religiosa à luz da Teoria do Apego”, tendo compreendido bem as condições de participação. Concordo voluntariamente em participar desse estudo, estando ciente de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos.

Nome completo do(a) participante: _____

RG: _____ **CPF:** _____

_____ *Assinatura do(a) participante*

_____ *Local*

____/____/____ *Data*

Apêndice B – Roteiro da Entrevista Semidirigida

Nome:		Idade:
Gênero:	Estado Civil:	Religião:
Tempo de adesão religiosa:	Escolaridade:	Ocupação:

Eixo 1: Processo de retorno à religião

Em que momento da sua vida você se afastou da sua afiliação religiosa? (Fale sobre esse período. O que fez você se afastar? Quais situações você viveu? Como você se sentiu? O objetivo dessa pergunta é compreender o contexto do afastamento, incluindo as situações e motivações que levam à desvinculação de cada afiliação ou posição religiosa.

Como foi essa mudança para você? (Que impactos ela teve na sua vida, no seu dia a dia, na sua rotina? E no seu círculo de amizades e na sua família? E na sua relação com as crenças e a divindade? Como você avalia sua vida nesse período?) Essa pergunta visa compreender os impactos percebidos na vida do entrevistado, seu contexto/suporte disponível e identificar a mudança na relação com as figuras de apego.

Em que momento da sua vida você retornou à sua afiliação/posição religiosa? (O que motivou o seu retorno? Quais situações você estava vivendo? Como você relaciona essas situações a sua decisão de retornar? O que seus amigos e família acharam?) O objetivo dessa pergunta é mapear as situações e motivações que levam ao retorno à afiliação/posição religiosa, o comportamento de apego e possíveis figuras de apego.

Eixo 2: Relações pessoais no contexto de afastamento-e-retorno-da-religião

Fale sobre seu envolvimento com sua religião e sua fé atualmente. (Que importância tem para você a participação em atividades religiosas? Como você avalia seu comprometimento com a busca pessoal religiosa? Como você avalia sua relação com Deus/divindade/liderança? Em situações de dificuldade/adversas, a quem você recorre?) Essa pergunta visa compreender o engajamento religioso atual do respondente, seu comportamento de apego e relação com as figuras de apego.

Fale de seu círculo social atual – família e amigos. (Houve mudança na sua família ou entre amigos após o retorno à religião? Como é sua relação com seus amigos? Como é a relação com sua

família? Com que frequência você conta com o suporte deles? Com que frequência você oferece suporte para eles?) O objetivo dessa pergunta é compreender o suporte social atual, rede de apoio e pertença grupal.

Como eram seu envolvimento religioso antes de se afastar? (Que importância tinha para você a participação em atividades religiosas? Como você avalia seu comprometimento com a busca pessoal religiosa na época? Como você avalia sua relação com Deus/divindade/liderança na época? Em situações de dificuldade/adversas, a quem você recorria?) Essa pergunta visa compreender o engajamento religioso do respondente, seu comportamento de apego e relação com as figuras de apego antes do afastamento.

Como eram as relações antes de você se afastar? (Como era sua relação com seus amigos antes de se afastar? Como era a relação com sua família? Com que frequência você contava com o suporte deles? Com que frequência você oferecia suporte para eles? Houve mudança na sua família ou entre amigos quando se afastou?) O objetivo dessa pergunta é compreender o suporte social atual, rede de apoio e pertença grupal.

Eixo 3: Padrões de apego no contexto de retorno à religião

Como foi seu primeiro contato/envolvimento com a religião? Por que ocorreu?

Como você se sente quando você estabelece relações próximas com outras pessoas? (Em suas relações, de um modo geral, quão à vontade você se sente com a intimidade? Como você avalia sua predisposição em se abrir ou não, se conectar ou não, com outras pessoas? Você se sente bem se apoiando/confiando em outras pessoas? E quanto a elas confiarem e se apoiarem em você?) O objetivo dessa pergunta é realizar um levantamento para estudar o estilo de apego do respondente.

Como você avalia seu nível de ansiedade ou preocupação em perder proximidade em suas relações? (Já teve medo de rejeição? Você se preocupa se a outra pessoa também gosta de você ou tem medo de perdê-la com alguma frequência? Qual? Como você lida com o medo de se ferir em uma relação?) O objetivo dessa pergunta é realizar um levantamento para estudar o estilo de apego do respondente.

Gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da entrevista que não tenha sido perguntado, ou fazer alguma complementação?

Apêndice C – Entrevistas com umbandistas

Código: UM1
Idade: 29 anos
Gênero: Masculino
Estado Civil: Solteiro
Religião: Umbanda
Tempo de adesão religiosa: 12 anos
Escolaridade: Superior Completo
Ocupação: Personal

Data da entrevista: 25/06/2022

Tempo de entrevista: 42:33

ENTREVISTADORA: Em que momento da sua vida você se afastou da Umbanda?

UM1: Eu me afastei exatamente em 2018 quando eu tinha feito algumas obrigações dentro da religião e aí eu me via ainda incompleto e não tão amparado na casa em que eu estava.

A nossa religião não tem fins lucrativos, como nenhuma outra. Não tem nenhuma fonte de renda. A única fonte de renda são os próprios filhos que ajudam a manter a casa. E nessa casa era muito regrada quanto a ter dinheiro. E nessa época eu fiquei desempregado. A mensalidade lá era alta: R\$ 250. E eu não tinha esse valor mais pra pagar. E aí com 3 meses de falta de mensalidade eu fui convidado a me retirar.

Existe isso nas casas? Existe. Mas tem casa que não se importa com isso. Se você está desempregado, ajuda de outra forma. Mas claro que pesa muito a falta de contribuição. Mas o que mais pesou na época de 2018 foi isso: a falta de familiaridade. Porque a gente chama a nossa religião de família, que somos um pelo outro. Mas faltou isso pra mim. Não falando tão mal do lugar onde eu estava, onde eu fiz minhas coisas. Mas foi essa falta de conexão, de união. Então, foi quando em 2018 eu me afastei de vez e fiquei até 2022.

Eu acabo de retornar.

ENTREVISTADORA: Nesse período em que você se afastou, você viveu alguma situação...

UM1: Sim. Pra gente que é da religião Umbanda e Candomblé a gente sabe que quando se afasta... às vezes até da forma que eu vou falar parece assim que "nossa então quando você sai você é cobrado espiritualmente?" Não é uma cobrança negativa. É uma cobrança daquilo que você se propôs a fazer e você se afastou. Lógico que seu espiritual sabe o porquê você se afastou. Só que ele não quer que você fique tanto tempo afastado igual eu fiquei. Eu fiquei esse tempo todo sem nenhuma casa. Sem ter vontade de ir a nenhuma casa. Porque como ser humano a gente fica com aquele julgamento: "nossa, vai acontecer de novo". Toda casa tem suas brigas internas, suas coisas internas assim... só que é coisa de família, um levantando o outro, sabe? Então nesse período que eu fiquei afastado, eu senti a cobrança do meu espiritual, falta... porque assim: quando a gente dá algo para o espiritual, quer dizer, quando a gente recebe algo do espiritual, a gente tem que dar algo em troca também. É tudo uma troca. Então quando a gente não faz essa troca, a gente não consegue receber de volta. E eles vão te mantendo em proteção, vão te mantendo firme dentro do possível. Mas se você não conseguir retornar, você acaba ou caindo para o lado errado... você tem que ter sempre uma cabeça firme porque senão você vai caindo para coisas que não são corretas, coerentes vamos dizer assim.

ENTREVISTADORA: do bem?

UM1: do bem, vamos dizer assim, porque a gente nunca sabe o que é o bem e o que é o mal. Para mim não existe bem e mal, existe lei do retorno. Você dá, você recebe. Mas eu sofri muito. Com falta de emprego, falta de relacionamento que não dava certo. Tudo isso vai pesando, porque se eu não ajudo eles, meu espiritual, se eu não contribuo mais com eles com uma coisa que eu já me propus a

iniciar, eles vão ficando tipo: “e aí? calma aí. só eu vou dar, só eu vou dar, só eu vou dar e não vou receber mais nada em troca?” aí teve esse período de ter essa falta de ter coisas materiais na minha vida e também pessoal, sentimental, psicológica. Eu me sentia psicologicamente abalado. Eu queria muito estar em algum lugar, mas eu não tinha forças ainda para entrar em alguma casa ou conhecer alguma casa. Até que eu conheci e, assim, eu falo para você: a gente entra em uma casa não só por nós mesmos, a gente entra pelo nosso lado espiritual, porque quem coloca a gente primeiro dentro de uma casa é o espiritual. Então talvez eles prepararam isso tudo, esse tempo todo (foi bastante tempo) para me colocar em algum lugar, para eu me reestruturar, e aí eu seguir a vida. Alavancar, porque a gente só pensa em subir, decair jamais.

ENTREVISTADORA: E aí voltando para esse período em 2018: como eram as suas relações nessa época. Você comentou que ficou desempregado, né? E os outros aspectos da sua vida? Como estava sua vida pessoal? Você sentia que você estava... Quais eram as circunstâncias que você estava vivendo?

UM1: O meu ciclo de amizades foi se fechando cada vez mais, porque querendo ou não de amizades né vamos dizer assim que a gente vai começando a peneirar, porque a gente acha que tem amigos quando a gente tem dinheiro. Quando a gente não tem dinheiro a gente vê quem realmente está do nosso lado. Então foi uma peneira. Ficaram os amigos fiéis de verdade. De 10, vamos dizer assim, 3 ficaram. Relacionamentos não existiu nesse período todo não consegui nenhum relacionamento. Acho que também porque eu não estava psicologicamente bem e aí sempre abalava em algo e eu pensava no relacionamento, mas ao mesmo tempo eu pensava na falta que fazia a religião. E em termos de família foi mais tranquilo porque meus pais sempre foram tranquilos quanto a isso, quanto à religião, quanto à minha orientação sexual. Mas em termos de relacionamento e amizades foi uma coisa que eu vi que caiu demais. Só que assim: foi uma peneira que hoje está bem peneirado.

ENTREVISTADORA: Antes ou depois de você se afastar?

UM1: Foi quando eu me afastei, no período do meu afastamento mesmo. Foi como se fosse assim, trazendo para a igreja católica, os 40 dias de Jesus exilado no deserto, que você é tentado a pão e água e você vê realmente o que as pessoas ou quem são as pessoas na sua vida.

ENTREVISTADORA: Entendi. Então em todo esse período em que você começou a ter dificuldades na sua primeira casa, na sua vida pessoal também as coisas estavam se apertando.

UM1: Sim. Que na verdade aquela era a segunda casa já. Porque a minha vida espiritual na religião da umbanda, eu comecei em 2012. Aí eu fiquei nessa casa até 2015 e em 2015 a casa não supria mais o fortalecimento em conhecimento que eu queria dentro da religião tanto da Umbanda quanto do Candomblé e eu tive que sair. Eu sai e já entrei nessa outra que eu fiquei até 2018 aí eu sai de vez e entre nessa que eu fiquei até agora. Mas o mais mesmo foi essa falta de... que eu falo... porque assim o que mais pesa em mim querendo ou não, fora a falta da religião quando eu estava (afastado)... é o relacionamento, porque eu sou uma pessoa muito carente rs. Não codependente. Mas assim eu fico naquele negócio de ter alguém comigo. Então foi um negócio muito pesado, por isso que eu gosto de estar com muitas pessoas. Lógico que não supre e não é a mesma coisa de ter um relacionamento. Estar numa casa de axé não é a mesma coisa de ter um relacionamento, mas eu vi que naquele período pesou demais, porque quando eu estou dentro de uma casa de axé, as coisas que eu tenho pra fazer aqui dominam mais a minha mente do que aquilo que eu acho que me faz falta ou que é necessário para mim.

ENTREVISTADORA: Entendi. Inclusive, eu tenho uma pergunta aqui. Quando você fala que você é um pouco carente (inclusive eu também sou), como você avalia seu nível de ansiedade ou preocupação em perder proximidade nas suas relações?

UM1: A ansiedade existe na minha vida há algum tempo. Acho que desde 2013. Isso já com relatório médico e tudo mais. Tenho transtorno de ansiedade. Então, essa ansiedade, como eu lido com ela. Ela é muito... o médico diz que eu tenho... é um pré-diagnóstico, ele chama de... eu esqueci... que meu humor muda do zero ao cem rápido.

ENTREVISTADORA: É a bipolaridade?

UM1: É a bipolaridade, mas eu acho que é TAG se eu não me engano. Transtorno de Ansiedade Generalizada. É porque dependendo da forma que eu esteja, eu posso estar feliz, sorrindo agora, mas ao mesmo tempo já muda. Uma coisinha que aconteça já muda. E a religião em si ela me ajuda nisso, sabe? Porque se eu to com a mente muito perturbada de pensamento, pensando em muitas coisas, a minha ansiedade muda muito fácil. Mas é muito, muito, muito rápido. Junto com a bipolaridade. Aí se eu estou dentro de uma casa, de alguma coisa, ou envolvido com algo aí isso já... é como se eu estivesse me livrando e esquecendo. Porque é uma coisa que não tem cura, mas você trata com você mesmo. É uma coisa que eu brigo comigo mesmo. Não é culpa do outro, do ciclano ou do beltrano. É culpa, vamos dizer assim, culpa minha, porque é uma coisa que eu não sei lidar comigo mesmo, que é a ansiedade, mas é uma coisa que eu vou tratando conforme o tempo. É difícil, mas a gente vai tratando. Eu optei na época que o médico deu esse pré-diagnóstico. Ele tinha dado remédios para ansiedade, essas coisas. Eu falei: “não, não quero”. Ele falou: “então você vai sofrer com você mesmo e você vai tentar se fortalecer”. Eu falei: “melhor”. Porque eu não quero mais remédios na minha vida. Já sou uma pessoa que eu tenho um... tudo que eu sinto de dor... hipocondríaco. Já vou lá tomar meu remedinho. Mais remédio? Isso vai acabar me deixando dependente daquilo. É o que eu não quero.

ENTREVISTADORA: E aí você encontrou uma forma, um estilo de vida né que te dá prazer...

UM1: Isso, que é dentro da religião, que me traz prazer. Que me traz essa... que na hora que dá essa endorfina que aí ela já libera...

ENTREVISTADORA: Esse bem-estar, né?

UM1: Já libera de uma forma melhor do que simplesmente levar num pico de eu começar a chorar ou ficar revoltado.

ENTREVISTADORA: E você já sabia disso lá em 2018 um pouco antes de você se afastar?

UM1: Já, porque como foi desde 2013, quando eu fui diagnosticado com HIV, foi uma coisa que foi caminhando comigo.

ENTREVISTADORA: Quantos anos você tem?

UM1: Tenho 29.

ENTREVISTADORA: Você é novinho.

UM1: Mais ou menos.

ENTREVISTADORA: Já viveu bastante, né?

UM1: Para o mundo LGBTQIA+ já não é mais novo. Já é velho. Mas eu venho lutando com essas coisas na minha vida desde 2013 praticamente. Mas como eu falei eu luto comigo mesmo, como eu falei, é uma luta comigo. Não é uma luta com o próximo, culpa do próximo, não. Às vezes a gente tenta buscar a culpa em alguém só que a culpa não está em alguém. É o que a gente escuta de entidades: “para de olhar ao redor e olha para dentro de você. Será que o que está acontecendo com você são as pessoas em volta que estão fazendo ou você que está fazendo para você mesmo?” Aí quando a gente para analisar isso aí a gente vê que a briga é interna. só que é uma coisa muito difícil de decifrar. Se fosse fácil, ninguém passaria por isso.

ENTREVISTADORA: Sim. Verdade. E nessa época... eu já vou passar, tá, para o período em que você estava afastado, porque eu quero entender bastante sobre o processo, como foi para você até você falar: “preciso voltar”. Quando você estava se afastando, você se afastou porque teve as questões financeiras e não sentiu o acolhimento necessário dentro, né? E você foi se fechando um pouco. Como você se sentia nessa época do afastamento? Como você se sentiu antes de se afastar?

UM1: Eu me sentia como um incapaz. Não só incapaz. Mas como se eu não servisse mais. Como se não tivesse mais prestando para aquilo. Porque você se encontra dentro de uma religião. E aí chega um momento assim em que você vê que parece que não está servindo mais para aquela religião. E você fala: “ué?”

ENTREVISTADORA: Você tinha alguém nessa religião, nessa casa, né? algum suporte, alguém que você era mais apegado?

UM1: Toda casa que a gente frequente sempre tem uma ou duas pessoas que a gente é mais apegado. Só que ainda não é tudo, porque se não é o dono ou a dona da casa, o dono, dona que a gente chama é o babalorixá e a ialorixá, se não tem essa receptividade deles, qualquer outro irmão não vai conseguir te ajudar. Porque a gente precisa... dentro de uma casa tem uma hierarquia. Se a gente não tem perto dessa hierarquia essa proximidade e a gente só tem o pessoal, vamos dizer assim, o pessoal debaixo igual a você, você não consegue se manter.

ENTREVISTADORA: E você não teve esse suporte?

UM1: Não. Tive palavras. Uma pessoa que dizia algumas coisas para mim, outra pessoa que dizia: “não sai, tenta, luta” Mas parece que não era aquilo que eu queria escutar naquele momento. Que era do pessoal lá de cima.

ENTREVISTADORA: Quando você começou esse processo de se afastar, você continuou tendo contato com eles?

UM1: Alguns, sim.

ENTREVISTADORA: E algo mudou? Acho que o que eu quero perguntar é o seguinte: quando você escolheu se afastar, isso doeu para você ou você encontrou alguma coisa nesse processo que supriu um pouco essa falta?

UM1: Não! Extremamente doeu. A gente nunca quer se afastar da religião. Todo mundo (eu acho isso, é uma opinião minha), todo mundo que sai não sai porque quer sair. Sempre sai com alguma dor. Você nunca sai porque aí... Ou sai tipo assim: “obrigado, pai, obrigado, mãe. Eu consegui outra casa, vou para outra casa porque lá vai ter de uma forma melhor para mim”. Mas quando você não sai com outro propósito... é igual emprego... quando você não sai com um propósito, você simplesmente sai, você sai com uma dor, você fica dolorido, porque você não queria sair. Sua vontade não é sair.

ENTREVISTADORA: E nesse período... você ficou 4 anos afastado. Como foram esses 4 anos?

UM1: Difícil. Foi luta por cima de luta. E dentro da religião a gente tem obrigações que são dadas tantos anos a cada tantos anos. Eu tenho obrigação atrasada que eu vou dar obrigação agora em julho. Então fica essa falta. Você sente falta. Você vê que está devendo algo. E eles começam a cobrar daquela forma que eu falei: “por que eu vou te dar tanto e você não me dá mais nada?”

ENTREVISTADORA: E você ainda continuou em contato com sua espiritualidade, você só não praticava?

UM1: Para mim, para a gente que já tem um tempo, a nossa espiritualidade está dentro da gente. A gente tem que encontrá-la dentro ou fora de um terreiro. Aqui praticamente é um lugar de descarrego, é um lugar de você cuidar de outras formas espirituais, essas coisas. Mas a maior espiritualidade é a que está dentro de você. Então isso eu sempre senti eles junto comigo. Eu sentia, mas ao mesmo tempo eu sentia que sempre estava devendo para eles, porque eu sempre pedia, pedia, pedia, pedia e não agradecia de alguma forma mais material ou física ou das formas que a gente faz de agradecimento.

ENTREVISTADORA: Então você nunca cortou o vínculo com o espiritual né?

UM1: Nunca.

ENTREVISTADORA: Hoje você diria que você é mais... porque nessa época você estava mais apegado a qual entidade?

UM1: Entidade de umbanda? É que eu amo todas. Mas acho que na época eu tinha um apego maior com meu caboclo, que é o Índio, que é o de direita que a gente chama, que era um apego maior que eu tinha. Foi o apego... acho que foi a dor maior, que foi ficar esses 4 anos sem incorporar ele. Fora todos os outros, Baiano, Boiadeiro, Preto-Velho, Criança, Exu, Pomba-Gira. Mas acho que o caboclo... Porque ele é o início de tudo dentro da casa de umbanda. Ele é o primeiro. Lógico que a gente sabe que o primeiro de tudo é o Exu. Só que tecnicamente você conhece primeiro seu caboclo para depois conhecer todas as entendidas, porque é ele que te leva a conhecê-las. Acho que isso fez muita falta. Tanto que quando eu trouxe ele a última vez aqui na semana passada eu senti ele muito mais energizado. E olha que tem dois, três meses que eu voltei e acho que terceira vez eu trouxe ele. E eu senti ele mais energizado. Você sente que ele tem mais forte. Não que ele não tinha mais força. Mas ele põe mais força para ele te dar força. Que é uma troca também de energia. Você empresta sua matéria e ele te da muita energia para você enfrentar muitas coisas. Então acho que o que eu mais senti falta foi dele.

ENTREVISTADORA: Mais até do que da casa?

UM1: Sim! Eu sempre sinto falta das entidades. Da casa em si... é o que eu falei, a casa é a estrutura que está lá para te receber, só que sem as suas entidades também você vai fazer o quê?

ENTREVISTADORA: E como estava seu suporte social nessa época que você ficou afastado?

UM1: Era bem pequeno.

ENTREVISTADORA: Já tinha começado no afastamento, né?

UM1: Poucas pessoas, mas sempre pessoas que tentavam me motivar. As pessoas que queriam me levar para baixo eu já ia colocando de escanteio também. Mas as poucas pessoas que eu tinha sempre queriam me alavancar. Eram pouquíssimas e são pouquíssimas até hoje, mas era sempre pra tentar me reestruturar.

ENTREVISTADORA: E como você avalia sua vida nesse período que você se afastou?

UM1: Dentro de um bloco de gelo. Só esperando ela derreter. Não tinha serventia de nada. Você faz muita coisa, mas ao mesmo tempo parece que você não está servindo de nada.

ENTREVISTADORA: Entendi. E em que momento da sua vida você retornou?

UM1: Foi quando eu senti na pele que eu estava necessitado de voltar para uma casa.

ENTREVISTADORA: Aconteceu alguma situação?

UM1: Ou eu voltava ou eu enlouquecia.

ENTREVISTADORA: Como estavam seus dias?

UM1: Péssimos. Estava indo de mal a pior. Psicológico muito abalado. Precisava cuidar. Precisava cuidar. Não só o cuidar sozinho. O cuidar com alguém. De uma casa. De um lugar para colocar o Exu, de um lugar para colocar o Caboclo, o meu Orixá. De cuidar, de dar o que comer para eles. Falta. Porque mesmo eles não sendo matéria, a gente dá matéria para eles. Porque eles são elementares. A gente precisa dar uma contribuição. Então eu já estava ficando louco. E aí foi quando umas amigas minhas que vêm aqui falaram: "vamos lá conhecer". Eu relutava com medo de acontecer tudo de novo, porque a gente sempre tem esse medo. Mas é igual eu falei: toda casa tem suas brigas, picuinhas, tem tudo. É saber ter diálogo. Mas a primeira vez que eu pisei aqui, depois de tudo isso que aconteceu, meu Exu veio. E ele, vamos dizer assim, ele me bateu (a gente chama assim), em palavras. Incorporou, foi conversando com uma pessoa e me bateu em palavras que era pra dar esse recado para mim. Me bateu em palavras de tudo o que estava acontecendo.

ENTREVISTADORA: Ele te corrigiu?

UM1: Ele foi explicando por que estava acontecendo tudo aquilo. E igual eu falei muita coisa aconteceu por causa de mim, porque eu ficava relutando para entrar em uma casa. Eu ficava pensando em desistir de tudo, jogar tudo fora.

ENTREVISTADORA: Por que muita coisa estava acontecendo de ruim na sua vida?

UM1: Sim.

ENTREVISTADORA: Nas suas relações também?

UM1: Perda. Era só perda em cima de perda.

ENTREVISTADORA: Nenhuma conquista.

UM1: Não. Você não vê conquista. Só vê perda.

ENTREVISTADORA: E essas perdas começaram depois que você saiu?

UM1: Sim. É foi durante. Porque como eu já tinha saído de um emprego e ai fui ficando cabisbaixo, triste, e fui me entregando a algo negativo. Fui me negativando. Aí você vai perdendo.

ENTREVISTADORA: Então o que motivou o seu retorno?

UM1: Toda essa energia. De ter de volta essa energia. De sentir esse prazer de volta. De estar em uma casa e: "oh, tem que arrumar tal coisa" ou não sei o que lá. E sair daqui cansado. De ter participar de obrigação. De tudo isso. Isso é o que me motivou.

ENTREVISTADORA: Você acredita que as meninas que te convidaram tinham um papel importante na sua vida?

UM1: Tem, tem até hoje. A gente tem um vínculo muito grande espiritual e pessoal. Eu acho que a vida é esse segredo de um ser um pouquinho do tijolinho do outro. Porque ninguém é uma fortaleza sozinho. Você tenta ser uma fortaleza única. Mas sempre tem algo de alguém que te acrescenta. Porque engraçado o que não te acrescenta você joga fora ou te fortalece. Sempre tem que ter algo de alguém pra te ajudar. E elas foram um pilar muito grande.

ENTREVISTADORA: O que seus amigos e familiares acharam de você retornar?

UM1: Amigos da religião, apoiaram. Amigos que não são da religião, tanto faz tanto fez, nunca opinaram quanto a isso. Meus familiares... minha mãe lógico gostou pra caramba, porque ela via que eu tava muito ruim psicologicamente. E quando ela viu que eu voltei para uma casa de axé, ela já fica mais contente. Sai daquela vida de esquecer a religião e ir só pra rolê e foca mais em uma coisa mais segura, sabe, coisa de mãe. Meu pai tranquilo também.

ENTREVISTADORA: Como você relaciona essas situações que você estava vivendo a sua decisão de voltar?

UM1: É a decisão final mesmo foi ter as 4 entidades... não, foram 3: o Exu e 2 Pomba-Giras minhas que vieram e falaram: "ou volta ou você vira um igual a nós, um escravo de nós". Quando eles falam isso é porque tecnicamente você está à beira da morte, porque você está se entregando para algo que não é correto, vamos dizer assim. Se entregando para uma vida que não é correta. E eu via isso. Não levava mais uma vida de... porque não existe uma vida assim certinha, mas existem lugares e coisas que você tem o discernimento que são corretos ou não de fazer. Então eles falaram praticamente isso: ou você se localiza dentro de um plano espiritual ou você vira um escravo de nós. E ninguém quer virar escravo de Exu ou Pomba-Gira.

ENTREVISTADORA: Segundo eixo: Eu gostaria que você falasse sobre o agora: seu envolvimento com sua religião atualmente.

UM1: Ela é como se estivesse desabrochando novamente. Mas é uma coisa que eu amo amo amo. Reclamo, fico cansado, mas não aguento ficar sem vir. Não aguento ficar sem pisar. Eu falo pros pais de santo: “ah eu não vou não neste final de semana”. Ai eles falam uma palavra e eu falo: “ah não, eu vou!”. Porque eu não gosto, eu não aguento mais ficar sem isso. Sabe... sem essa galera, sem essas coisas, sem esse movimento, é um movimento material que traz o pessoal. Então eu não consigo viver sem isso mais.

ENTREVISTADORA: Que importância tem pra você a participação nas atividades?

UM1: Eu coloco lá em cima. Eu gosto muito de participar das atividades, gosto de ensinar, gosto de aprender, de conversar, cantar, fazer as coisas. Porque não é só limpar, mas tem coisas que a gente faz na cozinha, tem coisa que a gente faz no... eu gosto de tudo isso. Então a importância é extrema. É muito importante para minha vida. Porque tudo o que a gente faz dentro de uma casa de axé você tem que transportar para sua vida pessoal, lá fora. Não que você tenha a vida no axé e a fora do axé. Não! É uma vida só. Só que aí tudo vai ligando lá pra fora. Igual: uma vida em comunidade... como você leva isso lá pra fora? No trabalho em equipe... porque aqui é tudo em equipe. Não existe o individual, o sozinho. Existe uma comunhão. Então tudo o que você aprende aqui você leva e transmite lá fora.

ENTREVISTADORA: Como você avalia o seu comprometimento com a sua busca pessoal religiosa?

UM1: Hoje eu acho mais forte essa busca. Esse comprometimento, porque eu voltei com tudo. Eu tenho até medo. Porque a gente fala assim que quando volta com tudo a gente pode escorregar e acabar quebrando a cara. Mas eu sou assim. Sou muito intenso. Ou eu estou ou não estou. Não gosto de estar meio termo. Se for para estar meio termo eu prefiro estar fora.

ENTREVISTADORA: Como você avalia sua relação com as entidades, mas também com as pessoas?

UM1: Com as pessoas é igual com a família carnal. Tem uns que você gosta, não gosta, mas respeita. O importante de tudo é respeito. É respeitar, estar solícito, ensinar e ouvir. Com as entidades para mim estou num grau perfeito, porque tudo o que eles passam são ensinamentos extremos, não só pra mim, mas também para os outros. Então está bem elevado com as entidades. Com as pessoas é coisa normal. Como se tivesse em uma casa normal. Tem aqueles que você gosta mais, aqueles que não gosta tanto. Mas o importante é estar sempre pronto para ensinar e para ouvir.

ENTREVISTADORA: Em situações de dificuldade hoje a quem você recorre?

UM1: A pessoas físicas ninguém. Não gosto. Lógico que eles vão ajudar, mas tudo tem um prejulgamento e eu não gosto disso. Então prefiro recorrer a mim e ao meu interior para que me respondam. Que seriam meu povo, minhas entidades.

ENTREVISTADORA: Então hoje você se sente bem mais conectado...

UM1: Com meu povo do que quando eu estava afastado.

ENTREVISTADORA: E em pequenas situações por exemplo: “ah preciso de tal coisa”? Coisas que você sabe que, puxa, aquela pessoa está lá pra mim, aquela entidade está lá pra mim... quem seriam?

UM1: Sempre Exu. É o primeiro. Quando são coisas mundanas então, que ele vive no mundo, ruas, vielas e becos... eu recorro primeiro a ele. É como se eu tivesse falando com um amigo: “cara, e aí, o que a gente faz agora, o que eu faço agora?” Ele é o primeiro que eu recorro.

ENTREVISTADORA: E hoje você namora?

UM1: Não rs. Porque como eu voltei eu começo a focar mais na religião.

ENTREVISTADORA: Ah sim. Mas você tem bastante tempo com a família? Com os amigos.

UM1: Sim. Alguns amigos são daqui, duas ou três que não, mas a gente tem o contato. Com a família coisa básica: algum almoço no fim de semana, a gente se vê na semana, mas nada que vai... não gosto de ir pra casa de familiar, porque falam demais.

ENTREVISTADORA: Você sente que sua rede de suporte familiar mudou nesse período de alguma forma?

UM1: Mudou, porque você começa a ficar ou invisível ou aparece demais. eu tava muito invisível. Se eu não falasse nada, ninguém sabia de nada. Então só sabiam as pessoas que eu queria que soubessem o que eu tivesse passando. Mas fora isso não tinha aquele negócio de muita gente falando algo.

ENTREVISTADORA: E eram poucas pessoas, né?

UM1: Pouquíssimas.

ENTREVISTADORA: E você não sentia que elas conseguiam te ajudar?

UM1: É porque se eu não me ajudo, como você me ajuda? Como você vai me ajudar se eu não quero ser ajudado?

ENTREVISTADORA: Como era seu envolvimento religioso antes de você se afastar?

UM1: Intenso também. Sempre. Igual eu falei: quando eu to eu to; quando eu não to eu não to. Eu não gosto de ser meia boca. Eu só não estou presente quando eu não posso estar presente. Fora isso eu coloco o espiritual como prioridade.

ENTREVISTADORA: Que importância tinha para você as atividades?

UM1: Total! Tudo que eu fizesse lá dentro tinha uma importância muito grande.

ENTREVISTADORA: Como era seu comprometimento com a busca religiosa?

UM1: Muito grande.

ENTREVISTADORA: Como era a sua relação com as pessoas e as divindades?

UM1: Muito grande. Porque assim tudo para mim é intenso, como eu falei. E quando eu não to mais, aí vai só...é como se fosse uma vela.

ENTREVISTADORA: Naquela época, a quem você recorria em caso de situações adversas?

UM1: Eu sempre recorro ao meu espiritual.

ENTREVISTADORA: As relações antes de você se afastar eram boas...

UM1: Eu tinha muita gente, mas fiz aquela peneira.

ENTREVISTADORA: Como é seu nível de ansiedade em perder proximidade com as pessoas?

UM1: Muito grande.

ENTREVISTADORA: Como você se sente quando estabelece proximidade com alguma pessoa?

UM1: Ai eu já fico naquele: tudo que eu te dou eu quero de volta. Aí quando eu não começo a ter, isso ou pode me bloquear ou me deixar muito triste.

ENTREVISTADORA: Quão a vontade você se sente com intimidade em suas relações?

UM1: Em termos de intimidade, o que as pessoas perguntam eu respondo. Não tenho nada a esconder, porque a vida é uma só... se eu começar a esconder as coisas ou me esconder demais...

ENTREVISTADORA: E você se sente à vontade com as pessoas?

UM1: Sim, tranquilo. Igual na casa de axé: alguém tem que te dar banho dependendo do ritual.. e assim vai.

ENTREVISTADORA: Você se sente bem se apoiando, confiando em alguma pessoa?

UM1: Dependendo da pessoa. Eu tenho que confiar muito naquela pessoa. Mas no primeiro deslize...

ENTREVISTADORA: Mas você geralmente confia?

UM1: Confio. E fácil até demais. No sentido assim: eu sinto que a pessoa está sendo recíproca comigo, eu já confio. Mas qualquer deslize pequeno... é que eu sou muito de observar. Mas aí na primeira eu já corto.

ENTREVISTADORA: Como você se sente quando elas confiam ou se apoiam em você?

UM1: Eu fico com medo. Porque assim: "por que você está se apoiando em mim, cara? olha o tanto de coisa que eu já passei." Dai eles falam: "você já passou por isso tudo, então é isso que vai me fortalecer também." Dai eu fico meio assim, mas eu me sinto contente, mas ao mesmo tempo com medo. Eu fico pensando em como essa pessoa consegue enxergar não só como uma confiança mas como um pilar pra ela depois de tudo isso que eu já passei? Ai a pessoa fala: "é vivencia. então você tem".

ENTREVISTADORA: E isso acontece bastante aqui?

UM1: Acontece em vários lugares, empregos...

ENTREVISTADORA: Você já teve medo de rejeição?

UM1: Já... a rejeição maior foi quando eu descobri o HIV. Igual: eu não sou obrigado a falar, mas eu gosto para ajudar ao próximo porque ainda tem muita gente que não sabe sobre. Ou tem muito preconceito. Eu já fui muito rejeitado com isso. Então hoje em dia eu trato essa rejeição como um ensinamento para você. Porque quando eu estou entrando em um relacionamento e eu falo pra pessoa e ela já quer sair sem entender o que é, eu já pego desse bloqueio da pessoa, dessa rejeição, para ensinar. Porque é aí que a pessoa aprende. Porque muita gente não sabe ou ignorância, ou porque não tem recurso. Eu quando descobri não sabia de nada, achava que ia morrer e acabou.

ENTREVISTADORA: Antes desse diagnóstico você já tinha essa preocupação em perder proximidade?

UM1: Não. Eu era mais livre. Não tinha esse negócio de: "Ah, não quer falar comigo, vou sofrer". Só com amizades...outro tipo de vínculo...

ENTREVISTADORA: E em relacionamentos?

UM1: Eu fui ter relacionamento com 19, meu primeiro. Foi quando eu contrai HIV. E aí ele morreu 6 meses depois. A partir de tudo isso minha vida fez essa bola... essa bolona. Antes disso eu tinha ficada. Não era uma coisa que eu me entregava nem nada disso. Mas foi a partir desse primeiro, quando ele morreu, 6 meses depois, foi quando tudo aconteceu na minha vida.

ENTREVISTADORA: Você já era umbandista nessa época?

UM1: Já. Eu entrei em 2012 na religião.

ENTREVISTADORA: Você se preocupa se a outra pessoa também gosta de você ou tem medo de perdê-la?

UM1: Me preocupo rs!

ENTREVISTADORA: Com qual frequência você pensa e se preocupa que você pode perdê-la?

UM1: Todo segundo rs! A partir do momento em que você perde um, você acha que não vai ser capaz de ter mais nenhum. Então você fica nessa cobrança pessoal e na cobrança do próximo que não é certo. Que é onde eu mais perco.

ENTREVISTADORA: E como você lida com esse medo? Com o medo de perder e de se ferir numa relação?

UM1: Hoje em dia eu tento centralizar mais esses pensamentos para não me apegar só a perda. Porque o não você sempre vai ter, você tem que se apegar mais ao sim e eu vivo nesse processo de aprender a lidar com o não dar certo. Se eu começo a ter um relacionamento hoje eu acho que é pra vida inteira, mas a gente nunca sabe o que é a vida inteira. Às vezes a vida inteira pode ser um dia. Essa pode ser uma vida inteira com aquela pessoa. Mas eu ainda tenho aquele pensamento antigo de que a vida inteira é até a morte, sabe? Que acho que porque o primeiro relacionamento foi até a morte, acho que foi uma coisa que marcou. Então eu lido muito com esse medo e eu tento lidar com ele de formas que eu venha me conhecer mais para não ficar errando sempre ou achar que eu estou errando.

ENTREVISTADORA: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

UM1: Eu adorei o bate-papo, para mim foi um bate-papo tranquilo. Eu gosto de falar de mim, ainda mais que sirva para ajudar algo ou alguém.

Código: UM2

Idade: 29 anos

Gênero: Masculino

Estado Civil: Solteiro

Religião: Umbanda

Tempo de adesão religiosa: 10 anos

Escolaridade: Superior Incompleto

Ocupação: Atendimento em rede hoteleira

Data da entrevista: 14/07/2022

Tempo de entrevista: 01:05:15

ENTREVISTADORA: Em que ponto da sua vida você se afastou da sua afiliação religiosa?

UM2: Tá... então... é... eu já vivia num templo, num terreiro de umbanda que foi onde eu conheci, onde eu me inseri na umbanda, foi nesse, nessa casa. Eu vivi por lá durante 9 anos. E teve algum... nesse caminho de nove anos eu fui inserido, fui conhecendo, ganhando meus graus e tudo o mais e sempre teve uma diferença de pensamentos meus e da minha ex-mãe de santo. A gente não tinha... a gente tinha um bom convívio, um bom amor, um bom sentimento um pelo outro, mas a gente tinha alguns pontos de vistas sobre como ser humano e ser medium... era meio conflituoso isso em alguns termos, em alguns aspectos. E acabava que a gente não se concordava em algumas situações... que eu vivia minha vida, o que eu fazia fora do terreiro. E aí chegou num ponto que a gente culminou não numa discussão mas numa conversa que não foi legal para ambos os lados e eu sempre prezei o meu espiritual, sempre prezei a minha religião, só que nesse momento eu entendi que eu precisava me afastar porque... não da religião especificamente, mas pelo menos da casa. Consequentemente, como eu não ia em nenhum outro terreiro, eu acabei me afastando da religião por esse problema de pensamento que não batia meu e dela. E aí eu tive que me afastar e aí... é tenso.

ENTREVISTADORA: É... E me fala um pouco mais desse período. Teve algum ponto, alguma situação pontual que fez você se afastar?

UM2: Teve, teve sim. Na verdade, a nossa diferença de pensamentos, eu e minha mãe de santo, era realmente com relação a atitudes do dia a dia do ser humano que pra ela não combinava com certos adjetivos para médiuns. São... Na verdade, nós somos exemplos para a comunidade que geralmente vai no terreiro ver as entidades, conversa, toma um passe que estão sempre pra se melhorar como pessoas. E é um ponto que ela sempre achou de querer que a gente fosse como.. quase como certos para tudo. E a gente não é assim, a gente continua sendo ser humano. A gente tá ali como um totem de.. de aprendizado e de doutrina e para ensinar e pra aplicar ensinamentos que a gente também adquire, mas nós temos em constante evolução, então o que a gente faz na nossa vida particularmente contanto que não fira o outro ser humano como falando de questões que não afetam é... questões sociais... como matar roubar, enfim, coisas que são erradas realmente aos olhos do ser humano, de Deus e do jurídico, enfim. É então é... enfim... teve um belo dia que eu tive um fim de semana de folga e eu fui viajar com umas amigas minhas, inclusive, essas pessoas que também estavam nesse terreiro na época, e a gente foi para um sítio passar um final de semana basicamente, e nesse final de semana eu bebi, eu dancei, eu estava de sunga... enfim, nas minhas redes sociais, eu fiz o que qualquer pessoa faz naturalmente. E eu estava de sunga, dancei de sunga... basicamente foi isso. E aí na outra semana quando eu voltei pro terreiro, aconteceu um movimento que (rs) ainda até hoje eu não compreendo muito bem, mas um movimento de pessoas verem esses stories, verem essa conduta na rede social e ela não gostou porque na cabeça dela, levaria o nome do terreiro dela, faria algo como um... tipo assim... como eu posso dizer... "o que eu estou fazendo com o meu médium, que ele pode fazer isso nas redes sociais?" Que exemplo que eu to dando para ele ou que exemplo ele está dando que vai atingir diretamente o meu terreiro, o nome do terreiro que eu ia? E quando ela chegou a mim e começou a conversar dessa forma isso me feriu muito como pessoa. Primeiramente, que o que eu faço dançando ou curtindo no final de semana não interfere na minha qualidade como pessoa muito menos como médium. Então, isso me feriu muito particularmente e não era a religião. Foi da pessoa que estaria ali para me acolher e me encaminhar, que teve esse julgamento muito pesado, de que eu não queria que tivesse esse julgamento. Então isso me entristeceu de uma maneira muito surreal e me fez afastar, me fez romper naquele momento porque a gente conversou, a gente não brigou nem nada mas no nosso momento da nossa conversa a gente não chegava num consenso, num meio termo para os dois partes porque eu não queria voltar atrás com relação ao meu pensamento, porque até hoje eu tenho o mesmo pensamento de que isso não fere a minha conduta como médium. A gente sabe que várias religiões solicitam vários tipos de condutas de cada religioso, né? Mediante a doutrina que a casa, que a religião ela pede, mas na umbanda eu sempre entendi o humano antes do religioso. A pessoa vem antes de ser médium. O ser médium é um plus que você tem, né, é um papel a mais que você tem, mas que é condizente com a sua evolução pessoal, então isso pra mim não... não... não tiraria a minha qualidade ou meu tempo como médium, tudo o que eu fiz.. tudo o que eu aprendi, tudo o que eu evoluí como pessoa. Então, naquele momento, isso me deixou muito triste, que fez com que eu me afastasse de lá e rompesse esse elo naquele momento com a religião.

ENTREVISTADORA: Entendi. Nesse período você viveu mais alguma situação que você acha que vale a pena mencionar?

UM2: É, teve vezes que... é... lá, a gente tinha, nós tínhamos, lá, como em todo terreiro de umbanda nós temos cargos. Cargos, a gente chama, eu não chamaria cargos... é... graduações, conforme o tempo, a nossa trajetória... e são sempre cargos... é... graduações rituais. Na verdade alguma entidade mentora da casa vem e dá esse cargo mediante ao seu trajeto, à sua evolução espiritual. Isso merecido diretamente pelo espiritual não por qualquer outra pessoa na terra. É dado sempre ao espiritual. E aí eu fui indo, fui galgando esses passos cada dia mais, até chegar na graduação final que é o bori, dentro da casa dela. Todas essas graduações foram dadas pela entidade dela mesmo sabendo que ela não confiava muito em mim, mas sabia que as entidades dela confiavam, o que me deixava muito feliz porque da vista do humano eu sabia que sempre tem erros e sempre vai ser super errado em várias questões, mas quando vinha do espiritual todas essas confirmações eu sabia que eu tava fazendo alguma coisa de certo. E tive a graduação, ela fez a graduação, foi tudo lindo, tudo maravilhoso, enfim, e aí depois dessa graduação é... a gente pode passar para uma atividade que é dar passe... que é quando essas entidades elas incorporam em você e as suas entidades podem orientar outras pessoas que vem na casa solicitando orientação e assim por diante e essa qualidade

de dar passe.. essa sim pode ser dada pelo pai de santo, que no caso ela era mãe de santo, ou por uma entidade dela. E um belo dia a gente tava lá e eu já tava com a graduação há mais de... quase uns dois anos e ela não tinha me dado essa ordem de passe e.. não.. até ai tudo bem. Nunca questionei e nunca questionaria, jamais. E pessoas que tavam graduadas depois de mim, mais jovens do que eu começaram a ganhar essa graduação. E aí eu comecei a me questionar na minha cabeça o que eu estava fazendo que outras pessoas... não que eu sabia... não que outras pessoas não merecessem, mas o... por que eu merecia menos, entende? Já que eu tava ali sempre, eu sempre tava há 9 anos já na casa, enfim, sempre dei o meu melhor, da forma que eu podia dar, da forma que eu podia contribuir. Então eu sempre fiquei com essa questão muito grande na minha cabeça. E chegou um belo dia que foi uma festa para início dos trabalhos do ano. E geralmente tem essa festa... geralmente ela solta as escalas, solta as informações para a gente... para liberar as pessoas para fazerem esse movimento. E foi na pandemia, quando ia iniciar a pandemia. E ai ela deu os cargos para várias pessoas, e não deu pra mim. Aquilo me bateu muito forte porque muitas pessoas esperavam também que eu fosse ganhar naquele momento, porque já tava ali há muito tempo. E eu não ganhei. Ai eu falei: "tudo bem, não tem problema". Fiquei com aquele pensamento na minha cabeça: "meu deus o que ta acontecendo?. Mas não tem problema, ta tudo bem, vamos para frente, porque não é para isso que eu to na religião, to pra evoluir. E ai nesse período, nesse momento, aconteceu algumas coisas, eu incorporei, as instruções me incorporaram, a entidade mentora que incorporou em mim falou para eu não ter mágoa , falou algumas coisas assim para eu ficar bem,pra eu me acalmar, que meu tempo chegaria mais rápido do que eu imaginava. E eu ok... voltei a receber recado, fiquei feliz e vida que segue. Aí ela incorporou uma entidade dela... a minha, essa minha mãe mentora incorporou uma entidade dela. Aí entidade dela fez tudo o que tinha que fazer, falou as coisas que tinha que falar e num determinado momento me chamou. Me chamou lá na frente de todo mundo e falou que a medium dela talvez não entenderia e podia ter pessoas que talvez não entenderia, mas que ele sabia da minha força, da minha garra, do meu comprometimento e do meu amor e por isso eu merecia sim o cargo de passe. E ai eu chorei e fiquei muito agradecido mais uma vez porque foi o espiritual que me deu, não foi ela, e ela desincorporou, ela olhou assim quando ficou sabendo, ela ficou espantada, mas ok, vida que seguiu. E ai era pra ser... acontecer... disso acontecer naturalmente nas giras abertas pras pessoas. Só que ai ela já me tirou dessa gira aberta, não me colocou, minhas entidades, para falar com as pessoas. Me colocou na gira fechada. Ai eu falei: "tudo bem, sem problema". E ai contra a pandemia aí uns 7 meses depois da pandemia os terreiros começaram a reabrir com toda a restrição de máscara, toda aquela questão de álcool em gel. Enfim, não tinha ainda... é... vacina, mas tava podendo abrir, reabrir os templos né.. casas e sinagogas, enfim, com toda aquela restrição. Então, ela reabriu, mas ela não me colocou no cargo que tinha me pedido, que tinham me pedido a entidade dela. E nesse momento eu continuei lá sem problema nenhum. Eu não falei, não perguntei pra ela, porque eu acho que foi me passado por uma entidade dela um cargo que foi deles que me passaram, se em algum momento ela me tirou, a única coisa que eu queria dela era que ela me falasse, que ela conversasse comigo: olha, por isso e isso. Em momento nenhum ocorreu essa conversa, em momento nenhum ocorreu esse esclarecimento ou esse ponto de nota pra mim. Foi simplesmente não. E você vai continuar aí e não foi me explicado nada e isso foi me... me... comendo por dentro assim, me machucando. E ao mesmo tempo em que me machucava e eu não queria que me machucasse porque eu não queria que parecesse ego da minha parte, entende? Que não parecesse: "ai por que eu não estou lá". E Porque todas as questões que eu sei que eu merecia e que eu poderia eu já tinha. Que eram a consciência minha própria, de saber que minhas atitudes condiziam com o médium que eu sou e com as entidades que eu carrego e ter orgulho disso. Inclusive ela sempre me elogiou com relação às entidades que eu carrego. Me elogiou não, sempre elogiou as entidades que eu carrego e tudo mais, a espiritualidade que eu carrego. Mas não, ao mesmo tempo não tinha a confiança dela. E isso me deixava muito triste porque era a pessoa que era o sinal de partida da casa. Se eu tava na casa um dia era por tudo o que a casa proporciona e porque as entidades dela, ela era o elo, ela era o princípio de tudo. Então isso foi me machucando bastante. Mas eu não queria que isso fosse ego, não queria que isso fosse da minha pessoa, do meu psico, queria que fosse do meu espiritual, queria que fosse isso jogado para o meu espiritual. Então eu fui batendo, deixando isso passar, deixando passar e muitos amigos e pessoas próximas a mim não concordavam com as minhas atitudes de deixar isso continuar e deixar isso acontecer mas era o espiritual sempre foi muito importante pra mim. E eu falava: "não vou deixar por causa do espiritual, por causa do espiritual". E ai logo depois, cerca de 9 ou 8 meses depois, aconteceu esse episódio que a para mim foi a gota d'água assim, foi... já tinha muitas coisas, porque num período de 9 anos aconteceram muitas coisinhas pequenas e ali, coisas chatas, mas de ser humano, a gente trabalha com ser humano, a gente sabe que sempre vai acontecer alguma coisa desagradável, independente se é espiritual se é do trabalho, enfim, sempre vai ter alguma coisa desagradável e eu sempre passei por cima porque espiritual, como eu falei, sempre foi mais

importante pra mim. Mas esses últimos 2 anos foram essas duas coisas que bateram muito forte. Essa última vez e principalmente a vez que eu saí... que enfim, que eu fui pro.. que eu sei que ela não gostou da situação. Então isso bateu, foi mais... foi tipo a cerejinha do bolo aí deu no que deu.

ENTREVISTADORA: E isso foi em 2021?

UM2: A minha saída, deixa eu lembrar, foi em dezembro. Que aconteceu a questão do passe, foi em 2020. Ai eu continuei lá 2020 todo. 2021 é... 2021 lá eu continuei lá todo também, aí lá pra julho, agosto de 2021 que aconteceu a questão do, da minha saída, que aí foi quando eu rompi totalmente. Eu rompi totalmente lá em agosto e aí eu passei 4 meses, 5, quase 5 meses sem incorporar, sem frequentar lugares. Eu fui em uns 3 lugares umas 2, 3 vezes, mas não conseguia me conectar da forma que eu gostaria de me conectar, até que eu voltei pra lá inclusive... voltei pra mesma casa.

ENTREVISTADORA: É mesmo?

UM2: Sim, depois no final do ano, dezembro, janeiro, eu fiquei muito... ah... viajei, e eu fiquei muito angustiado com muitas coisas, e aí uma entidade minha me pegou na praia assim. Era de noite, a praia tava vazia, um guia meu incorporou em mim e falou algumas coisas. E eu fiquei com aquilo na cabeça e eu falei... deixei passar. E eu comecei a sonhar muito com ela. Pra você ter uma ideia no nível de entrega que eu tinha por ela e de amor... até hoje eu amo muito ela inclusive... é... de amor que eu tinha por ela e tudo mais e de confiança e aquilo me machucou muito e eu ficava sonhando com ela repetidas vezes... e com a casa também. A ponto de eu falar... começou em janeiro de 2021... ou ano passado? Ai gente pera ai, eu to confundindo... a gente ta em 2022 né? É... então foi 2019, 2020, foi isso mesmo. No final do ano passado, 2020 para 2021 foi que eu saí de lá, então foi 2020 mesmo. Ai em 2021 fiquei lá, ai eu não tava mais lá no final de 2020, ai quando foi 2021 eu voltei em janeiro. Voltei pra lá, conversei com ela, a gente sentou, conversou, e ai ela me pediu desculpas, ela falou que entendia toda a situação, que ela errou muito comigo, e a gente meio que chorou, ficou aquela coisa, aquela situação toda. Eu entendi ela como mãe, não gostei, me desapontou conforme o pensamento que eu queria que ela me acolhesse, não que ela me apontasse, mas a gente conversou, falou, falou, falou... eu voltei, porque sabia que eu precisava do espiritual, não queria ficar longe do espiritual, voltei que... aí já tinha outros amigos que já eram de lá dessa casa mas já tinham saído, que foram as pessoas inclusive que você fez a entrevista, eles estavam na minha outra casa e estavam sendo bem amparados, graças a deus, e estavam sendo confiados como médiuns, que a mesma confiança que eu não tinha, eles também não tinham nessa casa. Também pelas nossas atitudes que ela achava que não era condizente, mas enfim, e aí nesse meio período eu fiquei lá mais uns 6 meses, mas uns 7 meses na casa. E eu falei: "não, até o final do ano vai mudar isso, até o final do ano vai mudar isso". Mas minhas próprias entidades começaram a mostrar que não queriam mais. Queriam que eu voasse para outros ares e queriam que eu... porque eu sentia a necessidade delas de trabalharem e era perceptível a forma de elas falarem... que elas falaram, nunca julgaram a casa, falaram sempre que a casa era a casa delas, assim como eu também acho que vai ser sempre minha casa, sempre vai ser meu primeiro amor com relação à umbanda e aí nesse meio período eu fui chamado pela entidade de uma amiga minha para conversar comigo nessa outra casa. e eu já tava sentindo uma quebra de necessidade estar ali. Que eu tinha que entender que o espiritual é muito maior do que uma casa especificamente, que o espiritual é algo transcendente. Que ele não tá... como uma entidade minha mesmo falou que o espiritual não tá baseado em paredes. Para eles não existe paredes. Então onde eu estivesse eles estariam comigo, da mesma forma que estavam naquela casa. Então isso me serviu muito de acalanto para que eu pudesse talvez procurar uma outra maneira de me suprir espiritualmente que não fosse ali. E que embora eu amasse muito eu poderia voar, e ai foi quando eu fui lá falar com essa entidade de uma amiga minha que é uma entidade que inclusive tem uma ligação muito forte com a minha trajetória e ela, essa entidade, me deu 3 murros no peito assim com relação a palavra, entendeu? Me deu uns 3 pedala robinho uns 3 acorda menino e (risos) e ai eu tomei a coragem de falar com essa mãe de santo, saí de lá da casa dela. Coragem assim né, porque eu não tive coragem de falar com ela cara a cara porque senão eu não ia ter a coragem de sair, mas eu mandei a mensagem, conversei com ela por telefone, expliquei na verdade o porquê eu não conseguiria ver ela, porque eu sabia que eu ia chorar, chorar, chorar e eu não ia ter a coragem de fazer o que eu tinha que fazer naquele momento que era sair de lá novamente. E dessa vez saí sem nenhum problema. A gente... eu não saí sem falar com ela, não saí com raiva, com chateação, com mágoa,

não sai com nada disso, sai simplesmente pra procurar uma coisa, talvez, não falar melhor, mas talvez diferente pra mim, de uma maneira espiritualmente falando. E ai eu sai de lá novamente e ai isso foi em meados de julho, agosto, ano passado, que eu entrei no Tupinamba que é lá no Jubileu Maia.

ENTREVISTADORA: Deixa eu entender então. A primeira vez que você se afastou antes de você tentar retornar novamente, como você se sentiu?

UM2: Aiii... abandonado, triste, chocha, capenga... aquele meme... eu me senti muito abandonado, não espiritualmente, porque eu sempre senti as entidades muito perto de mim. muito, muito comigo ali sabe que as entidades que eu incorporo, a espiritualidade que eu carrego não me abandonou. Isso eu nao me senti abandonado por eles. Mas eu me senti desamparado na questão de conviver com a espiritualidade, que pra mim é uma necessidade. Eu entendo que várias religiões têm várias formas de atuar e tem pessoas que estão sempre no... nas igrejas e tudo o mais e isso faz uma diferença, pelo menos pra mim espiritualmente falando faz diferença. Faz diferença eu ouvir os pontos ali cantados nas rodas, me faz diferença ouvir as entidades falando, conversando, falando comigo... então eu senti essa falta muito grande. Parecia como, como se eu estivesse sido abandonado, como se eu tivesse nada. Como se um pedaço meu não estivesse mais dentro de mim. Tinha meu trabalho, eu não tava muito legal, mas estava tudo dando certo. É... tinha minha casa, conseguia comer, conseguia comprar minhas coisas, conseguia fazer tudo o que tinha que fazer para sobreviver como todo mundo faz e fazer isso tranquilamente sem muita dor de cabeça. Mas o principal que me dava força pra continuar, pra enfrentar os problemas, pra ficar de pé, pra não ter que fazer.. filtrar as coisas melhor forma, não tinha, que era o espiritual, que era ta ali dentro de uma casa conversando, e ajudando as pessoas da forma que eu sei ajudar, da forma que eu já fui ajudado. Então isso me fazia muita falta, como se eu tivesse sido abandonado. Como se um pedaço meu não estivesse mais dentro de mim, como se tivesse um vazio assim.

ENTREVISTADORA: E que impactos essa mudança teve na sua vida, no dia a dia, na sua rotina?

UM2: Ah eu fiquei triste. As meninas que moram na minha casa (que eu moro com mais duas amigas) elas ficaram falando, elas falavam sempre assim: “amigo, você não é a mesma pessoa, você não é a mesma pessoa, você não é a mesma pessoa. Você ta muito triste”. E eu ficava: “gente, será que é isso mesmo?”. Eu sentia essa tristeza, isso era fato, mas eu não conseguia perceber que isso tava impactando, refletindo diretamente nas minhas atitudes com as pessoas. Então, minhas amigas falavam que eu tava muito triste, que eu tava muito apático, e eu sou uma pessoa muito pra frente, expansiva, e eu não conseguia mais sera essa, essa, essa força da forma que eu sou, porque no fundo não tinha aquilo que mais me dava força, então eu ficava mal. Teve algumas vezes que eu tinha, fazia em casa oração, rezava, ajoelhava no chão, rezava, e tinha vezes que eu já não conseguia mais e eu não... parecia que eu não... eu sabia que eles estavam me ouvindo, eu sabia que estavam perto de mim, mas a sensação que eu não conseguia mais, a sensação como se eu não fosse mais pra frente, tanto que esse período de uns 5 ou 6 meses eu não incorporei nenhuma entidade. foi somente na praia, num momento bem, bem, bem diferente, foi quando ele me trouxe, me reacendeu de novo, de entender que eu realmente não podia ficar longe do espiritual. que eu realmente não tinha como. Era, pra mim, era uma dificuldade muito grande. Então essa tristeza era nítida no dia a dia, até no trabalho algumas pessoas conversavam comigo. A gente tava nesse período de afastamento, tava de home office, já não tinha esse contato pessoal muito grande, e eu já não conseguia mais conversar com as pessoas durante o dia. eu ficava dois, três dias trabalhando sem falar com ninguém. Trabalhava aqui e só respondia quando precisavam falar comigo. Eu senti essa diferença, não conseguia ter esse contato mais pessoal com as pessoas da forma que eu sou, da forma que eu gosto de ser.

ENTREVISTADORA: E isso teve impacto no seu círculo de amizades e da sua família?

UM2: É.. a minha família, especificamente, eu não sou muito próximo. Próximo assim né de dia a dia. Então com eles eu... continua a mesma coisa. Mas no círculo de amizades que era ligado diretamente a essa casa sim. Porque a gente era uma família, vamos assim dizer né... nove anos já era uma família e... quando se é... quando se está em uma comunidade de terreiro que geralmente é uma comunidade muito grande, quando você sai você perde esse elo com eles, você perde essa convivência e algumas

peessoas... as mais próximas vão entender, vão saber porque está acontecendo isso, mas mesmo assim vão se afastar um pouco e as pessoas que não eram tão próximas mas que você tinha convivência se afastam quase que completamente. É... então, meu círculo de amizades dentro, é.. espiritualmente falando mudou, não tinha mais. Eu tinha na época um namorado que era de lá também, que continuou lá, tinha algumas 3, 4 pessoas que eu conversava assim... basicamente, e o restante do ciclo não tinha mais, a gente não tinha mais. Esse talvez era um dos motivos que me deixava mais triste, porque não tinha mais as pessoas que eu via todas as quintas-feiras, todas as terças, ou todos os sábados, que eu falava, que eu abraçava. Enfim, não tinha mais... embora eu tinha elas nas redes sociais, mas o contato não existia mais.

ENTREVISTADORA: Entendi. E o que você sentiu mais falta nesse período?

UM2: Essa pergunta é meio capciosa. Eu senti mais falta de várias coisas. Eu senti... o que eu senti? Meu deus.. eu vou tentar falar alguma... é eu acho que o espiritual assim...

ENTREVISTADORA: O que mais te doeu de estar afastado?

UM2: O espiritual! Não estar lá ouvindo o atabaque, as músicas. Não estar inserido lá dentro. Do espiritual, mais especificamente dizendo. Não só somente a incorporação, mas estar lá dentro ouvindo as entidades conversarem, passarem... é.. ajudarem pessoas com seus problemas, as músicas, as danças, estar perto da energia em si, sabe? A energia que a espiritualidade traz pra gente. Então aquilo me doía muito. Me doía muito a ponto de eu ter em momentos que... de... sentava na cama, chorava e falava: "meu deus do céu, o que é que eu fiz da minha vida?" Então, era é algo que mais me doia mesmo era isso: ficar longe do espiritual em si, da energia, das sensações.

ENTREVISTADORA: E.. é... qual foi o impacto dessa mudança na sua relação com o espiritual, com as crenças, com as entidades, as divindades?

UM2: É... naquele momento eu fiquei afastado né e nunca deixei de acreditar. Minha fé nunca mudou em si. Minha fé na religião nunca mudou. Eu sempre soube separar muito bem é... o que foi me causado pelo humano que graças ao que eu so... que aconteceu comigo dentro da religião não foi nada pelo espiritual, não foi nada pela minha entidade, não foi nada com uma divindade. foi sempre com o humano, e quando tem humano no meio, sempre vai ter uma chateação, então eu sabia dividir isso bastante. Mas o impacto que me causou naquele momento especificamente. Eu senti que eu me afastei um pouco, mas a minha fé não mudou. Não tive mudança de crença, de acreditar, de confiar. Mas o saber que eu tinha me afastado um pouco, então isso mudou na questão de eu saber que eu não posso mais passar por isso em questão de me afastar deles. Então a fé em si não mudou, o amor não mudou. Eu senti que eu me afastei por questões que eu fiquei magoado, não com eles, eles sabem disso, mas mudou essa questão e quando eu voltei eu fiquei mais feliz ainda, mas naquele momento a fé e o amor não mudou. Mudou só o afastamento mesmo.

ENTREVISTADORA: E você se afastou sabendo que em algum momento você retornaria?

UM2: Tinha certeza. Tinha certeza absoluta. Não sabia se eu retornaria pra lá, pra mesma casa, mas que eu voltaria para o espiritual eu tinha certeza, porque eu não tinha a capacidade de ficar sem eles. Eu sei que parece uma dependência muito grande, e realmente é uma dependência muito grande. Eu fui criado, na verdade eu sempre fui criado dentro de uma religião, eu sempre fui criado dentro de uma bolha religiosa. Minha mãe é testemunha de jeová e tudo o mais. São espiritualidades totalmente diferentes, distintas, mas sempre fui criado nessa questão do espiritual muito próximo de mim. E eu sou uma pessoa que o espiritual pra mim não compete somente pra mim. Eu sei que para outras pessoas isso é totalmente diferente e eu acho isso totalmente correto. Pra mim a espiritualidade tem que andar comigo e não somente de eu ir pra um lugar, ouvir a palavra e ir embora, independente de onde quer que seja. Eu tenho que estar inserido de uma forma ativa, sabe? Eu preciso me sentir ativo dentro de uma casa, dentro de uma religiosidade, pra eu saber que minha espiritualidade está servindo

pra alguma coisa, pra alguém. é... pra mim, é muito latente essa necessidade. Eu sabia que em algum momento eu ia voltar pra alguma atividade, pra alguma casa voltada para a espiritualidade

ENTREVISTADORA: Certo. E aí em que momento da sua vida você voltou? O que motivou o seu retorno?

UM2: O que motivou foi realmente a perturbação que eu comecei a ter (risos). Na verdade eu fiquei por muito tempo, como eu falei, sonhando. foi no final do ano, na virada do ano, eu incorporei uma entidade, fazia muito tempo que eu não incorporava. Quando eu incorporei eles, veio tudo aquela sensação do começo de volta assim. Aquela... é... enxame de informações, de energia. Eu falei “gente, o que vai acontecer comigo? como é que...” enfim! ai depois disso, que ele veio, ele conversou sobre algumas coisas e eu fiquei matutando, digerindo tudo aquilo que ele falou, depois me contaram, fiquei digerindo muito algumas situações. Ele ajudou muito uma amiga minha que tinha perdido um irmão. E eu falei “poxa, como é que eu vou ficar longe de um lugar que serve pra ajudar outras pessoas e serve pra me ajudar também? Não consigo ficar longe.” Então, quando eu vi ele ajudando, depois que me contaram porque eu não lembro de tudo, me contaram o que tinha acontecido, eu vi que ele ajudou muito uma amiga muito, que ela ficou muito agradecida, foi quando meus olhos voltaram a brilhar. Tipo assim: “eu não posso ficar longe, porque eu realmente tenho uma missão e eu preciso cumprir ela ajudando as pessoas e me ajudando. E eu não to me ajudando nesse momento e não é legal pra mim isso”. E ai logo na virada eu falei assim: eu preciso procurar uma casa e me inserir. Eu sabia disso. Só que ai nesse período comecei a sonhar muito, muito, muito... e aí mediunidade, pelo menos da forma que eu aprendi, ela é inserida em várias questões da nossa vida, seja de cheiro, de sensações, presenças, e isso depende eu acho que depende a gente sente essas coisas né.. e a gente acaba sonhando muito também né. Então como eu não tava ativo, tendo atividades de incorporação, de lugares, né. Eu via os pontos e tudo mais. Minha mediunidade tava conversando muito comigo por sonho. Então, quase todos os dias eu sonhava com alguma coisa. Ai eu acordava, ficava com aquilo na mente, nanana... e sonhava muito com meu terreiro, que era o terreiro que eu ia. Acordava com muita saudade, chorava de saudade, e eu falava assim: “preciso voltar lá pra entender se existia uma ligação ainda que não foi completamente rompida, se existe uma ligação ainda que eu ainda não entendi, preciso voltar lá”. E ai foi quando eu decidi mesmo, mesmo contra muitos amigos que falavam: “não faça isso, não faça isso, não faça isso”; Foi quando eu decidi: “eu preciso voltar lá pra entender, eu preciso entender o que está acontecendo” Ai eu pisei lá, ela estava lá, minha mãe de santo nesse dia, minha ex-mãe de santo tava la, ela me olhou e me abraçou como se nada disso tivesse acontecido. E ai isso me impressionou muito. Porque eu achei que as pessoas iam ficar né meio carrancudas comigo ou algo do tipo. ela abraçou e falou assim: “filho, que bom que você está aqui”. E isso foi o primeiro baque e eu pensei “o que é que ta acontecendo?”. E ai depois outras pessoas também muito importantes da casa vieram falar comigo normalmente, normalmente, e ai foi quando eu entrei dentro do congar, dentro do local, e eu fui falar com a entidade daquela noite e ele falou comigo e falou comigo algumas coisas e ele falou que quem ia falar mais comigo ia ser minha entidade e ai trouxe minha entidade e foi quando ele falou que ainda não era o tempo de eu ir embora, que ainda era o tempo, que ali ainda era a casa dele, que seria a casa dele e quando fosse a hora ele ia me mostrar que fosse a hora e ai aquilo me colocou no chão e ai eu fui voltando, e voltando e voltando até me inserir novamente. Foi nesse momento que eu percebi: “preciso estar lá novamente” e ai depois não larguei mais. risos.

ENTREVISTADORA: Sim, mas ai você foi pra outra né?

UM2: Não, eu conti... eu fui pra essa mesmo. Fui pra essa, voltei pra mesma casa que eu estava, que eu tinha saído. Fiquei lá mais alguns meses. E aí foi quando as entidades começaram a mostrar que realmente agora eu podia ir embora, que agora eu podia me desligar. Que foi de uma maneira mais calma, que foi quando eu falei a segunda vez que foi uma maneira que eu não tive mais problema, que eu saí tranquilamente, não sai daquela forma. Eu entendo que, naquele momento, naquele período, eles não queriam que eu saís... Eles entenderam que eu precisei sair porque eu fiquei muito magoado, não me julgaram, não me recriminaram, nada. Mas ainda não tinha rompido o elo da forma como tinha que romper, da forma educada, civilizada e boa para ambas as partes. Então eu voltei e fui muito bem recebido, fui muito bem tratado. não tive nenhum problema, nenhum nenhum problema, mas ainda assim existia uma necessidade, eu senti que eles precisavam trabalhar da forma deles, e ai foi quando

meu caboclo, meu mentor espiritual começou a me mostrar coisas que era.. que eu senti era pra eu sair. Ao mesmo tempo que aconteceram coisas comigo dentro de lá, as entidades de uma amiga minha, que eu falei, que tava em outra casa, já me chamava pra conversar comigo. Então as coisas estavam caminhando juntas. Ai na semana, teve uma semana que... não sei se você vai compreender o que eu vou falar mas teve uma semana que eu tava saindo da minha casa, foi na semana que eu realmente decidi sair de la. Eu sai da minha casa, e eu pegava um ônibus para ir até lá. eu entrei no ônibus e as pessoas estavam me olhando e eu tirei o fone de ouvido. Quando eu tirei o fone de ouvido eu vi que tinha uma pessoa, não sei se era um morador de rua, mas ele tava muito bêbado, muito sujo, ele tava atrás de mim e me xingando, assim sem eu nem.. eu não vi porque eu tava de fone quando eu tava vindo em tempo dele me bater ou me agredir ou falar alguma coisa. Dai eu não entendi assim... e aí o motorista falou assim: desce, desce, desce. Mandou ele descer. E eu passei a catraca e ele falou alguma coisa que não deu pra eu entender. Tipo me apontando mais uma vez, falando comigo. Só que eu podia falar com você que eu tava de roupa de umbanda... mas eu tava com roupa normal, eu tava com a mochila... eu não sei qual motivo que ele tinha, que ele sentiu a necessidade de xingar... não sei. Se eu tivesse de roupa de religião, pode falar "ahhh, foi intolerância religiosa". Mas nem foi isso. E a palavra que ele falou foi alguma coisa de religião, alguma palavra religiosa, mas eu não sei o que que era. E aquilo e eu falei: "oxi, que estranho". Ai eu voltei, eu passei quando ele desceu, que o motorista tirou ele. Eu coloquei o meu fone e fui pra minha casa espiritual. Cheguei lá... me arrumei, tudo bonitinho e isso foi embora da minha cabeça.. E tinha umas semanas atrás que minha entidade tinha dado para uma mulher lá que era muito importante pra mim uma flor e falou que agradecia muito a ela por tudo o que ela fez por ele como se estivesse se despedindo já. Só que naquele momento eu não entendi nada. Passou um mês dessa situação e eu entrei na corrente mediúnica para começar os trabalhos. Quando começou os trabalhos, a gente carrega fios no pescoço, são fios condutores de energia que nos protege. E um desses fios meus, eu não fiz nada, tava parado, ele estourou. Tava assim no meu pescoço, quebrou sozinho, se partiu. E eu olhei assim, ok, fingi que nada acontece, continuei assim, continua os trabalhos. Ai depois a entidade falou que tinha rompido um ciclo e que aquela coisa estava mostrando que tinha rompido um ciclo ali. E eu tentei... achei que ele puxou a energia desse homem que falou coisas ruins pra mim . Também tinha pegado algum carregado dele, uma energia e tals e depois disso fiquei muito pensativo que foi quando eu fui nessa pessoa, nessa médium, falar com ela nessa mesma semana, e aí foi quando tudo isso aconteceu. e eu falei: é realmente são sinais e eu preciso acolher esses sinais . E ai ela falou umas coisas comigo que foram bem diretas. E aí foi no outro dia que eu sentei, no mês seguinte e sai de lá mais tranquilamente.

ENTREVISTADORA: Entendi. E quais situações você estava vivendo na sua vida pessoal? Como você relaciona essas situações a sua decisão de voltar?

UM2: Uma das situações mais específicas foi essa realmente, com relação a ajudar às pessoas que eu gosto, que são amigas, né? E tudo o mais e saber que elas confiam muito em mim independente de qualquer coisa. Se confiam sempre em mim e conversam bastante comigo, me pedem conselhos, conversam: "ah o UM2 me ajudaria nisso, ajudaria naquilo". E eu sinto que eu ajudei, sempre. Sou uma pessoa que falei, conversei. E eu percebia que o pessoal me baseava muito mais nisso. Me dava bases melhores com relação a ajudar as pessoas mesmo fora de casa, fora de algum lugar. E também com relação a lidar com as situações principalmente dentro de casa, que eu moro com mais duas amigas e somos pessoas totalmente diferentes, então lidar com algumas situações de dentro de casa, de estresse, de brigas às vezes também e saber lidar com isso da maneira mais calma e mais amena, mais tranquila. E o espiritual na minha cabeça pelo menos, sempre me deu essa base. porque eu ia lá, conversava, na na na, e alguma entidade me dava algum retorno... e isso me acalmava, me trazia uma tranquilidade para tratar com esses problemas e também para tentar ajudar as pessoas mais próximas de mim de uma maneira melhor.

ENTREVISTADORA: Entendi. O que seus amigos acharam de você retornar?

UM2: Pra primeira casa (rs) me acharam burro (rs). Acharam que eu tava fazendo uma grande coisa errada, porque eles sabiam o quanto eu fui destacado, vamos dizer, magoado. Eles sabiam, eles não gostaram por ser na casa, mas sabiam que era importante o espiritual pra mim. Então não existia um julgamento de tipo: vamos virar a cara pra você por causa disso, mas existia uma preocupação pelo

que eu já tinha passado lá dentro, na primeira casa. Mas ao mesmo tempo eles apoiavam porque eles sabiam que o espiritual pra mim era muito importante, então eles apoiavam mesmo não concordando.

ENTREVISTADORA: Certo. Me fala um pouquinho sobre seu círculo social, sua família, seus amigos, atualmente. Houve mudanças entre sua família e seus amigos depois que você retornou?

UM2: Mudou... deixa eu perceber... é... bem... dentro desse círculo tinham algumas pessoas que eram bem atuantes nesse meu círculo de amizades. E quando eu fui pra essa casa esse círculo se reativou. Mas quando eu fui pra outra na segunda mudança esse círculo se foi de novo. E tá tudo bem. Mas algumas pessoas mudaram bastante, algumas pessoas ficaram mais próximas, algumas pessoas se afastaram. Meus amigos que eu já tinha de amizade mesmo mesmo mesmo não se afastaram em nenhuma momento. Eu não sou uma pessoa lotada de amigos, mas sou uma pessoa que tem uma quantidade relativa e eles estão sempre ali. Mudou uma pessoa ou outra, mas eles estão sempre ali. E com relação à família, como eu falei, eu tenho uma relação com minha família boa, tranquila, mas a gente não é próxima a ponto de se ver sempre, a tá junto sempre. Eu tenho uma convivência maior com minha mãe, a gente se fala sempre, também não mudou nada. Ela basicamente entende que eu sou de outra religião, a gente não conversa sobre isso basicamente, porque é uma religião muito afastada da outra. E não conversa não porque eu não gostaria de conversa, mas porque eu sei que machuca ela, magoaria ela algumas situações e eu não levo pra não, né, não...

ENTREVISTADORA: Porque ela é testemunha de Jeová?

UM2: Isso. E ela também foi da religião há muitos anos atrás antes de eu nascer só que ela conheceu a religião de uma maneira totalmente equivocada, totalmente que eu nunca nem vi, nunca nem conheci. Era muito diferente antigamente algumas situações, algumas atividades. Então ela conheceu, a gente fala, como minha mãe de santo mesmo fala, ela conheceu a umbanda do medo, uma umbanda meio complicada, uma umbanda não muito situada no correto, sabe? Antigamente, ela tem toda uma aversão. E... que não é a umbanda que eu carrego hoje, que eu conheci, que eu prego hoje. Então, com ela não mudou nada na relação, mas tem pessoas sim que mudaram do ciclo de amizades, se afastaram, e que eu agradeço assim rs dependendo da situação.

ENTREVISTADORA: No fim das contas, os amigos, as pessoas mesmo não influenciaram tanto, foi mais a relação com a mãe de santo né?

UM2: Isso. As pessoas em si não tiveram uma relação muito grande não, até porque eu sou uma pessoa que eu sou muito legal, sou muito legal, mas também quando é pra fazer alguma coisa muito pesada eu me posiciono muito fortemente e isso às vezes assusta as pessoas. Então as pessoas nunca vão ao desencontro assim... é muito raro alguém vir e desencontrar: "olha UM2, você tá fazendo isso, não tá certo, porque..." sabem que eu sou muito coesa e muito correto no que eu penso, e embasado também. Geralmente eu falo que quando eu entro numa conversa, numa discussão, eu sempre entro muito embasado. Pra alguém me tirar do embasamento na discussão tem que vir muito mais embasado do que eu. Então nunca teve um contexto muito gigante. Tanto que nesse dia nessa conversa com minha mãe de santo que culminou na minha separação do terreiro tinha ela e uma pessoa muito importante que eu falei que foi até a pessoa que meu caboclo deu uma flor pra ela e tudo o mais. Nesse dia ela não falava porque eram duas forças muito grandes conversando, eu e minha mãe de santo, e ela tava ali pra intermediar e entender: "ah tal pessoa falou isso... teve aquela conversa, eu tava ali e aconteceu exatamente isso" como se fosse uma testemunha né... E ela não conseguia entrar na conversa porque eu tava muito embasado no meu pensamento, minha mãe de santo tava muito embasada no pensamento dela, e a gente não tinha como... então as pessoas não influenciaram diretamente falando comigo, mas falando por trás, falando situações depois, e isso sim vinha a todo momento porque sempre tem o telefone sem fio, mas na minha frente comigo diretamente não. Mas me decepcionei com algumas pessoas inclusive depois com assuntos que eu ouvi, me chateei muito, me decepcionei com pessoas. Não fui lá cobrar nem nada, porque eu não sou desses também. Quando eu me decepciono eu só vou colocando numa caixinha assim pra fora da minha vida e aí foram essas pessoas também que se afastaram que eu falei pra você que viraram outras pessoas depois dessas situações.

ENTREVISTADORA: Certo. Agora vamos falar então sobre como foi seu envolvimento religioso e como foi esse processo. Você sentiu diferença entre seu envolvimento religioso antes de se afastar, em termos de intensidade, né, das práticas religiosas, e depois que você voltou?

UM2: Sim. sim, sim, sim. O... como eu te falei, do momento que eu me afastei da primeira vez eu já senti a diferença de cobrança. Uma cobrança não de uma maneira ruim, mas uma cobrança deles com relação a mim mesmo. Então eu falei: Nossa, UM2, tenho que voltar. Ai fui lá.. nã nã nã... voltei e fui fazer minhas coisas e tal e toda a incorporação que eu tinha, todo contato com eles era muito mais intenso.

ENTREVISTADORA: Quando você voltou?

UM2: Isso! Muito mais intenso, muito mais intenso. Ai tem essa ponta até mesmo porque eu sou médium semiconsciente, tem coisas que eu lembro e tem coisas que eu não lembro né? Fica muito às vezes embaralhado, enfim. Era tanta intensidade que tinha algumas coisas que eu nem lembrava. Eu não ficava nem com algumas coisas na lembrança. Sumia mesmo, sumia da minha cabeça. E ai foi a hora que eu falei pra você: eu sentia a necessidade deles trabalharem, porque eles viam com mais intensidade, com mais força. O que eles traziam de recados ou de pensamentos era muito mais forte, muito mais intenso, muito mais coeso, de forma que eu dizia: eu tenho que dar valor, eu tenho que dar alguma vasão pra isso. Eu ai eu senti muito mais forte isso. Se eu vou num terreiro então aí que eu dou mesmo tudo. A responsabilidade aumentou 30 vezes mais, porque aí tem pessoas que... até hoje... eu tava falando com uma mulher que tem idade pra ser minha mãe por exemplo. E ela passa com minhas entidades e eu fui fazer um trabalho para melhorar a vida dela... pra abertura de caminho, pra ela se mudar de casa. E ai ela mudou de casa, ela mandou mensagem pra mim, ela começou a conversar comigo e as pessoas vai e chegam: ai eu to com saudade de tal entidade sua... e a gente percebe. Eu percebi depois dessa mudança quão intensa era a necessidade de eles trabalharem e quanto isso modifica a minha vida. E basicamente energeticamente é muito visível isso, era muito visível... a sensação era muito maior.

ENTREVISTADORA: E a sua participação nas atividades religiosas...

UM2: Aumentou.

ENTREVISTADORA: Em comparação com antes de se afastar e depois que você voltou?

UM2: A gente ainda tava em pandemia, então ainda tava meio complicado porque iam começar as vacinas. Aí não tinha muito o que se meter em tanta atividade, porque não tinha muita coisa pra fazer lá dentro. Só fazia mesmo, fazer a... os atendimentos. Quando eu mudei pra segunda casa que realmente eu voltei mesmo, aí sim... aí o sábado não era mais o sábado... o dia inteiro! aí na semana eu tinha... às vezes eu ia porque acontecia alguma necessidade lá e tinha que ir para ajudar, fazer alguma coisa, limpar alguma coisa, fazer alguns trabalhos. Inclusive essa mulher que eu fui trabalhar pra ela eu tinha... fiquei na semana, não era nem dia de eu ir pra lá eu tive que separar um dia pra ir, então as atividades ficaram mais intensas e sugando mais, assim, vamos se dizer. Sugando de uma maneira positiva, mas sugava mais meu tempo, minha energia, minhas coisas. Era maior mesmo.

ENTREVISTADORA: E o seu comprometimento também com a sua busca religiosa? Como você compara, né?

UM2: É.. realmente é bem maior o comprometimento. Porque cada vez que a gente vai, cada vez eu vou, cada vez que eu voltava pro terreiro, era uma necessidade maior, e hoje em dia por eu estar no passe é uma necessidade maior ainda. A responsabilidade com coisas deles, com coisas que são

minhas também então toda a hora o comprometimento era maior. Eu não poderia, por exemplo: a questão de faltar, no final de semana, por exemplo. É muito ruim, porque tem pessoas que esperam por eles, esperam por mim. Então o comprometimento aumentou muito. Muito, muito muito. E a cobrança também. Quando o comprometimento aumenta, a cobrança também aumenta rs.

ENTREVISTADORA: E como você se sente com relação a isso?

UM2: Ai olha. Boa pergunta. Às vezes eu me sinto sufocado rs e às vezes, a maioria das vezes eu me sinto muito grato, porque eu sei que isso corresponde a muitas coisas da minha vida. Por exemplo: hoje eu consigo falar desse assunto e não chorei. Coisa que antigamente se eu falasse sobre esse assunto sobre minha mãe de santo eu choraria. Eu fiquei emocionado, mas não chorei. Então, é... tem uma cobrança muito grande, me sinto às vezes muito sufocado realmente, mas muito grato a todos os momentos, eu me sinto muito bem, quando alguém.. recebo uma mensagem, igual dessa mulher que eu recebi, quando alguém fala que tá com saudade de alguém, quando alguém fala: ah me ajudou. Isso me traz uma felicidade muito grande. Eu fico muito, eu falo: ah tô no caminho certo, pra mim nesse momento.

ENTREVISTADORA: De quem você sentiu mais saudade quando você se afastou?

UM2: Pode ser espiritualmente falando? Pode ser entidade?

ENTREVISTADORA: Com certeza.

UM2: Meu caboclo. rs. Meu caboclo, ele... ah da vontade de chorar, mas enfim! Ele... ele sempre teve uma palavra... a palavra certa, no momento certo, da maneira certa. Ele nunca errou... não nunca errou, entidades não erram também, não são perfeitas, mas... quando se tratava de me ajudar em alguma situação que eu precisava, ele nunca errou. Assim, no que ele dizia, no que ele queria. Ele sempre foi muito amável. Eu amo meu exu também, porque meu exu é maravilhoso, mas o meu caboclo ele sempre tinha a palavra certa, na hora certa, e isso me trazia muita saudade dele, inclusive to com saudade dele... rs... me deixava com muita saudade, muita...

ENTREVISTADORA: Então você se sente... ele é seu maior apego?

UM2: Meu caboclo é. Como a gente chamava no terreiro ele é meu baba de INAUDÍVEL, meu pai de cabeça. E ele...

ENTREVISTADORA: E quem te consolou quando você se afastou?

UM2: (pensando) é... meu ex namorado na época, a UF1 e a UF2 que você conversou foram as que me consolaram demais, inclusive a entidade da UF1 que me levou de volta para a outra casa. É.. eles me consolaram muito, me colocaram pra cima... é... me tiraram do papel de tristeza ou de vítima naquela situação, me colocaram no papel de: você não merece isso então para de ficar assim, sabe?

ENTREVISTADORA: Sim, e seu namoro acabou quando?

UM2: Acabou ano passado. Rs. Acabou na virada do ano, no início do ano passado para esse ano.

ENTREVISTADORA: Ah mais aí você já tava...

UM2: Na outra casa. tava tudo bem. Na verdade nem foi por esses motivos. Eu saí da outra casa, que era a mesma casa que ele tava, que era a primeira casa, né? Daí eu fui pra segunda casa com minhas amigas e ele continuou na primeira casa e a gente continuou se relacionando normal, sem problema nenhum, aí no final do ano passado para começo desse ano, na virada do ano, a gente se separou, a gente teve alguns estresses, aí a gente se separou, mas não foi esse o motivo. Mas foi um dos motivos.

ENTREVISTADORA: Foi um desses motivos de quê? Pra quê?

UM2: Pra gente se separar. Porque como a gente tinha rotinas diferentes espiritualmente falando e a gente sabia que isso em algum momento ia atingir um ao outro e tem um agravante também, porque o terreiro que eu estou hoje é o terreiro do meu primeiro namorado que é pai de santo então eu... é... não tenho nada com ele, a gente tem toda a relação de pai e filho, a gente não tem relação nenhuma. enfim, 300 anos atrás. não tem nada a ver uma coisa com a outra... mas isso querendo ou não para um namoro é uma concepção bem grande e meu namorado na época sabia que eu não tinha vínculo nenhum, relação nenhuma, não tinha nada, mas ainda assim tem ciúmes né, mas não tinha nada. Mas o que mais pesou dentro das outras situações é que a gente tinha rotinas e atividades diferentes dentro do espiritual, então tinha o sábado que eu tinha pra ficar com ele era o sábado que eu tinha que ir pro terreiro. Aí numa semana que eu queria, num domingo que eu tinha pra ficar com ele era o domingo que ele tinha que ir pro terreiro, terreiro dele. Aí uma hora ou outra eu tinha que sair pra fazer um trabalho e ele ficava meio assim. E aí ele também tinha que fazer alguma coisa, eu ficava meio assim. E aí isso foi ajudando para outras situações que estavam acontecendo e a gente meio que se desentendeu. No final do ano a gente preferiu ficar cada um pro seu lado.

ENTREVISTADORA: Você sofreu muito por conta...?

UM2: Sofro até hoje.

ENTREVISTADORA: E o que te consola?

UM2: Me consola? Me consola primeiramente saber que tá tudo bem, eu acho, e o espiritual tem me consola muito, me ajuda bastante. As entidades às vezes quando vêm em terra me falam bastante coisa que me deixam alerta e eu acho que é isso. Acho que é basicamente isso. É eu falar pra mim mesmo que tá tudo bem, né? Fazer o que e secundamente o espiritual que sempre me dá uma ajuda, me dá um help quando eu preciso mesmo.

ENTREVISTADORA: E vocês nunca pensaram em ir pro mesmo terreiro?

UM2: Então, esse terreiro que ele tava, inclusive foi o meu primeiro terreiro, inclusive fui eu que levei ele pra lá. Ele começou lá. E aí eu não tenho vontade, atualmente, eu não tenho vontade de voltar pra lá rs Por tudo que eu vivi, tudo que eu tô vivendo nesse terreiro atual. E nesse terreiro atual ele não iria porque o meu pai de santo é meu ex namorado então ele não ia querer ficar lá então a gente ficava num impasse os dois. E ele também, assim como eu, também ama muito a mão de santo, porque ela realmente é uma pessoa maravilhosa, tem os seus defeitos como todo mundo mas é uma pessoa maravilhosa. Mas ele ama muito ela.

ENTREVISTADORA: E agora, né, como você se sente quando estabelece relações próximas com outras pessoas?

UM2: Olha...

ENTREVISTADORA: Você se sente à vontade com intimidade?

UM2: Não, não rs Eu sou canceriano, então eu já tenho um problema emocional que pra mim tudo pega muito mais pesado, é tudo mais intenso. E antigamente eu já cheguei a sofrer muito por me dar muito, por me abrir muito por ser muito com as pessoas, e ai foram fazendo coisas como essas por exemplo que foram me dando murros e hoje em dia eu não consigo me abrir. Eu vou lá, converso, tudo mais nã nã nã, mas tenho uma dificuldade muito grande de me abrir, de falar sobre meus sentimentos, de me abrir totalmente. Eu sempre acho que as pessoas não vão me entender ou se me entender vão me interpretar mal. Então eu não consigo mais, tanto que esses dias no serviço, eu to num serviço novo vai fazer 2 meses, num trabalho novo e esses dias conversando sobre algumas coisas, as pessoas comentando sobre atividades dela, situações enfim... E falaram: "e o UM2 não vai falar nada?". E eu falei: "Não". Rs. Não vou falar nada porque eu não me senti à vontade e não consigo assim diretamente. E as pessoas sempre me deixam com pulga atrás da orelha. Sempre, sempre, sempre, sempre, sempre, sempre. Eu sempre acho que: ah tá tudo bem conhecer aquela pessoa, é legal... hummm, mas até que horas ela vai ser legal? Até que momento vai ser assim? Então eu sempre fico com pé atrás; Tanto que eu acho que hoje em dia, também já... 30 anos já to começando a medir as coisas mais assim, né? Mas hoje em dia eu não acho que eu vou conseguir ter mais amizades como eu já tenho. Construir elos da mesma forma que eu já tenho. Eu sempre fui uma pessoa que: "eu consigo mais, consigo mais, consigo ter mais elos". Hoje já não acho tanto que eu vou construir elos tão fortes quanto os que eu já tenho, por isso que eu preso muito eles. Hoje, não sei se pela idade, ou pelas coisas que aconteceram, eu não acho que eu vou conseguir construir elos tão fortes.

ENTREVISTADORA: Como você se sente confiando em outras pessoas?

UM2: Vulnerável demais. Rs. Me sinto assim... essas pessoas que eu amo, confio, espero não me decepcionar. Mas eu me sinto vulnerável, sinto que essas pessoas têm armas suficientes para acabar comigo qualquer hora que quiser, entende? E não de uma maneira... ah sim, de uma maneira ruim também.. sim eu me sinto vulnerável... com essas pessoas que eu confio eu me sinto vulnerável mas acolhido. Tipo assim: ai se der algum, amanhã ou depois, acontecer algum problema e a pessoa ficar muito louca, sei lá o que acontecer, pode me chatear muito. Falo acabar comigo, deixar muito triste, muito mal, muito magoado, né? Mas é infelizmente é... dois pesos e duas medidas.. ou você se entrega para algumas pessoas e tem esse risco ou você não se entrega pra ninguém e não corre risco nenhum, mas também não vive nada de bom.

ENTREVISTADORA: E quando você sentiu que você... que esse comportamento seu mudou?

UM2: Olha, mudou? Nossa, boa pergunta... mudou muito com o início da pandemia mudou muito isso, com esse garoto que eu namorei, esse rapaz que namorei, eu namorei com ele quase 8 anos. A gente terminou agora no final do ano, mas já tinha terminado uma outra vez, um ano e meio antes. Então esse término também me abalou... a primeira vez que a gente terminou, bem, assim, realmente, me deixou muito diferente. E... que foi o mesmo período do afastamento que o espiritual, foi tudo muito próximo um do outro então foi nesse período que minha chavinha na minha cabeça assim tipo pá... virou assim de uma... não foi de repente, mas foi virando, e hoje é totalmente diferente do que eu era antes psicologicamente falando. Mudou mais ou menos nesse período.

ENTREVISTADORA: Entendi. E quando as pessoas confiam em você, se apoiam em você, como você se sente?

UM2: Eu sinto que não sou digno. Rs. Várias vezes. Eu fico feliz, fico muito feliz. às vezes algumas pessoas falam: você é assim, você é assado, às vezes eu não enxergo o que as pessoas enxergam de mim. Eu não sei se minha visão é conturbada, ou eu não sei, mas às vezes eu não enxergo o que as pessoas enxergam de maneira de confiança, de maneira de porto seguro. Mas eu sei que eu trabalho pra isso. Sei que eu faço o máximo pra isso. Embora eu não consiga me enxergar assim, eu faço o máximo pra isso. Pra ser sempre acolhedor, pra ser sempre um ouvido amigo, pra ser sempre um bom conselheiro. Quem sabe se isso for possível... então eu me sinto muito feliz. A pessoa vem em mim e fala: eu queria conversar com você. Ai fala e eu fico feliz por ouvir, por conseguir passar alguma coisa, tentar ajudar de alguma forma, mas ao mesmo tempo eu falo assim: "gente, essa

pessoa ta louca? Conv.. tipo, não faz sentido rs se apoiar em mim". Mas eu me sinto muito feliz. Ao mesmo tempo. São duas sensações: a felicidade e não ser digno disso.

ENTREVISTADORA: Entendi. E quando o assunto é perder proximidade? Qual seu nível de ansiedade, de preocupação em perder proximidade nas suas relações?

UM2: Nossa! Muito grande! RS. Me da ansiedade só de imaginar! RS. Muito grande! Eu tenho, é. eu sou muito apegado. Muito. Dá pra perceber. Acho que eu percebo nas conversas como eu sou apegado. RS. Eu sou muito apegado a situações, pessoas e as relações. Então quando acontece... é... quando fica visível algum tipo de rompimento eu sofro muito. Muito, muito, muito, muito, muito, muito. E quando eu falo sofrer muito é doer... é como se doesse no coração assim, como se machucasse. E ai esse processo às vezes é mais longo, ou mais curto, mas eu fico muito mal, tenho ansiedade horrores, começo a não dormir direito, a não comer direito, enfim eu fico muito muito ansioso. Já tive até alguns ataques, ataques assim: alguns picos de ansiedade quando o caso foi se afastar de alguém.

ENTREVISTADORA: Você já teve medo de rejeição?

UM2: Boa pergunta. Eu acho... (Pensa). Rs. Essa foi grande. Eu acho... que eu já tive. Já tive medo de rejeição. Não é algo que me move. Acho que inclusive nesse trabalho agora que eu to eu fiquei com muito medo de entrar e saber o que ia acontecer. E as pessoas não forem com a minha cara... Não, sim. Já sim... Eu fui assim tentando buscar na mente, sabe? Mas já sim. Mas não é algo que me move todos os dias. Eu vou mesmo com medo. Eu sou meio to nem ai. Mas já sim. Mas não é algo presente a ponto de me inibir de certas atitudes, mas é algo presente sim, que eu já senti.

ENTREVISTADORA: E você se preocupa se a outra pessoa também gosta de você ou você tem medo de perdê-la?

UM2: Quando eu amo a pessoa sim, quando a pessoa é muito próxima a mim sim. Eu tenho a necessidade de entender e saber se a pessoa me ama e gosta de mim. Eu preciso entender isso. Se eu não entendo isso e eu sei que eu amo muito aquela pessoa isso me doi. Ai eu vou me afastando naturalmente e isso me doi. Mas se for uma pessoa que eu não tenho algum tipo de sentimento grande não faz diferença nenhuma não. Precisa gostar de mim não. Falo: é um favor que me faz. Mas se for uma pessoa que eu gosto realmente... é... sentir que eu magoei ou que a pessoa não gosta de mim por algum motivo me deixa muito mal.

ENTREVISTADORA: E como você lida com o medo de se ferir numa relação?

UM2: Eu me fecho. igual um casulinho Rs. Eu me fecho. Eu me fecho. Inclusive atualmente eu vejo que eu to muito assim: pra eu falar de problemas meu demora muito, sabe? Quando eu falo.. quando eu acabo falando de algum problema meu, as pessoas já perceberam. Eu, não fui eu que falei. Ultimamente eu percebo que eu ando muito fechado assim. De falar: olha, eu gostaria de falar que eu to passando por isso, isso e isso e isso está me doendo assim, assim, assado. Eu não falo. Eu não falo. Eu finjo que tá tudo bem. e, sei la, não sei se é o dia a dia, não sei o que que é... Mas eu fico: ah ta tudo bem, ta tudo bem, ta tudo bem, ta tudo bem, ta tudo bem. E a ansiedade começa a me corroer. E eu fico: ta tudo bem, ta tudo bem, ta tudo bem, ta tudo bem. E alguma hora pessoas mais próximas percebem e quando às vezes me colocam na parede, eu só sei chorar. Rs. E ai realmente eu não falo. Realmente ultimamente não falo. É...que louco isso, eu não falo mais dos problemas, por medo, eu não sei.

ENTREVISTADORA: Eu já fiz todas as perguntas que eu gostaria. Vou fazer a última pergunta, tá? Você gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da entrevista? Que eu não tenha perguntado ou fazer alguma complementação?

UM2: Não, acho que sobre o tema é tudo isso mesmo. Bem isso que você me perguntou, bem isso que eu falei mesmo, realmente você me puxou muitas coisas muito profundas, loucuras atrás, mas exatamente isso. E acredito que, não sei, mas acredito que essa pesquisa deve ter sido feita também com outras religiões e não sei se entra em pauta isso mas eu gostaria de dizer que é o ser humano é algo muito complexo e que as religiões também são algo muito complexo, mas há a necessidade muito grande de se apegar a alguma força divina que se chama Deus independente de qual nomenclatura que a gente fala, mas que nos exerce algum tipo de força, um tipo de coisa que nos move. Então, esse apego, essa necessidade existe e pode também não existir em algumas pessoas, e tudo bem, mas seria muito interessante um mundo em que as pessoas não julgassem umas às outras mediante suas religiões. Ah seria um mundo perfeito. Eu até sei que você não é da mesma religião que eu sou e eu fico muito feliz de você ouvir mesmo que seja por uma questão acadêmica, mas estar com um olho e um ouvido muito aberto e muito tranquilo para escutar a gente, mesmo que de uma outra religião bem diferente. Eu queria que o mundo fosse mais parecido com pessoas como você. Rs.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada.

Código: UM3
Idade: 30 anos
Gênero: Masculino
Estado Civil: Casado
Religião: Umbanda
Tempo de adesão religiosa: 9 anos
Escolaridade: Superior Completo
Ocupação: Social Media e Fotógrafo

Data da entrevista: 14/09/2022
Tempo de entrevista: 00:31:55

ENTREVISTADORA: Em que ponto da sua vida você se afastou da sua afiliação religiosa?

UM3: Hmm eu acho que foi 3 anos atrás e eu tinha acabado de começar (inaudível) e aí a minha mãe de santo (inaudível).

ENTREVISTADORA: Desculpa, UM2, é que tá dando umas travadinhas. Você tá usando fone de ouvido?

UM2: Tô.

ENTREVISTADORA: Será que se a gente tirasse conseguiria ouvir melhor?

UM3: Pera aí. Tá me ouvindo?

ENTREVISTADORA: Nossa, melhorou muito!

UM3: Hahah. Agora sim.

ENTREVISTADORA: Muito. Então a sua mãe de santo...

UM3: Eu acho que a sua voz tá baixa.

ENTREVISTADORA: A minha tá mais baixa agora? Eu vou falar mais alto, tá?

UM3: Pera aí. Deixa eu ver um negócio aqui. Deixa eu aumentar. Pode falar. Deixa eu ver se tá alto?

ENTREVISTADORA: Oi. Mas o importante é você! Eu conseguir ouvir você, né?!

UM3: Oi?

ENTREVISTADORA: Eu vou falar alto.

UM3: Beleza.

ENTREVISTADORA: Tá bom. Então eu ouvi até a parte da sua mãe de santo...

UM3: E tá... é. Minha ex-mãe de santo era mega transfóbica. Todas as fobias possíveis, preconceitos possíveis e imagináveis vinha dela e ela foi uma pessoa que eu esperava muito, sabe? Quando eu comecei a minha transição, eu achei que ela ia entender muito mais fácil do que alguém da minha família. E foi muito pelo contrário. Ela começou a me colocar em situações mega constrangedoras e até de não deixar as pessoas me chamar pelo meu nome, né, que eu retifiquei. Me chamava pelo meu nome morto, até me tratar diferente. Ela me excluía... ela me fazia eu me sentir alguém diferente, sabe? Ela fazia eu me sentir alguém fora da religião, ela nunca lembrava de mim, essa série de coisas. E aí foi passando o tempo, tempo, eu continuei dentro do terreiro mais um ano, dois anos, por conta das minhas entidades, né? Porque eu tava respeitando aquela situação toda. Até que teve uma hora que não deu mais. Teve uma hora... eu fui fazer a minha cirurgia e eu cheguei pra ela e eu fui contar que eu ia fazer a cirurgia e ela não me mandou mensagem, não me falou nada. Ela foi falar, sei lá, uns 2, 3 dias depois. Não me perguntou se eu tava bem, só queria saber... porque como a UF2 teve que me ajudar, a preocupação dela era da UF2 não tá no terreiro por conta da entidade dela não tá lá dando passe. Ela não se preocupou nenhum pouco comigo. E aí foi passando, foi passando o tempo e teve uma hora que eu fiquei muito disfórico, e tive muita crise de ansiedade e eu larguei o terreiro e não quis mais ir pra lugar nenhum. Eu realmente meio que larguei a religião, pra falar modesto eu caguei pras minhas entidades, caguei pra religião e acho que eu fiquei (não me lembro se foi dois anos ou um ano só) sem ir pra lugar nenhum, sem fazer qualquer coisa da religião, renegava mesmo, falava que não queria saber e que to nem aí, e eu foi sempre assim, e aí eu fiquei esses dois anos até que eu acabei reencontrando os meus pais de santo que aliás são amigos meus de muita data. A gente já teve nesse mesmo terreiro. E aí eles foram conversando muito comigo, falando sobre aceitação, é... sobre tá tudo bem ser trans e tá dentro de um terreiro, que no terreiro deles não tem esse tipo de coisa. E aí foi um processo longo assim... eu fui acho que... eu fui como assistente na gira acho que uns 3 meses, 4 meses... pra mim voltar a tar dentro do terreiro de novo.

ENTREVISTADORA: Vamos falar então de você. Como você se sentia quando você se afastou?

UM3: É... eu basicamente enlouqueci assim. Eu fiquei mega desorientado. Fiquei muito perdido. Tive... é... Eu já tenho tendência... é... já tenho ansiedade. E a crise de ansiedade era muito pior. De eu sair na rua andando sem eira nem beira. Eu sentia que tinha, não era uma cobrança, mas eu sentia que tinha alguma coisa que sempre me puxava pra tar melhor e eu não conseguia. Entrei num ciclo profundo assim de abismo, num buraco negro. E aí eu me sentia perdido assim, não tinha vontade de fazer nada, não tinha vontade de buscar nada novo... eu fiquei bem sem direção. Sem caminho, assim.

ENTREVISTADORA: E como eram suas relações nessa época que você se afastou?

UM3: Eu era... eu não tinha relações assim. Eu nunca, eu não gostava de falar com ninguém assim. Eu não tinha paciência para falar com as pessoas, eu era bem antissocial. Eu falava com meus amigos, assim, poucos amigos, com a minha família, e mesmo assim com eles eu não tinha saco para conversar. Eles começavam a falar da vida deles e eu começava: "ai que saco". Eu queria ficar muito isolado assim. Muito muito sozinho. Então eu não tinha muita paciência.

ENTREVISTADORA: E como tava sua energia assim... para viver, para fazer as coisas?

UM3: Não, já não tinha energia. Era assim tudo muito negativo. Tudo o que eu fazia ou pensava em fazer, eu sempre pensava do lado negativo. Nunca achava que poderia dar certo, desde procurar emprego até, sei lá, estudar uma coisa nova. Eu sempre achava que nunca ia dar certo. E eu ficava

muito agressivo também. Eu não tinha paciência pra nada nada também. Não queria buscar nada, não queria fazer nada. Só queria ficar na minha assim, que ninguém me incomodasse, sabe? E essa energia assim foi uma energia que me levou prum lugar muito escuro assim, que até hoje eu ainda tenho sequelas dessa energia assim. Às vezes essa energia foi tão grande, foi tão forte, que às vezes ela aparece assim, bem um pouquinho, mas ela aparece.

ENTREVISTADORA: E como você lida hoje em dia quando ela aparece?

UM3: Ah eu tento lembrar muito as minhas entidades e tudo o que elas falam pra mim, porque elas falam muito desse lance assim dessa energia e sobre é... sobre a tendência a me isolar, a me excluir, a ficar num lugar muito escuro então eu tento sempre lembrar de alguma coisa que uma entidade minha disse sobre isso e tento fazer o contrário: se eu fico desanimado, eu tento me animar, saber? Eu tento ir pra frente e sempre vou pedindo ajuda para eles, orientação e assim vai.

ENTREVISTADORA: O que você acha que te ajudou a sair desse buraco?

UM3: Bem, eu acho que quando eu voltei pro terreiro, que eu fui me re... fui começando a voltar aos poucos... No último terreiro que eu ia eu tocava, né? Eu tocava atabaque. E foi o motivo pelo qual eu entrei no terreiro. E aí a primeira vez que eu fui depois desses dois anos que eu fiquei fora, quando eu ouvi o som do atabaque foi como se eu tivesse, tinha alguma coisa dentro de mim muito adormecida assim e tivesse a cada tum e cada taque que o atabaque tocava, ela batia de um jeito diferente dentro de mim, assim. É como se um monstro tivesse se acordando assim, sabe? É como se tivesse alguém querendo se acordar. Tipo, alguém dentro de mim, o vazio que eu senti estava querendo ser preenchido assim. E aí foi esse processo. Cada vez que eu ouvia, cada gira que eu via, cada vez que eu ouvia um tá e um tum, aquilo ia mexendo cada vez mais comigo, sabe? E eu sou uma pessoa que eu não me deixo levar assim pela, pela, ah, vamos, vamos, vamos fazer, vamos todo mundo junto, e vamos. Eu sou uma pessoa que só faço se eu realmente eu sentir dentro de mim, eu só vou se eu sentir. E foi uma coisa que eu fui sentindo, fui sentindo, fui sentindo e aquela, que é o atabaque tocado e aquele barulho ia, cada vez que ia, foi um processo bem lento assim, mas cada vez que eu ia eu me reconectava de novo, eu voltava a sentir fé de novo e acreditar.

ENTREVISTADORA: Por que será?

UM3: Eu acho que é... a gente tenta... não sei, mas eu acho que a gente tenta... é... esquecer e fugir disso e isolar essa parte. Eu acho que quando você tá dentro de uma religião, independente de qual seja, a partir do momento que você escolhe tá lá e você quer tá lá, você pode querer sair mil vezes, você nunca vai conseguir. E aí quando você escolhe um caminho pra trilhar exige cobrança, exige... é... tempo, exige responsabilidade e é uma coisa que nunca, nunca some, sabe? É uma coisa que tá ali sempre com você. E aí eu acho que quando você se... em alguma situação que te remete a isso, é... faz com que você lembre. Mas não é uma lembrança só mental, acho que é uma lembrança do todo assim, sabe? É uma lembrança louca assim, uma energia que fala assim: ei, tô aqui, você não tá sozinho. Sabe? É muito louco. Eu acho que é isso assim, é um processo, é um... como é que eu posso dizer? Acho que a fé, ela é um negócio que faz você balançar assim, sabe? Tipo, você tá, você tá feliz, você tá triste. Ah, eu tô com dúvida. Faz você balançar sem você sair do lugar. Um negócio muito louco. E aí eu acho que foi isso que eu senti assim, foi essa conexão que eu nunca perdi, mas que eu quis cortar e eu nunca ia conseguir cortar.

ENTREVISTADORA: Ham. E você disse que essa conexão inicial, né, com a Umbanda, ela começou por causa do batuque?

UM3: Isso.

KHELOREN: Como que foi esse processo de você entrar nessa... na religião, aderir?

UM3: É, assim, eu fui, eu fui kardecista desde criança assim. Minha família é kardecista. E aí eu... no kardecismo as pessoas... é uma paz, é um silêncio, e eu sempre achei que faltava alguma coisa, mas eu não entendia o que era, eu achava que era coisa muito da minha cabeça. E aí um belo dia a minha esposa me chamou pra ir no terreiro e eu fui, na hora que eu cheguei na porta assim, que eu pisei na porta da... do terreiro, eu ouvi aquele barulho, era como se eu tivesse, é... como é que eu vou dizer? É como se eu já ti... conhecesse aquilo de muito tempo, não era uma coisa que eu era novo, era como

se aquilo fizesse parte de mim. E é naquele dia que eu pisei dentro do terreiro, eu senti que um vazio que estava lá, que estava faltando foi preenchido. E aí a partir disso eu comecei, e eu entrei, eu vi aquele mundo, aquele monte de coisa, um monte de cor, um monte de gente, um monte de barulho e aquilo me encantou, sabe? E ver as pessoas, a transformação das pessoas também fez com que eu acreditasse, porque eu era uma pessoa muito difícil assim, eu era uma pessoa muito é... nervosa, uma pessoa agressiva, uma pessoa, sei lá, mil coisas. E eu vi aquelas pessoas se transformando, pessoas como eu, pessoas piores que eu, pessoas que tem problemas diferentes do meu se transformar, foi o que fez com que eu ficasse. E aquele som e aquele barulho, e foi uma coisa que eu até hoje eu lembro assim, como é que foi e o que eu estava ouvindo. Então acho que foi isso que fez eu me conectar.

ENTREVISTADORA: E com o que que você mais se conectou lá? É, qual o seu maior, né, apego? Ao que que você recorria quando você tinha alguma situação que você precisava de ajuda?

UM3: Eu acho que o meu maior apego... nossa, pergunta difícil essa. É lembrar que a gente nunca tá sozinho assim, tipo, é... a religião ela faz com que a gente crie um ciclo de pessoas, né, e um depende do outro. E acho que é isso que me faz eu sempre me apegar assim, que eu acho que quando uma pessoa a sua volta cai você cai um pouco junto com ela. Então acho que isso faz com que as conexões das pessoas, né, quanto... é, é o mesmo lugar, mas o quanto cada pessoa bate de um jeito diferente e cada pessoa se conecta com você desse jeito diferente. Eu acho que é isso que faz eu... que me pega assim, quando eu... Portanto quando eu entrei a primeira vez, quando eu voltei de novo, quando você tá dentro de um terreiro que você vê uma gira acontecendo com aquele círculo fechado, aquelas pessoas interligando pra outras pessoas que elas não conhecem, cada um dando um pouquinho da sua energia e fazendo aquela caridade, né? Eu acho que é muito bonito assim, tipo assim, você fala assim, não tem como não falar, não dá mais, sabe? Tipo, é aqui mesmo, é o chão que eu vou pisar e é onde eu escolhi estar, sabe?

ENTREVISTADORA: Sim. E como era seu envolvimento religioso?

UM3: Meu envolvimento religioso? Eu acho que hoje ele é muito mais.. é responsável, assim. É... eu não troco o sábado por nada. É muito raro agora eu trocar um sábado. Ai, vamos, sei lá, fazer qualquer coisa. Não. Quero ta no terreiro. Quero ta no terreiro pelas pessoas, mas eu quero ta no terreiro pelas entidades. Elas sempre... eu sempre sei que elas tem alguma coisa pra dizer, sabe? Na semana que eu passei, eu passei uma semana ruim e uma semana boa, mas é uma semana que eu passei e eu sei que toda vez que eu for lá eu vou ver alguma coisa. Não direta, às vezes, diretamente pra mim, mas aquela pessoa que tá ali que a entidade tá ajudando, às vezes ela fala uma coisa pra aquela pessoa que serve pra mim. Então acho que é a responsabilidade de estar lá e de realmente querer estar lá. Hoje eu quero estar lá.

ENTREVISTADORA: É. Por que que você acha que hoje esse envolvimento ele é mais intenso do que era antes do afastamento?

UM3: É porque quando a gente perde a gente dá valor, né? Quando a gente para de... de... de acreditar, e eu, eu realmente, eu anulei assim na minha cabeça, tipo, eu deixei de... de acreditar, eu não... as pessoas falavam, eu não queria ouvir, eu saía de perto. E aí quando você se reconecta de novo e que você faz com que você... não lembre, mas que você pense no que você perdeu, eu acho que você dá muito mais valor, então fica tudo mais entregue. E eu também fui pra um lugar onde é... eu não tenho é... uma repressão, sabe? De um... uma repressão tanto comigo, mas com as minhas entidades. As minhas elas podem falar o que elas acham, elas podem fazer o que elas pensam, e seu pai de santo vai acreditar em você e vai fazer com que isso seja válido. Então eu acho que é muito mais forte assim, sabe? Fez com que fosse um elo que ficasse muito mais forte e agora acho que muito mais difícil de quebrar assim. Eu acho que eu nunca mais vou querer não estar.

ENTREVISTADORA: Sim. Do que você sentiu mais falta quando você estava afastado?

UM3: O que eu mais senti falta, eu acho que foi... ah, eu falo que é o abraço de uma entidade, mas é porque quando a gente incorpora a gente está envolvido. É como se a gente estivesse no colo da nossa mãe, sabe? A gente volta pro colo assim da nossa mãe. E aquilo é tão forte, então faz você querer tá tão ali dentro e nunca mais sair, eu acho que é a coisa que eu mais sentia falta, assim, quando eu tava abraçado, porque quando a gente tá fora a gente... a entidade tá ali te abraçando, tá no colo... você tá no colo da entidade, mas você não ouve, você não vê, você tá tão cego naquela fúria

e naquela raiva que você não percebe, mas quando você volta e você dá valor praquilo, que aquilo é assim crítico, você nunca vai querer deixar de ter sabe? Você nunca vai querer, aí, eu não quero nunca mais sair desse corpo. Eu acho que é isso, sabe?

ENTREVISTADORA: Sim. E aí você falou da sua mãe, como é a sua relação com a sua família?

UM3: É... ele... disse assim, a minha vó, minha vó já foi... minha vó era benzedeira, coisa de gente antiga, né, gente antiga vai na igreja, vai no ferreiro, vai... qualquer lugar que... que demande a fé, as pessoas antigas tinham muito isso. E a minha vó, quando ela era nova ela ia no terreiro e ela tocava no terreiro. E ela sempre contava as histórias, sempre falava, e sempre tive essa curiosidade, assim. Eu tinha um pouco de preconceito mas eu sempre tive essa curiosidade de estar lá. E como eu disse, comecei dentro do... do centro espírita, ali, ali já era legal porque tinha uma conexão com as pessoas, tinha uma, uma... uma história, e aí a minha tia me levou pra esse centro espírita e aí ela foi me mostrando, eu fui estudando, fui aprendendo, fui aprendendo; a minha vó contando as histórias do terreiro. E eu sempre achei aquilo muito mais, eu sempre fiquei muito confortável, assim, tipo, eu via a pessoa chegando, de fora, com medo, e não sei o que, e eu, tipo: tá bom, tudo bem. Sabe? Que é legal conversar com o espírito, é legal ouvir o espírito, ele existe, realmente, e é muito legal. E a minha família sempre me incentivou muito, assim, tipo, nunca me disseram assim: aí, você não vai pra tal lugar. Meu irmão me levava na igreja, minha vó me levava num culto, eu não gostava muito, desde criança, mas ela me levava, assim, ela sempre me colocou, assim, do jeito dela, mas ela sempre me colocou dentro de algum... de alguma religião, assim, sempre falou assim: óh, é isso que você quer? E aí eu comecei a ir pro terreiro. Meu pai, ele é devoto de Preto Velho, então, é... ele conta as histórias do que que ele viveu, o que ele passou, e sempre incentivou assim, minha família sempre me incentivou muito: ah você quer fazer isso? Então faz. Você quer fazer isso, tá legal pra você? Tá bom pra você? Então bora. Ah, como é que é? É assim, assim, assado? E a gente vai, é uma troca assim, tipo, o tempo inteiro eles me ensinam, mas o tempo inteiro eu também ensino eles.

ENTREVISTADORA: Certo. E quando você... quando você se... quando você retornou agora, né? Há dois anos, é isso?

UM3: É, eu não lembro se faz dois anos ou um ano, mas por aí.

ENTREVISTADORA: A sua relação com as pessoas ou com as entidades, mudou de alguma maneira?

UM3: Ah, com certeza. Eu acho que...é... eu tenho um pouco mais de sabedoria hoje pra lidar com as pessoas e eu tenho mais paciência. Agora eu sou uma pessoa que sou... eu não sou mais antissocial agora.

ENTREVISTADORA: Hum.

UM3: Hoje eu sou uma pessoa que me relaciono, eu conheço pessoas. Eu sou uma pessoa comunicativa, assim. E eu sou comunicativa com as... com as minhas entidades, assim, de conversar, de que eu vi, enfim, de trocar ideia, mas com as pessoas também assim. Eu acho que hoje eu sou mais maleável, coisa que eu não era.

ENTREVISTADORA: Por que será que você mudou?

UM3: Eu acho que quando a gente tá num lugar que a gente tá confortável, num lugar que é uma rede de apoio, né? Que a gente tem também, que a gente tá com pessoas que fazem a gente ta bem. Eu acho que a gente amolece, né? Que é a pedra tanto bate até que fura. Então a gente acaba amolecendo e deixando as pessoas entrar na sua vida. Deixando as entidades entrarem na sua vida. Que eu acredito que é uma troca, né? Da mesma forma que elas cedem um pouco a gente também tem que ceder. Então acho que quando você começa realmente a se reconectar de novo e você começa a entender a importância de tudo isso aí você começa a amolecer, você começa a ceder. Aí não precisa ser bruto o tempo inteiro, não precisa ser fechado o tempo inteiro. As pessoas também podem vim e podem é... te ajudar de alguma forma, também, elas não vão invadir a sua vida, mas elas vão ta ali pra te apoiar.

ENTREVISTADORA: É.

UM3: Eu acho que é isso.

ENTREVISTADORA: E agora já caminhando pro final, porque você é muito objetivo.

UM3: Não, eu sou mesmo, tenho esse probleminha.

ENTREVISTADORA: É. Não, isso é ótimo. Como você se sente é... quando você tá começando uma relação nova?

UM3: É. Hoje eu me sinto é... menos obrigado, assim, antigamente eu fazia amizade por obrigação, sabe? Aí tem que ser educado, então bora lá, porque se eu não for educado eu vou ser o chato, eu vou ser o bravo, enfim. E aí hoje em dia eu tô muito mais aberto assim, tipo, a chegar e me relacionar com uma outra pessoa e conhecer essa outra pessoa é... trocar alguma informação com essa pessoa. Eu acho que é muito mais fácil pra mim hoje.

ENTREVISTADORA: É. Como você se sente quando você tá construindo intimidade com alguém? Você se sente bem com intimidade?

UM3: Eu me sinto, isso é importante. Eu acho que quando eu tô construindo ela com alguém que eu queira que isso seja duradouro, enfim, é, a intimidade ela é essencial pra você conhecer um pouco mais do outro e essa pessoa conhecer um pouco mais de você. Acho que é a troca que é necessária. Então eu acredito que é válido sim.

ENTREVISTADORA: Então você é aberto pra novas relações, né?

UM3: Sim.

ENTREVISTADORA: E a preocupação de perder essas relações, ela existe?

UM3: Ah, bastante. Hoje, existe. Antigamente, eu não lembro, mas hoje, tipo, é você ter... é... feito relações incríveis é... dá medo de perder assim, mas eu sempre fui uma pessoa que, independente do tempo, enfim, independente do quanto eu vejo a pessoa, se eu vejo menos, se eu falo menos, pra mim é sempre, quando eu vou ver ela é sempre uma novidade e é sempre a mesma coisa ao mesmo tempo. Tipo assim, existe pessoas na minha vida que às vezes eu fico um ano, dois anos sem falar e quando eu encontro com elas parece que eu fiquei um dia sem falar com ela, sabe? É uma conexão muito louca assim. Eu acho que é uma coisa que, uma conexão que se mantém, é uma coisa, é uma, uma relação tem intimidade suficiente pra passar por isso e tá tudo bem, sabe?

ENTREVISTADORA: Sim.

UM3: De, de continuar sendo a mesma coisa.

ENTREVISTADORA: Você já teve medo de ser rejeitado, de rejeição?

UM3: Ah, o tempo inteiro. Até hoje eu tenho medo de, de, de, de rejeição assim. Eu acho... eu sou uma pessoa que eu, eu sou muito carente de atenção, eu quero o tempo inteiro ter atenção, quando eu tô com alguém, conversando com alguém, eu quero essa atenção. E quando essa pessoa, ela, às vezes ela não me dá atenção, eu fico: será que eu fiz alguma coisa? Será que eu fiz alguma coisa errada? Será que o problema sou eu? E nem sempre o problema sou eu. Porque a pessoa tem um jeito de ser. E hoje em dia eu fui conhecendo várias pessoas de vários jeitos diferente e elas me ensinam o tempo inteiro sobre essa... esse negócio da atenção. Porque pra mim é muito importante assim você ter essa atenção o tempo inteiro. Está tudo bem não ter atenção o tempo todo, até as vezes eu não consigo dar atenção pras pessoas e como é que eu posso cobrar uma atenção que eu não vou dar? É. Então é mais tranquilo assim.

ENTREVISTADORA: É. Você é casado há bastante tempo, né?

UM3: Oi?

ENTREVISTADORA: Você é casado há bastante tempo, né?

UM3: Isso. Vai fazer dez anos.

ENTREVISTADORA: Como você lida com o medo de se ferir ou de perder, por exemplo, alguém numa relação?

UM3: Espera aí. O madame? Pra lá. Tenha gatos. É... assim, é... hoje eu tenho uma relação muito legal assim com a minha esposa, além da gente ter um... ter uma relação, a gente é amigos, né? A gente criou uma amizade muito, muito grande assim. E antigamente eu tinha uma dependência muito grande dela, hoje em dia eu não tenho mais, mas eu acho que se eu perdesse essa... essa relação, eu acho que eu ficaria... como é que eu posso dizer? Não perdido, mas eu ficaria sem uma base, sabe? Quando a gente cria uma base tudo que tá em cima fortalece, e hoje eu tenho uma base, então seria como se eu tivesse... tudo que eu tivesse construído desmoronasse por conta de não ter uma base, assim, não ter uma relação de bases. Eu acho que seria isso.

ENTREVISTADORA: E última pergunta. Por que você acha que hoje você tem menos medo de perdê-la? Você é menos dependente dela.

UM3: Porque eu acho que hoje eu consigo é... fazer algumas coisas sozinho e fazer algumas coisas com ela e tá tudo bem. Sabe? Eu não preciso ter essa dependência de tá o tempo inteiro, ah, eu vou fazer qualquer coisa, ai, tipo, tá com a pessoa. Não, hoje em dia eu consigo fazer de tá com ela, mas também consigo estar comigo mesmo, sabe, eu consigo fazer com que a minha companhia seja legal. Eu consigo fazer com que não é ruim ficar sozinho. Às vezes é bom ficar sozinho pra pensar, enfim.

ENTREVISTADORA: É. E você acha que a religião tem algo a ver com isso?

UM3: Ah, eu tenho certeza. Eu acho que quando você tá dentro de uma religião, quando a gente... e eu não tô falando nem do espiritual. Eu tô falando de tá dentro de um lugar, de uma instituição, onde tem várias pessoas e ao mesmo tempo não tem ninguém, porque ali você tá com várias pessoas, você faz amizade, você conversa, mas na hora que você tá ali prestes a incorporar ou você tá ali prestes a tocar, você tá ali prestes a fazer alguma coisa muito séria no terreiro, é você com você e aí você acaba aprendendo a lidar com você. Porque acho que é muito mais difícil a gente lidar com a gente mesmo do que lidar com o outro. Então eu acho que tem muito a ver, você acaba aprendendo porque você tá ali às vezes sozinho, fazendo alguma... dentro de uma função sozinho e você fica você e seus pensamentos. E aí você fica tão às vezes concentrado ali, e tá tudo bem ficar sozinho. Você não precisa sempre ter alguém pra tá com você.

ENTREVISTADORA: É. Muito bom. Você gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da nossa conversa?

UM3: Não, eu só acho que se eu tivesse que passar por tudo que eu passei, de ter saído da religião e voltado, eu acho que eu passaria de novo, porque... é ruim, porque muitas vezes essa fase, ela é bem séria, mas às vezes a gente perde pra dar valor. E realmente as vezes a gente perde pra dar valor. Não deveria ser assim. Mas eu acho que eu passaria de novo tudo, porque... tudo que eu aprendi de lá até aqui foi muito mais válido do que quando eu estava dentro da religião, dentro do lugar que eu não estava feliz é... fazendo coisas que eu não estava feliz, sofrendo várias coisas, e hoje eu acho que eu aprendi. Mas foi legal também porque eu aprendi com essas coisas, hoje eu sou muito mais forte, sabe? Hoje é pouca coisa que me abala. Ah, você não gosta de mim? Beleza. Então segue o seu caminho que eu vou seguir o meu. Foi uma construção assim, tive que ir muito lá embaixo e depois tá lá em cima, sabe?

ENTREVISTADORA: É. Por que você se mantinha lá na outra, é... apesar do sofrimento?

UM3: É porque eu tinha na minha cabeça que não era hora assim das minhas entidades saírem de lá, sabe? O tempo que eu fiquei lá sofrendo várias coisas, foi pelas minhas entidades.

ENTREVISTADORA: Hum.

UM3: Tipo, eu fiquei lá acho que um ano a mais. E esse um ano foi acho que o pior dos piores dos meus anos assim. Eu não sou uma... eu sou uma pessoa muito passável, então eu sofro tanta transfobia na rua. Eu acho que toda transfobia que eu não sofri aquele tempo e até hoje, eu sofri dentro daquele terreiro, e eu acho que eu tinha que passar por aquilo. Porque hoje, sei lá, às vezes vêm pessoas conversar comigo, dentro do terreiro mesmo, depois de um atendimento que eu fiz, eu desincorporo, volto, e vem pessoas falarem comigo sobre isso, e eu tá muito forte, sabe, assim, eu ta... eu passei por isso, eu sei como é que é, e eu vou ajudar mais alguém a não passar por isso. Então acho que é basicamente isso.

ENTREVISTADORA: E é isso. Eu vou parar a gravação então.

Código: UF1
Idade: 29 anos
Gênero: Feminino
Estado Civil: Divorciada
Religião: Umbanda
Tempo de adesão religiosa: 11 anos
Escolaridade:
Ocupação:

Data da entrevista: 02/07/2022
Tempo de entrevista: 28:03

ENTREVISTADORA: Muito obrigada por aceitar participar da nossa pesquisa. Vou começar com a primeira pergunta: em que momento da sua vida você se afastou da sua afiliação religiosa?

UF1: É... você fala de tempo?

ENTREVISTADORA: É... em que período você se afastou?

UF1: Foi em 2020, né, no início da pandemia.

ENTREVISTADORA: Por quê?

UF1: É... porque eu frequentava um templo e a gente não.. não... eu não concordava com muitas coisas que aconteciam dentro do templo. E aí quando veio a pandemia eu passei a discordar mais ainda, porque primeiro a gente falou... é... foi deixado pra gente ficar à vontade se a gente quisesse ir ou não pra ter contato com as pessoas e depois foi cobrado de quem não foi. E aí eu... já várias vezes porque eu já tinha me afastado uma vez anteriormente quando eu me separei. Que eu sou mãe né... tenho um filho e aí eu já não tava concordando com várias coisas e eu me afastei.

ENTREVISTADORA: Me fala um pouco mais sobre esse período que você decidiu se afastar: o que fez você se afastar. Teve alguma circunstância?

UF1: Sim, teve. É... ah... quando eu me separei é nós dois éramos frequentadores da mesma casa e aí quando a gente se separou, quando a gente resolveu não continuar mais o relacionamento, é, foi sempre todo mundo do lado dele, e eu sempre a errada... mulher, né? E aí foi me desmotivando, me desmotivando. E aí a gente teve um episódio de agressão. E aí quando eu fui conversar com a dirigente da casa ela me disse que eu teria que lutar pela minha família, depois de ter apanhado e tudo mais. E aí aquilo pra mim foi o fim. Eu falei: "num quero mais". Eu acho que para você estar num lugar, pra você seguir uma pessoa, você tem que admirar, e ali eu perdi a admiração por ela.

ENTREVISTADORA: Entendi. Essa foi a primeira vez que você se afastou?

UF1: Isso.

ENTREVISTADORA: Foi antes de 2020?

UF1: Isso. Aí depois eu voltei e aí veio a pandemia... eu já tava... já não concordava mais com com todas essas coisas e aí veio a questão do não vai mais por causa da saúde, para não ter contato. Eu tenho minha mãe que mora no mesmo quintal e tal. E aí quando veio a cobrança de quem não foi eu falei: ah não quero mais.

ENTREVISTADORA: Era a mesma casa, mesmo templo.

UF1: Sim.

ENTREVISTADORA: Entendi. É... como você se sentiu nesse período?

UF1: Muito mal. Eu... minha vida desandou muito, sabe? Eu acho que quando você tem uma fé e você se apoia a ela em tudo na sua vida, você meio que perde o chão, então foi horrível. Foi um tempo muito difícil.

ENTREVISTADORA: Sim. É... eu queria que você me falasse um pouquinho mais sobre isso. Você se sentia muito triste?

UF1: Sim. Eu tive início de depressão, precisei passar em médicos e aí eu não aceitava muito ter que tomar medicamentos porque eu ficava com medo de ficar refém daquilo. Sentia muita saudade das entidades. E foi assim, um período em que eu perdi 10 quilos. Foi muito difícil. Muito sem chão, sabe? Sem ter um norte, sem ter o que procurar, sem ter com quem contar né. Porque o umbandista conta muito com suas entidades. A partir do momento que você não tem elas, não tem a palavra delas, elas no seu corpo te limpando... foi muito difícil.

ENTREVISTADORA: E você não pensava em retornar?

UF1: Então, eu pensava, mas eu não queria mais retornar para lá. E aí como eu sou amiga do UM1, ele também veio de um templo, ele também estava afastado, E aí a gente estava esperando a pandemia acabar para a gente conhecer outros templos. E aí nesse meio tempo minha irmã conheceu uma casa, e aí eu fui junto com ela e eu retornei para a religião.

ENTREVISTADORA: Você não queria voltar para essa outra casa...

UF1: Não.

ENTREVISTADORA: ... por causa das pessoas?

UF1: Sim.

ENTREVISTADORA: Entendi. Como que foi essa mudança para você? Que impactos teve na sua vida o fato de você ter se afastado? Assim, no seu dia a dia, na sua rotina...

UF1: Foi muito ruim se afastar. Aí até hoje assim a gente pensa porque a religião é... muita responsabilidade. Então todas as vezes a gente pensa assim: "ah será que tô preparada, será que é isso mesmo? Ah acho que eu não quero mais ir". E todas as vezes eu lembro de como eu fiquei, então eu não tenho nem coragem mais de me afastar de novo, sabe? Mas foi muito difícil, muito difícil. Em todas as áreas da minha vida: na sentimental, na profissional. É... eu desenvolvi uma depressão muito grande, sabe? E aí eu não conseguia fazer nada direito. Não conseguia ser mãe direito, não conseguia ser profissional direito, não conseguia ser amiga direito, não conseguia mais nada.

ENTREVISTADORA: E quanto... essa mudança impactou seu ciclo de amizades?

UF1: Sim, porque eu não lá... como a gente convive muito tempo dentro de um templo, você se afeiçoa muito às pessoas e quando eu me afastei eu me afastei de todo mundo, menos... exceto as pessoas que já estavam há muito tempo na minha vida, foram as pessoas também que me ajudaram muito.

Mas que nem hoje a gente não tem contato com o pessoal do outro templo e a gente viveu anos com eles né... E isso fez eu me afastar de muita gente, muita gente.

ENTREVISTADORA: E na sua relação com sua crença, com sua fé... e com as divindades, com as entidades, teve algum impacto esse afastamento?

UF1: Ah em alguns momentos teve uma revolta. "Ah por que vocês estão deixando isso acontecer comigo? Por que comigo? Eu sempre fiz tudo tão certo." Mas sempre acreditando, sempre pedindo muito para eles, mas tinham momentos de revolta sim, que eu questionava se eles realmente estavam ali se eles realmente estavam me ajudando, sabe? Existiu esses momentos.

ENTREVISTADORA: E como você se sentia?

UF1: Muito ruim, muito mal. E aí depois no retorno eles falaram muito sobre isso sobre o que é ter fé. Que a fé não é só quando tá dando tudo certo, entendeu? Que a fé não é só quando você tá bem. Que é nesses momentos que a gente vê realmente se a gente tem fé, se a gente acredita, se a gente confia neles. E por algumas vezes eu deixei de confiar.

ENTREVISTADORA: E nesse momento da sua vida em que você não estava confiando tanto, tinha alguém na sua vida, algo que estivesse te dando suporte?

UF1: É pessoas? Alguns amigos, a minha mãe, bastante suporte.

ENTREVISTADORA: Alguma outra crença, não?

UF1: Não, não quer... Não! Eu já, nesse tempo afastada, eu frequentei um pouco do budismo, mas não era o que eu queria, não era o que bate no meu coração.

ENTREVISTADORA: Sim, mas você conseguiu um porto seguro na sua família, né? Mas não era a mesma coisa, ou era? Tinha uma falta.

UF1: Faltava alguma coisa.

ENTREVISTADORA: E você sentia falta do quê?

UF1: Ah sentia falta deles, das palavras, da incorporação. Dos banhos, de como a gente sai depois dos rituais, sai leve, sai... sentia muita falta.

ENTREVISTADORA: Tem algum em específico?

UF1: Sim, eu gostava... Eu aprendi a gostar muito agora, né, da esquerda. Mas eu sentia muita saudade da minha cabocla, dos caboclos. Eu sentia muita falta.

ENTREVISTADORA: Sim... e em que momento da sua vida você retornou?

UF1: Então, aí, depois... é... eu conheci o UM1 e a gente conversou muito sobre a religião, a gente conversava bastante, e aí a minha irmã resolveu se iniciar no candomblé, conheceu esse culto que a gente vai hoje, que é os dois e aí eu voltei. Eu comecei a ir conhecer, comecei a ir tomar só um passe e voltei.

ENTREVISTADORA: E ali teve um encontro. Quer comentar um pouco sobre isso?

UF1: Ah foi... acho que foi o que eu precisava ali no momento. Tava com muito... tava com medo né do que eu ia ouvir, do que ia acontecer. Mas foi muito bom para mim, porque quando eu retornei, retornei na esquerda, retornei com a minha pomba-gira. E foi muito bom.

ENTREVISTADORA: E o que motivou o seu retorno?

UF1: A falta. Eu via, quando eu ia lá tomar um passe, eu via que eu fazia parte daquilo, mas eu não tava mais ali dentro. Eu queria ta ali de novo. Então, a falta deles, a consciência da missão que eu tenho dentro da religião me fez voltar.

ENTREVISTADORA: Quais situações você estava vivendo quando você resolveu voltar?

UF1: No pessoal?

ENTREVISTADORA: Tudo, todos os aspectos.

UF1: No retorno eu tava mais tranquila. Tava com uma vida mais... a gente tava mais com a pandemia mais tranquila também. Eu morava com um amigo... o... a relação com o pai do meu filho já tava mais tranquila. Também tava com uma vida tranquila.

ENTREVISTADORA: Já estava lidando com a questão da depressão?

UF1: Sim, já tinha melhorado bastante.

ENTREVISTADORA: E como você relaciona essas situações todas... você já estar melhorando, com sua decisão de retornar?

UF1: Acho que fazia... Era o que estava faltando ali naquele momento. Acho que já estava tudo mais ou menos encaminhado, arrumado, mas eu ainda sentia essa falta. Então era o que faltava pra mim, era o que eu precisava fazer e eu sabia disso. E aí... é... quando eu fui lá tomar um passe e eles vieram e eles falaram que era aquilo e eu precisava fazer aquilo... e eu fiz.

ENTREVISTADORA: E como você se sente atualmente?

UF1: Bem! (suspiro) É... é muito difícil mesmo. Você estar dentro de um templo é muito difícil, porque são muitas pessoas diferentes, de pensamentos diferentes, de atitudes diferentes. então algumas coisas te desmotivam. Acho que muito de tudo na vida é o ser humano que estraga né. E aí às vezes da uma vontade de "ah não quero", mas eu tenho plena consciência de que é a minha religião, de que eu não vou poder me afastar, isso é pra minha vida e eu tenho que tá lá.

ENTREVISTADORA: Como você adquiriu essa consciência?

UF1: Acho que de toda a minha vivência nesses 11 anos de religião. De tudo o que eu vi, das pessoas que eu vi chegar muito mal e sair muito bem depois, dos tratamentos que eu.. que a gente participa, da diferença que as nossas entidades faz na vida das pessoas. Acho que tudo isso vai te mostrando que é isso, que é o seu caminho.

ENTREVISTADORA: E hoje você continua apegada a sua cabocla?

UF1: Sim. Mas hoje também muito à pomba-gira, mas também à cabocla.

ENTREVISTADORA: Quando você retornou? Em que data? Você saiu no começo da pandemia né?

UF1: Isso. Eu voltei acho que tem 1 ano e três meses. Acho que foi em maio do ano passado.

ENTREVISTADORA: Você ficou mais de um ano afastada... caminhando um pouco, falando mais sobre as suas relações... você conseguiria falar um pouco sobre a sua relação com sua religião e sua fé atualmente?

UF1: Como ela é pra mim, a fé?

ENTREVISTADORA: É, até se você quiser comparar um pouco de como ela era e como ela é atualmente.

UF1: Ah ela mudou muito. Mudou porque eu era... eu estava em uma casa em que a gente não tinha muito reconhecimento. As entidades demoravam muito para falar, para ter os graus. Não que isso

me... me... me... porque o grau dentro da religião pra mim não é muito relevante. Mas hoje é... hoje é maior, sabe? Hoje minha fé é maior porque hoje eu vi o que eles podem fazer, eu vi o que eles fizeram na minha vida, eu vejo o que eles fazem na vida das pessoas. Então hoje a minha fé é muito maior do que era antes.

ENTREVISTADORA: Sim. O que eles fizeram na sua vida?

UF1: Muita coisa. Eles me abriram os olhos para muita coisa. Eu consegui muitas coisas materiais por causa deles. É.. se alguma coisa não ta dando certo eu vou direto e peço pra eles. Então é uma... eles são meu chão assim.

ENTREVISTADORA: Coisa que quando você tava afastada não acontecia?

UF1: Não.

ENTREVISTADORA: E que importância tem para você a participação nas atividades religiosas?

UF1: Acho que muita. Eu acho que é... Ainda mais pra gente dessa religião é muito importante estar ali dentro. É muito importante você vivenciar, porque são coisas que... você entra de um jeito e você sai de outro, sabe? Faz muita diferença.

ENTREVISTADORA: Sim. Como você avalia o seu comprometimento com a sua busca religiosa hoje?

UF1: Já foi maior. Acho que por essas coisas, por situações e posicionamentos assim em alguns aspectos que eu não concordo, às vezes isso me desmotiva um pouco. às vezes eu tenho vontade de não ir por causa dessas coisas. Mas é eu sei assim que ali é o dia que eu tenho... mas eu sei que eu já fiz mais coisa, já fui mais assídua. Hoje em dia eu sou mais vou lá faço o meu e vou embora.

ENTREVISTADORA: Entendi. E como você se sente com relação a isso?

UF1: Eu acho que poderia.. eu poderia dar mais de mim, mas também acho que eu não estou totalmente errada, nem to certa.. assim sabe? Acho que tem que ter o equilíbrio e às vezes a gente não encontra esse equilíbrio.

ENTREVISTADORA: Entendi. Por que será?

UF1: eu acho que é... exige muito da pessoa a religião, a umbanda exige muito. E ai você às vezes ta tão encantado, te faz tão bem que às vezes você tá ali todo o tempo e aí quando um dia que você não deixa de ir... que você deixa de ir, você já não é mais tão... "ai não tá tão aqui e tal" e isso vai te desmotivando e ai você às vezes deixa de ir por isso. Entendeu? E às vezes você quer tipo vivenciar o mundo, vivenciar o que o mundo ta te oferecendo e você só dentro de um terreiro às vezes você não consegue ter suas relações fora do terreiro. então é difícil.

ENTREVISTADORA: E você já teve um afastamento por causa dessas relações, por causa da cobrança?

UF1: Sim

ENTREVISTADORA: Então, você sente que tem uma relação sua maneira de se relacionar hoje com o que você passou?

UF1: Tem. Sim e hoje eu acho que eu estabeleci um limite, sabe? Tipo... No meu começo era todo o tempo lá dentro. E hoje não. Hoje eu vou nesse final de semana. No próximo eu não vou. E eu vou ta aqui, mas eu não vou ta aqui, dormir e só voltar pra minha casa na segunda-feira. Não faço mais isso.

ENTREVISTADORA: Entendi. E como você avalia sua relação com as entidades e com as autoridades da casa. É um pai né?

UF1: São dois pais.

ENTREVISTADORA: São dois pais.

UF1: Com as entidades é de muito respeito assim. Por todas. Até pelas que estão começando eu acho muito bonito ver eles nascendo, ver eles tomando forma, ver o início. Então todas as entidades é de muito respeito. com os pais a gente tem que respeitar, mas em muitas coisas eu não concordo. Não desrespeito, mas não concordo com algumas coisas.

ENTREVISTADORA: Certo. E como você lida com isso?

UF1: Ah olha por muitas vezes eu me calo assim e aí quando alguma situação me irrita muito aí a gente vai lá entra num quartinho e falo “olha, eu não gostei disso disso e disso. não gostei dessa atitude, acho que não deveria ser assim”. Eu falo, sabe? Mas eu sei que muitas coisas é de tempo, é de criação, eles não vão mudar... infelizmente para eu estar ali dentro tem que lidar com isso.

ENTREVISTADORA: Sim é... e em situações que você precisa de algo, ou que você sente ne... sozinha eu não consigo, a quem você recorre?

UF1: à pomba-gira eu acho. Pomba-gira, baiano.

ENTREVISTADORA: Não é uma pessoa, são as entidades?

UF1: As entidades. Sempre as entidades.

ENTREVISTADORA: E o seu círculo social, atualmente, sua família e amigos, teve alguma mudança entre seus amigos depois que você retornou?

UF1: Não, porque a maioria são da religião. Alguns não são. Rola sim umas brincadeiras, algumas coisas... eu passei é... Tenho uma amiga de muito tempo e por muito tempo eu não me abria com ela sobre minha religião porque eu sabia do preconceito. E aí é... por muitos anos a gente não conversava sobre isso. Até o dia que eu falei e tal e hoje a filha dela participa da religião então ela me pergunta muito sobre as coisas. Mas tinha muito preconceito. Dentro do meu círculo social não, porque a maioria das pessoas são da religião.

ENTREVISTADORA: Certo. Como é a relação com seus amigos hoje?

UF1: Boa, muito boa.

ENTREVISTADORA: Teve mudança do período em que você estava afastada para hoje?

UF1: Não.

ENTREVISTADORA: Como é a relação com sua família? Com que frequência você conta com o suporte deles?

UF1: Acho que sempre. Eles são muito presentes.

ENTREVISTADORA: Sempre foram?

UF1: Sempre foram.

ENTREVISTADORA: E com que frequência você oferece suporte para eles?

UF1: Sempre.

ENTREVISTADORA: É recíproco?

UF1: Total.

ENTREVISTADORA: Como era seu envolvimento religioso antes de você se afastar? Você já comparou, agora ele está um pouco menos intenso. Mas e antes... que importância tinha para você a participação nas atividades religiosas?

UF1: Muita! Eu nunca ficava longe. Nunca faltava em funções, nem nada.

ENTREVISTADORA: E tinha seu marido também que ia junto. Quando você se separou? Foi um pouco antes da pandemia?

UF1: Eu me separei em 2018.

ENTREVISTADORA: Então desde 2018 a 2020 no começo da pandemia você tava balançando?

UF1: Sim, faltava bastante e às vezes ia. Tava muito esporádico.

ENTREVISTADORA: Por causa de toda...

UF1: Por causa de toda a situação.

ENTREVISTADORA: Dai você decidiu se afastar mesmo depois da pandemia.

UF1: Isso.

ENTREVISTADORA: E aí nesse período, antes da separação, você era bem...

UF1: Muito assídua.

ENTREVISTADORA: E aí como você avalia seu comprometimento com sua busca pessoal religiosa na época?

UF1: Como eu busca... ah eu era... acho que isso não mudou assim. Era tudo eles. Sempre primeiro eles, acho que isso não teve mudança da volta. Não teve mudança.

ENTREVISTADORA: Então mesmo quando você... mesmo antes de 2018 eles eram prioridade?

UF1: Sim.

ENTREVISTADORA: Desculpa perguntar: até mais do que o seu marido?

UF1: Sim, mas do que qualquer pessoa.

ENTREVISTADORA: E como era sua relação com as entidades na época?

UF1: Sempre de muito respeito até hoje. Para mim sempre foi muito sagrado. A partir do momento em que eles estão em terra é muito sagrado.

ENTREVISTADORA: E a relação, a intensidade do relacionamento mudou?

UF1: Não.

ENTREVISTADORA: De antes para depois?

UF1: Não.

ENTREVISTADORA: Certo. Só teve essa paradinha no afastamento, né?

UF1: É.

ENTREVISTADORA: E você recorria a quem em situações de dificuldade naquela época?

UF1: à cabocla.

ENTREVISTADORA: Como eram as relações na sua família e seus amigos antes de você se afastar?

UF1: Acho que não mudou. Isso não mudou muito porque a gente sempre foi do mesmo templo né então sempre foi muito... assim, quando eu tava afastada acho que deu uma mudada porque eles estavam indo e eu não. no fim de semana eles estavam lá e eles me passavam os recados. Mas não teve mudança não.

ENTREVISTADORA: O que afetou mais foi a relação com a mãe?

UF1: Isso.

ENTREVISTADORA: Entendi. Agora caminhando pro fim: falando um pouco mais de você. como você se sente quando você estabelece relações próximas com outras pessoas?

UF1: inaudível.

ENTREVISTADORA: Quão a vontade se sente com intimidade?

UF1: com as pessoas?

ENTREVISTADORA: é...relação amorosa, quando começa a criar uma relação...

UF1: não... acho que eu sou mais fechada pra isso. eu... demora pra eu realmente confiar.

ENTREVISTADORA: Sim. Como você avalia sua predisposição em se abrir ou não... se conectar ou não com outras pessoas?

UF1: Hoje. Já foi mais fácil assim. hoje é só com as pessoas que eu já tenho relação. De abrir, de falar alguma coisa. Muitas vezes eu nem falo para eles as coisas que eu passo. É mais mesmo com as minhas entidades. Mas de abrir, de confiança, é só com quem já está há muito tempo na minha vida mesmo.

ENTREVISTADORA: Hm sim você se sente bem confiando em outras pessoas? Se apoiando em outras pessoas?

UF1: Não. Não. Acho que em que eu confio eu me sinto bem, me sinto muito plena assim, mas de apoio assim não. Não gosto. Não gosto de depender.

ENTREVISTADORA: E quando as pessoas confiam e se apoiam em você?

UF1: Eu me sinto bem. Me sinto confiável.

ENTREVISTADORA: Como você avalia seu nível de ansiedade ou preocupação né em perder proximidade nas suas relações?

UF1: Bastante.

ENTREVISTADORA: É alto?

UF1: Sim. Eu tenho muito medo de perder as pessoas.

ENTREVISTADORA: Mesmo pessoas que estão, por exemplo, você tá começando um novo relacionamento... você sente que... é... você já teve medo de rejeição?

UF1: Não.

ENTREVISTADORA: E quando você tá começando um relacionamento? Com que frequência você pensa que talvez... se essa pessoa também gosta de você ou tem medo de perdê-la?

UF1: Acho que bastante.

ENTREVISTADORA: Como você avalia... como você lida com o medo de você se ferir numa relação?

UF1: Hm muito! Depois do que eu passei ainda muito muito muito. Por isso que eu evito.

ENTREVISTADORA: É... você gostaria de acrescentar algo? Não tenho mais perguntas.

UF1: Não só que.. eu acho muito válido o que você tá fazendo porque eu acho que nossa religião precisa mesmo de uma atenção e de.. de visibilidade para deixar de pensar o que não sabem. Deixarem de deduzir o que não sabem, deixarem de... de preconceito, sabe? Porque... eu tenho meu filho e ele estudou em escola... até ano passado... em escola evangélica e ele sofreu muito preconceito por causa da religião. Sabe? Por causa da cor, ele é negro, e por causa da religião. E por muitas vezes eu me peguei pedindo para ele não falar para as pessoas sobre a religião, para não falar onde ele frequenta, sobre o que ele quer. Justamente pra evitar que ele entre em atrito, que ele escute coisas que vai machucar ou que isso deixe de fazer a crença dele. Porque eu não imponho. ele cresceu dentro da religião e ele ama. E eu acho errado... eu acho errado você ter que omitir a sua fé por causa da fé de outro, porque o outro acha errado. Eu me sinto errada pedindo pra ele não falar. Mas eu peço também para ele não se machucar, entende? Então eu acho que é muito válido. Que a nossa religião seja muito dita e muito entendida para as pessoas.

ENTREVISTADORA: E você namora hoje em dia.

UF1: Não.

ENTREVISTADORA: Não teve nenhuma relação?

UF1: Tive algumas mas nada sério, porque eu não quero.

ENTREVISTADORA: E você não quer por quê?

UF1: Ah eu tenho medo. Eu comparo muito com o que eu vivi. Hoje eu to muito controlada, eu tenho o controle de tudo e eu tenho medo de sair do controle de tudo.

ENTREVISTADORA: Eu entendo. Eu vou encerrar então aqui. Muito obrigada.

UF1: Obrigada você.

Código: UF2

Idade: 29 anos

Gênero: Feminino

Estado Civil: Casada

Religião: Umbanda

Tempo de adesão religiosa: 10 anos

Escolaridade: Ensino Médio Incompleto

Ocupação: Assistente comercial

Data da entrevista: 14/09/2022

Tempo de entrevista: 46:34

ENTREVISTADORA: Me fala um pouquinho sobre o momento da sua vida em que você retornou a sua afiliação religiosa, a umbanda.

UF2: Quando eu era bem pequenininha assim eu já cheguei a ir a alguns templos religiosos, minha mãe me levava, porque ela era kardecista. E eu já parei, cheguei um tempo a frequentar igreja e sai

também. E eu sempre fui muito curiosa. Eu já... essas coisas... Eu ficava sempre pulando de galho em galho assim pra procurar alguma coisa. Eu falava: “ai, tá, não é pra mim...” ou “também tem uma responsabilidade...” e tudo o mais. E então eu entrei numa casa, entre nessa casa acho que com 18 anos por aí. E aí eu me afastei dessa casa eu acho que tem 1 ano? 1 ano e pouquinho. Fiquei sem procurar casa nenhuma e voltei agora pra essa casa que eu to já tem uns dois anos. É acho que... É, eu fiquei 7 anos numa casa, fiquei 1 ano afastada e tem 2 anos que eu to nessa casa que é bem... é uma loucura! (risos)

ENTREVISTADORA: E antes de você se fixar nessa que você ficou 7 anos, você conheceu várias religiões diferentes?

UF2: Oh. Eu cheguei a ir pra templos budistas, ia procurar sobre hinduísmo, que eu era muito curiosa assim, queria saber como era. Quando eu era mais nova eu fiquei um tempo na igreja evangélica também. Eu acho... É eu dei uma bela de uma procurada assim, circulando bastante. Depois eu sai e... eu me achei na umbanda né.

ENTREVISTADORA: Sim. A primeira que você foi quando era criança foi a umbanda, né? Seu primeiro contato com a religião?

UF2: É, eu acho que eu fiquei... quando eu era bem novinha, a minha mãe tinha uma vizinha que sempre fazia festa para Cosmo e Daminhão, só que eu era muito nova e eu não entendia. Eu ia mais pelas brincadeiras, pelo doce e por tudo isso. Eu acho que foi um dos meus primeiros contatos. Eu lembro que na rua da casa do meu pai tinha um terreiro de candomblé e ai sempre tinha toque lá e eu ficava pendurada no muro pra ver porque eu achava muito engraçado as pessoas com aquelas roupas e rodando e lá e eu querendo saber o que era. Então eu acho que meu contato foi esse. E aí depois quando eu era adolescente e tal eu lembro que eu tinha meus amigos o Mario e o Marcos que hoje inclusive são os meus pais de santo, eles que me levaram pra casa que eu frequentei e ai quando eu entrei assim eu fiquei bem apaixonada e eu falei: “me achei!”. E ai foi no momento eu fiquei lá sete anos.

ENTREVISTADORA: E o que que fez você se apaixonar? O que você acha que te fez fixar os pés lá?

UF2: Eu.. eu costumo brincar que faltava aquela coisa do toque, do tambor, do barulho? Eu não sei. É... muito louco, porque as outras religiões eu acho muito bonitas, mas sabe quando tem aquela coisinha dentro de você e você faz “opa”? Eu não sei explicar direito, mas mexe com você dentro e isso acabou me prendendo quando eu entrei lá e pensei: “cara que energia é essa? o que que é isso?”. E tá mexendo comigo desse jeito. E depois com o tempo que eu fui indo, e fui conhecendo e fui tendo um contato maior, fui quebrando vários paradigmas assim e preconceitos que eu tinha e eu fui vendo que: “opa, não é da maneira que eu imaginava ou não é da maneira que eu escutava as pessoas falando e tem uma coisa diferente, me faz bem! As pessoas que estavam lá dentro me faziam muito bem. A maneira que eu fui recebida lá dentro. A maneira como eu fui tratada. Acho que isso deu uma bela de uma ajudada assim que acabou me pegando de vez e eu falei: “ai é... é aqui”.

ENTREVISTADORA: Certo. Nesse período de sete anos que você ficou lá nesse templo, como era seu envolvimento com a religião, sua fé... como era isso?

UF2: Eu sempre fui muito assim: 8 e 80. É, é, não é, não é. Se você falasse pra mim: “pode”, pode, “não pode”, acabou! Então antes eu sempre levava muito isso. Tanto que eu costumo brincar com a minha irmã e com as amigas que eu tenho, que a gente entrou no mesmo período, de ter esse contato e sempre levar muito a sério. Assim... muito à risca! E depois isso foi meio que se quebrando e ficando mais maleável. E você vai vendo umas coisas que vai acontecendo com você e você fala: “meu, que loucura isso. Isso aconteceu de verdade” ou “é real pra mim”. E você vai se apegando de um jeito que você não consegue explicar. só depois, com tudo o que você vai passando, que você vai vivenciando, você vai se apegando mais, e vai acreditando mais, criando um amor muito louco. Eu acho que foi muito isso. Eu entrei com uma cabeça de querer levar as coisas muito à risca e depois que você vai vendo que não é, é de uma maneira mais maleável. Você vai conhecendo coisas diferentes e vai se apegando e é mais ou menos dessa forma.

ENTREVISTADORA: O que você considera que você era mais apegada nessa época, nesses sete anos?

UF2: Eu acho que no começo eu fiquei um tempo tomando passe, cuidando com o médium e acho que nesse período eu era mais apegada a ela, à pessoa com quem eu me cuidava. Foi o momento de maior apego assim, realmente pra eu entrar na casa, fazer parte da corrente, pensar no desenvolvimento mediúnico. E quando você (pelo menos pra mim), quando você tá se cuidando com alguém, com a entidade daquela pessoa, tem aquele amor, aquele apego com a pessoa que você tá vendo. E quando você passa a fazer parte daquela corrente, é você! Você com o seu. É a hora que você fala assim: "Opa! E agora? Eu, eu, eu desmamei. E aí é comigo". Acho que meu momento de maior apego no início foi com uma pessoa que eu me cuidava, com as entidades da pessoa que eu me cuidava. Até que com o tempo vai passando. Você vai desenvolvendo, vai conhecendo, vai se conhecendo também e essa chavinha muda.

ENTREVISTADORA: Então era com a pessoa e com as entidade dela, né?

UF2: Isso!

ENTREVISTADORA: Certo. E quando essa chavinha mudou, em quem você se apegou?

UF2: às minhas entidades agora.

ENTREVISTADORA: Às suas entidades agora. Certo. E quais foram as situações, o que aconteceu, que motivou sua saída de lá?

UF2: Vou dizer que é do ser humano, né? Qualquer filosofia, religião é muito bonita, mas o ser humano, ele estraga. Acho que esse foi um elemento que deu uma impulsiona assim pra eu sair. Aconteceram algumas coisas lá dentro com meu marido que não foi muito legal. Que deu uma chacoalhada e eu falei: "Eu acho que não é mais o local onde eu vou ficar". Se a minha família não é bem-vinda, não tá numa situação bacana, eu não sou. E tava começando a me fazer mal. E eu não tava mais indo lá com aquele amor, com aquela vontade de: "nossa, que legal, tem gira hoje e vamos lá!". Tava aquela coisa "poxa, eu tenho que ir". E não fluiu. E eu acho que também já não era mais o tempo de ficar lá porque assim que acho que não teria conhecido essa outra casa, não teria iniciado um novo ciclo da minha vida. Né? A casa onde eu tava era somente de umbanda. Essa onde eu to aí que eu conheci o candomblé, to conhecendo o candomblé. Tendo um contato muito maior. Então eu acho que as coisas também acontecem porque têm que acontecer, mas no início o que deu uma motivada foi umas coisas que aconteceram com meu marido e comigo.

ENTREVISTADORA: De motivações humanas então? Relações sociais?

UF2: É. o que eu acho que é natural e acho que 90% das vezes que acontece acaba sendo por causa de relações pessoais. Não sei, do ciclo que eu tenho de vida e amigos a maioria passou por isso por questão social, não por desacreditar na religião em si, nada disso, mais pela relação social mesmo.

ENTREVISTADORA: E essa situação teve a ver com essa pessoa que você era apegada?

UF2: Sim.

ENTREVISTADORA: Você sente que teve uma quebra de confiança ou algo relacionado?

UF2: Sim. Porque a gente tem uma pessoa. A gente enxerga ela como a sua base, o seu escudo dentro de uma religião e quando você procura essa pessoa e essa pessoa, ela não... acaba não sendo da maneira que você espelhou, acaba dando uma quebrada. Você acaba... você fica desestruturada. No momento aí eu fiquei decidida. Falei: "não." Melhor eu sair, porque não tava me fazendo bem.

ENTREVISTADORA: E como ficou sua relação com a religião depois que você se afastou?

UF2: No começo eu pensei assim: ah não, eu vou sair e logo eu vou pra uma outra casa... mas eu não fiz isso". Fui me afastando cada vez mais. E meio que deixando... Eu acho que é o momento que eu falo que a minha fé meio que morreu. Eu até brinco com a minha irmã que eu falo que ia pegar todas

as coisas que eu tinha das entidades e ia despachar assim porque eu não queria saber mais. E é muito louco porque você acaba culpando por algo que não tem nada a ver, porque depois que o caso encerrou você fala assim que as entidades não têm nada a ver com isso. Não tem necessidade de você culpar elas por conta da sua saída, por escolhas que você tomou. Não. É de você ser humano. Mas teve um momento que eu tive... que eu falei assim: “Não, queria tanto me ver feliz, me ver bem, por que isso não aconteceu? Por que me deixou se afastar?” Eu falei assim: “Quer saber? Não quero saber de mais nada! Vou me desapegar de tudo, vou deixar tudo. E esquece” E eu acho que é o momento mais triste da minha vida. Você sente falta. Tinha um vazio gigantesco. E aí é... ta faltando alguma coisa, mas agora eu faço o quê? eu vou pra onde, eu vou procurar o quê? Vou procurar quem? Eu não tinha força pra nada assim, nem pra... no sentido de nem de querer acender uma vela, nem de procurar uma casa de nada nem de parar pra conversar com eles e falar: “o que que eu faço? Me dá uma luz, me ajuda.” Foi acho que só me enfiando num buraco assim pra me camuflar. Vamos deixar do jeito que tá... Mas aquela faisquinha graças a deus não apagou. “Ufa, eu tenho que procurar alguma coisa pra mim”.

ENTREVISTADORA: Como ficaram as suas relações nesse período que você se afastou em comparação com a qualidade das suas relações quando você estava, né, frequentando?

UF2: Ah grande parte das pessoas que eu convivo, né, são da religião. Só que foi no momento onde as pessoas mais próximas se afastaram também. Então era aquele momento que um olhava pro outro e falava: “tá, mas a gente vai fazer o que agora?” Porque eu passei por um momento parecido com esse onde minha irmã ela se afastou só que eu ainda continuava indo pra casa e aí eu falava: “não meu você vai”. De puxar ela e de ter aquela coisa. Quando eu parei de ir, ela não tava indo, meu marido não tava indo, meu amigo já tinha acabado de sair da casa também. E aí juntava todo mundo, parecia que ir dar a mão pra entrar todo mundo num buraco junto... É, acho melhor a gente ficar aqui e não fazer nada. E era muito essa coisa de um olhar pro outro e questionar assim: o que a gente vai fazer? Pra onde a gente vai? E se a gente não achar uma casa? Se a gente não achar nada. E aquela coisa de: “Ah não. Eu não quero mais”? Ou então: “Ah a gente pode ir só pra tomar um passe de vez em quando...” e não tem ninguém ali pra impulsionar. A outra parte da minha família não é da minha religião. No começo eu tive grandes atritos com eles por causa disso então no momento que eu parei de ir... diferente né? Os olhares de certa forma bem felizes. Agora, hoje eu acho que depois do tempo assim eles não falam mais nada. No começo foi bem complicadinho. Eles ficaram bem alegres assim de eu não estar mais dentro da religião. Mas isso acabou passando e ai depois a gente ficou pulando de galho em galho, procurando outras casas. Ai eu acabei achando essa. Fui, eles ainda continuaram sem ir. E ai agora ta todo mundo de volta.

ENTREVISTADORA: Uau. E nessa época que você estava afastada, de quem ou do que você mais sentia falta?

UF2: Eu acho que eu sentia falta de alguma coisa, das entidades, de receber um abraço, escutar que: “não, ta tudo bem. Você não ta sozinha.” (chora) Eu costumava brincar com a minha irmã e falar pra ela que... ela sempre teve um amor muito grande pelos caboclos e tudo mais e eu falava: “cara, eu não sinto isso. Não consigo sentir esse amor que vocês tanto sentem.” Essa coisa de tipo: “Nossa!” E ai teve um momento que falei: “Ta faltando isso, sabe?” E ai tipo: “não, eu preciso escutar alguma coisa de alguém. Preciso receber um abraço de alguém ou nem que seja uma palavra pra falar assim: ei, para, volta, ou faz alguma coisa.” Foi muito louco que no momento que eu mais senti falta, foi o momento que eu mais falei assim: “agora eu to entendendo um pouquinho desse amor que vocês tanto falavam que tinham e que sentem falta”. Eu não vou mentir pra você foi uma época que eu tinha falado que eu ia largar tudo, ia abandonar tudo, e lembro que eu fui uma vez numa gira e eu acabei trazendo o meu caboclo e ele me falou que eu tinha que estar lá não só por mim, mas pelo meu sobrinho também. Ele é uma pessoa que (choro) mexe muito comigo e foi a parte que me deu pra eu falar assim: “não, eu vou voltar”. No início foi mais por ele do que por mim assim. Eu falei: ‘não, pera aí! Eu ainda consigo segurar o reggae de não querer ir ou de falar que eu vou abandonar as coisas e tudo o mais. Mas e ele?” Porque tipo ele é apaixonado pela religião, é encantado pela religião, e não porque a mãe obriga a gente obriga, nada disso. É dele. Ele gosta, ele pede pra ir. Ai você escutar ele pedindo pra ir e você falar: “não, eu não vou”...? Dói um pouquinho assim. Ai foi a hora que eu falei: “é... vai com calma, UF2, não é assim.”

ENTREVISTADORA: E ai como foi esse processo então de retornar?

UF2: Eu falei que eu ia retornar só pra ficar tomando passe. De vez em quando... “Ah não. A cada 15 dias eu vou, quando me der vontade eu vou tomo um passe, volto pra casa”. Beleza, tudo legal. E ai queria também tá fazendo... porque querendo ou não tem a responsabilidade dentro da casa com você e eu não queria essa responsabilidade, porque eu falei: “hmmm hmmm acho que eu quero curtir a minha vida. Tudo bem eu vou e acabou”. E eu achei que ia ficar desse jeito. Não foi bem assim. Durou um mês. Eu já tava dentro da corrente. Já tinha voltado, já tinha voltado pro passe. E ai depois eu conheci o candomblé, me iniciei no candomblé. Ai as responsabilidades aumentaram mais ainda. Foi é... foi um processo que eu achei que eu ia ficar na felicidade, na água fresca assim, mas totalmente ao contrário e eu não me arrependo não.

ENTREVISTADORA: Por que você acha que você não conseguiu ficar só curtindo a vida?

UF2: Mulher, aquilo te chama. É uma coisa que te chama e eu não.. a gente tem as nossas entidades também. E é uma coisa que a gente... eu respeito muito. Caso eles falarem: “não, tem que trabalhar sim”. Trabalhar, focar mais no desenvolvimento e... mas não que é uma coisa que eles obriguem, jamais. A gente tem o nosso livre arbítrio pra fazer o que a gente quiser. Mas não adianta. Uma hora ou outra você vai se envolvendo, de repente você faz uma gira, e na outra semana você faz de novo, na outra semana você faz de novo... e você vai, vai, vai, vai. E a sua entidade fala: “não, mocinha, é aqui dentro, e você vai ficar aqui.” Eu não vou mentir pra você, eu já tive pequenos surtos de olhar pro meu pai de santo e falar: “quer saber, eu não vou ficar mais. Eu não quero saber mais e tchau”. Mas é coisa que dura meia hora e só o estresse diário assim a sair e eles falarem: “não, você não vai sair, porque eu escolhi essa casa e você vai ficar aqui pelo tempo que tiver que ficar, pela missão que tiver que cumprir aqui com as outras pessoas ou com você mesmo.” E a gente fica.

ENTREVISTADORA: Isso... desculpa, deu uma cortada aqui. Quem fala isso pra você?

UF2: As entidades.

ENTREVISTADORA: As entidades, entendi. E hoje você diria que você... qual o seu maior apego hoje?

UF2: Agora com a minha santa.

ENTREVISTADORA: Desculpa, com quem?

UF2: Com a minha santa.

ENTREVISTADORA: Como é a relação?

UF2: É algo que eu não tinha contato. Eu tinha um preconceito gigantesco com o candomblé porque eu não entendia, eu não sabia o que era. E depois que eu passei por tudo isso, eu vivi tudo isso eu fiz: “opa, tem uma coisa diferente, eu to diferente”. E é um negócio que mexe muito comigo assim, esse contato com ela, essa vivência, a forma que eu fiquei depois de iniciar, e meu maior apego agora é com ela. Não que eu não tenha apego com as entidades, nada disso, mas o que eu senti, o amor que eu senti, o que eu passei dentro do quarto de santo é surreal, e até hoje é surreal.

ENTREVISTADORA: E como você se sente hoje em dia? Faz dois anos que você retornou né? Como você se sente em comparação ao tempo que você ficou afastada?

UF2: Eu acho que agora eu to... você acaba amadurecendo né. Acaba ficando mais madura. E acho que agora se acontecesse mais uma vez de eu sair da casa ou coisa do tipo, eu acho que eu não agiria como eu agi antes de jogar tudo pro alto e falar assim: “Ai, deixa”. Mesmo que eu não achasse outra casa pra ficar assim, eu acho que eu não teria mais essa atitude de falar que é jogar tudo pro alto e não querer saber mais deles. Mesmo que eu tivesse que me cuidar, ou ir tomar um passe uma vez ou outra. Eu acho que isso continuaria. Eu não teria mais a atitude de querer largar tudo, abrir mão de tudo e de abandonar tudo, porque fica um vazio né, fica um buraco.

ENTREVISTADORA: Esse vazio você não sente mais?

UF2: Não.

ENTREVISTADORA: O que que você sente no lugar desse vazio?

UF2: É limpo agora um amor, uma alegria muito louca e você vê outras pessoas entrando dentro da casa, outras pessoas começando um desenvolvimento, outras pessoas se iniciando de santo, é... preenche você. Tanto que a gente costuma brincar com o pessoal que entra agora, a gente fala assim: "aproveita essa parte do desenvolvimento", porque ela é muito maravilhosa. Conhecendo tudo, você está sentindo tudo ali a primeira vez, aquele amor, aquela coisa, e é muito bom você ver isso. As pessoas antigamente quando a gente tava na casa, a gente escutava os médiuns mais velhos falando assim: "ai nossa como é lindo você ver alguém começando um desenvolvimento, ou a entidade nascendo" e a gente ficava meio sem entender. E ai hoje você ver o do outro da pra ter uma noção de como é.

ENTREVISTADORA: Vou te fazer uma pergunta: você disse que você é casada né?

UF2: Uhum

ENTREVISTADORA: Faz bastante tempo que você é casada?

UF2: Dia 7 de novembro faz 10 anos.

ENTREVISTADORA: 10 anos? É bastante tempo!

UF2: É.

ENTREVISTADORA: Falando assim de relacionamento como você se sente quando você tá começando a construir né, estabelecendo relações próximas com outras pessoas? Novas relações.

UF2: Em relação à religião?

ENTREVISTADORA: Na vida assim. To tentando entender um pouquinho sobre como você encara os seus relacionamentos.

UF2: É, eu não sou uma pessoa muito sociável assim. Eu sou mais fechada, na minha. Tanto que minha irmã ela brinca comigo: "pô, dá um sorriso pro pessoal pelo menos. Seja um pouco mais simpática" E eu falo: "pra que? Eu não preciso ficar pagando simpatia pra todo mundo!" Então é mais difícil eu construir tantas relações. Não tenho muitas. Tenho coleguismos assim. Não vou ser mal educada. Mas eu não sou muito "que menina sociável..."

ENTREVISTADORA: Eu sou muito privilegiada então, porque você é muito sociável comigo, muito carismática.

UF2: Ah mulher. Depende. Eu... Leva um tempinho pra eu me soltar, pra ficar mais acessível pras pessoas. Não consigo logo de cara rir pra todo mundo ou trazer todo mundo pra perto.

ENTREVISTADORA: Por que você acha isso? Por que será que você é assim?

UF2: Não sei. Na verdade eu até sei. Acho que quando eu era mais nova eu tive uma relação mais assim com a minha mãe e as minhas tias. E que eu acho que eu acabei me tornando mais fechada, mais reclusa. Isso acaba espelhando né... não sei, pode ter sido isso.

ENTREVISTADORA: Sua relação com sua mãe e com sua tia como que era? Não consegui entender bem.

UF2: Não, minha mãe sempre foi muito mais fechada também. Mais na dela. E eu acabava, eu acho que eu acabei pegando isso como um espelho. E ai as minhas tias foi mais ou menos porque eu acho que eu acabava procurando as coisas nelas.

ENTREVISTADORA: Elas eram bem acessíveis ou elas eram mais...?

UF2: Um pouco. Elas eram mais acessíveis assim. Um afeto muito maior com elas do que com a minha mãe.

ENTREVISTADORA: Ah entendi.

UF2: E ai depois essa página foi virando por conta de religião. E ai foi virando, mas ai eu já era bem mais velha e ai não, eu acabei não criando tantos laços assim com a minha mãe. Era uma coisa mais afastada.

ENTREVISTADORA: Mais distante?

UF2: Mais distante.

ENTREVISTADORA: E das suas tias também acabou ficando distante por conta da religião?

UF2: Sim, tanto que agora eu não falo com elas.

ENTREVISTADORA: Mas você tem com a sua irmã uma relação mais próxima?

UF2: Sim, eu falo que eu aprendi a ter uma relação mais próxima, a me tornar mais sociável com o meu marido e com ela, porque eles são mais sociáveis, são mais... eu tenho aprendido até hoje com eles. Eu até brinco... a mãe da minha irmã ela me adotou e eles são muito assim: "ah vamos pra... final de ano", "ah vamos todo mundo pra casa", "vamos num sei o quê...". E eu: "ah não, não quero". "Vamos tentar" e você vai aprendendo.

ENTREVISTADORA: Sim, você levou sua irmã pra casa que vocês frequentam hoje, né? Que tava afastada?

UF2: Isso. Ah... na verdade eu conheci ela na outra casa que a gente frequentava e ai depois ela saiu dessa casa, se afastou dessa casa. Ai eu levei um tempo dando um empurrãozinho pra ela. Voltou pra casa. Ficou um tempinho, saiu de novo. E ai foi esse período que eu sai. Ai essa casa que eu to hoje, eu vou pra la, me achei lá. Ai ela ficou: "Ai não sei, não sei pra que casa que eu vou. Eu vou buscar mais ainda". Mas ela não aguentou, ela acabou indo pra lá e hoje a gente ta na mesma casa.

ENTREVISTADORA: Ela é sua irmã de sangue ou não?

UF2: Não.

ENTREVISTADORA: Entendi. Tá certo. Mas é uma pessoa que quando você precisa de qualquer coisa...

UF2: Tanto que a gente fala que a mãe dela me adotou. E ai de quem falar que eu não sou irmã dela! A gente brinca tipo todo mundo tá em casa: "Ah essa aqui é minha irmã e tudo mais". E moio o assunto. É minha irmã. Ponto. A gente até brinca de falar: "Olha, ela é adotada, minha mãe achou ela na tampa do lixo". E acabou. A gente se conheceu dentro do terreiro e passava com a mesma médium de passe e no começo a gente não se bicava muito e a gente foi construindo essa relação. E a gente fala que passou de uma amizade, é minha família.

ENTREVISTADORA: E falando do seu marido, você levou o seu marido ou ele te levou?

UF2: Quando eu comecei a ir para o terreiro ele era kardecista e eu fiquei um ano indo pro terreiro sem contar pra ele com medo de ele falar assim: "ah não. Que isso, você tá louca?" Eu falei assim: "quer saber, não tem pra onde ir, porque de eu esconder e se ele quiser continuar comigo, continua. Se não quiser, problemas meu, eu não vou parar de ir por causa disso. Eu falei pra ele e ele falou assim: "não, mas eu vou numa gira." E foi. E ta lá até hoje.

ENTREVISTADORA: Muito interessante. Então hoje você diria... quão a vontade você acha que você se sente com intimidade? Você diria que você se sente à vontade criando intimidade com as pessoas?

UF2: 100% não. Eu ainda tenho um... presinhos assim. Não é todo mundo que eu consigo criar tanta intimidade e me sentir tão à vontade a ponto disso. Não é 100%.

ENTREVISTADORA: Como você avalia a sua predisposição de se abrir ou não, se conectar ou não com outras pessoas?

UF2: Eu acho que realmente... E a gente até costuma brincar porque dentro do terreiro eu não posso ser tão...

ENTREVISTADORA: Desculpa, deu uma cortada.

UF2: Essa parte tão antissocial.

ENTREVISTADORA: Ah.

UF2: Até porque não tem essa necessidade. Não posso chegar lá: "Não fale comigo", "não quero falar com todo mundo", porque as pessoas estão entrando pra procurar ajuda, pra se sentir bem, acolhida, pra se sentir bem. Eu quando entrei eu já tive situações onde eu cheguei e a pessoa não tava ali 100% focada, não é legal. É a parte, é o momento que eu to mais sociável. Só. Porque no meu convívio assim com as pessoas muda um pouquinho.

ENTREVISTADORA: Entendi. É... e quando você precisa confiar, se apoiar, contar com alguém, você se sente bem?

UF2: (risos) eu brigo até dentro de casa por não me abrir totalmente, por não me apoiar totalmente. E falar: "olha, saindo daqui eu preciso de ajuda". A briga é até dentro de casa. É bem... de falar assim: "olha tem umas casquinhas aqui meio de ferida que ta saindo aqui, ta machucando..." pra eu falar leva um tempo.

ENTREVISTADORA: E quando você precisa ajudar outras pessoas, você se sente bem delas confiarem em você?

UF2: Sim. É aquele momento de largar tudo e ir: "não, tá aqui oh!", carregar ou ir lá. Pessoal de casa fala: "Meu eu não entendo, você não é mãe de todo mundo! Não é 24 por 48 carregando a pessoa no colo. Às vezes pensa um pouco mais em você" e tal. Mas (balança a cabeça).

ENTREVISTADORA: Deixa só eu atender aqui só um minuto. Liberar a entrada.

UF2: Tá bom.

ENTREVISTADORA: Desculpa, UF2. É, então você tava dizendo. Que você se sente bem né?

UF2: Muito.

ENTREVISTADORA: Então minha última pergunta. Passou rápido, né?

UF2: Muito mulher.

ENTREVISTADORA: Você se abriu bastante e foi muito objetiva. É... falando em termos de ansiedade: como você avalia o seu nível de ansiedade e preocupação em perder proximidade nas suas relações?

UF2: Perder proximidade? Sou muito seletiva com isso, tá? Tem pessoas específicas que eu me preocupo muito de perder proximidade. Dá uma abalada assim. Agora tem outras pessoas que eu supero. São escolhas tanto minha quanto da outra pessoa. Se ta perto bem, se não tá perto tudo bem. Acho que é muito melhor não fazer nada forçado. fica aquela coisa por obrigação, pra fazer um média. Então não tenho essa preocupação gigantesca com todo mundo. Existem bloquinhos de... que eu falaria: "opa, vai mexer muito comigo se a gente perder essa proximidade". Do contrário... (dá de ombros).

ENTREVISTADORA: Maravilhosa. UF2 eu vou te agradecer.

UF2: Eu que agradeço. É bem complicado pra mim conseguir colocar pra fora tudo isso assim e falar... eu dou umas engasgadas assim porque fica tudo aqui... eu sei o que eu passei ou que eu senti, mas colocar isso pra fora é, pra mim dá uma travadona, assim. Eu agradeço muito pela experiência, foi muito legal, foi muito bom.

ENTREVISTADORA: Ah que bom. Eu vi que você foi muito objetiva, mas eu percebi realmente que você abriu seu coração. E eu sou muito grata e espero que você goste muito quando eu mostrar o trabalho.

UF2: Espero que fique maravilhoso. Imagino a trabalhadeira que foi.

ENTREVISTADORA: Eu tinha aqui, eu tenho na verdade, mais duas perguntinhas aqui que você talvez... você já mais ou menos respondeu, mas eu posso perguntar só pra gente finalizar? Você já teve medo de rejeição?

UF2: Já! Por conta da religião?

ENTREVISTADORA: Não, por tudo assim. Na vida.

UF2: Por tudo? Muito, opa. Muito.

ENTREVISTADORA: E como que você lida com medo de você se ferir numa relação?

UF2: Eu acho que tento colocar uma capa, sabe? Uma pedra, assim, e falar assim: "não, está tudo bem". É o meu peito de aço, a UF2 é forte. "Ah nada me abala, vou mostrar pra ninguém que machuca, que ta doendo, que eu vou sofrer, nada disso". É só uma capa. Por dentro ta aquela coisa tipo água caindo, sofrendo eternamente, mas não baixo a guarda em momento algum.

ENTREVISTADORA: Bom, pra gente finalizar, você gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da entrevista, algo que você gostaria de falar?

UF2: Eu acho que você perguntou tudo assim. É muito essa coisa de externalizar a vivência que eu tive. Por todo um ano (gesto de soquinhos de uma mão na outra) tentar juntar as coisas e acabar espalhando tudo. E infelizmente a gente não sabe como falar com todo mundo, como trazer todo mundo pra perto. Mas existem situações que a gente até fala... Você acaba perdendo as pessoas dentro de um mundo ou dentro de qualquer lugar pelas atitudes ou pela cabecinha que a gente acaba tendo aqui bem fechada. E eu já vi muita gente sair por isso. Não ter esse... a liberdade, não ter essa coisa mais maleável e falar com o outro e trazer pra perto. Muita coisa tipo: "não pode, não faz, não é assim". E apontando, apontando, apontando (gesticula apontando o dedo energicamente). E vai muito além. Então, focar nos lugares tão importantes assim, vivências maravilhosas. Isso eu falo assim não só dentro de um terreiro, de qualquer templo religioso. Mas ai a gente acaba atrapalhando, porque é ser humano. Não vai ficar suficiente, nunca deu. E infelizmente não vai ser igual o outro.

ENTREVISTADORA: É sobre isso né? Tá certo. UF2 eu vou acabar aqui a gravação.

Código: UF3

Idade: 55 anos

Gênero: Feminino

Estado Civil: Divorciada

Religião: Umbanda

Tempo de adesão religiosa: 8 anos

Escolaridade: Pós-Graduação Completa

Ocupação: Supervisora pedagógica

Data da entrevista: 07/01/2023
Tempo de entrevista: 01:31:08

ENTREVISTADORA: UF3, em que momento você se afastou da sua religião?

UF3: Eu me afastei, porque, assim, eu acho que precisa ter um contexto. Eu sempre trabalhei com valores e princípios baseados no que eu aprendi na minha base familiar. Pai e mãe. Então pra mim são muito importante, por isso a escolha de a vida inteira trabalhar com projetos sociais, por causas, e eu sempre trabalhei pela causa, por causas, então isso faz muito sentido pra mim. E entrar na umbanda, eu busquei uma... a religião como base mesmo, né, de... ah... eu tenho, eu acredito muito na espiritualidade e eu já conhecia vários, então quando eu me senti, é... que o espaço que eu estava porque cada local tem sua filosofia e é regida por um ser humano que está à frente. Mas quando a gente trabalha com a espiritualidade, com a religião, e eu acredito em todas elas, eu acredito que a religião faz parte da nossa vida e é necessária, que é a nossa espiritualidade porque a gente é energia e ela se desabrocha dentro de uma religião, dentro de um cântico, dentro de uma oração e tudo mais, é... eu entendo que acima disso tem alguém que deveria seguir essas questões, né? No momento em que eu vi que aquilo que eu acreditava, que pra mim, a umbanda ela se faz numa aldeia né? A gente traz exatamente porque ela... a nossa base, nosso Babá de Ori é um caboclo, é um indigi... é um índio, né? E ela se faz a partir de vários numa corrente. Eu complemento o outro, complemento outro. Então, acho que aí a gente chama de caridade. E a caridade não tem preço. Ela precisa ter ação. Então quando eu vi que o movimento que era feito no espaço que eu estava, estava ferindo a princípios que eu acredito... e eu não barganho minhas entidades, eu não barganho uma incorporação, eu não preciso trazer em terra um ser pra trabalhar e que o outro tenha que trazer dinheiro. Quando isso entra numa questão, mesmo que ela tenha, seja de uma forma muito sutil, muito... aquilo começou a me ferir. Eu fiquei bastante tempo ainda porque tem o apego, como você falou, e a gente se apega a nossas entidades. Só que aí eu fui trabalhando uma coisa, é a minha entidade. Então, não importa se eu estou ou não no espaço, ela está comigo desde o momento em que eu nasci. Então quando eu... foi aí que eu trabalhei com o desapego porque eu estava no espaço com... bem grande, né? Uma casa, um templo de umbanda que era... tinha bastante médiuns. Eu, por ser é, muito da comunicação, por palestrar, por ter uma... eu trabalho muito com a questão das competências socioemocionais, eu sou terapeuta holística, então pra além disso, né? Do meu trabalho com... então isso, fazer o que eu conheço todo mundo e cada pessoa que tinha uma situação vinha conversar comigo, então eu tinha o apego às pessoas e eu comecei a olhar aquilo e falei: começou a me ferir, estar no espaço. No momento em que eu estou preparando ah... porque assim, pra você ir pra uma igreja, você veste tua roupa e vai. Pra você ir pra umbanda, você tem um preparo anterior a isso. Se você bebe, se você é... come carne vermelha, você tem que ter no mínimo 18 horas já nesse jejum de carne vermelha, de bebida alcoólica, de sexo, pra quê? Pra preparar tua energia, né, teu corpo. E, pra além disso, tem a roupa que você tem que levar, tem as guias, então no momento em que eu via que eu não tinha mais o prazer de me arrumar pra ir, eu falei, tem algo muito errado. E eu tinha uma relação muito, muito próxima à Yalorixá da casa, de estar junto, criando projetos sociais, eu escrevia. Então é, eu entendi que era necessário uma conversa em que eu pudesse ser muito franca e dissesse, por que eu estava saindo. Então a minha saída se deu assim: no... pra mim, no primeiro momento, também era importante que eu explicitasse: “olha, por que eu estou saindo? Por isso, isso, isso” e contextualizar fatos comigo, não tem nada a ver com outra pessoa ninguém, porque tem muito de: ai, a pessoa me maltratou lá dentro, então eu vou sair. Não teve nada disso, eu realmente saí no momento em que eu estava... foi exatamente, é no final de 2021 para 2022, em que... a minha família é toda de Fortaleza, a minha irmã mais velha estava na UTI. Assim, era um momento que eu estava totalmente fragilizada, era aquele momento que eu busquei ajuda, o espiritual para me ajudar e naquele momento eu não tive também. Foi algo que... e sem nenhuma crítica à gestão do local, ela estava com outras coisas e tudo bem, havia uma diferença entre cada um da casa, esse podia, esse merecia mais, esse menos, e tudo bem, mas eu não me senti confortável com isso e com todo sofrimento, eu falei: “o meu povo está comigo” mas eu não consigo ser hipócrita, eu não consigo chegar no lugar e ainda é... trazer a entidade. Ela vinha, ela trabalhava e eu não conseguia sair feliz e eu precisava disso. Eu busco o espiritual pra dar... pra me dar o equilíbrio pra caminhar nas outras coisas, né? Então nesse contexto eu saí. É... senti, cheguei, conversei, expliquei, e saí. Falei: olha estou me retirando. É... e aí eu fiz esse processo. Eu saí, eu já tinha alguns irmãos que tinham saído né, da religião, estavam me dando todo o apoio que eu estava precisando naquele momento, né? E nesse processo eu falei: eu, no primeiro momento ainda falei assim: não, eu tenho o meu espaço, depois eu mostro pra vocês ali, é onde eu cultuo, é onde eu... mas eu sempre acredito que a umbanda precisa da corrente, da egrégora. A egrégora se

dá a partir de duas ou mais pessoas, então eu falei: não vou mais pra nenhum espaço porque eu sei todo lugar eu vou questionar, eu vou bater de frente, eu sou mesmo questionadora, mas eu vou manter, né, a minha base espiritual, mas eu acredito que eu não vou mais pra nenhum outro lugar. Vou me manter... e era um processo mesmo que eu estava nessa de até o dia 23 de janeiro, quando eu perdi a minha irmã, quando ela partiu, é... então eu fiquei afastada do espaço que eu comungava, onde eu fui burilada, né? Onde eu tive um grau a mais dentro desse espaço, mas não afastei do espiritual, mas do espaço, sim. E é... não, não deixei de cultuar, não deixei de pedir, não deixei, mas nesse processo eu me senti muito sem uma casa sem um lar, né? Mas aí foi por isso, eu senti que se não me serve, não me agrega, é... vai agregar outras porque cada lugar é feito pra um público, mas aquele foi maravilhoso o tempo que eu estive, eu aprendi muito e aí nesse processo eu me afastei.

ENTREVISTADORA: Quais foram os motivos que você relatou é... na sua saída?

UF3: O motivo foi que, dentro da umbanda quem está acima tem que manter é, o líder é um papel solitário. Tem que manter o mínimo de equilíbrio e não ser agressivo, grosseiro e expor e humilhar pessoas. É, um ponto que eu não aceito em nenhum lugar. Independente do grau, independente do trabalho, independente se eu sou gestora de uma equipe, mas o trabalho, pra mim, tem que ser sempre horizontal. Todo mundo tem o que contribuir. E eu não tenho, eu acho que o ensinar tem que ser com amorosidade. A gente ensina como aprendiz, não chega gritando, expondo e desequilibrando uma egrégora e o papel de uma Yalorixá ou Babalorixá tem que ser esse, a casa pode tá caindo, ele tem que manter esse equilíbrio na casa. E nesse tempo, é, eu já tinha explicitado pra essa mãe de santo que... por quem eu nutri muito amor e se tornou minha amiga que eu falava: “você está exagerando. Isso não é legal. E com todo o respeito ao seu grau, tudo, uma pessoa que tem uma espiritualidade sensacional”, mas a minha... é a minha percepção, ela se perdeu no caminho espiritual e eu não estava a fim de ser conivente e eu falei isso. “Eu não serei conivente”, eu tinha privilégios. Eu não era, jamais eu fui exposta, jamais, até porque, né, a formiga sabe a folha que pica. Jamais, porque eu ia ventar forte, mas eu via situações que não era legal. Então pra mim não servia. E aí dentro desse espaço estava meu atual companheiro que tá há quarenta anos na Umbanda, ele também se afastou, mas eu acho que foi mais meio que na puxada, eu num falei... ninguém precisa sair comigo, só que ele tinha pedido afastamento antes de mim.

ENTREVISTADORA: Pelos mesmos motivos?

UF3: Não, ele é porque... eu tô cansado. Está há 40 anos na Umbanda. Ah, tô com preguiça. Ah... é outra, né? E a minha filha estava iniciando o desenvolvimento com 15 anos. Exatamente, a minha filha, quando chegou a pandemia, ela começou a adolescência ela tem muitos hormônios e ela, né, é uma depressão, é uma coisa que podia acontecer e ela ficou bem pra dentro, então a gente colocou ela dentro da gira pra trabalhar o espiritual, e paralelo a isso eu recorri a uma psicóloga, porque uma coisa que eu aprendi no templo que eu estava é que às vezes as pessoas vão achando que estão com: aí, perseguição espiritual e tudo, e precisa de trabalho mental, é um terapeuta que tem que fazer isso, é um psicólogo. E isso é uma coisa que a gente aprendeu e que as entidades orientavam. Muitas vezes eu camboneando ele, é... que vinha uma pessoa totalmente fora do eixo e ele falava que... a entidade falava. Eu vou fazer espiritualmente o trabalho aqui, mas você vai procurar o homem que cuida da sua... da cabeça. Então a minha filha estava num processo e aí ela saiu junto, ele já tinha saído, o meu filho já tinha se afastado anterior a isso, mas meu filho foi por questões profissionais mesmo. Muita coisa, é... né? E assim, ele tem o espaço que ele trabalha e aí ser tatuador tem todo um... Então foi todo mundo da família, foi a leva toda.

ENTREVISTADORA: Você gostaria de compartilhar alguma situação como exemplo?

UF3: Sim. Ah... quando existem é, obrigações espirituais e alguns irmãos é... É, a gente tem uma questão que é essa egrégora que a gente fala, é... houve uma chamada de alguns irmãos pra entrarem no buri, em um barco. E como funciona isso? Vai pra um... vai ficar um fim de semana sendo cuidado como criança pra trazer as entidades e tem uma equipe de trabalho e eu estava na equipe de trabalho deste barco. É... e a gente chegou cedo no local. Ah, e a lancha ia chegar depois, mas a equipe de trabalho chegou cedo. Dentro desse espaço já tem uma pessoa é que é a mãe pequena da casa, né? E tem uma outra que já tinha sete anos de feitura que a gente também considera, com esse grau máximo e elas estavam a nos orientar, né? Porque aí é limpeza, aí tem a cozinha, tem a comida do Orixá, tem a comida do de santo, tem a comida pra todos e é a comida mesmo, tem as cuias, tem um processo, né? E a gente já limpou tudo, limpou e dessa coisa toda, nós nos reunimos no espaço... é...

do Congá e fomos... é... alinhar mesmo, equilibrar nossas energias e falar: olha nós estamos aqui por esses irmãos que já vão chegar porque eles chegam depois e vão se recolher no quarto e toda a nossa energia tem que ser equilibrada. Não pode ter: ai, alguém. "Ai, pega aquilo." Nada disso. Você tem, porque tudo pode afetar. É tão sério que qualquer coisa, qualquer coisa que possa. Ai eu briguei com o fulano lá embaixo, pode acontecer de alguém lá em cima passar mal ou começar a vomitar, ter diarreia, febre, tudo, porque nós estamos trabalhando pra energia e o Ori deles. E aí a Yalorixá chegou chutando, gritando, em total desequilíbrio. E eu fiquei ali. Olha, demorou mais dois meses pra eu sair, mas ali eu olhei e falei assim: "não, tem algo muito errado. Isso não está certo" e ela ficou todo o tempo nesse, nessa energia. E assim, é a mãe de santo e gritava, se a gente decorando um coisa ela gritava e ela: "e não é assim". Então isso não tava legal. Eu falei: gente, não pode, por mais... quando você é líder, você não pode perder a pose. Você pode ter saído de casa brigado com marido, com filho, com cachorro. Você é o ponto de equilíbrio. E isso não foi só aquela vez, mas aquela vez eu estava diretamente envolvida e me atacou fisicamente, eu passei mal. É que eu tinha levado uns remedinhos naturais de calmante e aí quem estava comigo trabalhando ainda falou assim: "UF3, cadê os remedinhos? Vamos tomar." Eu falei: "mas isso não pode. Eu não posso entender por que isso." E passou, mas aquilo... naquele dia eu determinei, eu não fico mais, ainda fiquei por um tempo tentando também analisar, mas aí tanto é que eu cheguei a ter essa conversa com ela na minha saída. E falar: olha, tenho um grande amor, foi você que me colocou a mão no meu Ori, foi você que trouxe meu povo. Mas aquilo... porque como eu falei, eu gosto de ir na prática, não adianta eu dizer: ai eu estou chateada. Por quê? Ai, não sei, eu acho que você virou a cara pra mim. Eu não gosto dessas coisas, pra mim é o que... exatamente, eu gosto de dar nome aos sentimentos. E por quê? Por que aí eu consigo entender né? E aí eu conversei, tanto é que eu conversei com ela exatamente isso, ela chegou ainda a falar: "mas filha, por que você não foi até mim e me chamou e me acalmou?" Eu falei assim: "por grau." Porque dentro da umbanda a gente trabalha com graus, tinha pessoas com grau maior que o meu, eu não tenho acesso a uma Yalorixá se eu tenho um grau e tem alguém acima de mim, é a pessoa que tem que ir. Mas isso não é desculpa, não pode ser, não pode ser, foi uma das coisas... foi o pingo, né, naquele copo cheio. Teve vários, vários, mas aquele foi o que entornou e eu falei: por respeito à sua casa que eu vou chegar lá sempre com a energia de: ai, não quero tá aqui. Por respeito ao meu povo, eu não quero continuar, não quero.

ENTREVISTADORA: Foi lá que você aderiu à umbanda pela primeira vez?

UF3: Foi lá. Foi lá. Eu já tenho... desde pequena que eu tinha é, contatos com espíritos e tudo, mas aquilo era muito assustador e na adolescência, mas eu não conhecia a umbanda, eu não conhecia candomblé. Candomblé eu continuo sem conhecer, mas a umbanda eu não conhecia. Mas eu fui de outras religiões porque eu acredito que eu preciso conhecer, eu preciso entender pra saber se é aquilo. Pra mim, e eu já tinha é... então quando eu passava num outro espaço, inclusive aqui perto de casa, que é do Templo Guaraci, esse espaço. O Templo Guaraci, na verdade, é uma filosofia de umbanda que ele está no... fora do país. Ele levou a umbanda pra outros países, né? E pra todo o Brasil. Então assim, eu tomava passe num lugar e depois eu fui pra esse local, por conta de horário mesmo e eu sabia que a filosofia era a mesma. Então foi lá que eu é... entrei fiz o curso, compreendi, entendi quais eram as nossas responsabilidades enquanto médium. É, esperei um templo com muito cuidado pra realmente, se eu quero, se eu vou, mas eu incorporo, será que tem entidade? Não? Não sei. E aí vem, né, um processo meu. Foi assim, foi muito gradativo, não foi nada... uau, pá, chegou é, não. Foi primeiro muito aprendizado.

ENTREVISTADORA: O que te levou, a princípio?

UF3: O meu filho. Num primeiro momento é... meu filho na época... o meu filho, desde pequeno também, era outro que é pena que ele não está aqui. É... eu sempre chamava ele de velho. Com dois anos ele falava corretamente e ele via e ele tinha umas coisa que me assustava e ele estava assim comigo, os brinquedo dele ligava, aqueles brinquedos que só liga se for com a mão, então assim, tinha algumas energias que se manifestavam e aquilo... só que quando ele entrou, dos 14 pros 15 anos, ele começou a ter uma depressão, ele não dormia, ele não é, ele via um ser dentro de casa. É... um dia ele chegou a ver um índio e aquilo né, é assustador quando você não tem o conhecimento, então é, eu comecei a me preocupar e eu estava tomando passe em outro lugar só eu, eu não ia levar meus filhos, pra mim isso não... é, eu sempre respeitei porque a minha ex-sogra é da Igreja Universal, ela praticamente fundou junto com o bispo Macedo, então ela é totalmente bitolada naquilo e a umbanda pra ela é o demônio. Então eu não queria porque eles têm uma relação maravilhosa com essa avó, né? Então, quando um dia eu levei ele pra tomar passe no outro local e a entidade falou umas coisas

e disse que a luz dele era maravilhosa, que era de trabalho e tudo. Depois disso eu já estava nesse local e aí o meu filho, mas eu estava tomando passe. Eu ia lá, tomava passe uma vez ou outra e aí uma noite, foi uma noite inteira, ele acordado, mas eu não sabia, jogando. Aí eu levantei pra trabalhar e eu falei assim: “Gabriel? Ah, filho você passou a noite em claro?” Aí ele falou assim: “mãe, eu dei uma cochilada e aí quando eu abri o olho que eu vi que eu ainda estava vivo”, nossa, aquilo acabou comigo. Aí ele olhou pra mim e falou assim: “mãe, eu preciso de psicólogo”. Porque eu sempre ensinei meus filhos na hora do desespero é quem estuda que a gente procura. É quem tem o conhecimento, né? Você precisa de amigos, mas a gente tem que saber o momento de procurar uma terapia. Aí eu já fui no local que é uma ONG que eu sou uma das fundadoras e que lá tem uma área de psicologia que é pra atender a comunidade que não pode pagar muito, né? Então é um projeto que ele tem um valor social. E aí levei, mas eu falei assim: nós vamos tomar um passe. Você já tinha ido uma vez, então nós vamos cuidar do mental, mas nós vamos cuidar do espiritual porque a gente tem que cuidar mesmo. E eu levei ele no dia que a gente chegou lá estava tendo a inscrição pro curso de umbanda. Ele entrou, ele olhou e falou assim é aqui que eu vou ficar. E aí na época só podia por regra da casa desenvolver com 16 anos e ele estava de 14 pra 15 e aí a gente fez o curso juntos porque só pode desenvolver se fizer o curso, nós fizemos o curso, fizemos a imersão na mata e lá ele falou que queria desenvolver e aí eu falei que não por conta da regra. Ele ficou muito triste, aí quando veio a entidade da Yalorixá, cabocla, ela que dava permissão, aí ela chegou na frente dele, olhou e falou assim: “quem cuida desse pitoco?” Aí a médium que a gente passava, que trazia a cabocla falou: sou eu. Aí ela falou assim: eu prefiro ele dentro da minha casa do que na rua. Eu estou dando permissão de desenvolvimento pro pitoco. E ali eu falei assim, me enredei todinha, nunca mais. Porque aí ele teve permissão de desenvolver fora da regra da casa porque ele estava precisando por causa do espiritual dele. E aí ele no dia, na semana seguinte, ele veio preparado e ele incorporou o caboclo sete flechas e ele incorporou. Não é... a gente roda, a nossa energia quando a luz é assim, a nossa energia é densa a energia de um caboclo é de equilíbrio, de luz, então até ele acertar aqui é um desequilíbrio, é um roda aqui, é um cai, levanta, ele não, ele, a entidade fez, só que ele veio, eu olhei e falei assim, ai... E aí ele ficou e eu falei: eu vou ter que ficar também porque eu não vou deixar meu filho, né? Não, não vou. E aí a minha filha tinha nove anos, levei ela, estavam fazendo... ela nunca... ela não era batizada até então porque eu não tinha, eu não tinha mais busca de religião e aí ela deu o nome dela pro batismo lá, com nove anos, escolheu os padrinhos, chegou pra mim e falou: oh, mãe, só assina lá porque eu vou me batizar aqui. E aí ela foi batizada na umbanda e foi meu filho que carregou ela no batismo. Então assim, por eles, o meu chamado, eu falava: ah, talvez eu não... mas foi o que me fez. E aí eu vi meus filhos é, ele entrando em equilíbrio. Não, jamais vou deixar de dizer que a terapia fez uma grande contribuição com ele né? Eu fui conversar com a psicóloga é... sobre o processo dele e tal e, também o desenvolvimento espiritual. Aí ele já se apaixonou pelo atabaque, falou: vou tocar. Aí ele foi consagrado na pedra, porque dentro da umbanda, um Ogan, ele tem a função de abrir o canal espiritual pra vim as entidades, então é uma função que ele tem que saber e tal. Então com 15 anos ele também foi consagrado Ogan, foi né, tocou na pedra que a gente fala que é a pedra mesmo. Pra tirar som da pedra. Pra poder... Então isso me fez entrar e aí eu fiquei.

ENTREVISTADORA: Mas qual foi seu primeiro contato com a umbanda?

UF3: Meu primeiro contato com a umbanda foi em Fortaleza é... muito antes. Eu moro aqui há 35 anos, mas quando o meu mais velho, que tem 31, é nasceu, um ano depois eu fui pra Fortaleza. E a minha irmã tinha uma amiga que era mãe de santo e ela foi lá, ela ia lá em casa e às vezes ela fazia, ela trazia a entidade, uma preta velha tal, então a primeira vez que eu lembro que eu vi, é... foi lá ah... tem... meu filho tinha um ano, tem trinta e poucos anos é... que ela fez um banho num quintal pra mim e eu vi uma manifestação nas árvores que eu falei: meu pai, ou eu estou louca ou tem uma energia maior que a gente. Então ali eu tive esse contato, mas foi um contato e como é assim, meus sonhos muito... e eu jogava cartas, tinha umas coisas meio doidas assim de jogo de carta, intuitivamente. Hoje eu sei que tudo nós precisamos estudar. Tudo. Até por conta da própria energia que você manipula. Ela pode ser, se você não tem conhecimento, você pode estar manipulando mesmo achando que está fazendo o bem você está fazendo mal. Então, mas tem... foi por aí. Foi bem nessa época.

ENTREVISTADORA: E aí quando você voltou é... você teve um novo contato com... aqui em São Paulo.

UF3: É porque eu já é, aqui, quando eu voltei, eu tinha uma amiga que era da Umbanda, mas eles faziam... é um casal que fazia dentro da casa deles, é, algumas vezes e algumas pessoas toma passe. Então às vezes eu ia lá. Só tomar passe, né, é...

ENTREVISTADORA: Por quê?

UF3: Pra me sentir bem. E eu me sentia bem. A gente tem os chacras e um passe, ele é o equilíbrio dos chacras. Quando uma entidade... e às vezes era só porque eu não estava legal e eu ia lá e uma entidade, um preto velho, uma preta velha, só me acolhia. Então é, era uma necessidade de... e hoje eu vejo cada vez mais que muitas vezes quando a gente vai pra tomar um passe, a gente só quer um abraço. A gente só quer saber que está tudo bem. E às vezes a gente precisa que... até acreditar que um ser acima está ali dizendo: "está tudo bem." Então quando eu ia, era isso.

ENTREVISTADORA: Você mencionou que quando seus filhos eram mais novos você teve um período de busca, né, por religiões?

UF3: Até antes.

ENTREVISTADORA: Por quê?

UF3: Porque eu sou muito curiosa, porque eu sou... é... eu nasci na Católica, eu fui comungada, crismada, eu participei de grupo de jovens, na minha adolescência eu era de grupo de jovens. É... o fato de eu estar sempre em movimento, eu sempre fui muito militante, de fazer greve mesmo em escola, fazer as... então, eu sempre achava que tinha algo além. Que não podia ser só um plano físico. Então na igreja é... católica, eu tinha todo domingo e assim, como eu era do grupo de jovens, o padre ia fazer a missa, ele tinha que ver o grupo de jovens ali, a nossa cara tinha que estar lá na frente e a gente fazia é, peças de teatro da bíblia, é... porque eu era do grupo de teatro né? Então a gente fazia coisas e é... eu ainda sentia um vazio, eu achava tudo muito legal, mas algo não estava. Foi quando é, eu numa época e a minha família hoje uma boa parte é batizada na igreja de Jesus Cristo do Santo dos Últimos Dias, os Mórmons. Eu também sou. E eu sou exatamente nesse processo, eu estava de novo, sabe? Às vezes uma amiga falava assim: ai vamos é... assistir um culto. Vamos. Vamos assistir um culto. A minha sogra. "Ah! É vamos é... lá na igreja que é vamos assistir lá e depois o bispo fala com você, o pastor... as obrei..." ela era obreira, ela é obreira. Eu ia e eu, realmente, é... nunca vou dizer que é tinha algo de ruim, mas era vazio.

ENTREVISTADORA: Por que você acha que existia esse vazio?

UF3: Olha, eu não sei te dizer, talvez eu tivesse buscando algo que tanto tinha nos meus sonhos, como tinha na minha infância, que era a presença de um ser que vinha me ver e aí eu não sei se é esse vazio, se é esse... é porque assim, hoje é, eu estudei pra caramba. Ah... eu estudei várias coisas, a terapia holística, sou consteladora familiar, eu tenho, eu sou também mestre Reiki, então eu tenho vários, mas é... eu acho que quando eu estava fazendo pedagogia tinha uma coisa que eu achava fantástico que era que eu entendia que não existia uma verdade absoluta, que tinha uma área que a gente estudava os filósofos. Cada um vinha e trazia algo, mas debatia contra o outro, mas por que eu não posso pegar um pouco desse, um pouco desse, um pouco desse? Se faz sentido isso, mas aquilo já não é legal. Mas isso está fazendo sentido. Então por que que eu tenho que jogar tudo no lixo Então eu sempre buscava algo que preenchesse. Eu não sei que vazio é esse. Não sei. Hoje é... eu vejo bem assim é bem louco, uma vez eu li um meme e achei muito interessante, que a espiritualidade é o oceano e as religiões são os aquários. E eu sinto a necessidade de estar num aquário, mas tem hora que eu quero o oceano. E eu preciso estar num espaço que me dê esta liberdade de o meu momento de aquário e o meu momento de oceano, de sem fim. Então eu gosto disso e essa coisa de ficar limitada não é muito legal, não é mesmo. Mas eu tenho meus comprometeros espirituais, eu tenho o meu compromisso, mas é... eu acho que é assim é estar entre pessoas e poder... Eu nem vou dizer ajudar o outro porque eu não acho que é por aí. Cada um se ajuda. Mas eu posso contribuir com algo que o outro tenha pra ver. Contribuir o que ele vai fazer com isso e o que eu vou fazer com o que eu também tenho nas descobertas não, mas é um vazio que a umbanda me preencheu, fez sentido pra mim entender a criação, ela era esse monte de coisa aí, né?

ENTREVISTADORA: O que, exatamente, da Umbanda preenche o seu vazio?

UF3: Eu acredito é muito, muito, muito... teria que pensar muito sobre porque eu acredito que tem a ver com a conexão entre as entidades que vêm e que fazem sentido pra mim na minha caminhada. Então, o que preenche esse vazio? É eu saber que a gente é só uma passagem, é eu saber que isso aqui é só uma grande faculdade de aprendizado. É eu exercitar a misericórdia, a caridade, mas eu

acho que é mais exercitar algumas coisas de emocionais na nossa vida, ah... que eu nunca achei que eu tinha. Que eu não sou muito misericordiosa não (inaudível)... quem deve tem que pagar, caramba! Então assim, tem um Orixá que ela rege por misericórdia os que estão nas cadeias, os que estão... isso eu acho assim maravilhoso, não sou filha dela, não sei, provavelmente ela não ia me escolher, mas é esse preenchimento de saber que é... tem coisas que às vezes ia... no meu trabalho ninguém... eu tenho muito, assim como as outras pessoas falar: eu sou da Universal ou fazem questão de falar e eu acho isso lindo. As pessoas que são das religiões de matriz afro, elas têm vergonha, têm medo e eu, em qualquer lugar que eu trabalhei, trabalhei em grandes instituições, eu nunca deixei de me posicionar se perguntar do que eu sou: umbandista. E que isso não faz com que eu fique amarrando a boca do sapo, até porque eu tenho horror a sapo. Mas eu sou umbandista. E a minha religião prega a caridade, a misericórdia. Mas ela não prega, é prática... é a prática. Então quando eu aprendi que eu não sou médium dentro daquele lugar, só naquele dia que eu estou linda maravilhosa recebendo a entidade, porque a entidade já é de luz. Eu sou médium quando eu estou em algum lugar, quando eu estou no meu trabalho e vejo que tem uma pessoa da minha equipe que não está bem e que ela... que eu posso chamar ela pra sentar e falar: vai ficar tudo bem e eu posso dar um copo d'água pra ela e ouvir se ela quiser falar, o que que está acontecendo, senão eu respeito, eu legitimo a sua dor. Mas, não, força, vamos. Então, eu aprendi em várias coisas, mas a umbanda me faz ter essa... esse olhar. E uma coisa que eu sempre fui muito questionadora da bíblia e a nossa umbanda são as matas, são as plantas, são os bichos, são os elementos, é o mar, é o vento, é as cachoeiras, tudo que foi construído pra nos dar um mundo bom, né? Então assim, ah... quando eu uso, é, aprendo que eu preciso preservar as matas, eu preciso é, estar no mar e não deixar lixo nele. É o respeito que eu tenho ao mar. A gente faz trabalhos de mar, mas a gente não leva lixo pro mar, muito pelo contrário, a gente quando está lá, a gente limpa até os que os outros deixaram, a gente leva os sacos pra sair limpando, porque a gente sabe a importância que é isso. Então eu acho que essa conscientização da natureza é, me ajudou muito, muito a amar os animais é... a saber que eu posso é... apenas ajoelhada fazer uma oração e ficar bem, né? Então eu acho que esse preenchimento... eu acho que o vazio sempre vai existir no ser humano, né? Tem um pouquinho sempre, sempre vai ter, nada, o dia que for perfeito, o dia que eu não tiver nada pra reclamar, morri. Eu sempre falo: gente, se eu não questionar alguma coisa, se eu não disser assim: eu preciso entender. Eu morri. Por que é pra isso que a gente está aqui né? Pra provocar.

ENTREVISTADORA: E na umbanda a que você era mais apegada? Inicialmente, antes do afastamento?

UF3: O que eu era mais apegada? Assim, pra mim, era incorporação porque é plena, porque é plena mesmo, é... eu posso dizer o que eu não gostava, porque é muito coisas. Não gosto de ficar acampando no mato, não gosto de mosquito me picando, eu acho que devia ter uns cantinhos com ar-condicionado. Todo mundo me chamava, me chama de umbandista Nutella.

ENTREVISTADORA: E como que você conseguia superar todas essas adversidades?

UF3: Eu acredito que tem a fé. Eu consegui, eu tenho trauma de sapo. Calma, eu tenho mais que trauma, eu desmaio, porque eu tive um trauma anterior que meu irmão lá em Fortaleza jogou um sapo em mim e eu desmaiei, depois daquele dia, eu era criança, o sapo pra mim, se eu via uma imagem de sapo ou eu começava a berrar, gritar, enlouquecer ou eu desmaiava. Então eu já tinha uma fobia, já tinha um processo. E a gente ia pra um sítio que tem a cachoeira tal, que a gente acampava, porque lá não tinha estrutura, então tinha que levar barraca, em épocas assim não, né? Em julho tal, tem sapo. E eu sempre pedia: não deixa eu ver sapo não, falava pro povo lá da minha cabeça, eu falava assim: não deixa eu ver sapo, por favor, porque eu vou quebrar a camarinha, que a gente fala, eu vou quebrar a egrégora, eu vou quebrar tudo. E aí, um dia eu estava é... sendo cota da mãe de santo que é a que cuida, pra atender as entidades da Mãe de Santo, eu sou muito boa em registro, então eu registrava muito bem é... o que as entidades falavam e depois eu passava, praticamente eu tenho um livro de todas as orientações, de tudo. E aí eu estava levando, era muito distante, a casinha daqui pra outra e eu tinha que levar umas coisas e tinha um sapo no meio do caminho e eu tive que pensar entre jogar as coisas da Mãe de Santo, sair correndo e dizer: vou embora daqui. Ou olhar e dizer assim: não, você é só um bichinho, desde que não venha pro meu caminho, é só um bichinho. Foi um choque que eu me agarrei, respirei fundo, aí ele pulou mais um pouquinho pra mim e eu falei: vou morrer. Aí ele virou e saiu e mais dois pularam atrás dele. E eu fui. Cheguei lá que é a Mãe de Santo, olhou falou assim: filha, você está branca, branca? Tinha três sapos ali no caminho. Ai filha você conseguiu passar por eles. Ai, só que depois disso eu não tive mais medo de ir. Eu não gosto, eu ainda tenho medo, mas eu

comecei a pensar, porque o sapo é... ele é de entidades também, as entidades elas têm isso. Então essas coisas eu fui quebrando. Aí você gosta de ficar no mato? Não, não gosto. Não gosto. Porque tem bicho, mosquito, tem tudo, mas quando entrava na sintonia do espiritual nada daquilo fazia sentido, só o que a gente tava fazendo ali.

ENTREVISTADORA: E quando a gente pensa em adversidades, dificuldades da vida mesmo cotidiana. É... a quem você se apegava quando você passava por algum tipo de dificuldade a quem você recorria?

UF3: Normalmente a entidade que eu camboneava, né, por muito tempo fui cambona das entidades do meu companheiro. Então eu falava muito com o Caboclo. É... pras orientações.

ENTREVISTADORA: Quando você diz camboneava...

UF3: É que é... você fica do lado da entidade aí ela vai atender os assistentes e aí pode acontecer que a entidade está falando uma coisa e o assistente não está entendendo, então o cambona, além de registrar o que é solicitado, banhos, é... velas e tudo mais, também explica o que a entidade quer dizer é... pro assistente. Mas depois eu descobri que eu recorria dentro de mim. Eu acessava em mim ah... todas as entidades que eu carrego. Então assim, é, eu acesso e como na umbanda as entidades trabalham em vários né, se eu precisava das questões de trabalho eu pedia mais pra minha baiana, mas eu sabia que os outros iam estar junto pra ajudar. Então, quando eu comecei a ficar como médium de passe e atender né, trazendo as entidades, é... eu vi que às vezes eu nem... às vezes eu chegava e eu estava com problemas, porque problemas a gente tem, e a entidade vinha atendia e depois falava algo pro cambona. Às vezes eu nem pedia porque quando a gente vai incorporar se a gente quer que tenha alguma coisa fala pro cambona: fala com a entidade, é... pergunta se eu posso isso né? Por exemplo cortar cabelo, só corta se a entidade permitir, porque está mexendo na cabeça e dependendo da mão que vai passar na sua cabeça né, e pintar cabelo, mas pra além disso. Olha, é, pede pra entidade trabalhar pelo meu é... pela parte financeira, pela parte... porque... pelo meu trabalho, pra eu conseguir um trabalho, mas às vezes eu nem pedia. Eu nem nunca precisei.

ENTREVISTADORA: Tinha uma entidade que você era mais apegada?

UF3: Eu não vou dizer que tem, porque assim, a umbanda nós temos sete linhas, né? então o Babá de Ori é um caboclo ou uma cabocla né, que é regido por orixás, que trabalha com a linha de orixás e aí vem preto velho, preta velha e aí vem baiano, vem marinheiro é... vem as crianças e sempre é a linha de frente que é a entidade que nos rege que é o Caboclo ou a Cabocla a quem você... ela é o seu... eu digo ela porque tem uma cabocla tudo bem? Quem está vindo agora é o rumo mas é só um tempinho. A cabocla está de férias. Eles têm férias de mim. Mas é... pra eles que eu recorro. Agora tem uma entidade, porque assim, quando a gente entra na umbanda, a primeira coisa que a gente desmistifica é o demônio. Porque a umbanda não tem demônios. Nós não temos demônio, nós não cultuamos demônio e muito menos buscamos demônios, a gente não chama demônio pra nossa vida. É... nós temos entidades. Ah, porque que você fica gritando o nome dele ele vem né, que é muito massacrada no Brasil que é um grande orixá que é Exu. E que é o primeiro e que ele e ela que é a Pombagira, são os que estão próximos a nós. São os mais próximos. A primeira entidade que se conectou a mim foi a Pombagira. Foi... é, não precisei rodar nem nada disso, ela veio e aí é interessante porque eu já tinha estudado muito sobre isso né? Que é um orixá muito cultuado na África e que aqui, por conta da cultura, quiseram criar um... todo um... uma mistificação de que eram demônios e eles não são, eles são os que vêm pra limpar o lixo. Então o que uma entidade de luz não consegue fazer é acessar o fundo, fundo, o fundo, o fundo da escuridão pra tirar teu lixo. Eles conseguem, eles são aqueles que vêm pra tirar o lixo, então essa limpeza que eles fazem na gente, porque nós carregamos lixo da vaidade, do ego. Então a umbanda me ensinou e isso é uma coisa que hoje eu estudo muito em outras áreas que não é espirituais que assim, se eu conheço a minha escuridão, eu consigo acessar a minha luz e viver bem. Então eu aprendi isso na comunicação não violenta, mas qual é a minha escuridão? E como eu acesso ela, né?

ENTREVISTADORA: E quais... você, se você se aderiu pela sua preocupação também com o seu filho, né? Na época.

UF3: Sim.

ENTREVISTADORA: É... e quais eram as circunstâncias na sua vida quando você se afastou? O seu filho já tinha se afastado, né?

UF3: Já.

ENTREVISTADORA: É... você tinha é, vivenciado, observado a todas as questões de comportamento lá dentro, mas e a sua vida, como ela estava nesse período?

UF3: É, financeiramente assim eu estava desde a pandemia sem trabalhar é... mas eu sou uma pessoa muito precavida né? Eu fico, mas eu tenho minha estrutura que eu sempre... e a minha irmã na UTI. Tendo que buscar minha mãe em Fortaleza, que morava com a minha irmã que estava na UTI, colocar a minha mãe aqui com mobilidade reduzida, né? Andando de (inaudível)... A minha mãe tem... fez 89 anos agora, ela tava com 88. É... totalmente, na verdade, a minha vida, quando eu me afastei, é o que a gente pode chamar assim de cabeça pra baixo. Eu estava acessando toda a escuridão que eu tinha e que eu não tinha. Assim, vivenciando um escuro, vendo a minha irmã partir, porque eu fui lá fui na UTI, sabendo que ela ia partir, tudo mais. Trouxe minha mãe, minha mãe chegou aqui e disse: eu não quero ficar aqui, eu não quero, eu não quero, quero voltar pra minha terra. Então assim, era uma questão que eu falei assim: eu acho que eu... se eu sobreviver a isso, caramba, só que assim eu não parava de entrar ali, de bater cabeça, de fazer meditação, de fazer assentamento, de defumar, de fazer todo um processo que pra mim fazia sentido, né?

ENTREVISTADORA: Quem mais te deu força pra esse período? Meus sentimentos pela perda da sua irmã.

UF3: É foi é um casal de amigos umbandistas. Um casal de amigos que também saíram. Eles, principalmente ela saiu, mas ela tinha sido massacrada pela Yalorixá. Tinha sido exposta, humilhada na frente de todo mundo. E é uma pessoa incrível, incrível, uma mulher incrível. E eles me deram toda força. É... todos os dias estavam aqui segurando na minha mão e falando: vamos rezar, vamos orar, porque vai dar tudo certo.

ENTREVISTADORA: E hoje vocês estão juntos?

UF3: Estamos. Estamos porque nesse processo foi quando saímos, saiu junto um casal, né? Que ela é a psicóloga da minha filha e era do terreiro também. A gente tinha muita afinidade. E tínhamos muito aquilo: tem algo muito errado. Não pode ser assim que se trata o outro. Nenhum poder. É... o poder, ele tem que ser de sinergia e não de opressão né? A liderança, ela tem que ser sinérgica e não opressiva. E a gente estava com isso. E essa pessoa, né? O rapaz, não esse casal. É o outro casal. Ele já tinha o chamado pra ser pai de santo. Porque alguns médiuns recebem por alguma entidade esse chamado de: olha você tem que abrir sua casa e ele já tinha sido chamado. E aí nesse processo ele falou: eu vou abrir. E uma outra amiga estava junto, né? Saiu de lá e foi uma leva bem grande mesmo. E foi junto. E eles começaram assim, dentro do apartamento deles fazer os trabalhos. E eu estava é... nesse surto aí de tristeza de quase luto, porque eu não sabia o que ia acontecer e eles estavam fazendo os trabalhos pela minha irmã. Esse casal que abriu o terreiro agora em abril.

ENTREVISTADORA: E nesse período você...

UF3: Não estava....

ENTREVISTADORA: Não estava?

UF3: Não. Não estava, não estava indo em lugar nenhum. Não queria não me... eu não tinha nem estrutura naquele momento pra pensar em nada. A verdade que eu não estava pensando em nada. Só uma dor muito grande. Muito porque muito porque essa minha irmã é a irmã mais velha, ela me criou, chamava ela de mãe e toda vida ela foi minha companheira, minha melhor amiga, tudo, tudo, a minha lembrança que eu tenho de trajetória de vida era ela me segurando na mão e me levando pra escola. Era ela fazendo as atividades comigo. Tudo era minha irmã.

ENTREVISTADORA: O papel dela foi mais importante o do que o dos seus pais na sua infância?

UF3: Não diria que mais importante que dos meus pais. O mais importante que o da minha mãe, que era mais na dela, o meu pai não, meu pai sempre foi, eu sempre fui a filhinha do papai, então eu tinha a figura masculina dele pra mim sempre foi fundamental. Mas quando eu olhava pro outro lado era a minha irmã e foi essa irmã que eu perdi. Foi... tanto é que as filhas dela são as mais apegadas a mim por conta da relação que eu tenho com ela. As minhas sobrinhas, uma das filhas dela é médica, a outra é biomédica. Bio... é que faz vacina. Eu nunca sei se é biotecnóloga ou é biomédica, médica, alguma coisa assim e é a enfermeira também. Tudo da área da saúde. E elas vinham, ela me ligava, falava: tia UF3, tá assim. Um dia antes da minha irmã partir, uma noite, ela me ligou e falou: olha tia UF3, minha mãe começou as despedidas, ela não volta mais. Só que ela ficou de 102 dias em coma, ela não voltou em nenhum momento, mas aí quando foi parando tudo eu fui avisada na noite antes. Ela faleceu às seis da manhã, a noite antes a minha sobrinha me ligou e falou: "tia UF3..." e aí ela me ligou estava esse casal de amigo aqui. Então, quando foi, eles começaram a trabalhar pra abrir esse templo, eu não tinha nenhuma vontade de pensar em ir pra lugar nenhum. Não tinha, e aí se você me pergunta o que te deu vontade? Foi a minha filha. Quando no outro foi meu filho, foi ela. Ela estava no processo desenvolvendo, estava já trazendo a entidade, a Cabocla, e ela tinha parado junto comigo, porque ela é minha parça, minha companheira em tudo. E aí eu tinha... não tinha interesse de ir, mas eu estava dando... assim, eu estava super ali pessoal estou muito feliz que vocês estão nessa caminhada, nessa trajetória e esse casal que hoje é Yalorixá e Babalorixá do terreiro, é... me ligavam: como é que você está, a gente fez aqui o trabalho, a entidade veio. Nós estamos fazendo tudo pela sua irmã espiritualmente pra que, se o caminho dela for a despedida, que ela tenha... se ela... que ela seja encaminhada pelas entidades, que eles carreguem ela e todo um, né? Então eu, nesse processo, aí a minha filha falou assim: mãe, mas eu quero ir lá pro terreiro de sonare porque a Yalorixá de lá era psicóloga dela, né? E ela tem o maior amor por ela. E aí eu falei: ai filha, sério? Porque eu tinha recebido o convite... na verdade eu recebi o convite da minha amiga e eu falei assim: não, não vou, não vou, eu não quero ir mais pra lugar nenhum. Nesse momento eu não tenho interesse. Ai é muito cansativo, é muita responsabilidade. E aí tem que se dedicar no mínimo duas vezes por semana e aí eu não sei. Sabe, dormir tarde um dia na semana, cansada e não sei o que... não, não quero não. E eu tinha realmente tomado essa decisão.

ENTREVISTADORA: Quanto tempo você ficou afastada?

UF3: Eu acho que três meses. Não demorou muito.

ENTREVISTADORA: E quando que a senhora decidiu realmente é... começar a frequentar o templo?

UF3: A minha irmã já tinha partido e eles estavam iniciando, ainda num outro espaço ainda não tinham alugado um canto fixo como tem hoje e eu... foi que a minha filha veio e falou assim: mãe se eles estão lá, porque que a gente não vai? Aí eu falei assim: você quer ir pra lá? Ela falou, quero. Aí na hora que ela falou isso eu peguei o telefone e falei: você me aceita na sua casa? Ele falou: filha, você é muito bem-vinda aqui, sempre foi. Aí eu fui e aí esse casal de amigos que tinham se afastado também é... por todos os motivos também, eles saíram muito, muito machucados de lá, a gente teve muita gente que saiu muito machucada, eu digo que eu não saí machucada porque eu saí a tempo de não ser machucada, de não ser apontada, então... E aí eu falei pra eles, né? Ah, vamos! Não! Não, UF3, pode esquecer, nós não vamos não, eu não vou, eu não vou, principalmente a mulher, a mulher dele. A P. dizia: "não vou, não quero, não vou. Aí eu falei: amiga, a tua entidade, ai a tua cabocla, ela é xamã, lembra?" E ela: "não UF3, eu já fui machucada demais, eu tô com trauma." E aí depois ela... a gente foi almoçar com eles e aí eles resolveram ficar lá.

ENTREVISTADORA: E você sentiu alguma diferença na sua vida depois que você retornou?

UF3: Sim. Sim. A primeira foi um processo de primeiro, me sentir em casa, acolhida, é... eu tenho uma energia que rege a casa feminina e uma masculina, esse equilíbrio pra mim faz todo sentido como terapeuta é... eles têm um olhar humanizado, eles têm um olhar de muito amor e eu estava... eu tinha dado um tempo mesmo pro trabalho não que eu: ai, nossa, eu tenho grana, não. Mas eu falei: nossa, eu não sei. E aí foi o tempo que eu estava fazendo vários, né? Formações terapêuticas, fiz alguns atendimentos, mas ainda estava nessa, fiz alguns atendimentos, mas tal. E aí foi, passei com a entidade da mãe da casa lá, a cabocla Manauara, que é uma cabocla de lemanjá e falei né? Que eu estava em busca né, de... agora eu tava em busca de emprego, né? De ter um, eu precisava, nem que fosse por algum tempinho. Aí ela pediu pra fazer uns trabalhos, né? É normalmente sempre os trabalhos são feitos, sempre regidos por quem rege a nossa coroa, né? A minha coroa é de Ogum com

lansã, bem, bem tranquilo é fogo e vento, vento e fogo, ninguém nunca sabe quem está, mas bem tranquila sai ventando quebrando e aí ela direcionou pra Boiadeiro. E eu fiz os trabalhos e depois baiano. E nesse processo de trabalhos que eu estava fazendo que, é... inclusive, nesse processo de trabalhos um deles a vela de sete dias ficou do lado da minha cama indo lá, eu tive o contato com a minha irmã pela primeira vez, espiritualmente ela veio e eu fiquei mais... o luto ou a saudade ainda é forte, mas saber que ela está bem foi a melhor coisa. E aí eu mandei um currículo, eu vi no Facebook: ah, estamos procurando supervisora pedagógica prum projeto tal, tal, tal, nem sabia pra que era, tinha o de gerente do projeto e eu tenho, né? É eu era gerente de Sedesp. Mas eu falei: ah, não, é muito... muita dor de cabeça. Eu vou mandar isso. Não sei o que aconteceu, manda. Foi o único currículo, eu não... eu não fiquei mandando currículos, quando eu fiquei dois anos sem nada, eu falei: não, não quero. Nesses dois anos eu ia pra Fortaleza, ficava lá com a minha irmã, curtia. E aí quando eu falei: não, agora eu vou, porque eu pedi pra entidade me ajudar, abrir caminho: eu só mandei um currículo pra um lugar, aí me chamaram, me chamaram. Fui pra entrevista, não achei que ia ter algum resultado, né? Sabia que era um programa na prefeitura e um projeto da prefeitura, os povo da prefeitura, não é desorganização, eles querem aparecer a qualquer custo e acaba quebrando quem está fazendo acontecer. E aí eu falei: não, beleza, estou precisando de grana né, gente? Vamos lá. Aí me chamaram. Num prazo assim de 15 dias depois, eu até falei com a cabocla.

ENTREVISTADORA: Isso faz quanto tempo? Há quanto tempo você retornou?

UF3: Eu retornei em março do ano passado.

ENTREVISTADORA: E como é? Como você avalia a sua... é, seu envolvimento nas atividades religiosas em comparação ao período antes de se afastar?

UF3: É, na verdade eu tenho hoje, eu sou uma das bases do templo atual, então é, o meu envolvimento eu sou uma cota, eu faço parte da equipe que cuida dos laôs, eu tenho uma responsabilidade, eu e mais alguns, nós estamos indo pra uma feitura pra trazer Orixá pra consagrar e o casal escolheu, eu sou uma das que foi escolhida, inclusive pela minha abordagem, saber lidar com o outro. A gente é um templo escola. Então vão ter cursos a partir do próximo ano e eu vou ser uma das que vai fazer algumas formações, eu vou fazer mais as formações socioemocionais, algo que é mais da minha, né? comunicação não violenta, é uma coisa que eu amo fazer, e assim, foi bem interessante, porque a gente está nessa estrutura e aí você tem é... a primeira chamada que eu recebi foi pra ser Equede. O que é Equede? A Equede cuida das roupas de santo, a Equede se preocupa se os médiuns estão com roupa suja, qualquer coisa tem que... ela cuida disso e das comidas e de toda a parte de comidas ritualísticas. E eu cheguei a falar com a Yalorixá e falei assim: eu acho que eu não sirvo pra isso não, vou tentar. E é realmente, eu falei: eu queria estar, quando tem essas é... essas camarinhas, esses retiros, fica um grupo separado, sendo cuidado pra ir pra o... alguma é... pra alguma ordem né? Grau. E aí eu ficava mais com eles saber se estavam bem, se tinham água, eu estava cuidando mais deles do que... aí depois ela chegou pra mim e falou assim: você quer ficar cuidando das pessoas né? Eu falei: é, é isso. E assim não precisa dar título não, não precisa de nada disso. Precisou eu estou ali. Então hoje, toda terça que tem gira, eu saio do trabalho e vou pra lá. Eu não fico na corrente na terça, eu fico lá na frente, eu converso com os assistente, eu explico a importância do passe, eu falo da importância da energia que eles carregam, eu falo da importância deles estarem ali e que... pra eles irem mentalizando, eu explico projetos que a gente tem já sociais, né? Como que funcionam, então eu fico sempre ali na, como as meninas dizem, palestras. E se alguém né? Espreitar ali na frente, eu dou uma segurada pra saber se é energia mesmo ou se é mental, mas é... hoje eu faço algo que eu amo fazer.

ENTREVISTADORA: E como foi pros seus amigos e pra sua família essa adaptação, você ter voltado?

UF3: Na verdade num teve nenhum impacto nem na saída nem no retorno. Pras pessoas que estão no outro, houve algumas questões que eu acho que são intrigantes porque a própria mãe de santo da outra casa não aceitava a ideia de que um filho dela saiu pra abrir um terreiro. E eu acho que ao contrário, o filho... "vai meu filho, eu te ajudo." Então a gente foi bem massacrado, houve... foi uma guerrinha desnecessária, então alguns que eu achava que eram amigos fora disso, meio que... mas eu sou muito, eu não gosto nem de ficar em telefone, então pra mim... Agora, minha família, a minha família é toda de Fortaleza. Desde que eu tô na Umbanda, alguns no primeiro impacto viraram as costas, porque além de ser umbandista, eu ainda me relacionei com negros. É, teve um irmão meu que me virou as costas, louco de pedra, né? Totalmente, que é um racismo desnecessário, né? Mas é

um povo besta. Porque é, eu entendi que foi a forma que ele foi criada e ele estava com uma mulher que era de outra religião então ela fez também um bom movimento. No primeiro momento, quando a gente foi pra lá, a gente não pôde ir pra casa da mãe porque ele estava lá e ele não deixou.

ENTREVISTADORA: E seus pais?

UF3: Então, meu pai partiu já tem bastante tempo. Ele tinha só 57 anos. A minha mãe... a minha mãe é assim. "Ah, minha filha eu gosto desses negócio." É me dá uma ervinha aí e vamos tomar um banho de erva. A minha mãe nunca se... mas ela pela idade né? É, quando eu entrei pra umbanda que eu fui lá e eu nunca fui de dizer eu não sou, quem me acolheu foi a minha irmã, que partiu, vem aqui pra casa e traz o Daniel e assim, quem você escolhe é escolhido meu.

ENTREVISTADORA: Você acha que, olhando pra trás né, lá na sua infância, é, você sentiu falta da sua mãe ou você sente que a sua irmã preencheu bem essa lacuna?

UF3: Olha, eu vou te falar é... que hoje, pensando na constelação sistêmica ninguém nunca deve tomar o lugar do outro, a presença, a mãe é... sempre vai ser maior e eu tenho que reconhecer isso, eu senti a falta dela? Sim. Tanto é que quando o meu pai partiu é que eu lembrei que eu tinha mãe. Ele partiu eu tinha 24 anos. É que eu olhei e falei: nossa eu tenho uma mãe. Só que a minha mãe ela não preencheu a lacuna de me acompanhar pra escola, de porque ela estava tendo outros filhos, porque é uma vida lá no Ceará e todo um processo aí, mesmo em Fortaleza que é a capital, era... ela foi criada pra ser dentro de casa aquela que faz a comida, sabe? É uma questão ainda muito cultural. Mas depois que eu fui trabalhar dentro de mim, fazer minhas análises e de dizer assim é... que eu sentia que eu rejeitava a minha mãe, que ela nunca me deu um carinho. E isso, pra mim, era muito difícil de entender. Eu não entendia. Meu pai me preenchia completamente, minha irmã estava ali. Por que que ela não? É... e aí a gente vai aprendendo cada dia, né? É... buscando lá nesse processo, nesse processo, fazendo uma constelação, eu num me autoconstelo, né? Fazendo... uma outra pessoa fazendo, foi que eu percebi que assim, a primeira rejeição da minha mãe comigo foi na barriga, quando ela ficou grávida e por quê? Porque eu liguei pra ela logo em seguida, foi agora recente não deve ter nem um mês dois meses talvez. Liguei e falei: mãe... ela pega o celular e põe aqui, né? Eu fico vendo só o óculos dela. Eu fico brincando: mãe, teu óculos tá novo, né? Comprou agora? É por isso que quer me mostrar? E aí eu falei assim: mãe... ela tem uma memória muito boa. Falei: mãe... até por um processo, quando eu nasci, quando a minha mãe ficou grávida, dois anos antes a minha mãe tinha perdido gêmeos, só que ela perdeu de uma forma tão cruel, ela quase morreu junto. No hospital, ela começou a abortar as crianças de nove meses. Eles estavam mortos. E ela foi jogada no quatinho de morte. Ela fala assim que era sangue, sangue, ela já tinha perdido todo sangue do corpo, e aí ela só escutava lá de longe as enfermeiras. Não, essa daí está aí pra morrer. Já tinham arrancado as crianças de uma forma assim. Imagina que eu tenho 55, eles teriam 58. Então imagina o trauma que ela viveu e aí, dois anos depois ela fica grávida, um ano depois talvez. Só que eu só vim perceber isso no meu autoconhecimento. Falava: não, porque assim, minha mãe me ensinou a honrar a vida, minha mãe me ensinou a ser grata, minha mãe me ensinou a tomar todas as ervas, eu não tinha água dentro daquele pote que a gente tomava água, eram ervas. Eu tenho 55 anos, eu faço os exames periódicos, eu não tenho nada. Eu passei pela menopausa há dois anos, eu não tenho nada. Eu tenho que agradecer minha mãe por tudo isso, é claro que é um processo. Porque no começo eu senti muito não ter, às vezes, a fala dela, mas depois e aí quando eu falei: mãe, quando a senhora ficou grávida de mim a senhora ficou com trauma, né? A senhora ficou com medo não ficou? Ela falou: fiquei, por causa dos gêmeos.

ENTREVISTADORA: E UF3. É... você sente que todo esse contexto teve algum impacto na sua vida? Inclusive...

UF3: Com meus filhos, com certeza. Porque eu nunca fui, eu não sou uma mãe carinhosa. Não sou... eu sou aquela assim, o meu carinho é: está alimentado? Comeu? O que que você quer comer? Tem que estar bem. E eu sinto que tem a minha essência que também é assim, é muito de guerra, muito de ir à luta, de fazer... e assim, meus filhos foram criados e eu viajando com projetos sociais e tudo. Mas tem também um lado que é o que eu não tive. A parte feminina eu não tive. É, por parte da minha mãe, então eu, ao assumir um papel de mãe, eu reproduzi um pouco dela. E isso é uma coisa que eu acho que é sempre impacta né? Sempre tem é essa... e essa insegurança. Por muito tempo eu tinha insegurança de ser quem eu sou, de fazer as coisas que eu aprendi com a vida. Então eu acredito que tenha sim um impacto. Não tem como. Mas ela me ensinou que a vida, ela é... nós somos puro espírito e eu acho que isso é a parte dela mesmo.

ENTREVISTADORA: É, você sente que tinha algum tipo de insegurança nas suas relações?

UF3: Com certeza. Com certeza.

ENTREVISTADORA: Como?

UF3: Eu acho que... não sei se a insegurança fazia eu doar demais e ganhar de menos e até se doar demais tinha a ver com o que eu vi que a minha mãe, que só ela se doava. E eu mesmo falando: tá errado. Ficou no inconsciente e essa coisa de se doar, de dar até o que não devia, e aí descobri... e você sabe que é interessante porque eu tenho uma entidade que ela fala muito isso, ela fala muito pros outros, fala diga pra ela, a vida é de equilíbrio. Você dá um pouco pro outro, você só dê o próximo quando o outro te der de volta. Porque senão você começa a alimentar demais o outro e vai acostumar. E aí sabe o que vai acontecer? Um dia você vai acordar cobrando o que ele não te pediu. Mas o que ele te deu? Nada.

ENTREVISTADORA: É. Nas suas relações, você é já teve medo de rejeição?

UF3: Rejeição é a palavra que mais me assusta. Sabe, tem uma coisa, hoje eu estava com essa minha amiga que é psicóloga e a gente estava lá no mesmo tretando? sobre algumas coisas e eu falando assim: mas eu quero reconhecimento. Ela falou UF3, não faz teus planos baseado no outro. O querer o reconhecimento é exatamente porque a rejeição sempre foi algo que me assustou. E quanto mais eu tinha medo, mais eu sentia que eu era rejeitada. E realmente, eu acho que é uma... é um sentimento que eu ainda tenho que trabalhar muito dentro de mim, porque aí eu fico criando a expectativa no outro, porque a rejeição parte do outro não me querer. Mas se o outro não me quer, é um problema dele, não pode ser meu. Alguém há de querer né, na relação, na amizade. E eu entrei nesse processo de estar sempre buscando um reconhecimento nos outros pra mim. E aí quando isso acontece é porque eu tenho medo de ser rejeitada. E a rejeição, ela é perversa, porque ela é um processo, né? Mas eu tenho ela. Tenho. Ainda é um bichinho que eu não quero mais alimentar, mas ainda estou trabalhando, né?

ENTREVISTADORA: E como você tem trabalhado? O que que você acha que mais te ajuda?

UF3: Eu acho que tem a ver com a busca quando eu sinto de dar nome ao sentimento e dentro desse sentimento... É... a comunicação não violenta ela parte do princípio de você buscar dentro de você, e não no outro, essas afirmações, né? Então quando algo no outro vem pra mim e eu estou incomodada, é, a prática que eu faço é que eu caminho, eu adoro caminhar, então eu vou daqui até o metrô trabalhar. Eu pego o metrô, eu não pego ônibus. Vou caminhando. Porque eu preciso ir digerindo e eu vou pensando. Nossa, a fala de alguém machucou. Por quê? Eu preciso saber por que, eu preciso saber por quê. Então eu sempre procuro dialogar comigo. Eu chamo que é a minha esquizofrenia. Eu tenho a vozinha interna. Então eu vou trabalhando isso em mim, é... por quê? Quando eu identifico que aquilo foi um sentimento, então tem uma necessidade minha que não foi atendida. Aí eu começo a buscar. Que necessidade eu tinha naquele momento que a pessoa me machucou, me deixou triste? Que não foi atendida? A maioria das vezes é porque não foi explicitado tudo que eu já fiz, então eu estou querendo reconhecimento por ter ajudado, por ter estendido a mão. E isso é uma coisa que eu tenho que lidar comigo, né? Eu até brinco, eu falo assim, às vezes é o ego, né? Quem não gosta, né? De um parabéns, mas eu preciso eu ter em mim esses parabéns. E assim, saber eu sei, acessar isso pra quebrar tudo isso aí ainda é um processo. Não sei se eu vou estar viva quando acontecer, mas...

ENTREVISTADORA: E aí quando o assunto é proximidade nas relações, é... você se sente preocupada, em algum nível em perder proximidade?

UF3: Não entendi.

ENTREVISTADORA: Você se sente... você tem algum tipo de ansiedade quando você está nas suas relações, de perder é, proximidade, intimidade com a pessoa?

UF3: Aí já é uma coisa que eu teria que pensar. Talvez eu tenha é... porque assim, por exemplo, as minhas amigas, eu sou a amiga mais ausente que se faz presente, se precisar de mim agora, vem agora. Como recentemente uma amiga tava precisando, fiquei até quatro da manhã com ela, a gente tomou uns café, fomos na casa da outra e ficamos... mas é... eu não sei, se a pessoa não me procura, eu não procuro

ENTREVISTADORA: E nas suas relações é, mais próximas?

UF3: Em relacionamento?

ENTREVISTADORA: Em relacionamento.

UF3: Eu sempre tive muito medo de perder. De perder. Isso é uma coisa assim. Eu sou ciumenta, eu sou apegada. esse... o desapego é um processo que pra quem é muito apegado é muito doído, tanto é que eu faço um processo de desapegar das coisas, porque eu me apego. Estava até falando com essa minha amiga hoje, a minha capinha do celular tá... eu tenho uma nova, aí eu falei: eu gosto tanto da minha capinha, eu tenho ela aqui ó, e aí ela me dá um suporte, eu gosto tanto dela eu olho pra ela, falo assim: ela me ela me traz, é... tem dois anos comigo, como que eu vou fazer isso? Ela olhou pra mim e falou assim: ai, UF3, desapega. E é isso. Eu tenho essas coisas muito. Então, eu tenho um processo, eu tava trabalhando o minimalismo, mas menos né? Também, andar quase sem nada também não dá, mas o minimalismo nesse sentido, porque o excesso de roupas que eu tenho é... e aí agora eu já tenho um processo de não compra, mas é de meses em meses eu tiro tudo, coloco nas caixas e dou pros brechós pra... então eu tento fazer coisas assim, mas tem coisas, por exemplo, livros, eu tinha uma biblioteca, eu ainda tenho caixas de livro, porque eu falei não vou. Calma. Livros é mais difícil, calma. E eu passei isso, a minha filha dentro do quarto dela tem uma estante, ela tem coleção de livros, ela tem coleção de Harry Potter, ela tem Nietzsche, ela... Falei: minha filha, você tem 16 anos, você é louca. Ela tem livros de todas as variedades e ela lê, então assim, essa coisa do desapego é uma coisa que eu começo 2023 dizendo: é necessário. Urgente pra se fazer. Como? Bom, eu tenho que estar lembrando toda hora. Eu estou fazendo uma pós em inteligência emocional que é entre comunicação não violenta, tal. E essa semana eu tinha que terminar o módulo de comunicação não violenta e foi exatamente falando sobre esse processo que eu teria que passar a colocar o que eu estou sentindo. foi uma semana que eu registrei e falei, eu não nem mandei eu falei: não gente, calma, é com muita calma isso, né? Pra eu entrar na parte de inteligência emocional. Então é, eu preciso fazer registros e começar a trabalhar isso de menos ser mais e é interessante porque no trabalho eu estou com esse lema que eu falo pros coordenadores da minha equipe, eu falo pra todo mundo lá do escritório, eu falei: gente, nesse projeto menos é mais. O que eu quero dizer com isso? A gente lida com pessoas que perderam o sonho, a vontade e a vida. A vida no sentido de pulsão, são de rua, uma boa parte tá dentro do centro de... temporário de acolhimento. É... alguns ainda fazem uso, né? Estão na drogadição. Então eles recebem um cartão e eles, a prefeitura paga né? Todo mês pra eles estarem nesses espaços que a gente trabalha dentro dos 01:26:44 CEUS, então tem higienização e limpeza, eles fazem. E a gente toda quarta dá formação pessoal e cidadã pra trabalhar neles a pulsão de vida, né? O voltar a sonhar. É difícil, é muito fácil falar quando eu... está nesse frio, daqui a pouco eu vou pra debaixo do meu cobertor, eles não. Eles ficam debaixo de um viaduto, com chuva. Então como que você faz isso, né? E aí, às vezes, eles vêm, quando acontece alguma coisa, que eles vão até lá, eles têm, eles sabem meu nome, eles chegam lá gritando. A UF3 falou que eu ia receber, eu nunca falei nada. Eu nem falei com a pessoa, mas só o fato de, a gente estar com essa relação de que esse cartão tem que ser a gente que entrega e tudo mais, eles criam... agora eles chegam lá surtados alguns. E eu falo pra equipe que está, quando eles chegam nos locais. Se eles chegarem em drogadição, alcoolizado, eles têm que pedir pra eles se retirarem e voltar sóbrio no outro dia. Porque eles estão todos os dias. Mas já tive deles gritar, berrar, e eu deixo, é a loucura dele e eu estou acolhendo. Eu não reivindico, eles me xingam, falam que são um bando incompetente, que eu vou procurar meus direitos. Eles sabem dos direito deles, eles sabem mais do que a gente. Eu acho isso legal, né? Porque eles sabem onde. Eu vou procurar meus direitos, eu vou não sei aonde. Deixo a pessoa enlouquecer, porque ela tá precisando, quando termina tudo aí eu falo assim: quer um cafezinho? Tem café aí? Eu vou dar café e pego, se eu tiver bolacha. Sei que ele não se alimentou. Aí daí a gente começa o diálogo, mas eu tenho que falar o mínimo. Porque tudo que eu falar é promessa pra eles.

ENTREVISTADORA: E UF3, como você se sente quando as pessoas começam a confiar em você?

UF3: Ah, eu me sinto bem. Porque eu realmente trabalho com esse vínculo de confiança.

ENTREVISTADORA: E você se sente bem confiando nas pessoas?

UF3: Confio, confio e assim, totalmente. Eu parto do princípio que a primeira coisa que eu te der, é 100%. O resto é você que vai me mostrar. Então assim, tava com a equipe que eu tinha 30

coordenadores em campo, eu confiei, desses 30, metade estavam aprontando, mas tudo bem, eu confiei e eu não vou ficar desanimada por isso não, os que ficaram, eu continuo confiando.

ENTREVISTADORA: Isso também vale pra sua vida?

UF3: Sim.

ENTREVISTADORA: Pras suas relações pessoais?

UF3: Sempre. Sempre.

ENTREVISTADORA: UF3, você gostaria de acrescentar algo aqui na nossa conversa que eu não tenha perguntado e que tenha relação com o tema da pesquisa?

UF3: Eu não sei se acrescentar, eu sempre gosto de que o diálogo, a gente começa, mesmo com palavras, com pergunta direcionada, a gente começa e não sabe onde ele vai dar e é isso que é o maravilhoso. E aí é hoje eu comecei meu dia com diálogos e aqui com vocês é, me... algumas cortinas se abriram pra algumas coisas, que foi muito bacana, foi uma terapia. Porque eu acho que foi isso, eu só tenho gratidão mesmo por vocês terem vindo aqui, podia ter sido online, tudo bem, mas o fato de vocês terem vindo aqui e a gente ter tido esse diálogo bem aberto, bem franco é... e eu ter, na conversa com vocês, identificado algumas coisas que eu falei: nossa, eu ainda tenho que trabalhar isso. Que droga. Então se eu sou grata porque eu acho que é esse o processo, né? De que foi muito bacana, muito mesmo. É... vocês estarem aqui. Até pensei, nossa, se precisassem de mais, tem a P., tem o R., que é os que se afastaram. Então, assim, gratidão.

ENTREVISTADORA: Obrigada UF3. Eu vou parar a gravação. Tá?

UF3: Tá.

Apêndice D – Entrevistas com pentecostais

Código: EM1
Idade: 30 anos
Gênero: Masculino
Estado Civil: Casado
Religião: Evangélico Pentecostal
Tempo de adesão religiosa: 11 anos
Escolaridade: Médio Completo
Ocupação: Marceneiro

Data da entrevista: 01/11/2022
Tempo de entrevista: 34:09

ENTREVISTADORA: Em que momento da sua vida você se afastou da sua religião?

EM1: Quando eu vim embora pra São Paulo, que eu morava no Ceará, né? E aí tava com um ano que tava convertido e vim embora pra São Paulo, vim tentar a vida aqui com intuito de trabalhar, estudar, se formar, que a minha vontade mesmo era ser advogado. E acabei conhecendo a minha atual esposa, ter a minha primeira esposa e até hoje é a mesma. E aí a gente acabou se juntando, como se diz um... o ditado popular, é juntar as escovas, né? Se amigar. E não casamos no civil, nem nada. Só que aí na nossa igreja quando você cai, ou seja, quando você se envolve sexualmente com alguém sem... sem ser, ser no casamento, e chama o ato de fornicção. Então você fica disciplinado. E algumas pessoas na igreja desprezam quem acaba caindo em fornicção e comete o ato lá do sexo antes do casamento. E aquilo ali me entristeceu muito isso, isso me entristeceu muito. Eu já tinha já na época dois anos de convertido já. E eu me entristeci bastante, me afastei da igreja, me afastei mesmo de, de maneira de querer mais saber de igreja. Fui viver minha vida, porque trabalhar e me ocupar com minha casa e cuidar da minha casa. Nesse período passei quase um ano, quase um ano assim fora da igreja. Mas a, o anseio, a vontade de estar no lugar daí... num lugar, num templo em si, falava mais alto, de tal maneira que eu acabei perdendo aquele prazer de estar fora e queria voltar, só que a vergonha me impedia. Até que um certo dia eu voltei, só que voltei não pra igreja que eu estou atualmente, que foi a que eu fui disciplinado. Voltei pra outra igreja. Nessa volta acabei ficando firme. E aí veio minha primeira filha. Veio minha primeira filha, sosseguei mais um pouco, fiquei quieto e acabei depois de um tempo voltando pra esse ministério ao qual eu tinha saído a primeira vez, que era aqui em São Paulo. Tô lá até hoje, fiquei nesse ministério muito tempo, muitos tempos, aí nasceu minha segunda filha também. Só que há dois anos atrás eu passei por uma situação, foi o mesmo que cômica, passei uma situação me entristeci muito e acabei me desviando. Eu nunca fui de beber, tempo e nunca quis saber de bebida. E nessa brincadeira eu acabei me desviando num domingo meio-dia e retornei pra igreja às seis da tarde, ou seja, eu bebi cerveja até as cinco e pouco da tarde, seis e pouco da tarde, quando foi umas seis e pouco, nesse meio-dia desse domingo eu falei: eu não vou mais, não quero mais saber, eu tô cansado, vou chutar o pau da barraca. Então eu me desviei meio-dia, quando foi umas cinco e pouco da tarde a cabeça começou a martelar aí eu falei: não eu vou voltar. Nessa brincadeira que eu voltei eu fiquei disciplinado já oito meses na igreja. Quando você fica disciplinado na igreja você fica sem cantar, fica sem pregar, você fica sem exercer nenhum trabalho na igreja, você fica de banco. Então essas duas experiências pra mim foi marcante, mas já há de um ano não foi tanta como essa. Eu me desviei entre meio-dia e até às seis da tarde. Eu desviei no mesmo dia e voltei no mesmo dia. Porque a bíblia diz que o Espírito Santo ele nos... nos incomoda a andar nos caminhos certos. Então eu acabei voltando e de lá pra cá nunca mais pensei em me desviar. Pra falar a verdade, pra essa semana mesmo a gente estava com o pensamento de sair fora novamente, mas novamente o Espírito Santo incomodou pra não se afastar. Não é, né, pouco resumida né? Pouco resumido pra pergunta que você fez, mas se você tiver mais perguntas, eu vou te responder mais ainda.

ENTREVISTADORA: Sim, eu tenho. A primeira, foi no Ceará que você se converteu?

EM1: Foi.

ENTREVISTADORA: E aí quando... isso, você tinha quantos anos?

EM1: Eu tinha dezenove anos.

ENTREVISTADORA: Dezenove. E aí você ficou quanto tempo na... nessa igreja?

EM1: Fiquei um ano.

ENTREVISTADORA: Um ano. E como foi essa conversão?

EM1: Foi algo bem assim decepcionante em termos do que eu estava passando. Eu namorava com uma moça e ela terminou o namoro comigo. Então no dia que ela terminou o namoro comigo foi o dia que eu fui pra igreja. Já conhecia algumas pessoas que era... só um minuto... calma, pai tá ocupado. A minha filha mais nova tá chorando. E aí o que aconteceu? Eu namorava com uma moça e essa moça ela... ela chegou a terminar o namoro comigo, eu já conhecia alguns irmãos da igreja e esses irmãos da igreja já tinham me convidado a voltar, a ir pra igreja, né? E aí os irmãos tinham me convidado pra ir... pra poder ir pra igreja. E eu não queria saber de ir pra igreja de forma nenhuma, porque eu gostava muito de forró, gostava muito de festa. E nesse dia que ela terminou o namoro comigo, foi nesse dia que eu fui pra igreja, aceitei Jesus como salvador, na casa desses irmãos, depois foi que me apresentaram a igreja em si, o templo, os pastores, e eu comecei a ir. E desse dia em diante foi que eu peguei e não sai mais. Mas eu só vim só me afastar quando eu cheguei aqui em São Paulo, entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi. E por que que você acha que você se afastou quando chegou aqui em São Paulo?

EM1: Eu me afastei devido ao destratar de alguns irmãos. Infelizmente na igreja quando você... você erra, no linguajar mais simples, quando você peca, os irmãos te desprezam. E o desprezo, ele acaba com qualquer pessoa. Então eu acabei me decepcionando e não queria mais saber de ir. E eu me perguntava o porquê desse... que evangelho é esse que se o irmão erra as pessoas desprezam? Então isso fez com que eu me afastasse, foi um dos motivos eu me afastei tanto na primeira como na segunda também.

ENTREVISTADORA: Entendi. E quando você chegou em São Paulo você encontrou uma igreja rápido ou não?

EM1: Eu encontrei rapidamente. Rapidamente eu encontrei a igreja porque já tinha alguns parentes daqui e alguns conhecidos de ter apresentado que é a que eu vou atualmente, né?

ENTREVISTADORA: Sim. Mas aí aconteceram essas situações e você acabou se decepcionando, se entristecendo e se afastando, né?

EM1: Sim. A maioria, eu acredito sinceramente que a maioria das pessoas que... que se desviam, saem da igreja, são pessoas que se decepcionam, decepcionam e acabam deixando a igreja e saindo. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim. Você quer contar um pouquinho sobre esse processo, sobre o que tava acontecendo nessa época, o contexto pra você se afastar?

EM1: Então, a primeira vez foi quando eu e minha esposa acabamos tendo ato sexual e na igreja você não pode ter o ato sexual antes do casamento, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

EM1: Não pode ter ato sexual antes do casamento. E aí os irmãos chegaram e desprezaram bastante. A segunda vez foi uma traição da minha esposa. Ela chegou a me trair e eu me decepcionei muito. E aí acabei me desviando, mas mesmo assim acabei voltando. Voltando antes de ficar pior a situação, né?

ENTREVISTADORA: Entendi. E voltando na primeira vez? Em que momento você retornou pra igreja? O que que motivou o seu retorno?

EM1: Tudo começou a dar errado, eu fiquei desempregado, eu trabalhava numa empresa, eu era operador de injetora, e eu tava há um tempo dentro dessa empresa, eu fiquei desempregado. Aí fui trabalhar também sem ser carteira assinada em outros locais como ajudante de serralheiro e não tinha mais emprego, ou seja, eu procurava prum lado e pro outro, aí foi onde eu comecei e a pensar: não, eu tenho que voltar pra igreja. Porque querendo ou não acaba piorando, né? Acaba piorando a situação. Então isso foi um dos motivos que eu voltei. Porque eu vi que não tinha outro meio de eu conseguir vencer, eu conseguir mudar de vida a não ser nos pés de Cristo, né?

ENTREVISTADORA: É... E como você relaciona... é... então, você vê uma relação direta né? Entre o que estava acontecendo na sua vida, essas circunstâncias e o fato de você ter se afastado?

EM1: Não entendi.

ENTREVISTADORA: Você vê uma relação entre as circunstâncias das coisas que estavam dando errado na sua vida e o fato de você ter se afastado?

EM1: Sim, sim, realmente é isso, uma relação.

ENTREVISTADORA: Certo. Como sua família, seus amigos, como era a relação? Como eles viram toda essa situação, qual foi a opinião deles?

EM1: A minha mãe, a minha mãe, ela realmente, ela não aceitou, ela falou: meu filho, não... ela aconselhou pra mim não sair da igreja e voltar a ficar onde eu estava, porque ela falou que pra mim não era o caminho certo, né, ela me aconselhou. Alguns amigos também disseram pra mim: rapaz, o melhor caminho é você ficar firme. Porque assim, quando você vai na presença de Deus, Deus tem uma chamada na vida de muitas pessoas. Lembrando que se você for uma pessoa que Deus tem um dom pra você na palavra, de você pregar, ser o pregador, conhecer a palavra e pregar a Bíblia, falar do amor de Cristo, esse dom vai ser requerido, Deus ele vai cobrar de você, porque a Bíblia diz que ele dá de graça, mas há uma cobrança. E quando você também louva na casa de Deus, você é um cantor, você é um músico, há uma cobrança porque você está desperdiçando o dom de Deus, que Deus te deu e pode fazer a sua vontade. Porque quando passamos a servir a Cristo, como diz a palavra dele, que não, a palavra dele fala assim que não vive mais a gente, vive ele em nós. Então essa cobrança ela vai vim tanto pra quem é crente e pra quem não é. Por quê? Porque a Bíblia diz que Deus é pai de todos, senhor de todos e por todos. Então ele é justo e é justo tanto para com aqueles que o servem como para aqueles que não o servem. Certo.

ENTREVISTADORA: E a sua mãe também é evangélica.

EM1: Não. A mãe não é. Na minha família somente eu.

ENTREVISTADORA: Somente você?

EM1: Somente eu na minha família.

ENTREVISTADORA: O que a sua família achou quando você se converteu a primeira vez?

EM1: A minha avó, ela não aceitava de forma nenhuma, tanto que minha avó já faleceu, mas ela não aceitava de forma nenhuma e não queria de forma nenhuma. Mas alguns da minha família respeitaram, mas há aquela indiferença, aquele tratamento diferente. Porque assim, você não vai... se você passa a servir a Deus a sua vida vai mudando aos poucos, você vai vendo que aquele convívio, aquele convívio de palavrões, aquele convívio de palavra de baixo calão não te faz bem, então você acaba meio que se afastando, não que você queira se afastar, que você se acha melhor, que você acaba se afastando. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi. E você era bem apegado à sua avó quando você era criança?

EM1: Era. Era demais.

ENTREVISTADORA: Mais do que à sua mãe?

EM1: Mais do que minha mãe. A minha vó foi quem criou a minha pessoa, né? Minha vó foi quem criou a minha pessoa. Minha mãe ela... eu fiquei, eu morava um tempo com ela, mas nunca fui tão apegado como à minha vó. Minha vó era conselheira, minha vó era amiga, minha vó era mãe, era aquela minha confidente, então era aquela pessoa que desabafava.

ENTREVISTADORA: E como foi pra você contrariá-la? Ela não queria que você fosse pra igreja, mas você foi. Como foi isso?

EM1: Foi. Assim, foi difícil, mas eu sabia que eu estava seguindo o caminho certo.

ENTREVISTADORA: Entendi. E foi nesse momento que você tava, você tava mal por causa do término, né, do relacionamento?

EM1: Isso, eu tava muito mal por causa do término do relacionamento. Eu gostava muito daquela pessoa. Então assim, de última hora eu mal imaginei, ela pegou e terminou o namoro comigo, entendeu?

ENTREVISTADORA: Era seu primeiro namoro?

EM1: Foi naquele dia, foi um... uma... 14 de maio de 2010, ela terminou o namoro comigo e na mesma hora, em instante, questão de meia hora, eu aceitei Jesus como salvador e até hoje estou aí.

ENTREVISTADORA: Certo. Você já tinha namorado antes?

EM1: Oi?

ENTREVISTADORA: Você já tinha namorado antes?

EM1: Ah, já tinha namorado antes com outras pessoas também, entendeu, só que os outros namoros não foram namoros constantes como esse com essa pessoa, que até pretendia casar com essa pessoa.

ENTREVISTADORA: Sim. Como você se sente quando você... deixa eu melhorar essa pergunta. Você já teve medo de rejeição?

EM1: Na verdade eu já passei por rejeição, já passei por rejeição. No começo eu tive medo também, mas hoje em dia, fui amadurecendo com a situação e acabei deixando de lado. Não dei mais importância a parte de rejeição, mas eu ainda passo por rejeição sim.

ENTREVISTADORA: Sim. Você se preocupa se outra pessoa também, se a outra pessoa que você está numa relação também gosta de você? Você tem medo de perder essa pessoa?

EM1: Não entendi.

ENTREVISTADORA: Você se preocupa se a outra pessoa também gosta de você numa relação?

EM1: Me preocupo sim. Eu preocupo sim.

ENTREVISTADORA: Você tem medo de perder a outra pessoa?

EM1: Tenho.

ENTREVISTADORA: Você pensa nisso com frequência?

EM1: Não entendi.

ENTREVISTADORA: Você fica pensando nisso? Esse é um pensamento que às vezes surge na sua na sua mente. Ai, imagina se eu perdesse ou...

EM1: Desculpa, desculpa o barulho aqui, é porque as crianças tão aqui e são muito grudadas, sabe?

ENTREVISTADORA: Não tem problema nenhum. Quer ver elas?

EM1: Eu quero. Filhas.

Crianças: Hã?

EM1: Dá oi pra ela.

Crianças: Oi?

ENTREVISTADORA: Oi linda!

EM1: Óh, ela lá.

ENTREVISTADORA: Oi meninas! Tudo bem?

(risos)

EM1: É um grude só, eu cheguei aqui ela já queria conversar comigo já.

ENTREVISTADORA: São muito lindas.

EM1: Obrigado viu?

ENTREVISTADORA: Então, você tem medo de perder a sua... a pessoa que gosta, que você está tendo uma relação, você pensa nisso com alguma frequência?

EM1: Não muito, eu penso, pouca frequência, mas assim, eu procuro me ocupar bastante pra não ficar com esses pensamentos.

ENTREVISTADORA: Ah, muito bom. Como você lida com o medo de se ferir numa relação?

EM1: Não entendi.

ENTREVISTADORA: Como você lida com o medo de se ferir numa relação?

EM1: Bem difícil. É bem difícil. Procuro buscar na oração a resposta pra poder se acalmar.

ENTREVISTADORA: Você sempre foi assim, quando você era mais novo você também era um pouco assim?

EM1: Na verdade, na verdade eu sempre fui aquela pessoa que queria tudo rápido, né, queria tudo rápido, nunca dava tempo ao tempo, mas devido alguns sofrimentos durante a vida, algumas decepções, a gente vai ficando mais calmo, vai ficando mais, mais zen, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

EM1: Mas realmente, sempre passei por muitas decepções, principalmente amorosas.

ENTREVISTADORA: Ah. É, nas suas relações ao longo da vida, né? Qual a vontade você se sente quando você começa a ter intimidade com a pessoa?

EM1: A vontade é passar o resto da vida com a pessoa.

ENTREVISTADORA: E como você avalia a sua disposição em se abrir ou não com outras pessoas? Se conectar com outras pessoas ou não.

EM1: Não entendi, perdão.

ENTREVISTADORA: Como você avalia a sua predisposição em se abrir ou não, né? Se conectar ou não com outras pessoas numa relação.

EM1: Ah, eu avalio bem. Eu avalio bem, eu sou muito, gosto muito de conversar e de ouvir bastante as pessoas. Hoje em dia gosto muito de ouvir e de ajudar os outros, né? E ser bem sincero, eu sou... é tanto que eu não tenho assim, não... mudando em relação amorosa, mas ainda continuando, eu não tenho amigos, é muito difícil eu ter um amigo que me ligue, sabe? A maioria dos meus amigos são pessoas mais velhas do que eu, é tanto que um, um amigo meu que é mais próximo de mim é um senhor de sessenta anos.

ENTREVISTADORA: E por que você acha isso? Por que isso acontece?

EM1: Eu não sei te dizer assim, mas eu já passei muitas decepções não só amorosas, mas também amigáveis. Já fui muito amigo, amigo, amigo demais, quando eu ia ver a pessoa era falsa comigo, a pessoa mentia. A gente sempre acaba descobrindo. Então isso tem que ter um bloqueio. Antes de eu se tornar amigo da pessoa, tem que levar um bom tempo mesmo, entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim. Você se sente bem confiando em outras pessoas?

EM1: Não, não cem por cento.

ENTREVISTADORA: E quando as pessoas confiam em você?

EM1: Ah, aí eu me sinto assim privilegiado, eu faço de tudo pra não magoar aquela pessoa, pra não pisar na bola.

ENTREVISTADORA: Sim. Legal. você acha assim, né? Voltando na sua adolescência, na sua infância, né? Você já era assim ou você criava bastante amizade fácil?

EM1: Não, eu criava bastante amizade fácil, mas... (inaudível) nessas amizades.

ENTREVISTADORA: Desculpa, cortou.

EM1: Está ouvindo agora?

ENTREVISTADORA: Sim.

EM1: Então, eu criava amizade fácil e também crio até hoje. Não tenho nenhum problema em conversar e rapidamente consigo puxar um assunto, mas sempre aquele receio em não me magoar, em ter alguma amizade, porque tive muitos amigos. Então, a maioria deles hoje em dia nem perto de mim estão, entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim. Tá certo. E aí falando dos seus amigos, né? Como que é o seu ciclo, seu ciclo social quando você retornou a religião?

EM1: Na igreja é bem simples, eu chego, cultuo, participo do grupo, termino o culto, eu... casa. Mas assim, se mandar mensagem pra mim, conversar, eu era muito de conversar muito na porta da igreja, mas devido quebrar muito a cara, acabei deixando esse negócio de ficar conversando na porta da igreja após o culto. Se mandar mensagem: ah, preciso conversar com você, manda mensagem. A gente conversa. E quase ninguém vem na minha casa, é muito difícil. Se alguém bater na minha porta eu até me assusto, não vem ninguém de visita.

ENTREVISTADORA: É. E quando você se afastou, o que que você mais sentiu falta?

EM1: Da presença de Deus.

ENTREVISTADORA: Certo.

EM1: É, é algo assim que não pode se dizer que é... é inexplicável, é inexplicável. Então o que que acontece? É... O que acontece? Sentia uma tristeza muito grande por tá fora da casa de Deus e eu queria bastante voltar, queria bastante voltar. Até que um dia a minha esposa falou assim: vamos voltar pra lá, vamos voltar pra aquele lugar. E aí eu... foi a gota d'água, eu falei: vamos voltar. Aí voltamos e até hoje.

ENTREVISTADORA: Certo. E em momentos assim que... porque a gente... você continua tendo algumas dificuldades, né? Continua tendo situações. Quando você tem situações, passa por situações difíceis, a quem você recorre?

EM1: A esse amigo de sessenta ano.

ENTREVISTADORA: Ele também é evangélico, não?

EM1: Não. Ele... ele é... ele é católico, mas não é praticante. Ele é gerente do Bradesco, o Bradesco lá de Osasco. Conheci ele por intermédio do trabalho, fiz uma montagem de um móvel pra ele lá, antes quando eu era montador de moveis, né? E aí depois de um tempo me tornei marceneiro. Então nós viramos amigos. Tanto que nem pintura eu faço e ele até pintura e já fiz pra ele. Então muitas coisas eu faço na casa dele, porque ele tem sessenta anos, não consegue fazer. Tem vezes que eu nem cobro nada do serviço pra ele. Ele acaba pagando mesmo assim. É aquela pessoa assim, amigão.

ENTREVISTADORA: Quando você o conheceu? Foi quando você estava afastado ou já tinha retornado?

EM1: Não, eu tinha retornado. Conheci ele quando eu tinha retornado já.

ENTREVISTADORA: Certo. E aí falando do seu envolvimento com a religião. Qual importância tem hoje pra você a participação nas atividades religiosas?

EM1: Mais a chamada de Deus na minha vida. Que Deus prometeu que eu seria um pregador, seria um pastor. Hoje em dia não posso dizer pra vocês que eu sou um diácono, um obreiro. (inaudível) nada na igreja. Só tenho promessas, né? Deus fez promessas. Mas continuo mantendo firme, mantendo firme pra não se afastar, né? Porque maior pra mim é a salvação. Não é em si um cargo em si na igreja. Mas maior para mim mesmo, o maior presente em Deus é a salvação.

ENTREVISTADORA: Como você avalia o seu comprometimento com a sua busca pessoal religiosa?

EM1: Eu avalio assim meio de média. Eu preciso melhorar.

ENTREVISTADORA: Hum. Quando você compara como você busca hoje e como você buscava antes de se afastar, tem diferença?

EM1: Tem, tem muita diferença. Eu buscava com mais (inaudível) eu procurava nunca vacilar, procurava nunca faltar nos cultos. Hoje em dia... faltar, eu falo.

ENTREVISTADORA: Ah, por que será que mudou isso?

EM1: Oi?

ENTREVISTADORA: Por que mudou?

EM1: Eu acredito que as necessidades de casa, né? Manter a casa, manter a família. Porque assim, eu não... eu não sou muito somente apegado ao meu trabalho fixo, se aparece algum trabalho fora, uma montagem de um móvel, guarda-roupa alto, eu vou montar, eu não vou deixar de montar. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim.

EM1: Pra ganhar um pouco a mais pra tentar dar um conforto a mais pra família.

ENTREVISTADORA: Sim. Entendo. E como você avalia a sua relação com Deus hoje?

EM1: (Inaudível).

ENTREVISTADORA: Desculpa está fraca?

EM1: Está fraca.

ENTREVISTADORA: Precisa buscar mais?

EM1: Sim.

ENTREVISTADORA: E a relação com as pessoas na igreja? Seus líderes por exemplo?

EM1: Eu chego: a paz do senhor, tudo bem? Terminou o culto, cultuei. Tá tudo bem com você? Tá tudo bem. Vou embora. Eu era muito de contar meus problemas para os irmãos da igreja, hoje em dia eu cortei esse negócio de tá contando tudo.

ENTREVISTADORA: Tá certo.

EM1: (risos)

ENTREVISTADORA: Por causa de tudo que você está vivendo, né?

EM1: Perdão, não entendi.

ENTREVISTADORA: Por causa de tudo que você foi vivendo, né? Todas as experiências, né?

EM1: Sim, sim as experiências, porque assim, o que acontece? Se eu tinha algum plano em fazer na minha vida, vamos supor, eu tinha algum plano de estudar, fazer alguma coisa pra melhorar a vida profissional, eu acabaria, acabava contando pra alguns irmãos e não demorava um tempo não dava certo. Eu falei o quê? Vou fazer a minha vida e fazer, porque não interessa contar tudo para os irmãos, entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi. Mas e hoje em dia assim, você disse que as coisas estavam dando errado, aí você voltou.

EM1: Sim.

ENTREVISTADORA: As coisas estão como hoje em dia? Por que faz sete anos que você voltou, né?

EM1: Isso. As coisas estão engrenando aos poucos, entendeu?

ENTREVISTADORA: E como que você tá... como você se sente hoje em dia?

EM1: Eu me sinto mais realizado fazendo o que gosto.

ENTREVISTADORA: Você acha que o fato de você ter voltado tem alguma relação com isso?

EM1: Tem.

ENTREVISTADORA: Qual a relação?

EM1: Oi?

ENTREVISTADORA: Qual? Que relação tem?

EM1: A relação assim, quando eu me converti, me recordo muito bem, uma irmã da igreja veio falar pra mim a seguinte palavra: olha, irmão, Deus tem uma promessa muito linda na sua vida. Ele tem

uma chamada ainda na sua vida de pastorear, ser pastor um dia, e ele precisa moldar você. Vai demorar. Porque Deus ele usa o tempo. A ferramenta que Deus sempre vai usar na vida do ser humano é o tempo. E aí irmão você fique firme que Deus vai te dar a vitória, você vai passar por grandes lutas, aí vai chegar o tempo de Deus na sua vida. Então, isso é o que faz eu pensar naquilo que ele prometeu, falou que ia cumprir. Então, eu vejo hoje se cumprir aos poucos na minha vida o que Deus prometeu, entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendo. E você se sente apegado a Deus?

EM1: Sim. Sim.

ENTREVISTADORA: Como é esse apego?

EM1: É um... como se fosse... às vezes eu me ocupo muito com o trabalho, me ocupo bastante no trabalho, e aí às vezes essa ocupação, eu acabo sentindo aquela falta, falta de algo. Ai eu venho e recordo: é falta de Deus, de orar mais, ficar mais... aquela sensação de perda. Já sentiu isso? Aquela sensação de perda, que algo está faltando. Você pode ter tudo mais falta algo na sua vida? É isso.

ENTREVISTADORA: Certo. EM1. Falei certo?

EM1: Oi?

ENTREVISTADORA: Eu falei seu nome certo?

EM1: Sim, sim.

ENTREVISTADORA: Eu gostaria de fazer uma última pergunta.

EM1: Pode fazer.

ENTREVISTADORA: Você gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da entrevista que você não tenha... que eu não tenha perguntado, que você não tenha dito?

EM1: Perdão, não entendi.

ENTREVISTADORA: Você gostaria de acrescentar algo? A gente tá finalizando já.

EM1: Certo.

ENTREVISTADORA: Gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da entrevista que eu não tenha mencionado ou que eu não tenha perguntado e que você não tenha mencionado?

EM1: Sim, posso falar?

ENTREVISTADORA: Pode.

EM1: Que na vida de todos aqueles que tem uma promessa de Deus, na... que Deus vai fazer algo, Deus prometeu algo, é dolorido, é com lágrimas, é... é com dor. Todo aquele que tem uma promessa de Deus em sua vida, ele vai ser rejeitado, ele vai passar pela solidão. É tanto que em Davi, você conhece a história do Rei Davi? Ele sempre foi rejeitado, ele sempre passou por solidão. Infelizmente comigo, com nós nos tempos atuais, dois mil anos depois de tudo, o processo bíblico que aconteceu, com nós também não vai ser diferente. A solidão vai vim, (inaudível), o desprezo vai vim. Mas Deus é aquele que em meio a solidão, pum, ele se revela, e vale a pena servir a ele. Vale a pena seguir o propósito que ele tem na vida das pessoas que querem seguir, entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim. Muito obrigada. Deixa eu te fazer uma outra pergunta que eu acabei lembrando agora. Você disse que você teve algumas horas de afastamento, né, por causa da... de uma situação com a sua esposa.

EM1: Sim.

ENTREVISTADORA: Como foi esse período pra você? Quem você recorreu quando isso tudo começou acontecer?

EM1: Recorri a Deus.

ENTREVISTADORA: A quem você buscou ajuda?

EM1: Eu recorri a Deus. Infelizmente... só um minutinho... Espere um pouquinho, tá bom? Infelizmente, a... só um minuto, perai.

ENTREVISTADORA: Já tá acabando já, um minutinho.

EM1: É que a abençoadinha, ela é um grude. Meu Deus do céu.

ENTREVISTADORA: Aham.

EM1: Perdão, faz novamente a pergunta. Acabei...

ENTREVISTADORA: A quem você recorreu quando você começou a ter problemas com a sua esposa, né? Que você se afastou a segunda vez.

EM1: A Deus em oração. Foi uma época que eu chorei muito, foi uma época que eu busquei muito a Deus. E foi a época que eu mais senti ali perto de mim.

ENTREVISTADORA: E aí você perdoou. Pode falar.

EM1: Sim? Perdoei. Perdoei. Foi difícil, mas perdoei. Mas foi a mão de Deus que interviu mesmo.

ENTREVISTADORA: Como? Como ela interveio?

EM1: Eu já estava praticamente não querendo mais. Eu não queria mais saber. Falei a ela: perdoo, perdoo para ir para o céu, mas perdoar pra voltar eu não perdoo. Chegou um certo momento que eu vi Deus falar assim: perdoe, perdoe porque eu vou mudar a história. E aí eu acabei mudando a linha de pensamento que eu tava e hoje em dia eu vejo que tudo deu certo.

ENTREVISTADORA: Tá certo. E hoje em dia a sua relação com a sua esposa, vocês são bem próximos?

EM1: Bem próximos, bem próximos, demais da conta... bastante.

ENTREVISTADORA: Muito bom. tá certo. EM1, muito obrigada, viu?

EM1: Tá bom.

Código: EM2

Idade: 24 anos

Gênero: Masculino

Estado Civil: Solteiro

Religião: Evangélico Pentecostal

Tempo de adesão religiosa: 1 ano

Escolaridade: Superior Completo

Ocupação: Assessor Comercial

Data da entrevista: 03/12/2022

Tempo de entrevista: 37:50

ENTREVISTADORA: Conta pra mim um pouco em qual momento da sua vida você se afastou da sua religião?

EM2: Foi, foi quando eu, eu me separei da minha... minha... tinha um relacionamento com a minha namorada, eu me separei e eu vi que: pô, aquilo num... eu não queria mais aquilo na, na, no momento, né? Não queria mais viver aquilo, por conta que ela, ela me levou pra igreja, então eu acabei me afastando e voltando pro mundo.

ENTREVISTADORA: Entendi. Ela que te levou, então?

EM2: Sim, ela me levou. É... eu não conhecia essa, essa religião, conhecia assim por falar, né? Mas nunca tinha frequentado. Então eu fui algumas vezes e... e ela que tinha me levado por pressão dela, da família também. Como eu tava, tinha um relacionamento com ela, então eu acabei indo, e acabei aceitando Jesus naquele momento.

ENTREVISTADORA: Entendi. Você tinha quantos anos?

EM2: Ah, eu tinha uns... dezenove pra vinte, por aí.

ENTREVISTADORA: E como você se sentia nessa época?

EM2: Ah, eu me sentia... é... no... eu me sentia, não era uma coisa que eu... que eu sentia... que eu queria no momento. Eu sei, eu sei que eu queria é... achar Jesus ali naquele momento, mas naquele momento eu... eu ia mais por conta dela. Então às vezes eu... eu ia por... por conta dela mesmo, por causa da família, a pressão familiar. Que era chato você, eu não ir e a pessoa ficar cobrando, sabe? Pô, você não foi pra igreja, você não foi pra igreja. Então eu me sentia... eu não me sentia aquele papel, assim, ah, eu tô, eu tô com Jesus, de verdade, sabe? Eu não me sentia. Eu sentia mais... eu ia pra igreja só pra ir. Logo no começo do culto eu já pensava na hora de ir embora. Mas eu sempre tive Deus na minha vida assim. Isso...

ENTREVISTADORA: Sim. E como você se sentiu quando você se afastou?

EM2: Então, igual eu mencionei agora há pouco, é... eu sempre sentia uma falta de Deus na minha vida. Só que aquele momento que eu tava indo pra igreja eu não me sentia ali muito presente porque eu tava indo com a pressão da família, né? Então eu me sentia... só tava lá na igreja, era evangélico, mas nos olhos das outras pessoas. Pra mim não. Assim no momento assim. Sabe? Era isso. Eu me sentia... me sentia um pouco mal mais ou menos, porque eu tava lá não por minha causa assim, mas por causa dela. Mas... mas eu sentia essa falta, sabe? No fundo do meu coração eu sentia essa falta de... de eu poder... de eu querer conhecer mais Jesus, assim, pessoalmente.

ENTREVISTADORA: E aí você se afastou.

EM2: Aí me afastei, assim que a gente terminou eu nunca mais fui na igreja.

ENTREVISTADORA: E como foi essa mudança pra você?

EM2: Ah, foi... foi só ladeira abaixo assim, né, porque eu acho que eu fiz uma coisa muito errada de... de ter ido pra igreja só por causa dela, não por minha causa. Então eu sempre sentia do fundo do meu coração aquela tristeza de não poder dar o meu 100% pra Jesus, sabe? De não dar meu 100% pra Deus. Então eu me senti super mal e nesse, nesse período foi várias coisas que aconteceram na minha vida e que eu vi: caramba! Depois que eu voltei eu fui e pensei: meu, se eu soubesse disso antes eu não... eu teria achado o meu lugar e ter ficado, não teria me afastado.

ENTREVISTADORA: Quais impactos então você sentiu que teve na sua vida o fato de você ter se afastado?

EM2: Há muitos impactos na vida... na vida pessoal, financeira, até na meu, o meu pensamento, minha, a minha forma de viver. Às vezes eu fazia algumas coisas que eu pensava: não, esse aqui não sou eu. Isso aqui não é possível que isso aqui. Isso não é, não é da minha índole, isso aí é... é algo que o EM2, verdadeiro EM2 que queria tá na presença de Deus, não faria isso. Às vezes eu fazia algumas coisas erradas que eu, eu pensava: É, pô, isso aqui não sou eu de verdade.

ENTREVISTADORA: É, e no seu, no seu círculo de amizades teve algum tipo de mudança, na sua família?

EM2: Depois que eu me converti ou antes?

ENTREVISTADORA: Depois que você... é... quando você se converteu teve algum?

EM2: Não. É que eu não tenho muito vínculo com a minha família. Então... então pra mim tanto fez como faz. Agora, com minha mãe sim, eu conversei com ela, tal, quando eu me converti, por ela ser de outra religião. Mas ela aceitou tranquilo porque ela sabe que o que eu escolhi pra mim é o certo. Ela me conhece mais do que todo mundo, então eu acho que por eu escolhido aquilo e não é uma coisa errada, ela aceitou tranquilo. Agora o restante do... alguns... os amigos que sabem que eu tenho mais vínculo assim, tá tranquilo. Até no trabalho também.

ENTREVISTADORA: Você cresceu só com a sua mãe?

EM2: Cresci só com a minha mãe. Meu pai me abandonou... abandonou assim, né? Os dois se separaram e ele não tinha muita presença assim na minha vida, então eu cresci só eu e minha mãe e só isso, depois que veio o meu padrasto que fez aquele papel de pai na minha vida.

ENTREVISTADORA: Com quantos anos?

EM2: Eu tinha uns treze anos, doze anos.

ENTREVISTADORA: E você... é... você tem contato com o seu pai?

EM2: Ah, é raro. Às vezes eu vejo ele uma vez por ano, uma a cada dois anos, e olhe lá. Ele tem meu número, eu tenho o número dele, eu já cheguei a procurar ele várias vezes, mandar mensagens pra ter relacionamento de pai e filho. Mas mesmo assim, é, ele não... parece que não quer, sabe? Quer se afastar. Não quer ter aquela presença de... de pai na minha vida, sabe? Parece que pra ele é uma... uma coisa, sabe, de bicho de sete cabeças assim, é, ser um pai na minha vida. Então pra mim é... eu já me culpei muitas vezes achando que era eu que era o errado. E depois que eu fui... eu falei assim: não, não fiz nada de errado. Eu tô fazendo, tentando fazer o certo, tô indo atrás dele, é um... ele se afastou de mim e eu tô indo atrás dele. E eu tô me culpando como errado? Ah, eu, depois eu, tipo, meio que deixei de mão, sabe? Ah, seja o que Deus quiser.

ENTREVISTADORA: Sim. Você acha que você teve alguma carência na sua infância por causa desse contexto familiar?

EM2: Sim. Muito. Porque tinha muita falta de... porque eu... ah, eu vivi com a minha mãe, só que a minha mãe vivia trabalhando, então eu ficava em casa sozinho, as coisas aqui de casa quem tinha que fazer sou eu e eu não tive aquele papel de pai, um homem assim pra poder... poder trocar uma... trocar umas ideias, poder conversar, ter aquele papo de homem mesmo. E eu não tive. É... eu só tive depois que... dos treze, quatorze anos pra cima que foi meu padrasto que entrou na minha vida. Me ajudou muito. Tem uma diferença entre o EM2 antes do meu padrasto e o EM2 depois do meu padrasto.

ENTREVISTADORA: Qual é a diferença?

EM2: Ah, muita. Cresci muito como homem. Aprendi muito. Porque eu era mais moleque, sabe? Não queria saber de nada, não queria saber de ir pra escola, não queria saber de estudar, só vivia arrumando confusão. Não tinha aquele... aquele papel de homem, sabe? Aquela coisa formada, aquela índole, assim, no fundo do peito assim, sabe? Eu sou homem, tenho que fazer isso. Eu sou homem, tenho que fazer aquilo.

ENTREVISTADORA: E aí aos dezenove você começou a namorar?

EM2: Isso, comecei a namorar com essa menina que me levou pra igreja.

ENTREVISTADORA: Foi o seu primeiro namoro ou não?

EM2: Foi o primeiro, o meu primeiro namoro.

ENTREVISTADORA: Certo? Como você se sentiu quando você foi contar pra sua mãe que você tava indo pra igreja dessa primeira vez?

EM2: A primeira vez? Na verdade eu não contei pra ela. Ela meio que sabia assim, porque via que eu tava com ela sempre, sabia que os cultos eram de domingo, eu tava com ela, sabia que o horário que eu ia pro culto, então ela meio que sabia que eu tava indo pra igreja com ela. Mas não cheguei a falar assim: mãe, eu tô indo pra igreja com a... com a... com a minha namorada. Eu não falei. Mas ela sabia que ela... que ela sabia, sabe?

ENTREVISTADORA: E por que você não chegou a falar?

EM2: Ah, não sei. Acho que não... não foi um certo momento de chegar perto e dizer: ah, mãe, eu tô indo pra igreja assim. É porque eu... eu ia, mas eu não ia porque o EM2 tava querendo ir, eu ia porque... eu ia por causa da namorada. Mas e no fundo, igual, repetir novamente, no fundo eu me sentia... eu me sentia... como eu posso falar? Eu me sentia... eu tinha que ter um papel... eu tinha que... eu, tinha que ir pra igreja. Não, ela, me levar. Eu sentia falta disso. Sabe?

ENTREVISTADORA: Certo. E aí esse tempo que você ficou afastado.

EM2: Hum?

ENTREVISTADORA: Depois que você deixou a igreja, né? Que você mencionou que as coisas começaram a desandar, né?

EM2: Uhum.

ENTREVISTADORA: Como você se sentia nessa época afastado?

EM2: Ah, eu sentia muita tristeza. Tristeza assim, né? Eu trabalhava na semana, final de semana a alegria que eu tinha era o quê? Sair, beber, sair com os amigos, é... virar noites, gostava de viajar. E eu num... e eu sentia que faltava alguma coisa na minha vida. Depois que quando eu voltei eu falei assim: era isso que tava faltando.

ENTREVISTADORA: E como foi que você voltou?

EM2: Eu recebi um convite, é... pra poder ir pra... pra igreja. Eu acabei aceitando e fui. E quando eu cheguei lá eu... eu me senti muito... muito confortável, me senti... porque pra mim eu acho que tem que se sentir confortável, se vocês não tá se sentindo... é... desconfortável, acho que ali não é o seu lugar. Eu senti confortável, as pessoas, o pessoal da igreja, pastores, os obreiros me acolheram bastante, os membros. E eu vi que aquela igreja prezava a palavra de Deus. Tinha sempre a palavra de Deus em primeiro lugar. Onde na igreja, onde minha ex-namorada é... ia, não, não, não tinha isso, era um... um pequeno tempo, falava a palavra de Deus, bem curto e pra mim o restante do culto era só balelas assim, pra mim não tem nada a ver com a coisa com Deus, sabe? É muitas coisas que eu olhava assim, eu falei: meu, isso aqui não faz sentido, isso aqui não faz sentido, isso aqui não... não sei, não tem nexo nenhum. Então, quando eu voltei pra essa igreja que eu tô indo agora, é... eu me senti muito bem, muito bem mesmo. Foi um divisor de águas na minha vida.

ENTREVISTADORA: Quais eram as circunstâncias que você tava vivendo na época que você voltou?

EM2: Ah, muitas coisas. Em questão de profissional, trabalho, a vida financeira, até minha própria mente, meu próprio coração, meu jeito de viver. Mudou tudo, parece que agora voltou aquele EM2 de

verdade, sabe? Voltou aquele EM2 que eu sempre sonhei em ser assim, mentalmente, sempre... aquele EM2 que não depen... não ia ficar dependendo de, de farra, de balada, de, de sair à noite com os amigos, falar besteira, virar noite, é... ficar solitário em casa, sozinho, sabe? E tudo, tudo mudou na minha vida. Mudou tudo.

ENTREVISTADORA: E assim, o quê? Você consegue na, na sua vida financeira, o que mudou na social?

EM2: Assim, até o... na social seria os amigos, me afastei de alguns amigos que pra mim num... eu já sentia isso antes, mas eu não queria ficar sozinho, aí então eu falava assim: ah... ficava dependendo deles, sabe? Falando que era meus amigos, mas era só um momento de felicidade depois ali não tinha mais amigos. Na vida financeira, é... eu trabalhava no... numa empresa que eu trabalhei seis anos que eu não me sentia bem, é... eu criei a coragem de poder sair, saí da empresa sem nenhuma, nenhum... eu saí daí da empresa, tipo assim, não tinha nenhum outro emprego pra eu poder ir, eu saí porque eu falei assim: ah, não tô me sentindo bem aqui, eu vou com a cara e a coragem. E eu vi que eu comecei a abrir mais a mente, eu consegui mais é... ter mais aprendizados e consegui aprender mais como é... trabalhar o dinheiro, porque eu fiquei seis anos na empresa, eu não consegui nada, não, não consegui nada nessa, nessa empresa, não consegui crescer, não consegui juntar dinheiro, é... mas... hoje eu ainda não consigo juntar dinheiro, mas eu, eu tenho uma mentalidade diferente, parte financeira, sabe? E tu... e pra mim isso já é um começo, porque antigamente eu não tinha mentalidade nenhuma, pegava o dinheiro dia cinco, dia oito e dia dez não tinha mais nada. Então... então pra mim hoje eu tenho uma mentalidade diferente.

ENTREVISTADORA: E você acha que a religião tem alguma influência nisso?

EM2: Sim, tem muito. Desde quando eu entrei, a minha mentalidade mudou. Eu tenho uma forma de pensar, diferente. Eu acho que foi isso tudo no poder de Deus que mudou na minha vida. Por isso que eu tô falando que tem um... foi um divisor de águas na minha vida. Quando eu entrei quando, quando eu entrei pra igreja de quando eu não, não estava na igreja, tava afastado.

ENTREVISTADORA: Você mencionou que uma pessoa te convidou, né?

EM2: Hum.

ENTREVISTADORA: Quem é essa pessoa? Qual o papel que ela desempenha hoje na sua vida? Ou naquele momento.

EM2: Ela... na verdade foi uma professora que me convidou e pra mim foi muito importante porque, é... se não fosse aquele convite eu não estava hoje na igreja, não teria mudado de forma diferente. Sou, eu sou muito agradecido a ela que mudou tudo, que me fez o convite pra poder mudar. Eu acho que ela sentiu, né? No coração dela pra poder me convidar pra poder, é... eu seguir um caminho que eu... pra mim é um caminho correto.

ENTREVISTADORA: Sim, e vocês tinham uma relação, vocês tem uma relação próxima?

EM2: Sim, sim, atualmente é minha professora ainda. Então a gente tem um convívio bem próximo, a gente... até na igreja e fora da igreja que é na... no curso, a gente tem uma convivência bem próxima, a gente conversa bastante sobre isso...

ENTREVISTADORA: Certo. E como que é o seu envolvimento hoje com a sua religião e com a sua fé?

EM2: Ah, hoje eu... é um... é muito forte, porque eu acabo me cobrando muito. Acho que nem é eu cobrando, acho que é o Espírito Santo que fala assim: óh, você não orou hoje. Óh, você não leu a palavra hoje. E hoje... e então isso é uma cobrança muito forte assim na minha vida assim. Então se eu... se eu não orar eu fico me sentindo mal, sabe? Eu fico me sentindo... ah, faltando alguma coisa. Essa semana mesmo eu fiquei um dia sem orar e eu fiquei perturbado, assim. Fiquei dois dias, na verdade, sem orar. Eu fiquei: caramba, meu, eu não orei. Por causa da correria do dia a dia eu acabei meio que... não esquecendo, às vezes eu... eu parava, começava a orar, só que aí começava a fazer outra coisa e acabava esquecendo da... da oração. Em questão da fé é... hoje a minha fé cresceu

muito, muito de verdade. Porque eu... acontece na nossa vida várias coisas que a gente fica sem entender e eu sei, como eu sou filho de Deus ele nunca me vai me abandonar. Então eu sempre tenho fé e esperança que tudo vai dar certo, se eu seguir no caminho certo de Deus. Então essa minha fé não me deixa abalar assim, sabe? Eu não fico muito mais... eu não fico mais abalado assim com as coisas que acontecem. Eu sempre... eu tenho fé que vai dar certo. Se aconteceu aquilo de errado é o que aconteceu de errado e vai dar certo porque vai ter mudança. Eu sei que é difícil. É muito difícil, mas eu creio que... eu creio que com a minha fé eu consigo mudar essa... essa forma de difícil de ser. E eu acho que eu tô em mudanças disso sabe? Que a fé acaba... afeta... mudando um pouco o meu... o meu jeito de ser e meu jeito de pensar, porque às vezes acontecia alguma coisa eu ficava desesperado. Por que tá acontecendo, por que tá acontecendo isso, tá acontecendo isso. E não pensava nisso, você não tem, você não tem fé em Deus? Por que está preocupado assim? Então eu acho que a fé é uma coisa muito importante em nossas vidas pra não ficar desesperado.

ENTREVISTADORA: E antes você ficava desesperado?

EM2: Sim. Às vezes acontecia alguma coisa de errado eu já entrava em desespero, sabe? Aí eu ficava... eu não, eu sou, como eu sou uma pessoa tranquila eu ficava em desespero assim interno, sabe? A pessoa me olhava assim, pra ela tava tudo bem, mas dentro da minha mente, da minha cabeça, tava mil coisas acontecendo, eu desesperado, mas eu não queria transmitir aquilo pras outras pessoas. Então pras pessoas, até hoje as pessoas falam que: pô, meu, então você tá toda hora sorrindo, toda hora você tá feliz, toda hora você tá... você não tem nenhuma preocupação. Mas é porque eu tenho tanta fé que eu... às vezes eu não consigo transmitir aquilo, sabe. E até o... a forma de pensar acabou... acabou mudando também. Não ficava mais tão desesperado internamente. Eu tô mais tranquilo. Se acontecer, um exemplo, se eu for mandando embora amanhã eu não vou ficar desesperado assim, sabe, de, tipo de: ah, fui mandado embora. Seja o que Deus quiser. Eu tenho fé que vai... vai acontecer alguma coisa depois, porque Deus tá comigo sempre.

ENTREVISTADORA: Certo. Então em situações de dificuldade, situações que você se sente de alguma maneira vulnerável ou abatido a quem você recorre?

EM2: Uhum. A, primeiramente a Deus. Antigamente eu não tinha esse pensamento, né? Mas hoje é primeiramente a Deus. Eu recorro primeiramente, por isso que a minha fé é tão grande, que eu sei que ele nunca vai me abandonar, eu sei que um pai nunca abandona o filho. Então, a primeira pessoa que eu vou... vou pensar e vou pedir alguma coisa ou vou agradecer, seria a Deus Então a primeira pessoa que eu conto é Deus. Lógico, você vai contar com outras pessoas, né? Mas eu acho que primeira pessoa... pessoa, assim, né? Primeira... a primeira que se vai contar seria pra Deus.

ENTREVISTADORA: E depois?

EM2: As pessoas mais próximas da minha vida, né? Como a gente vive numa sociedade que tem várias pessoas próximas, conta aos amigos, conta as pessoas que são próximas a você, mãe. Como a minha família não é tão próxima a mim, então eu não vivo contando minhas coisas que vai acontecendo na minha vida, sabe? É só as pessoas que têm um convívio do dia a dia assim, sabe, que eu conto.

ENTREVISTADORA: É. E é o pessoal também que professa a mesma fé ou?

EM2: Não. Tem uns que sim. Tem outros que não. Minha mãe mesmo não é... a minha mãe é católica, mas mesmo assim eu conto, porque eu creio que é minha mãe, né, ela quer o meu bem. Então as pessoas próximas, eu quero manter as pessoas próxima a mim, que me fazem bem. Se fazem mal eu não quero próximo da minha vida, né, mas nada de inimizade, mas não tão próximos de você contar uma coisa que é tão pessoal assim.

ENTREVISTADORA: Sim. E antes de você retornar você recorria a quem?

EM2: Ah, eu recorria... ah, me recorria a Deus, que eu sempre eu tive fé em Deus, sempre acreditei. Porque eu cresci já naquela... na igreja católica com a minha... meus familiares. Só que aí eu ia... é... vou contar uma história agora, só que eu ia, eu sentia: ué, hum... não tô sentindo nada aqui. Mas eu sempre cresci que... sobre... sobre falar de Deus. Eu sempre tive a fé em Deus. Apesar de eu pedir algumas coisas pra Deus e Deus realizou na minha vida. Mesmo antes de entrar pra igreja. Então,

é... então eu... a minha fé, eu... eu creio a Deus assim, mas não sempre, né, porque você... acho que quando você tá afastado você não.. se você tá afastado seu pensamento... seu primeiro pensamento não é a Deus, eu penso assim. Então eu recorria a pessoas mais próximas, amigos, colegas que tinha mais próximo assim, até minha mãe mesmo. Então, era essas pessoas.

ENTREVISTADORA: Certo. E como você avalia hoje o seu comprometimento com coisas religiosas? Com as atividades na igreja, por exemplo.

EM2: Sim. É... o meu comprometimento, é... vem evoluindo, que eu... no começo eu tava meio perdido, né? Então eu acho que com o tempo é... a gente vai podendo, aprendendo mais. Então a gente vai tendo mais comprometimento na igreja, né? E, e eu... e eu sei que o meu comprometimento tá sendo em linha reta, tá, tá indo... evoluindo, na verdade, né? Porque... eu... eu tinha um... eu não tinha o comprometido de ler a Bíblia, hoje já tenho, caso eu tenha uma oportunidade eu já consigo já poder falar alguma coisa, já dei várias oportunidades na igreja, poder ir lá na frente. Eu tenho dificuldade muito em falar em público, eu vou lá na frente e consigo falar, consigo é... mostrar uma palavra pra... pra Deus, pras pessoas. Então o meu comprometimento até no dia a dia, eu falei pra você que eu me cobro bastante, é... acho que tudo isso afeta, então... tá sendo muito... tá em evolução.

ENTREVISTADORA: E como é a sua relação com as pessoas na igreja e qual a importância que elas têm pra você?

EM2: Ah, são muito... é maravilhosa a minha relação com as pessoas da igreja. Igual, eu vou citar novamente, eu me senti muito acolhido lá pelos pastores, pelos obreiros, até pelos... as pessoas que vão à igreja todos os... os cultos, eu me senti muito bem, muito acolhido, muito, muito próximo. É... eu senti uma família de verdade ali. Porque nós somos uma família ali, né? Então eu me senti muito acolhido. E isso aí foi muito importante pra mim, na mudança, sabe, de poder é... viver tudo... todo o culto ali. Saber que se eu for lá as pessoas vão falar comigo, vão conversar comigo. Se eu for lá pedir uma... uma... se for pedir uma oração ao pastor, vou trocar algumas ideias com o pastor. Eu sei que ele vai... ele vai me escutar, vai querer meu bem. Então isso foi muito importante pra mim. Como eu cresci sozinho, então não tinha muitas pessoas na minha vida. Então isso tá sendo muito legal.

ENTREVISTADORA: E como era seu envolvimento com a igreja antes de você se afastar?

EM2: Eu não tinha muito, eu tinha mais aquelas pessoas que tinha... que era as pessoas da... da minha namorada, né? A ex-namorada. E eu tinha só com o pessoal que era mais próximo ali dela, que eram os amigos dela, não tinha muito... eu não... cheguei a conversar duas vezes com o pastor só, e nem foi conversa assim, foi conversa, sabe, é... nada a ver com religião ou igreja. Então não tinha muito... muita conversa. Então pra mim isso foi muito... foi muito... muita diferença. Porque quando eu entrei pra... pra igreja, é... eu senti é... essa, essa comunhão com essas pessoas que eu nunca tinha visto assim antes. Então foi muito legal na minha... minha volta.

ENTREVISTADORA: Agora falando um pouco mais de você, né? Como você se sente quando você começa a criar relações mais próximas com outras pessoas.

EM2: Em que sentido?

ENTREVISTADORA: Quando você conhece pessoas novas como, por exemplo né? Nessa, nessa igreja que você começou a frequentar.

EM2: Hum.

ENTREVISTADORA: Como você sente quando você começa a estabelecer relações mais próximas? Você se sente à vontade? Você se sente um pouco com o pé atrás? Como é isso pra você?

EM2: Então, dependendo a... da... da relação, eu me sinto super à vontade. Acho que... eu gosto muito de conhecer pessoas. É, então pra mim é uma... é uma troca de... de... de... experiências diferentes, porque você não sabe a experiência que ela tem. Então isso é muito legal, até pra mim como pra outra pessoa, viver alguma coisa na igreja. Então isso é muito legal, mas dependendo da... da proximidade também. Porque se for um negócio muito mais é... grudento, já passando daquele limite da amizade

ali. Se não... se não é a pessoa que você não sente é... apropriado pra fazer isso, eu acho que já fica um pouco mais tranquilo e aí você bota mais um pé.

ENTREVISTADORA: Como assim?

EM2: Um exemplo, é... se a pessoa já começar a pensar com outro pensamento de não ser uma relação entre amigos da igreja, sabe? Irmãos da igreja. Aí eu acho que dependendo da situação eu acho que isso eu fico com... com pé um pouco atrás ainda, sabe? Eu acho que dependendo, tem que ter a reciprocidade das duas pessoas pra poder acontecer isso, ser mais do que uma... irmãos ou... ou colegas, meu amigo da igreja.

ENTREVISTADORA: Certo. E você, como você se sente se abrindo numa amizade nova, se sente bem ou você é um pouco mais reservado?

EM2: Ah, eu... depende, depende muito da pessoa. Você viu aquela pessoa que é... é legal, uma pessoa que é... é de Deus mesmo, que a pessoa é ponta firme, eu... eu não sinto mais a pouca vontade de poder falar algumas coisas, vou falar tudo também, mas eu sinto de falar algumas coisas que acontece, algumas coisas, pra poder também trocar uma.. uma experiência. Às vezes aquela pessoa também viveu aquilo, poder trocar algumas experiências. Aí é bem legal. Mas... mas depende da... da... da ocasião, do momento, né? Depende da pessoa também. Se você sentir bem, igual eu falei, se você se sentir bem, e que a pessoa também é uma pessoa de uma boa fé, né? Por que não, você poder trocar algumas... algumas ideias, conversar, poder ser... ser mais próximo assim, né?

ENTREVISTADORA: E quando você precisa confiar em alguém como você se sente?

EM2: Preciso confiar em alguém? É difícil. Mas tem que ter um tempo, é com o tempo isso, eu acho, porque não dá pra você confiar na pessoa assim no primeiro instante. Eu acho que tem que ter com tempo você pegar confiança, como da outra pessoa também. Eu acho que ela tem que ter um tempo pra ganhar minha confi... pra ter minha confiança, é... pra ter minha confiança, né? Então eu acho que não é da noite pro dia que você ganha a confiança de alguém, é com o tempo, é construtivo isso.

ENTREVISTADORA: Mas como você se sente se apoiando ou confiando em alguém? Em outra pessoa.

EM2: Ah, se eu tô... tô confiando nessa pessoa é que essa pessoa já é uma pessoa de boa fé. Eu penso assim, né? Ou eu penso que se eu tô, confio nela é porque ela não vai me deixar.. não vai me dar um... um golpe, né?

ENTREVISTADORA: E quando as pessoas confiam em você, como você se sente?

EM2: Ah, eu sinto muito importante. Me sinto muito... me sinto muito especial, sabe? Quando a pessoa, as pessoas falam isso, que confia em mim. Porque é muito legal às vezes pra eles, eles sabem que você é uma pessoa de confiança, eles sabem que você é uma pessoa... de boa-fé, sabe? Porque ninguém vai confiar na pessoa que não tem uma boa-fé, né, uma pessoa má. Então se as pessoas confiam em mim é porque eu sou uma pessoa boa (risos).

ENTREVISTADORA: Certo. E como você avalia... agora seu nível de ansiedade ou de preocupação quando você sente ou quando você imagina que você pode perder proximidade nas suas relações?

EM2: Ah, eu acho que... a minha ansiedade num... em questão a isso é praticamente quase zero. Se eu tô perdendo as relações é porque tinha que perder, não deu certo, não teve aquele, aquela proximidade, não teve aquela compaixão com o outro. Se acabou perdendo porque não era pra acontecer mesmo. Mas eu acho difícil, sabe, de, tipo, disso acontecer, porque eu sou uma pessoa muito conversadeira, então se a pessoa, se eu ver a pessoa eu vou... vou ter aquela proximidade com a pessoa. Então é raro assim de eu... só se eu querer me afastar mesmo ou uma pessoa pegar um ranço de mim, que ela se... nunca vi isso acontecer, mas se eu querer me afastar mesmo eu me afasto da pessoa, se eu ver que a pessoa não é boa fé. Mas a ansiedade assim, não sinto muito não.

ENTREVISTADORA: E em relação, por exemplo, é... amorosa ou em relação numa amizade que você valoriza muito, você se preocupa é... e com que frequência passa pela sua cabeça pensamento de que é... o medo, né, de perder a pessoa?

EM2: Em questão de amorosa?

ENTREVISTADORA: Também.

EM2: Ah, preocupa, né? Porque se você está tendo uma relação amorosa com a pessoa é porque você gosta muito da pessoa. E se você gosta muito da pessoa eu creio que você não quer perder a pessoa. Isso causa um pouco de ansiedade assim. Isso causa um pouco de medo. Mas, eu creio, eu tenho fé que vai dar tudo certo. Mas dá um pouco de medo, sim. Um pouco, não, acho que dá um pouquinho mais. Dá, dá medo, dá, pra falar a verdade.

ENTREVISTADORA: Dá medo.

EM2: Dá medo.

ENTREVISTADORA: E você se preocupa nessas relações se a outra pessoa também gosta de você?

EM2: Sim. Acho que me preocupa, sim. Até pelas atitudes acho que a gente consegue perceber, né? Mas a gente sempre fica com um pensamento assim na nossa cabeça se a pessoa gosta mesmo da gente ou não. Ai... mas preocupa assim.

ENTREVISTADORA: E como você lida com o medo de se ferir numa relação?

EM2: Ah, é porque uma relação é muito forte, né? Então eu acho que é muito ruim você ser ferido na relação. Então preocupa um pouco, né? Mas a gente tenta fazer tudo pra dar certo. Porque eu acho que uma relação não é feita pra terminar, é feita pra continuar. Eu creio, como... como evangélico, que você não deve ficar passando em relação em relações, é uma só e pronto.

ENTREVISTADORA: E hoje você namora?

EM2: Não.

ENTREVISTADORA: Certo.

EM2: Mas... tô conhecendo. E tô... tô conhecendo uma pessoa que eu tô gostando e creio que vai dar tudo certo no futuro.

ENTREVISTADORA: E ela também é evangélica?

EM2: Sim. Sim.

ENTREVISTADORA: E como você avalia a importância dessa relação na sua vida atual?

EM2: Ah, é muito importante, porque eu... eu creio que se um tá na fé e o outro não tá, não está, é... eu creio que um pode atrapalhar o outro, sabe, então é... porque você vive no... na... você vive num relacionamento, eu creio que os dois tem que seguir o mesmo caminho, não caminhos diferentes é... eu penso assim é... porque se um... se um se um tá seguindo a fé ali, tendo Cristo ali, que vai dar tudo certo e que tem a fé. E outro está ali super ao contrário. Eu acho que aquele convívio vai acabar um afetando o outro. Então eu acho que atrapalha sim, atrapalha muito?

ENTREVISTADORA: Sim. E como você avalia o papel dessa pessoa hoje na sua vida? A influência dela hoje na sua vida?

EM2: É, então, eu... eu acho que ela influenciou bastante na minha vida, me ajudou muito. A gente tem... não tem tanto tempo que a gente se conhece. Lógico que a gente tem um convívio de conversar quase todos os dias, mas... é todos os dias, né? Mas eu... eu creio que me ajudou a ver de uma forma

diferente, me ajudou a ter um... um pensamento um pouco mais diferente. Então, acho que o crescimento, até o nosso crescimento eu acho que está evoluindo cada vez mais. E isso é... eu acho muito legal, sabe? Porque... porque eu acho que um sozinho ali às vezes fica um pouco ali pensativo. Agora, dois pensando e um ajudando o outro, eu acho que isso tem um crescimento muito, muito grande e gigantesco. E ela fez muitas coisas na minha vida que... é... que mudou muito, até minha forma de pensar, meu jeito de agir também. Muito legal.

ENTREVISTADORA: Muito bem. Certo. Você gostaria de acrescentar algo que esteja relacionado a nossa entrevista, mas que eu não tenha perguntado ou fazer alguma complementação?

EM2: Não. Tá tranquilo. Tudo que eu acho... acho que eu acho que eu tinha que falar, eu falei.

ENTREVISTADORA: Tá bom, muito obrigada.

EM2: Nada, que isso.

Código: EM3
Idade: 25 anos
Gênero: Masculino
Estado Civil: Casado
Religião: Evangélico Pentecostal
Tempo de adesão religiosa: 14 anos
Escolaridade: Médio Completo
Ocupação: Empresário

Data da entrevista: 19/12/2022

Tempo de entrevista: 00:53:17

ENTREVISTADORA: Então vamos começar. Me fala um pouquinho em que momento da sua vida você se afastou da sua religião?

EM3: Foi naquele negócio que vai ficar três dias na igreja, como que é o nome?

ENTREVISTADORA: Que fica três dias na igreja?

EM3: É, não, não é na igreja, você vai prum sítio, passa três dias.

ENTREVISTADORA: Retiro?

EM3: Retiro. Eu... tava todo mundo na quadra buscando o Espírito Santo. E aí eu vi um amigo que não fazia, aos meus olhos, o que eu fazia. Ele foi batizado e eu não. E aí isso gerou um conflito. Aí foi onde eu perdi a vontade de ir.

ENTREVISTADORA: Como assim ele não fazia o que você fazia?

EM3: Tipo servir, participar. E aí eu vi que eu fazia mais e aí ele teve o que eu buscava e eu não. Aí eu acabei e desanimei e aí eu parei.

ENTREVISTADORA: Esse foi o único motivo?

EM3: Foi.

ENTREVISTADORA: Como você se sentia nessa época?

EM3: Não era ciúmes, era uma falta de contentamento, como que eu poderia dizer? Senti que Deus não viu o meu esforço, mas viu o esforço de alguém que não tava fazendo o que eu tava fazendo e eu fiquei... me senti mal. Tipo o que Caim sentiu. Ele fez um sacrifício que era bom aos olhos dele, mas Deus aceitou outro. Aí foi isso.

ENTREVISTADORA: E você já tava na igreja, nessa religião desde os nove anos.

EM3: Não. Nessa daí eu... foi onde eu me batizei, que foi 4 de abril de 2011. Aí... Isso aí deve ter acontecido no finalzinho do ano.

ENTREVISTADORA: Sim e fazia bastante tempo que você... quantos anos você tinha?

EM3: 2011? Tô com 25, não faço ideia.

ENTREVISTADORA: 2011 faz 11 anos, né? 14 anos.

EM3: 14 anos.

ENTREVISTADORA: 14 anos. E você tava numa busca intensa?

EM3: Tava. Ah, tava todos os irmãos, tava a quadra cheia, dividida, e todo mundo sendo batizado com o Espírito Santo, aí era três amigos, eu, o Henrique e o Albert. E tava eu e o Albert buscando e o Henrique tipo no meio da quadra falando em línguas. E eu e o Albert buscando e aí a gente não conseguiu.

ENTREVISTADORA: Entendo. E nessa época como era seu envolvimento religioso?

EM3: Em qual aspecto?

ENTREVISTADORA: Nas atividades na igreja?

EM3: Tava em tudo.

ENTREVISTADORA: Fazia tudo? E com as pessoas, você tinha... quem eram seus amigos nessa época?

EM3: O Albert e o Henrique. Não, mas falava com todo mundo.

ENTREVISTADORA: Ah, o pessoal da igreja.

EM3: É.

ENTREVISTADORA: Você se envolvia bastante com as coisas da igreja então?

EM3: Tudo. Tipo, isso aí era um... era um encontro, era pago e era num sítio da igreja, eu não vou lembrar aonde era, mas era um... e tudo que tinha eu participava, sempre fui entrosado, mas não foi o que gerou esse conflito.

ENTREVISTADORA: Entendi. E aí foi um processo pra você sair ou você já saiu imediatamente?

EM3: Ah, eu dei aquela esfriada, aí os cultos já não eram mais interessante como no começo, aí eu fui esfriando.

ENTREVISTADORA: Certo. E aí quando você saiu de vez, como você se sentiu? Como você ficou?

EM3: Ah, você sente um vazio. Aí, você começa a buscar algo pra preencher o vazio e tem que buscar cada vez mais, então você se afunda cada vez mais porque nada preenche. Então eu lembro que eu saí, de vez em quando eu ia nos cultos, porque o pessoal chamava direto. Teve um momento que acho que todo jovem tem que virar ateu do nada, fala que não acredita em Deus. E me revoltei. E fazia tudo

que era ruim aos olhos de Deus. Talvez pra chamar atenção, não sei. E no final das contas está aí hoje na igreja.

ENTREVISTADORA: Como ficou seu círculo de amizades na época que você se afastou?

EM3: O Albert se afastou junto, o Henrique também saiu da igreja.

ENTREVISTADORA: Por outros motivos.

EM3: O Albert, eu acredito que foi pelo mesmo motivo que eu, que os três era bem unido. E aí eu saí. Deixa eu ver, meus amigos eram pessoal da igreja. Nunca tive muitas amizades, então não mudou meu ciclo de amizade, sempre foi as mesmas pessoas. Mas com o pessoal em si da igreja mesmo se afastando a gente se separou, tanto que hoje só cumprimenta. Mas eles estão indo em outra igreja, os dois juntos e eu estou na, na...

ENTREVISTADORA: E todo mundo então hoje retornou?

EM3: Sim.

ENTREVISTADORA: E como foi esse processo? Por que que você retornou?

EM3: Eu... como eu vou explicar? Essa parte é complicada. Deixa eu ver. Eu tava sentindo uma dor na barriga, parecia que tinha uma faca, presa aqui do lado, na costela, eu não conseguia me mexer direito, doía. E a minha mãe falou que o pastor da igreja dela tinha o dom de cura. E por mais que eu acreditasse, eu pensei: não é... porque você nunca foi curado de nada então você não acredita. Aí pegamos o Uber, ela ficou na igreja e eu e a minha esposa foi no hospital ali no Campo Limpo, mas tava fechado o posto, aí voltamos andando até a igreja. Aí eu sentei nas últimas cadeiras, não consegui assistir o culto por causa da dor. No final do culto minha mãe foi conversar com o pastor e falou pra mim ir lá na frente conversar com ele. Sem as pessoas estar assistindo. E aí, ele orou, perguntou se eu tinha... aí, nisso daí, ele me chamou, perguntou se eu tinha fé, aí eu disse que tinha. Aí ele falou assim: mas não é pela sua fé é pela minha. Aí ele orou e falou: sai. Na hora que ele falou, sai, a dor passou na hora. Aí ninguém... as pessoas da igreja já tavam acostumada, porque eles vêm em milagre direto. Tipo o pessoal vomitar câncer. Cadeira de roda levantar. Ele eles já... eles têm o... eles já tão lá há muito tempo, então eles já tinham visto, então pra eles não foi nenhum espanto, mas pra mim que nunca tinha visto foi... aí mesmo assim eu num... não voltei. Continuei... eu sabia que tinha algo maior, mas num... não quis voltar de imediato. Aí um dia que eu comecei caminhar, me senti mal, parecia que minha... a culpa tava me perseguindo e eu comecei... fui fazer uma caminhada, andei, acho que uns 15 quilômetros pela região todinha de Taboão, Pirajussara, Kizaemon, Campo Limpo, eu andei tudo. E no final da noite eu parei na igreja. Nessa mesma igreja. E aí parecia que o culto era pra mim.

ENTREVISTADORA: Nessa mesma igreja que você foi curado?

EM3: É. E aí, depois disso eu comecei, aí não parei mais. Só que ainda usava droga. E aí comecei ver uma coisa na igreja, que a gente faz o que, a gente analisa as pessoas. E aí você vê um erro você esquece que a pessoa também é humano. E aí eu saí. Não saí, me afastei porque tava vendo algo de fora que me parecia real. Nunca soube se era ou não. E as fofoca ajudou a concretizar isso no... na mente. E aí eu me afastei da igreja, e aí um dia...

ENTREVISTADORA: Essa igreja que você tava indo também é pentecostal?

EM3: É. E aí um dia eu tinha... tava na pracinha usando droga. Aí eu faço caminhada toda noite. Aí eu passei e vi a igreja aberta. A pastora tava pregando, o pastor tava na porta e eu achei a igreja bonita. Eu falei: nossa... chamou atenção. E aí eu queria prestar atenção no culto, mas o pastor queria que eu entrasse, eu não queria entrar. Ele ficou: entra, conhece. Falei: não, só... eu quero olhar só. E foi, e aí depois eu comecei a entrar.

ENTREVISTADORA: Você parou ou não parou, na época de afastamento, de acreditar que Deus existe, existia?

EM3: Parar eu nunca parei, mas neguei.

ENTREVISTADORA: Hum. Por quê?

EM3: Não tenho uma resposta pra essa pergunta. Talvez por rebeldia.

ENTREVISTADORA: E aí, quando você diz que você se sentia culpado, por que você se sentia culpado?

EM3: Em qual parte?

ENTREVISTADORA: Você disse que você sentia muita culpa quando você tava voltando, né?

EM3: Porque, querendo ou não, tudo o que eu fiz foi contra o que eu sabia que era certo. Então tipo eu já conhecia a lei de Deus e tudo que ele não gosta e eu fiz tudo isso talvez como uma forma de chamar atenção e tudo isso aí voltou contra mim. Tipo, você tá fazendo tudo errado. E nisso eu busquei um... eu tava buscando um conforto e aí eu acabei na igreja.

ENTREVISTADORA: Como assim? Essas coisas se voltaram contra você?

EM3: Ah, não sei te explicar, veio um sentimento de culpa por tudo que eu tinha feito de errado. Eu tava sozinho, eu queria colocar pra fora tudo o que eu tava sentindo e não tinha ninguém. E aí eu fui caminhar pra ver se eu esquecia e parecia que só piorava e piorava e eu andando, eu olhei do outro lado da ponte, que tem a ponte de ferro da Anhanguera ali, e a igreja era ali do lado. Aí eu vi a luz acesa, atravessasse a ponte, tava aberta. Aí eu sentei nas últimas cadeira. Aí...

ENTREVISTADORA: E... é, você... como tavam suas relações, é... sociais, né? Seu ciclo de amigos, contato com a família nessa época que você acaba de mencionar que você tava sozinho, né? Como que chegou a esse ponto?

EM3: Se eu não me engano eu tava com a oficina na Babilônia, ó o nome da rua lá no Pirajussara, a oficina tava péssima, que era um lugar horrível, e tudo que eu fazia lá não dava certo. Minha mãe, que eu e meu pai não tava muito bem, minha mãe que tava me ajudando tinha viajado pra... pra Minas ou pra Bahia, então não tinha motivo pra ir em casa, que ela tava viajando. Minha irmã, que sempre foi um refúgio, tinha, ela tinha falecido. E meus amigos tava tudo distante. E eu e a minha esposa tava no pior momento do casamento, tava bem ruim a minha situação.

ENTREVISTADORA: Você consegue... você relaciona isso ao seu retorno?

EM3: Talvez, porque eu... eu queria mudar essa situação que eu tava vivendo, que eu tava... eu vi o... o tanto de problema que eu tinha e pensei: eu queria consertar, não queria terminar de destruir, porque eu tava caminhando pra destruir o que já tava ruim. E o que me ajudou foi a minha filha. Que eu olhei pra ela e falei: eu tenho que dar um futuro pra essas criança e eu não quero ser um futuro ruim. E aí eu comecei a consertar, pensando que era tarde. Então... tipo, depois disso tudo começou a... Deus começou a consertar de uma maneira totalmente diferente do que eu imaginava. Que Ele vem e Ele acaba com tudo pra Ele começar do zero, foi o que Ele fez. Tipo casamento, eu... eu pedi pra Deus consertar, ela chegou, aí a gente tinha terminado, eu tinha errado bastante com ela, aí eu confessei tudo de errado que eu tinha feito, porque eu pensei, já acabou então eu vou me livrar do peso que eu tenho carregado. E quando eu terminei ela me perdoou. A oficina que eu odiava, eu falei: não, vou levantar ela. Deus tirou ou não, o rapaz pediu o salão de volta, eu tive que me virar, voltar pra casa, fiquei quatro meses sem... sem trabalhar. E aí eu indo na igreja... que eu vendi a moto, que eu tava devendo dois mil e reais e pouco de conta, tinha que fazer compra que já tinha acabado tudo. Aí eu vendi a moto, tirei o dízimo, paguei as contas, fiz uma compra. Aí eu tinha guardado três mil pra alugar um salão. Aí o resto do dinheiro, todo lugar que eu ia tinha uma placa que brilhava, escrito: limpe seu nome. Qualquer lugar, parecia que só ela dava foco. Então tudo, pra onde eu olhava tinha um: Limpe seu nome. Então, entrou aquele: vigia. E aí eu limpei o meu nome e... e aí já tinha acabado o dinheiro, eu tinha três mil reais que foi o que eu guardei que era pra alugar o salão. E tinha algo dizendo assim: enquanto não acabar esse dinheiro, você não vai conseguir um salão. E foi onde eu liguei em todos os salões da região e nenhum quis alugar pra mim. E aí falei: então vou acabar com o dinheiro. Aí eu casei e era o que faltava de certo que era...

ENTREVISTADORA: Isso... nisso tudo você já tinha voltado, né?

EM3: Já. Aí eu casei e o resto eu comprei de ferramenta. E aí esse salão aqui eu tava conversando com o dono, daí o rapaz da imobiliária, aí quando tava tudo certinho eu fui perguntar pra ele: e o depósito? Aí ele falou assim: se seu nome tiver limpo, se a gente fizer o cadastro e aprovar, o salão é seu. Aí você só paga no final do mês. E aí eu tinha limpado o meu nome.

ENTREVISTADORA: Então, resumindo, a sua vida tava de uma maneira antes de voltar e ela se tornou... ela ficou de outra maneira depois que você voltou, é isso?

EM3: É

ENTREVISTADORA: E você atribui isso ao seu retorno?

EM3: Sim.

ENTREVISTADORA: Por quê?

EM3: Porque não tinha como nada disso acontecer. Porque assim, como que explica? Eu não teria tomado nenhuma atitude que eu tomei se eu não tivesse seguido a voz do Espírito Santo. Porque todo lugar que eu passava se destacava a placa de Limpe seu nome, não era algo normal. Porque eu não tinha vontade nenhuma de limpar o meu nome e algo tava me incomodando pra fazer isso. E no final deu certo, tipo num negócio que pra mim não fazia sentido. Então, tudo que eu fui obedecendo, que os pastores oravam e falavam pra mim fazer e eu comecei a fazer, começou a me dar um resultado diferente do que era pra acontecer. Porque se eu tivesse seguido o meu instinto eu teria juntado um dinheiro, teria entrado num salão sem ferramenta. Então eu ia ter que me quebrar todo pra poder fazer o... o dinheiro pra comprar as ferramentas.

ENTREVISTADORA: É, você já, mais ou menos, me respondeu, mas eu vou perguntar novamente só pra ver se eu entendi. Por que que você retornou pra... pra, pra igreja?

EM3: Por que eu retornei?

ENTREVISTADORA: É. Uma vez que você já saiu, você já tinha saído, né? Porque você se decepcionou. Você se decepcionou, você se decepcionou com Deus, né? Com o Espírito Santo, é isso?

EM3: Com Deus... e tipo, a primeira volta, que foi a do arrependimento, do querer a mudança, eu analisei, aí eu tive essa perseguição de sentimentos e voltei. Só que eu não queria ter voltado por vontade própria. Foi tipo um... foi uma perseguição realmente, mas eu vi que era ali o meu lugar, mas...

ENTREVISTADORA: Como assim uma perseguição de sentimentos?

EM3: A culpa.

ENTREVISTADORA: Ah, sim.

EM3: E o único refúgio que eu tive foi Deus.

ENTREVISTADORA: A culpa por causa das coisas que tavam acontecendo no seu casamento?

EM3: Não só, por tudo.

ENTREVISTADORA: Por causa...

EM3: E... mas o querer voltar e fazer a obra, foi na igreja que eu olhei e eu não sei se foi uma visão, se... alguma coisa falou assim: seu lugar é aqui. Então tanto que eu cheguei, eu comecei ir pros cultos pra ver se realmente era uma igreja que tinha a presença de Deus, não falava com ninguém pra num criar um laço e quando eu vi que era ali eu falei: pastor, quero ser membro. E tudo o que acontece eu

participo, mas dessa vez, porque eu quero fazer a obra, eu vi que é o que eu tenho que fazer, então eu decidi fazer.

ENTREVISTADORA: Como você viu que é o que você tem que fazer?

EM3: Ah, não sei explicar não. Não sei.

ENTREVISTADORA: E como é seu envolvimento religioso atualmente?

EM3: Com Deus ou com a congregação?

ENTREVISTADORA: Com Deus primeiro. Depois com a congregação.

EM3: Ah, eu estou com uma intimidade boa, tenho lido, tenho orado, tenho buscado, tenho colocado em prática as coisas que eu leio, as coisas que eu tô aprendendo e estou vendo um resultado totalmente diferente do que eu tive quando era mais novo. Porque hoje eu aprendi que não é a minha vontade que conta. Eu não tinha essa sabedoria quando era mais novo. Então eu queria do meu jeito, achava que era do meu jeito, eu pensava que ia ser uma voz extraordinária falando no meu ouvido e, tipo, tudo que a gente cria na nossa mente a gente pensa que vai acontecer e não é. É da forma que Deus quer que seja. Então não é uma voz que vai chegar e vai falar: ó, invés de você ir reto, vira pra direita. E aí agora eu sei distinguir o que é... o que sou eu e o que não é. Então facilitou muito.

ENTREVISTADORA: E como é a sua relação, hoje, com a congregação?

EM3: Eu infernizo todo mundo numa parte boa. Tenho amizade com todo mundo e sinto que eu ganhei uma família.

ENTREVISTADORA: Como é seu círculo de amigos atualmente? Né? Sua rede de apoio assim, de contatos.

EM3: É um pessoal complicado. É... eu tenho dois primos que eu saí do mundo e eles continuaram e a gente era bem aprofundado no mundo. E tipo, eles viram a mudança, então não tem mais aquele entrosar, tipo, eles vieram em casa num dia, de madrugada, da balada. Louco, desabafou, pediu a Bíblia, foram no culto. Aí e agora eles me procuram mais pra se consertar, não sei qual palavra usar, mas pra achar um conforto pro coração. E os outros se afastaram porque não... não é a mesma coisa, tipo um ou outro que vem aqui e conversa aí vê a mudança, num me chama pra fazer nada, conversa, acaba que uma vez ou outra a gente joga uma sinuca, conversa um pouco, mas não bate mais o... a amizade em si e enquanto um lado tem que ceder e eles não querem, mas eu também não, então...

ENTREVISTADORA: E sua relação com a família? Com a sua família, como foi essa mudança depois que você voltou?

EM3: Ah, quando eu era... quando eu me batizei a primeira vez, meus pais era contra. Meu pai sempre foi... ou ele era da macumba, ou ele era da católica, mas da igreja não. Minha mãe não tinha religião, não queria que eu me batizasse e todos os meus amigos também era contra.

ENTREVISTADORA: E como que você entrou na igreja pela primeira vez? Como foi esse processo?

EM3: Eu sempre fui revoltado. E aí ninguém queria... tipo, foi assim, abriu uma igrejazinha no portão da frente de casa, era o Sérgio. O Sérgio, ele era maconheiro, vivia ouvindo Bob Marley, e eu e ele nunca conversou, mas ele subia todo dia com um galão de água, eu era criança. Ele subia com um galão de água nas costas e assoviava. E aí eu assobiava de volta. Que eu vivia na garagem de casa. Só que eu não sabia da história dele, eu não sabia que ele era... mas todo mundo falava super mal dele. Então era aquela pessoa que todo mundo falava assim, não tem um futuro. E aí ele abriu a igrejazinha e ele sempre teve uma cara de simpático. Ele abriu a igrejazinha, chamou, que era resgatando os jovens pra Jesus na época. E aí eu falei: ah, vou. Minha mãe foi, a rua toda foi no culto.

ENTREVISTADORA: E você tinha nove anos?

EM3: Não, nove eu era Testemunha de Jeová. Aí começamos a ir e era todas segunda, acho que era terça e quinta ou era segunda e quarta, era dois dias na semana. E eu comecei a ir e aí ele começou a ensinar, que lá eles trabalhavam com células. E eu comecei a ir, comecei a ir, aí tinha domingo e aí eu fui participando, aí todos os meus amigos se revoltou porque eles não queriam ir mais. E eu continuei indo. E aí ficou eu, aí eu ganhei o Albert e o Henrique, que ele falava: você tem que montar uma célula. Eu virei líder de célula. Era um bom evangelista. E eu já tava com a célula montada e aí, eu, quando ele falou do batismo eu, o Albert e o Henrique batizou no mesmo dia. E aí ele... todo mundo, meu pai foi contra, todo mundo. Não, não batiza. Eu não vou batizar. E eu tava num... maravilhoso, só que eu não entendia quase nada, que, querendo ou não, eles falava grego, eles não ensinavam igual... talvez não é que eles não ensinavam, não tinha um... um negócio específico pros jovens aprender e o ensinamento é tipo eles explicava o sacrifício e você não entendia nada. Que é o que se não ensinar não aprende. Então você falava, a gente aprendia por cima, aí eu comecei lendo de Gênesis, então você não entende nada com nada. E então eu pensava que era do jeito que eu pensava que ia ser. Aí quando eu não tive o que eu queria eu larguei de mão. Falei não, então não quero.

ENTREVISTADORA: E deixa eu ver, vamos voltar, vamos falar um pouco da sua infância porque você foi Testemunha de Jeová também, né?

EM3: Fui.

ENTREVISTADORA: Então, você falou que você era um pouco revoltado. E pelo que eu entendi, seus pais não foram Testemunhas de Jeová, né?

EM3: Humhum.

ENTREVISTADORA: Por que que você era revoltado?

EM3: Ah, porque era assim, eu era uma criança muito teimosa que eu puxei o gênio do meu pai pelo que a família toda diz. E ele sempre brigou comigo e me proibiu de fazer as coisas por... pelos mínimos do mínimo. Meu pai teve uma infância meio conturbada. Então ele não queria que eu tivesse a mesma infância, só que ele acabou fazendo a mesma coisa que ele viveu. Tipo, o pai dele era separado da minha avó, ele não conheceu na infância e o padastro dele dava tudo pras filhas, pras irmãs dele, mas excluía ele e proibia ele de fazer tudo. E ele me proibiu de fazer tudo, minha irmã tinha tudo e eu, tipo, tive a mesma infância que ele com ele tentando não passar isso pra mim. Então enquanto todo mundo ia jogar bola eu ia trabalhar. Tanto que eu comecei a trabalhar muito novo. E aí, ele cresceu se virando sozinho, então pra ele, tudo era do jeito dele. E como eu achava que tudo que ele tava fazendo comigo era errado, então eu queria do meu jeito. Então ele falava pra mim fazer uma coisa, eu ia lá e fazia outra. E aí tipo eles falava: ah, Testemunha de Jeová é muito chato. Fica batendo de porta em porta. E aí eu comecei a dar ibope pra mulher que ia lá falar de Jeová. Que era Galine o nome dela. Aí ia ela... Ela era uma senhora e mais uma mulher. Acho que era a filha dela. Aí ia e vinha com aquele livrinho lá com a sentinela e ensinava e eu ficava horas e horas ali lendo e aprendendo e minha mãe ficava pistola. Ela gostava da mulher, mas não gostava do aprendizado. Aí eu ia pra casa da mulher, ficava com os filhos dela. Ia pro salão que eles têm, como como se fosse uma igreja, tem o nome certo, eu que não lembro. Nunca consegui assistir um culto, dormia em todos, que a cadeira era muito confortável e eu apagava. E aí eu não sei o que... eu não lembro o que me afastou. E aí eu era... vivia de castigo... ou eu tava trabalhando ou tava de castigo. Então quando apareceu essa igreja, pra mim era uma válvula de escape. Falava, pra mim fugir da minha família era ali, e ninguém queria, então era dois motivos pra mim escapar deles. Uma que eles não queriam e outra que era o único momento que eu tinha sem eles.

ENTREVISTADORA: E aí você mencionou que a sua irmã era seu refúgio, né?

EM3: É.

ENTREVISTADORA: Ela era mais velha?

EM3: É. Ela... se eu tô com 25, agora ela ia tá com 28.

ENTREVISTADORA: Quando você a perdeu?

EM3: Ano passado... ou retrasado também... sou péssimo com data.

ENTREVISTADORA: É... e me fala um pouco assim, na sua infância, né, como que a sua irmã se tornou o seu refúgio e não seus pais, por exemplo?

EM3: Tá, eu era um pouco revoltado, apanhava bastante e vivia de castigo. O pessoal tava jogando bola, eu tava dentro de casa preso. Então eu aprendi desenhar porque era o que eu tinha pra fazer. Televisão só assistia quando meu pai não tava em casa. Porque quando ele está em casa ele ligava o computador e a televisão e isso aí era dele. Só ele que assistia. Minha mãe sempre foi muito fechada então eu não sei nada da vida dela. E aí eu fazia o quê? Eu fugia e ia pra casa dessa minha irmã. Mesmo sabendo que quando eu voltasse eu ia apanhar eu ia, que eu me divertia, ela me escutava. E aí eu voltava, levava uma surra e tava tudo bem porque eu já tinha feito o que eu queria. E aí ela ficou com um câncer no colo do útero, aí tirou, aí ela tava fazendo quimioterapia, só que ela tava muito magra. E ela e meu pai não se falava por orgulho há uns nove anos. E aí eu só consegui visitar ela quando ela tinha acabado de ser entubada. E eu não sabia o que significava ser entubado, que era que ela já não tinha mais chance. Então eu cheguei lá inocente e dei uma palavra de apoio. Em vez de me despedir igual todo mundo fez. E aí quando eu voltei eu falei pro meu pai que ela tava mal. Ele foi lá ver ela a última vez, quando ele chegou em casa, deu uns 40 minutos, aí ela morreu. Aí meu pai parece que virou uma chave nele, aí ele mudou a personalidade, melhorou as coisas entre eu e ele, mas, tipo, era pra quem eu fugia, eu brigava com a Karine, eu ia pra casa dela. Eu, quando era criança, que tinha um problema em casa eu ia pra lá. E qualquer coisa eu tava lá.

ENTREVISTADORA: Você também fugia pra ela quando você se afastou pela primeira vez? No... na época da sua adolescência, início da idade adulta, ela era seu porto seguro?

EM3: Não, porque ela tava morando em outro lugar. Na minha infância eu passei muito sozinho. Quem me ajudou muito foi um amigo meu da escola. É o Eliel e uma professora que é dessa igreja, da Adventista.

ENTREVISTADORA: Aqui é uma igreja adventista? E quando você se afastou a primeira vez que você se decepcionou, é, quando que o seu relacionamento com a sua irmã ficou mais é forte?

EM3: Ah, era na infância, depois que ela voltou continuou a mesma coisa, porque era... ela sempre me entendeu e ela não tinha aquela frescura de tratar com carinho, ela dava umas patada e trazia pra realidade. Então era alguém que me dava conselho certo em vez de passar a mão na cabeça.

ENTREVISTADORA: Então você era apegado a ela?

EM3: Era.

ENTREVISTADORA: Você, na época, falando de apego, né, você... na época da, que você ia na igreja desse vizinho, com seus amigos, a quem você acha que você era mais apegado?

EM3: Dos amigos?

ENTREVISTADORA: De tudo.

EM3: O que pregava. O Sérgio.

ENTREVISTADORA: Por quê?

EM3: Ah, ele sempre quis me ajudar no fim das contas. Ele não era aquela pessoa que queria te ajudar pra ganhar alguma coisa. Ele sempre me olhou com uma cara de... que via algum potencial que ninguém via.

ENTREVISTADORA: E como você se sentia com relação a isso?

EM3: Me sentia bem. É por isso que eu ia. Aí eu... quando eu acabei me afastando eu ia... porque toda vez que eu chegava lá ele mostrava um ar de felicidade em me ver. Então eu sempre ia quando eu

podia, que querendo ou não, teve tempo que eu trabalhei na pizzaria então de noite não tinha como ir. E sempre que dava eu aparecia e aí o ar dele nunca mudou. Tipo, ele me olhava e se sentia alegre, então me fazia bem.

ENTREVISTADORA: É... e sua relação com Deus? Nessa época, você sente que ele desempenhava um papel importante na sua primeira conversão?

EM3: Sim.

ENTREVISTADORA: Como era a sua relação?

EM3: Ah, eu sempre busquei bastante porque eu num... eu nunca busquei a Deus por um interesse de ter algum bem ou alguma coisa, eu sempre... eu era novo então não podia ter nada, não tinha idade pra ter uma casa, um carro, não tinha, não podia ter nada. Então eu fui porque eu queria conhecer. E meu pai sempre falou assim: você não pode ouvir nem ver Deus porque senão você morre. Não sei se ele cresceu aprendendo assim, eu nunca perguntei. E as pessoas sempre falaram que podia, então sempre fiquei: pode ou não pode? Então eu fui descobrir pelas minhas próprias pernas. E hoje eu entendo que se eu tivesse tido uma mentalidade um pouco diferente, aprendido um pouco mais, talvez eu nunca teria saído.

ENTREVISTADORA: E quando você saiu, do que que você sentiu mais falta?

EM3: Da presença. Só da presença, né? Porque, como diz, é individual, então cada um busca aquilo que te faz bem e eu sempre gostei de estar na presença de Deus. Então... só.

ENTREVISTADORA: E as pessoas?

EM3: Ah, em qual termo? Como assim?

ENTREVISTADORA: O pregador que você é... gostava bastante, você sentiu falta dele nesse período afastado?

EM3: Sim. Só que, tipo, ele saiu desse núcleo e está em outra igreja. Ele e a família dele. Eu vejo, continuo a amizade, ele continua com o mesmo olhar. Fico triste de ter me afastado, queria poder conversar mais, de ter mais contato com as pessoas que eu tinha. E diminui bastante quando cê vem pra igreja porque ninguém quer seguir a mesma coisa e é tudo diferente, mas eu sempre fui sozinho, então não tenho esse sentimento de uma falta, sabe, um... solidão, eu não sinto.

ENTREVISTADORA: Certo. É, na época que você se afastou, em situações de dificuldade, a quem você recorria?

EM3: Ninguém. Eu trabalhava com um senhorzinho que me dava uns conselho bem ruim. Mas era bom pra ele. A minha irmã, ela só me falava o que seria certo fazer. Mas de ter alguém pra recorrer, eu nunca tive.

ENTREVISTADORA: E hoje em dia?

EM3: Mesma coisa. Só que minha irmã morreu, então... o senhorzinho, eu vou lá visitar ele e hoje quem aconselha ele sou eu. Os amigos nunca me serviu de conselho, sempre foi mais pela companhia. E hoje é a única pessoa pra quem eu peço conselho, quando eu tenho alguma dúvida, é o pastor, mas sem o sentimentalismo de necessidade de companhia, tipo, continuo só.

ENTREVISTADORA: Certo. E aí assim, falando mais sobre você. Você... Você, como você se sente quando você começa a estabelecer relações mais próximas com outras pessoas? Criar novas amizades. Você se sente... quão à vontade você se sente?

EM3: De boa, só... só que no meu momento de dificuldade eu me isolo, é eu e eu. Mas eu recorro a Deus só e... mas pra fazer amizade eu sou uma pessoa de boa.

ENTREVISTADORA: É... quão à vontade você se sente com intimidade?

EM3: Como assim?

ENTREVISTADORA: Nas suas relações de uma maneira geral.

EM3: Não entendi. Dá um exemplo.

ENTREVISTADORA: É... quando você começa a... a abrir sua intimidade, né, É... as pessoas começam a, por exemplo, você abre sua casa tranquilamente pra outras pessoas? Em relações amorosas, antes de você se casar também, como que é isso?

EM3: Ah não, nisso daí demora, sou bem... eu vejo assim, a maldade das pessoas. Tipo, pra mim confiar no... nos pastores, no pessoal, eu demorei muito até criar uma certa intimidade com eles. E, tipo, é quando eu vejo... dentro de mim parece que tem algo que fala assim: esse alguém pode. Então quem for em casa, foi, tipo a EF1 e o EM2, esses dias, jogar baralho, mas eu ainda não vejo um negócio pra mim falar, me abrir, soltar. Nem pros meus amigos mais antigos eu não tenho esse negócio. Quem me conhecia mesmo era minha irmã.

ENTREVISTADORA: É, você se sente bem se apoiando ou confiando em outras pessoas?

EM3: Não.

ENTREVISTADORA: E quando ela... por quê?

EM3: Não sei. Talvez porque eu nunca consegui, sempre fui... deixa eu ver. É que eu sempre me decepcionei. Então nunca consegui soltar uma carga que eu carregava pra alguém, porque só tive problema, então eu guardo pra mim, acho que é mais fácil.

ENTREVISTADORA: E quando as pessoas confiam em você?

EM3: Eu tento fazer o melhor possível.

ENTREVISTADORA: Como você se sente?

EM3: Sobrecarregado. Risos.

ENTREVISTADORA: Você chegou a dizer que se decepcionou com Deus?

EM3: Sim.

ENTREVISTADORA: Você precisou passar por um processo de perdô-lo?

EM3: Não. Depois eu vi que o errado era eu. Porque quem não conheceu a Deus direito fui eu. Então, querendo ou não, Deus sempre foi algo maior do que a gente. E aí, não sei se eu não prestava atenção, se... eu era moleque, eu não vou lembrar, mas eu não tive esse... essa instrução de que tinha que ser a vontade dele, o tempo dele, que tudo gira em torno dele. Então eu coloquei o eu na frente dele. E me revoltei com isso e aí, quando eu entendi o que era realmente, aí eu me pus no meu lugar.

ENTREVISTADORA: Entendo. E aí, falando sobre seu nível de ansiedade ou de preocupação em perder intimidade ou contato, ou alguma amizade, como que você se sente quando você está nessas relações mais próximas e você... passa pela sua cabeça assim: se perder essa pessoa, perder o que você está construindo?

EM3: Eu não sou uma pessoa apegada a nada, então... Porque, querendo ou não tudo o que eu tive, acabou que se desfez, as outras oficinas, as amizades. Então eu já estou acostumado a não botar... deixa eu ver, a não pousar num galho.

ENTREVISTADORA: Criar expectativa?

EM3: É, pode ser. Então, tipo, eu sou uma pessoa intensa. Eu vou entregar o meu melhor naquela hora, no tempo que for, enquanto durar. Mas se não durar, eu fiz a minha parte. Saio com a consciência limpa.

ENTREVISTADORA: Certo. Você já teve medo de rejeição?

EM3: Medo de rejeição? Não sei. Como... Pode ser, porque eu sempre busquei fazer as coisas melhor do que todo mundo pra ver se tinha um reconhecimento, então isso pode ser medo de rejeição.

ENTREVISTADORA: E como você lida com isso?

EM3: Ah, hoje eu... já entendi que as pessoas... quem gostar de você vai gostar de você pelo que você é e não pelo que você faz ou tenta fazer, então hoje eu sei que eu não preciso entregar o meu melhor pra chamar atenção porque alguém pode me rejeitar, então hoje eu estou mais em paz comigo mesmo do que antes.

ENTREVISTADORA: E numa relação, como você lida com o medo de se ferir?

EM3: Ah, nessa parte aí eu sou tranquilo porque eu... Deixa eu ver como que eu vou explicar. Eu... a gente colhe o que planta. Se a gente está colhendo algo que a gente não plantou, a culpa não é nossa. Então eu... eu dou a liberdade e se acontecer algo que venha me magoar eu vou tentar não fazer isso com a pessoa, com a próxima pessoa ou... e espero que não aconteça comigo. Então hoje eu me ponho no lugar das pessoas antes de fazer qualquer coisa.

ENTREVISTADORA: É, tá certo. E aí você então, como você avalia assim a frequência que passa pela sua cabeça, alguma preocupação se a outra pessoa também gosta de você.

EM3: Eu não tenho esses pensamentos aí não. Eu sou bem desligado. Eu vivo no modo avião. Então, tipo, eu não sou uma pessoa que fica demonstrando amor e carinho. Eu sou bem psico, na realidade, eu tento mudar isso de vez em quando em casa porque as crianças precisa de carinho e de atenção, aí como eu não tive eu não sei como passar isso. Então, tipo, meu pai me proibiu de tudo e minha mãe nunca se abriu, meu pai também não, e então eu não tive um exemplo pra mim seguir. E aí eu tentei ser totalmente contra, então eu deixo as crianças fazer muito o que elas querem. Coloco um certo limite pra eles não extrapolar também porque faz mal pra eles afinal de contas, mas em relação a sentimento eu não sei passar pra eles ou pra Karine porque eu não tive um bom exemplo. Então eu sou meio conturbado nessa parte aí.

ENTREVISTADORA: Tá certo. Você gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da entrevista agora que a gente é, está chegando ao final? Algo que eu não tenha perguntado ou fazer alguma complementação?

EM3: Não. Agora está indo bem só.

ENTREVISTADORA: Tudo certo?

EM3: Tudo certo.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada novamente.

EM3: De nada.

ENTREVISTADORA: Vou encerrar a gravação então.

Código: EF1
Idade: 25 anos
Gênero: Feminino
Estado Civil: Solteira
Religião: Evangélica Pentecostal
Tempo de adesão religiosa: 1 ano
Escolaridade: Superior Completo
Ocupação: Importação e exportação

Data da entrevista: 03/11/2022
Tempo de entrevista: 43:39

ENTREVISTADORA: Quando você diz que faz um ano que você foi... que você se converteu de verdade, mas você já ia quando você era criança na igreja, né?

EF1: Isso.

ENTREVISTADORA: Por que você diz isso?

EF1: Porque eu cresci num... num lar cristão, num lar que acredita na... nas coisas relacionadas a Jesus Cristo, porém a conversão ela é só quando eu realmente vivi, vamos se dizer que, um novo na minha vida no qual nunca havia vivido.

ENTREVISTADORA: Entendi. E você, quando foi a primeira vez que você entrou na igreja? A primeira vez que você entrou na igreja?

EF1: A primeira vez na vida ou a primeira vez depois que eu tinha parado de fazer as coisas relacionadas à igreja ou primeira vez criança?

ENTREVISTADORA: Na vida.

EF1: Não me lembro, eu acho que eu era muito pequena.

ENTREVISTADORA: Você ia porque sua mãe ia?

EF1: É, até então era porque minha mãe queria que fosse, eu era criança, não tinha, não tinha... não tinha nada, tinha que obedecer e pronto, quando você é criança você tem que obedecer. Até uma certa idade, daí quando eu resolvia por mim mesma eu ia porque eu gostava ir, gostava do que acontecia dentro da igreja, dentro da religião.

ENTREVISTADORA: Como que era essa época pra você que você gostava de ir?

EF1: É, é bem divertido. A gente tinha muito aprendizado, tinha reunião entre os amigos, a leitura das escrituras também era bem importante.

ENTREVISTADORA: E aí você se afastou.

EF1: Isso aí. Mais ou menos... eu... não sei, vamos fazer conta aqui, eu acho que entre dezoito e dezenove anos eu acho, eu não posso fazer conta certa, mas eu acho que foi mais ou menos nesse período, eu entrei na faculdade e aí tinha acabado de terminar o meu contrato como atleta da Seleção Brasileira, então é muitas coisas ao mesmo tempo. E aí eu escolhi, vamos dizer assim, entre aspas, fazer outras coisas. E aí eu tinha acabado de entrar na faculdade, tinha conseguido uma... uma bolsa na universidade pública, e aí conforme fui estudando, fui fazendo as coisas nas quais lá, ir à igreja, acreditar em Jesus Cristo e... é... como que eu vou explicar? Não era todo mundo, não era tão normal assim. E aí enturmei nos amigos lá e não eram tão meus amigos assim, e é a mesma coisa. Não, não me fazia tanto... tanta falta assim, não era tão importante ir na igreja, porque começou a diminuir de ir até que eu não fui mais.

ENTREVISTADORA: Mas você era batizada, você participava? Você era batizada? Participava das atividades na igreja?

EF1: Sim. Sim, eu era uma membra assídua, participava das coisas, eu tocava na igreja também. Mas eu acho que era mais... é... como que eu posso explicar? Acho que era mais um momento de estar lá fazendo as coisas, já era rotineiro pra mim, não era algo surreal assim, não era sobrenatural, usar essa palavra assim, era cumprir uma agenda que eu tinha pra fazer, sabe, mas gostava, mas não era algo surreal, eu gostava, mas era mais tinha uma... uma agenda a ser cumprida do que qualquer outra coisa.

ENTREVISTADORA: E como eram as suas relações sociais nessa época?

EF1: Ai, meu círculo de amigos era bem diverso, tinha pessoas da igreja, pentecostal, tinha apostólico romano, tinha umbandista, tinha, sei lá, satanista, tinha tudo.

ENTREVISTADORA: Certo. E quer falar um pouquinho mais sobre esse período que você se afastou?

EF1: Pode ser. Tem alguma coisa específica?

ENTREVISTADORA: Como foi pra sua família?

EF1: Ah, pelos meus pais foi bem difícil, né? Porque eu cresci no meio cristão e segundo o que eles falavam pra mim eu conhecia a verdade, vamos dizer assim. E aí mesmo assim eu fui ouvir outras coisas, é, pensadores diferentes, filósofos diferentes, as práticas que eu comecei a fazer. Então, isso não condizia até com os princípios que eles haviam me ensinado. Então pra eles foi bem difícil.

ENTREVISTADORA: A quem você era... é, quando você se afastou, né? É, você sentiu falta de algo relacionado à igreja?

EF1: Olha, vamos lá... tem algo específico assim que pra mim sempre foi... foi muito difícil, porque eu sempre fui musicista. Não sou, nossa! Musicista, mas quando me afastei assim, acho que foi o que mais me pegou daí, acho que foi a música em geral, porque eu não, não só fazia parte, não era só membro que tocava, eu coordenava tipo instrumento, via as escalas, é... então era... foi bem impactante pra mim, porém não foi tão, tão forte quanto, quanto sair, porque se fosse forte o suficiente num, num tinha saído.

ENTREVISTADORA: Então você sentiu falta dessa rotina?

EF1: É, das práticas, talvez. E aí nesse tempo de saída, eu acho que eu ficava procurando algo que me preenchesse, que ocupasse o meu tempo, vamos dizer assim. Procurava algo no qual eu fizesse com que aquela alegria, aquela... aqueles momentos felizes aparecessem, é, por mais que eu não tivesse lá dentro da igreja. Portanto, eu fiquei procurando várias coisas, fiz várias coisas tentando preencher essa... essa lacuna, sabe. Então, tipo, não era só a música em si, né? Esse foi acho que o principal, né? Mas as outras foi, foi... experimentando até achar alguma coisa pra suprir, assim. E daí era... eram alegrias momentâneas, era meio que... é... como eu posso dizer? Tipo, era legal, era divertido, mas não tinha continuidade, era só uma vez, ali, era só aqueles momentos que estavam ali e, tipo, hoje, amanhã já não existia mais. Foi meio que isso.

ENTREVISTADORA: Quando você... me fala um pouco sobre o momento que você decidiu retornar.

EF1: Olha, eu vou dizer pra você, não existiu esse momento. Não existiu esse momento. Hoje eu vou voltar a fazer as coisas relacionadas à igreja. Não existiu isso. Até porque tudo me lembrava a igreja, tudo me lembrava a religião, me lembrava o que eu havia aprendido minha vida inteira, vamos dizer assim, porque se eu fiz as contas certas aqui, foram entre seis e sete anos que eu fiquei sem participar das coisas da igreja. E aí, daí eu tentava tipo fazer as coisas pra que não... como que eu posso dizer isso? Que tem, não sei se pode falar isso aqui, mas tem uma, uma escritura, né? Na, na Bíblia, que fala: Não apaguem o Espírito, lá em I Tessalonicenses 5:19, daí ia fazer de tudo pra que isso acontecesse, apagava o espírito de todas as formas que eu podia. Tudo que era relacionado a igreja ou algo que me lembrasse as coisas que eu fazia na igreja ou... ou aquelas alegrias, as coisas em geral, né? Que eu fazia na igreja, se tivesse algo que me lembrasse aquilo, eu ficava superirritada, é, não queria participar de nada, tipo, se tinha festas aqui na minha casa, coisa do tipo, eu me abstinha de participar ou fazer qualquer coisa, tipo: ah, eu não posso agora, tenho trabalho pra fazer, tenho um

livro atrasado... dava alguma desculpa pra não participar, muitas vezes. Então tudo que, que eu podia pra fazer pra que não acontecesse, é, algo relacionado a, a igreja, eu fazia.

ENTREVISTADORA: Mas depois de sete anos, né? Nesse último ano que você comentou que você se converteu, aí você decidiu retornar.

EF1: Sim. Na verdade, foram as circunstâncias que fizeram com que eu ficasse na igreja. É, algumas pessoas bem próximas a mim faziam com que (inaudível) eu fosse a igreja, é, fazia com que, é, eu tentava assim me lembrar das coisas que, que eu fazia quando ia à igreja. Comecei a frequentar algumas vezes, tive alguns convites. E aí na igreja da minha mãe as pessoas ficavam me convidando, é, me pedia pra participar de orações, por mais que eu odiasse aquilo. Não queria, mais de alguma parte de mim dizia que eu devia fazer, por mais ríspida, mal-educada, sei lá, que eu respondesse as pessoas, elas continuavam a fazer. E aí chegou um certo momento no qual eu falei: oh, eu não sei se já tive verdade ou não, mas se for eu preciso de algo plausível, tangível pra mim, pra que eu possa ver com os meus olhos o que alguém tá falando pra mim. Então eu, eu, como eu fiz uma, uma simples oração a respeito disso e tive uma, uma resposta, vamos dizer assim, de que aquilo era o que eu havia feito e que deveria continuar e que aquilo era correto, sabe? E aí que eu tô aí.

ENTREVISTADORA: Certo. Me ajuda a entender, é, o que te fez aceitar os convites?

EF1: Eu acho que de início eu tive uma... nunca tive uma relação muito afetuosa com a minha mãe. E pra ela era muito gratificante que eu fizesse algo relacionado a igreja. Então, no início, pra mim era tudo assim, óh, estavam falando pra eu ir, por mais que eu não queira talvez ela fique feliz. E pare de encher meu saco. Então daí nas primeiras vezes, eu não sei quantas vezes no geral assim que eu fui lá na igreja na qual ela frequenta, então eu fui, sei lá, acho que umas cinco vezes mais ou menos, não sei, e... e aí depois disso eu fiz essa... essa oração aí que eu havia dito ainda há pouco, e que vi por mim mesma que era o melhor a se fazer, que eu precisava daquilo, e todo o sentimento com o qual eu precisava alegria ou, sei lá, qual o sentimento que eu estava procurando era ali que deveria achar. Por mais que eu não... não acreditasse tanto nos princípios básicos daquela... daquela igreja ali iam dizer, mas era algo que eu precisasse naquele momento era me firmar ali e continuar.

ENTREVISTADORA: Você não se sentia preenchida e alegre antes?

EF1: Não exatamente porque eram alegrias momentâneas, né? E daí elas... acabava o que eu tava fazendo, por exemplo, usava ópio, e muito, daí cabo, cabô a alegria.

ENTREVISTADORA: Entendi. E como você se sente hoje?

EF1: Alegre e feliz. Risos. Sabendo que tem adversidades diárias... mas são coisas da vida, né?

ENTREVISTADORA: Sim. E hoje você conseguiu... você disse que quando você se afastou você sentia muita falta, você era apegada a tocar, né?

EF1: Sim.

ENTREVISTADORA: Hoje você sente que você tem conseguido retomar isso?

EF1: Olha, no geral, no dia que... no qual eu saí, que eu falei assim, óh, pra mim isso não serve, não... não agrega em nada na minha vida, eu não toco mais, por mais que eu goste, eu acho que eu aprendi num... nesse lugar, acho que não faz parte de mim isso, eu não quero mais. Então, é... eu não tocava nada, meu instrumento ficou, chegou lá deteriorando aqui na minha casa, não toquei nada, sério, não peguei nele em nenhum momento, lógico, só trocar de lugar assim, sim, mas pra trocar, fazer um som, não. Até que 2021, 2020, acho que foi dezembro de 2020 ou janeiro, ali, mais ou menos, 2021, eu... eu tive uma proposta pra vender ele, meu Baixo, e aí eu vendi, e desde então não tinha pego instrumento nenhum, nada. E aí alguns meses atrás eu tava frequentando a igreja e tudo mais e aí eu falei: óh, acho que eu preciso voltar pra... pra música ou ela precisa voltar pra mim. E aí eu comprei um instrumento, um Ukulele, e... mas não conseguir tocar, mesmo assim, por mais que eu já o tivesse, mas ainda não... não consegui me conectar com ele. Não sei se... se é meio normal, mas os músicos precisam se conectar com os instrumentos antes de tocar e, tudo mais. Mas eu não consegui, e fiquei com ele aqui, ocupando espaço e aí meu... Eu preciso fazer isso acontecer, mas eu não consegui. E

aí tem um rapaz lá na igreja na qual eu tô frequentando, que tem um violão que precisava de ajustes e eu sabia da necessidade por mais que não fosse meu, meu instrumento base, né? O violão, mas eu sabia fazer isso, E ele tava precisando de ajuda, e tal, eu falei: ah, eu não sou mestre nisso, mas eu posso te ajudar. Então eu fiz os ajustes que ele precisava e aí ele falou: óh, é, agora você vai ficar com ele e vai tocar. Eu precisava que arrumasse o instrumento e você pode tocar ele. Eu falei: não, cara, pode ficar com ele, eu só arrumei pra te ajudar, porque eu sabia fazer, e tal. Aí ele falou: não, agora você vai tocar alguma coisa aí, pra gente ficar feliz, e tudo mais, e se divertir. E ainda assim eu não tinha conseguido tocar, mas depois de um tempo, é... eu havia feito algumas orações, alguns jejuns a respeito disso, que pra mim foi bem importante, e aí eu não consegui tocar uma música inteira, mas consegui fazer alguns acordes de algumas músicas que pra mim no passado fazia muito sentido, que por mais que eu, havia muito tempo que não tinha tocado nada, é... foram os primeiros acordes que me veio à cabeça de quando eu... sei lá, não sei explicar isso (risos) veio na minha cabeça esses acordes e eu fiz e eu falei: caraca! Muito bom. E daí aquele sentimento de pertencimento, de alegria, de... é isso que a minha alma ansiava, vamos dizer assim. E aí, tamo aí.

ENTREVISTADORA: Você sente falta das pessoas da igreja anterior?

EF1: Não.

ENTREVISTADORA: Sentiu?

EF1: Acho que eu sou meio desapegada das pessoas. Não que o desapego seja... apego seja ruim, né, mas eu acho que num... não faz muita diferença.

ENTREVISTADORA: Você. Você sentiu em algum momento que você estava distante?

EF1: Em qual sentido?

ENTREVISTADORA: Quando você tava afastada você sentiu falta deles, dos colegas, dos pastores, dos irmãos?

EF1: Mais ou menos. É... sei lá, eu acho que no, no geral, eu não senti muita falta, porque acho que... é, não éramos tão próximos, por mais que... eu estava lá com frequência assim, não éramos tão próximos, era... era mais tipo... como eu falei... sabe? Então acho que foi mais fácil, vamos assim dizer, em aspas, porque não era tão, tão fácil o convívio, não era... é... a gente não se via tanto, tipo, se falava por WhatsApp ou ligação, assim, mas a gente não se via tanto. Então acho que, que esse apego assim, vamos dizer, foi mais fácil desapegar. Só umas, tipo, acho que teve uma só que a gente meio que se fala assim, mas é porque ela foi pra outro país. Então, a gente tem uma ligação meio que legal assim, que ela tocava o baixo também, mas só.

ENTREVISTADORA: E aí você comentou que você tentou a todo custo apagar o Espírito Santo, né? Você sentia falta de Deus, de Jesus, do Espírito Santo nesse período que você estava afastada?

EF1: Olha, creio que sim, mas é... eu fazia... é... indiferença, a palavra era essa, fazia indiferença, tanto ele existir como não, eu pensava que tipo, eu tinha que fazer por mim mesmo tudo que eu tinha que fazer, se eu tivesse que estudar, se eu tivesse que trabalhar, se eu tivesse que aprender um idioma novo. Então eu achava que era indiferente, por mais que era gritante assim, sabe, tipo, o Espírito clamando por mim, vamos dizer assim, era gritante, mas eu fingia que não estava vendo, é, as coisas que aconteciam ao meu redor, e eu falava: caraca, isso é loucura da sua cabeça. Não é, não é o Espírito querendo me chamar, vamos dizer assim.

ENTREVISTADORA: Que coisa, por exemplo?

EF1: Ah, meus pais, é, tipo, é, proteção assim dos meus pais, tipo, que eu fazia coisa que não era pra fazer, viagem louca, é... umas coisas assim, tipo, é, entrar em outra... como que eu falo isso? Entrar em outro meio religioso, sabe? Menina, você num sabe isso, cara, você num... num leva esses lugares pra você, sabe? Essas coisas assim.

ENTREVISTADORA: Sim, você se sentia protegida pelas orações dos seus pais?

EF1: É, era indiferente, mas acho que sim. Eu falava que era indiferente, mas eu acredito que sim. Agora eu acredito que sim.

ENTREVISTADORA: Você reconhecia, mas tentava negar.

EF1: Isso, isso, isso.

ENTREVISTADORA: E aí como que você relaciona todas essas situações que você estava vivendo à sua decisão de retornar a religião?

EF1: Aí você diz no aspecto de dificuldade?

ENTREVISTADORA: Você estava vivendo dificuldades?

EF1: Ah, sim, é... eu acho que todas as coisas, é... usar um (risos) eu tava num barquinho furado e o (risos) eu tava num barquinho furado e tava vindo muitas ondas e, tipo, já não tinha mais lugar pra ficar e só tinha uma única ilha, só que pra eu chegar lá eu tinha que pular na água, sendo que eu já tava toda imersa, então não tinha muita diferença, sabe? Pra mim era meio que isso. E eu não via aquilo.

ENTREVISTADORA: É. Pode falar.

EF1: É, não, tipo, eu não via que eu precisava daquilo, sabe? Que a única salvação que tinha, tinha que mergulhar, por mais que eu já estivesse imersa por água no barquinho furado. É. É isso.

ENTREVISTADORA: E você acredita que exista algum tipo de relação entre o fato de você estar distante da igreja e essas águas entrando no barquinho?

EF1: Sim.

ENTREVISTADORA: Que tipo de relação?

EF1: Ah, porque eu queria fazer as coisas por mim, né? Tipo, não queria ajuda, vamos dizer assim, dum ser do qual, agora eu reconheço que sim, no qual ele sabe mais do que eu. Mas na... ao meu ver de, sei lá, dezoito anos, não que eu tenha muita idade, agora que eu saiba alguma coisa, mas eu acreditava que o que eu tava fazendo era correto, meus pais não sabiam e eles só queriam me podar. E a vida era essa.

ENTREVISTADORA: Entendi. Você tava vivendo a vida, né?

EF1: É isso. Sabe?

ENTREVISTADORA: E o que que deu errado?

EF1: Olha, o que deu errado, eu acredito que nada. Verdade, eu acredito que não deu nada errado. Talvez tenha falado antes, na minha fala, mas eu acredito que não deu nada errado. Porque todas as escolhas que eu fiz, eu tive consequência, foram escolhas minhas. Então, eu acho que não deu nada errado, eu só escolhi errado.

ENTREVISTADORA: Não deu nada errado, mas emocionalmente você sentiu que precisou, que precisava de uma ajuda, é isso?

EF1: É. É, pode se colocar assim, mas eu vejo na forma de que eu tomei muitas decisões nas quais as consequências num tavam me levando prum lugar bom, sabe? É, podiam ser (inaudível) eu havia escolhido, mas se eu tivesse ido prum outro caminho, as consequências seriam outras, sabe? E, por exemplo, é... depois, faz pouco tempo, né? Recente daí, que eu comecei a frequentar novamente, no qual eu disse que... que eu converso de verdade, é... muitas escolhas das quais eu podia ter feito no passado, é... me apareceram novamente, só que eu havia feito outras escolhas que as consequências foram as que... defazaram na minha vida. E agora veio novamente as escolhas das oportunidades e

eu acredito que eu fiz escolha certa agora, sabe? Então eu meio que são... é mais, mais tranquilo agora, eu acho.

ENTREVISTADORA: Que você consegue tomar melhores decisões e que você tem melhores oportunidades quando você está na igreja. É isso?

EF1: Isso, isso.

ENTREVISTADORA: Por quê?

EF1: Olha, porque... não sei, mas na minha visão é assim, por mais difícil que seja uma situação na qual eu esteja, se eu estiver verdadeiramente focada em algo, é... firmada numa rocha, vamos dizer assim, por mais ventos que balance a minha casinha, minha barraca, não vai sair da terra. Agora, se eu tiver alicerçada num pudim, qualquer assopro...

ENTREVISTADORA: E o que que é essa rocha? Quem é essa rocha?

EF1: Ah, no meu caso, agora, eu consigo ver que seja Jesus Cristo, né? Porque não consigo, não tenho palavras eu acho pra, pra descrevê-lo, é, nas coisas que ele fez por mim, é, por mais que eu não o conhecia, eu andei com ele, eu digo isso, metaforicamente mas, eu o conhecia de ouvir falar, por mais que eu trabalhasse na religião, na igreja, é, eu não o conhecia, mas não querendo me comparar a ele, mas Pedro foi a mesma coisa. É, eu, eu não conhecia, mas depois que eu tive essa, essa separação, que eu, que eu comecei a, a ver de diferente, as coisas que eu fazia e as coisas que ele havia prometido pra mim, eu conheci o que, eu reconheço a verdade que se eu não tiver alicerçada em Jesus Cristo e... minhas decisões sejam tomadas a partir dele, nada vai dar certo pra mim. Pode ser que até eu consiga alguma coisa, mas se eu tivesse sido alicerçada no início da escolha em Jesus Cristo, tudo poderia ser diferente, sabe?

ENTREVISTADORA: E o que que os seus amigos acharam quando você decidiu retornar?

EF1: (risos) Ah, eu virei piada muito, eu sou menina de cria assim a gente fala, né? De zoeira sempre agora. Então, é.. virou piada. Mano, tá me zuando! Agora você vai virar pastorinha? E eu falei: não cara, isso aí é coisa da sua cabeça. Mas é legal e... É isso, vamos viver e ver o que vai acontecendo. Mas eu ainda continuando em casa com eles, eu não frequento mais os mesmos lugares que eu ia antes, mas eles continuam sendo meus amigos, independente da fé que eu escolhi.

ENTREVISTADORA: Nessa época que você estava afastada a quem você recorria quando você precisava de ajuda?

EF1: Ninguém. Ficava sozinha. E eu ia chorar.

ENTREVISTADORA: E hoje em dia?

EF1: Ah, eu ia chorar também, só que eu escolho o meu quarto e começo a chorar e fazer orações. Ou é assim ou é assim ou é assim, porque não tem muito o que fazer. Porque assim, ah, é pensar que se eu fizesse algo parecido, tipo, chamar um amigo no qual eu fiz na igreja e conversasse com ele, e tal, é, seria legal. Até uma amiga também, eu pensei nisso, é... na qual eu vou... é... nós não nos conhecemos muito, assim, mas tinha uma, uma... sei lá, uma liberdade, vamos dizer assim, de perguntar e falar as coisas e... sentimentos no qual eu tava me incomodando, mas eu percebi que isso é bom, né? Legal, até porque eu preciso aprender que eu não sou a Mulher Maravilha, tipo, preciso de ajuda, né? Mas, é... eu, eu entendi, eu acho que, não sei, de que tem coisas que eu preciso fazer por mim, sabe? Somente eu e o pai celestial, por exemplo, por mais difícil que seja segurar aquele fardinho, aquela dificuldade, naquele certo momento. Porque ele é a pedra angular na qual eu preciso, na qual eu acreditei que ele faria a diferença, então os amigos podem ajudar, podem dar um consolo, uma palavra na qual você quer ouvir. Às vezes você não quer ouvir o que eles tem pra falar, mas vai ouvir também. Mas... é pra se lembrar que por mais difícil que seja, por mais que seja legal o que o seu amigo tá falando pra você, você tem que se ajoelhar no seu quarto e pedir ajuda ao... ou só chorar mesmo pra pedra angular que é Jesus Cristo.

ENTREVISTADORA: E como que tá seu envolvimento religioso hoje, sua fé atualmente?

EF1: É, você diz o engajamento, tipo, o trabalho da igreja, essas coisas?

ENTREVISTADORA: é.

EF1: Ah, eu acho que tá meio estável, né? Tipo, eu não... não escolhi fazer muitas coisas ainda, mas nas quais eu fui inserida, eu digo que sim, eu participo, às vezes não tanto quanto gostaria ou às vezes tem uma, por exemplo, tem uma... uma oportunidade pra que eu faça alguma coisa, nem sempre eu quero fazer, mas eu ainda faço, por mais que eu não queira, ainda faço. Mas eu acho que é, é gradual, né? Eu acho que aos poucos que eu fui chegando, é... eu vou... me sentindo mais parte da... da igreja assim, então eu vou participando. Acho que também eu preciso aprender, me curar um pouco antes de fazer as coisas, eu sou meio metódica nesse aspecto, assim, não sei se é correto, mas eu sou meio assim.

ENTREVISTADORA: Certo. E qual a importância tem pra você participar das atividades na igreja?

EF1: Ah, muito importante, porque, é, eu vivi isso minha vida inteira, tipo, era algo que pra mim era cotidiano, tipo, óh, quando criança tinha... na igreja que eu ia tinha um negócio que chamava EBD, que é a Escola Bíblica Dominical. Então, eu tinha... eu tinha um prazer, assim, surreal, tinha que acordar super cedo, pra poder decorar a aula das crianças que viriam pra essa aula. Então desde sempre, eu era criança mas, eu acho que eu tinha uns onze anos, doze anos, não sei quantos anos eu tinha, mas era mais ou menos essa idade... Então era, era meio surreal assim. E aí a tarde tinha aula pra mim, que era mais jovem, sei lá, tinha adolescentes. E aí tinha as minhas aulas na qual eu assistia, então eu ficava o dia inteiro lá e a noite tinha o culto também. E aí era, tipo... 31:31 nossa, você fica o dia inteiro lá, que não sei o que. Era superdivertido. Nossa! Surreal. E aprendia muitas coisas. Então, acho que, que isso era, era bem, bem gratificante. Só que tinha uma importância de pureza também, lógico, porque crianças acho que é bem pura. E aí depois as coisas que viria agora ou até agora, vamos dizer assim, pra participar nas atividades da igreja, eu acho que eu tenho mais... mais calma, assim, mais cautela pra poder aceitar algumas coisas que já vi.

ENTREVISTADORA: E como que você avalia hoje a sua relação com Deus? Com a divindade, com a liderança, o que você achar mais importante da igreja?

EF1: Ham... eu acho que de criança eu acho. Eu acho que eu tenho uma relação de pai, criança, sabe? Pai e filho assim.

ENTREVISTADORA: Hoje com Deus?

EF1: Oi?

ENTREVISTADORA: Hoje, com Deus?

EF1: Sim. Porque quando... eu uso essa analogia, porque quando um pai fala com o filho assim que é: filho, não faça isso. Muitas vezes você vai falar: eu não queria não fazer isso. Vou fazer, porque eu vou obedecer meus pais. É, eu acho que é essa relação o qual eu tenho, de confiança de que meu pai sabe mais do que eu, ele viveu mais do que eu, então... Eu acho que esse é... por mais duro que seja pra mim ouvir algumas coisas que eu não quero ouvir, que eu não quero fazer, eu acho que a relação que eu tenho é de criança. Até porque as crianças quando não sabem ainda se expressaram gritam, elas faz birra, e eu acho que eu faço algumas coisas assim também. Mas eu escuto. Então acho que é relação pai e filho.

ENTREVISTADORA: E como tá a sua relação social hoje em dia? Seu círculo social, seu círculo social.

EF1: A mesma coisa do que era antes. É... talvez mais agora, né? Porque já sou mais velha agora, então eu conheci mais pessoas. Eu acho que isso num... (inaudível) eu acho que isso não interfere nada. Tá certo que eu não vou concordar com algumas falas, com algumas coisas que eles fazem, mas eu não vou deixar de ser amiga deles, mas eles sabem a opinião que eu tenho com aquilo, sabe? Tipo, por exemplo, é... eu saía muito, eu tinha, é... participava, agora não tanto, mas eu participei muito dos eventos, sabe? Eu sei algumas coisas que eles fazem, que eu fazia também, então, falava: cara,

esse num dá, esse rolê não posso ir, mas nesse outro dá, posso fazer. Ou até, por exemplo, teve um ato...

ENTREVISTADORA: E, não posso ir, por quê? Desculpa te cortar, mas: não posso ir, por quê?

EF1: Porque não condiz com aquilo que eu acredito. Não porque eu ia em... que você não pode fazer. Mas que não condiz mais com aquilo que, que eu acredito que pra mim, sabe, não é mais o que eu preciso pra mim, aquilo.

ENTREVISTADORA: Sim. E houve alguma mudança na sua família ou entre amigos depois que você retornou a religião?

EF1: Sim, eu acho que a minha relação com meus pais, eu acho que melhorou um pouco, eu acho, tenho certeza disso, né? Alguns amigos, é, que acho que eles não eram tão meus amigos assim, a gente começou a se falar menos, conversar menos, fazer menos coisas juntos. Acho que por que o que nós fazíamos juntos não condiz mais, sabe? Então...

ENTREVISTADORA: Legal. Agora, falando um pouquinho sobre você, tá?

EF1: Certo.

ENTREVISTADORA: Especificamente, você. Como você se sente quando você estabelece relações próximas com outras pessoas?

EF1: Como assim? Não entendi a pergunta.

ENTREVISTADORA: Quando você começa a criar uma amizade, uma proximidade com pessoas novas.

EF1: É, eu acho bem divertido, mas eu acho que vai criando de acordo com a convivência com a pessoa, eu acho. Tipo, eu falo muito, cumprimento todo mundo, eu começo a zoar assim, no início qualquer pessoa, mas eu acho que pra firmar uma amizade ou qualquer coisa, tipo, tem que ser convivência, não posso taxar a pessoa de alguma coisa se eu não a conheço.

ENTREVISTADORA: Hum. Você se sente à vontade com intimidade? Tipo, quando você começa...

EF1: Com as pessoas, tipo?

ENTREVISTADORA: É. Quando você começa a criar intimidade com alguém, você gosta ou você é um pouquinho mais reservada, pé atrás?

EF1: Depende muito do assunto, eu acho. Eu sou bem tranquila em quase todos os aspectos. Mas quando eu crio intimidade com alguém, eu acho que de boa a pessoa falar comigo, perguntar ou até me dá aquele sermão, que eu ache... é... necessário assim, não sei se eu vou acatar (inaudível) mas eu vou ouvir. É, mas, por exemplo, não, não sou muito... muito amigável hoje, mas eu não sou muito amigável quando as pessoas começam a falar sobre algumas, algumas situações... é... nas quais elas não viveram e estão tentando me colocar, sabe? Pra que desça na minha garganta, isso eu não consigo gostar muito. (risos)

ENTREVISTADORA: Entendi. Como você avalia a sua predisposição em se abrir ou não, em criar conexão ou não com outras pessoas?

EF1: Olha, eu acho que criar conexões, eu sou bem fácil de criar conexões, porque eu acho que é... eu sou um pouquinho comunicativa, então eu acho que isso ajuda um pouco, mas acho que estabelecer intimidade com as pessoas, eu acho que é mais difícil nesse aspecto, assim, não é logo de cara. Por mais que eu zoe a pessoa e tudo mais, eu acho que...

ENTREVISTADORA: É um processo.

EF1: É um processo, eu acho.

ENTREVISTADORA: Mas você sente que você tem algum tipo de bloqueio ou é só realmente uma espera por uma coisa mais natural?

EF1: É, eu acho que é mais pra isso, pra que venha algo natural, assim, pra que não fique muito, tipo, é... mecanizado, assim, muito robotizadinho, sabe?

ENTREVISTADORA: Sim, você... você... você se sente bem quando as pessoas confiam em você, se apoiam em você?

EF1: Sim.

ENTREVISTADORA: E como você se sente quando você precisa confiar nelas e se apoiar nelas?

EF1: Eu sempre vou com o pé atrás, quando eu preciso confiar em alguém.

ENTREVISTADORA: Certo. Como você avalia... Você se considera uma pessoa que tem... se preocupa em perder proximidade nas relações?

EF1: Não.

ENTREVISTADORA: Você... não?

EF1: (riso) Não.

ENTREVISTADORA: Desapegada.

EF1: Super. E eu acho que isso não é bom, sabia?

ENTREVISTADORA: Por quê?

EF1: Não, porque eu acho que o... acho que você tem que criar vínculos na vida.

ENTREVISTADORA: É.

EF1: E aí pra mim, tipo, sei lá, você faz algo pra mim que eu acho que não é válido pra mim, eu vou falar: tá bom. E aí a pessoa vai: ah, você não vai pedir desculpa? Por exemplo. Não. E aí acabou.

ENTREVISTADORA: Você já teve medo de rejeição?

EF1: Não sei. Deixa eu pensar. Não. Eu acho que não, eu acho que... não sei, não sei se de outras pessoas ou de algumas coisas...

ENTREVISTADORA: Amizade, relacionamento.

EF1: Olha, eu sempre fui muito é tudo ou nada. Era tudo ou nada, eu sou muito assim, não sei, tipo, eu, eu penso nisso 100%, 50, 50, vai dar e num vai. E se deu, bom, se não deu, vida seguindo.

ENTREVISTADORA: Você se preocupa, quando você tá... por exemplo, tá numa relação, se a outra pessoa gosta de você também?

EF1: Ah, eu acho que isso é importante, né? Eu acho. Mas... eu acho que não é... não sei, mas pra mim eu acho que não é algo 100%.

ENTREVISTADORA: Certo. Você tem medo de perder a outra pessoa, com alguma frequência?

EF1: Não, não. Eu acho que não porque, tipo, acho que você tem escolhas pra fazer pra você naquele momento específico, mas tá junto com a pessoa. Se tu amanhã não é mais, beleza, mano, vida que seguiu, falou.

ENTREVISTADORA: Então você não se considera uma pessoa que fica com medo de se ferir numa relação?

EF1: Não. Porque eu acho que isso pode acontecer e também não pode, daí se você só ficar pensando: nossa, se eu entrar nisso aqui eu vou acabar me machucando, daí. Mas aí se você ficar pensando nesse aspecto, você não vai crescer, não vai fazer nada, vai ficar com medo de viver, eu acho. E é igual eu falei, é tudo ou nada. Tem que ser intenso nas coisas. Eu só não sei se tem que ser, né? Mas eu sou (risos)

ENTREVISTADORA: Você tava sendo assim antes de voltar pra igreja?

EF1: Tava. Tava. É... (risos) (inaudível)

ENTREVISTADORA: Você "quebrou a cara" em algum momento?

EF1: Oh, cinco anos aí, fiquei sofrendo.

ENTREVISTADORA: É. Tá certo. Quando você era... vamos falar um pouco... a sua mãe é uma pessoa muito importante na sua vida, né?

EF1: Sim.

ENTREVISTADORA: Como você explicaria, descreveria a relação de vocês quando você era menor, criança?

EF1: De proteção, eu acho, e correção, também. De amor, né? Que amor não é só carinho. Amor é ensinar, então acho que... e corrigir também, né?

ENTREVISTADORA: É, quem era a pessoa mais acessível pra você na sua criação?

EF1: Os dois, acho que tanto o meu pai quanto a minha mãe.

ENTREVISTADORA: E você acha que eles eram, como você avalia, era bastante, na medida ou podia ser melhor assim, essa proteção, essa acessibilidade deles com você?

EF1: Ah, eu acho que era o que eu tava precisando assim, sabe? Talvez se eles não fossem tanto... tão abertos, vamos dizer, entre aspas, agora. Eles faziam o que achavam que estava correto, tipo, cuidavam de mim, por exemplo, mas também deixava eu fazer minhas escolhas, porque eu tinha que aprender por mim também. Então, eu acho que era bem ok.

ENTREVISTADORA: Muito legal. EF1, você gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema aqui da entrevista que eu não tenha perguntado ou fazer alguma complementação?

EF1: Não, eu acho que só uma dúvida na verdade. Ham, essas... que você fez pra mim são as mesmas perguntas tanto pra uma umbandista, como candomblecista, são as mesmas perguntas?

ENTREVISTADORA: As mesmas perguntas, todas iguais, tem o roteiro.

EF1: Certo.

ENTREVISTADORA: Você gostaria de acrescentar algo?

EF1: Não. Acho que de boa. Acho que é isso.

ENTREVISTADORA: Muito legal, muito obrigada, EF1, vou parar aqui a gravação

EF1: Certo.

Código: EF2
Idade: 33 anos
Gênero: Feminino
Estado Civil: Solteira
Religião: Evangélica Pentecostal
Tempo de adesão religiosa: 13 anos
Escolaridade: Superior Completo
Ocupação: Profissional de marketing

Data da entrevista: 20/12/2022
Tempo de entrevista: 42:15

ENTREVISTADORA: Certo. E aí, depois que você se batizou, se converteu e batizou, você se afastou, né? Em que período da sua vida você se afastou?

EF2: Isso. Eu me afastei, ah... eu acredito que eu tinha, hoje eu estou com 33, ah... se eu não me enganar, eu tinha por volta de 27 anos ou 28. Foi num momento, é... é porque pra falar disso, eu tenho que explicar um pouco do passado, né? Eu tenho que explicar o que aconteceu antes disso pra me afastar, pra eu ter me afastado. É... eu servia na igreja, né, numa igreja local e eu fazia muitas coisas nessa igreja, foi praticamente a igreja que... o pastor que eu servia quando eu me converti. É... então a primeira igreja que eu fui, realmente, que eu decidi que eu ia servir a Cristo, que foi a Paz e Vida, eu conheci esse pastor, e esse pastor, ele saiu dessa igreja pra abrir o próprio ministério dele e eu fui junto. Então, é... desde então eu comecei a servir muito na igreja. Eu era... participava, né, do ministério infantil, eu era a gente chama, né, o termo de obreiro na igreja, quando a gente serve na igreja, quando a gente faz ali o trabalho, né, ministerial, então eu era obreira, eu é... auxiliava no ministério infantil. Também no ministério de louvor e em tudo que era necessário, né? É... e eu tinha um, certo vínculo muito forte com os meus pastores. Ham, porque eu estava sempre presente na igreja e eu realmente me sentia responsável ali pelas atividades que eu exercia, né, porque eu era, posso dizer que eu era uma parte da... um pilar, uma das colunas da liderança. Então eu tava sempre presente em todos os cultos, é, cobrava também, né, pelos trabalhos, por tudo que eu fazia ali e... mas chegou um certo momento que eu comecei a namorar um rapaz, ele era desviado, né? Isso significa que ele não estava ali na igreja. É... mas ele começou a ir pra essa igreja comigo. E namorando com ele um tempo a gente foi vendo algumas incongruências na igreja. Eu comecei a não me identificar mais com a forma que a minha liderança liderava. Muitas coisas eu acabava e não concordando. É... e isso foi meio que me desgastando. Eu também já estava meio desgastada, né? É, por tudo que eu estava fazendo. Não vou lembrar com muitos detalhes, tá, de tudo, mas foi basicamente isso assim, um resumo. E então, conversando com esse meu namorado, eu sempre me... eu sempre eu tenho um perfil muito submisso, né, eu sou uma pessoa bem submissa, então, muitas vezes, eu não queria ir pra igreja, mas eu me sentia na obrigação de ir ou fazer coisas que eu não queria fazer, mas aquele senso de responsabilidade, aquele senso de, ah, preciso fazer, né, não posso decepcionar, acabava me fazendo ir fazer as coisas. Só que depois que eu comecei a namorar esse rapaz, ele tinha uma outra visão e ele ficava muito indignado com algumas coisas que o meu pastor na época fazia. E isso foi alimentando algo em mim, uma certa revolta, não sei se eu posso dizer desse termo, né? Mas seria mais ou menos isso. Eu comecei a me sentir, ah, eu acho que realmente aqui não é o meu lugar, não concordo com o que meus pastores estão fazendo. E aí nós, eu decidi sair dessa igreja. E aí eu fui com ele para outro ministério. O ministério que ele costumava ir. Antes de... é... de ele se desviar. E eu gostei muito desse ministério, né, esse novo ministério que eu comecei a frequentar, essa nova igreja. Mas era uma igreja é, pequena e... e eu não exercia atividades ainda. Eu não fazia coisas nessa igreja. É... até porque eu não queria também naquele momento. Ah... e aí ham, depois de, né, um certo tempo ali, eu fui morar com uma amiga e eu também não estava muito bem com esse meu namorado, né? Não tava numa fase muito legal desse namoro, eu também tava querendo terminar e aí eu fui morar com essa amiga e aí foi nesse momento que eu me desviei, que eu acabei saindo, é deixando de frequentar a igreja e não tendo mais tanta... é... tanta proximidade com o religioso talvez. É... e foi um momento que eu

meio que me permiti fazer o que eu queria fazer. Então nós saíamos, nós íamos pra baladas, né, foi o tempo que eu já tinha terminado com esse namorado. Então eu meio que me senti livre pra fazer o que eu quisesse fazer. Sem obrigações. É... só que, ao mesmo tempo, é... não frequentemente, mas às vezes, eu ia pra igreja. Eu sempre, apesar de sair, né, de... de me desviar, pode dizer assim, eu não conseguia não deixar de ir, eu ia em alguns cultos. Era, eram raros, mas eu ia em alguns. Porque eu sentia aquela culpa, sabe? Eu sentia um certo medo de abandonar definitivamente porque eu sabia que Deus... eu sempre soube que Deus existe, então pra mim não tinha como não, pelo menos ir frequentar a igreja em algum culto. Então foi mais ou menos nesse momento que eu desviei.

ENTREVISTADORA: É... se você pudesse explicar por que que você acha que você se desviou, que você se afastou.

EF2: Ham... eu acho que... eu acho que eu ainda não conhecia Deus como eu conheço hoje. Eu acho que... a curiosidade, a vontade de pecar é a falta de temor mesmo. De... é... eu não sei exatamente. Eu acho que a vontade mesmo de fazer o que eu queria fazer sabe? De me sentir livre, de pensar: ah, não tem nada demais fazer isso. Eu continuo sendo de Deus. Eu estou bebendo, eu estou fazendo o que eu quero, mas eu continuo sendo de Deus. Eu ainda não tinha consciência de coisas que eu tenho consciência hoje. Eu acho que a imaturidade. Quando... a imaturidade na fé mesmo, quando eu passei a... fora as decepções também as dores, os sofrimentos, depois que eu... que eu passei por determinadas situações na minha vida, onde eu fui conhecendo realmente Jesus... eu fui enxergando que eu não precisava mais ter aquela vida, que aquilo ali não me trazia felicidade, satisfação. Só Jesus. Eu acho que eu buscava essa alegria, essas coisas fúteis lá fora.

ENTREVISTADORA: Como foi esse período em que você ficou afastada? Quanto tempo durou e como que tava as circunstâncias da sua vida nessa época?

EF2: Ham... foi um momento que eu tava... deixa eu tentar me lembrar. Se eu não me engano, foi o momento em que eu estava em transição, que eu tinha... não, foi antes. Eu estava num trabalho que eu não gostava, um trabalho muito ruim. É... e eu fui morar com essa minha amiga. Então eu meio que senti... como eu não tinha liderança, eu não tinha igreja, eu me senti livre pra fazer o que eu quisesse fazer. É... foi um período... foram vários períodos durante esse tempo que nós moramos juntas. É... primeiro eu tava nesse emprego que era muito ruim e tinha um rapaz lá nesse emprego que eu acabei me relacionando, nesse momento, eu lembro que eu não tava indo na igreja realmente, a gente... eu saía com a minha amiga, a gente bebia, saía com esse rapaz, eu lembro de sentir muita ansiedade, um vazio. É... uma autoestima muito baixa, baixa estima, é... medo também, muito recorrente, não sabia que ia ser da minha vida. Ah... e, ao mesmo tempo, eu não conseguia sair desse trabalho porque eu me sentia... eu achava que eu não ia conseguir nada melhor do que ali. É... uma dependência emocional muito grande. É... e aí depois eu terminei com ele, é... e aí eu e essa minha amiga nós começamos a sair, a gente saía muito, eu conheci alguns rapazes depois disso e eu sempre, é... acho que eu sempre me apegava muito facilmente a esses rapazes, tipo, me apegava emocionalmente e eu ficava meio obcecada por eles. Então foi um momento meio escuro, meio estranho da minha vida. É... Depois eu saí desse emprego que eu estava e eu lembro que foi o ah... eu lembro que foi um momento muito difícil. E que eu também tinha terminado um relacionamento, é, tinha me deixado muito mal. E aí eu voltei a falar com Deus, né? Porque eu, realmente, eu me senti num momento muito frágil, muito frágil, e eu comecei a buscar mais a Deus, comecei a orar mais, inclusive porque eu precisava de um... de algo novo na minha vida, de um novo emprego. E Deus ouviu minhas orações, eu consegui o meu emprego novo. É... e aí ia continuar, eu ia pra igreja às vezes, não tinha ainda um... eu tinha essa igreja, né, esse ministério, mas que eu não ia com frequência, não tinha nenhum vínculo, não tinha... não exercia nenhuma atividade lá, então não eu não tinha que prestar contas, digamos assim, e era nesse momento que eu ficava que eu saía muito com a minha amiga, então era mais ou menos assim que estava minha vida meio de altos e baixos.

ENTREVISTADORA: É... você disse que nesse período que você estava afastada, você tinha muitos medos até um pouco de ansiedade, dependência emocional. De quem você era dependente emocionalmente nessa época?

EF2: Ah, por um tempo eu fui dependente emocional do... desse meu primeiro namorado, que eu citei anteriormente, né? É... e aí depois, algumas decepções com ele, depois que a gente terminou, todos os rapazes que eu me envolvia eu queria... eu ia criando um apego. E eu sempre fui uma pessoa dependente emocionalmente, né, por conta da minha história, da minha infância. Sempre me apeguei,

ah... aos... às pessoas, né, aos rapazes que eu me envolvi e a essa minha amiga também. Eu sempre contei tudo pra ela, sempre... ela sempre, né, foi minha melhor amiga, então eu também sentia que eu me... eu dependia muito dela emocionalmente. Quando acontecia alguma coisa, que a gente brigava, né, porque a gente morava juntas então, ham, muitas vezes acontecia, né, a gente acabar tendo alguma... algum desentendimento, é, isso me deixava muito mal. Quando eu terminei com esse rapaz também, do outro rapaz que eu me relacionei, que a gente terminou, né, ele não era brasileiro, eu fiquei muito mal, fiquei péssima. Então eu sempre senti que tudo sempre me abalou muito emocionalmente. Sempre me considerei meio fraca emocionalmente. Sem muito, sem inteligência emocional.

ENTREVISTADORA: Por que você acha que você não conseguiu desenvolver a inteligência emocional até esse período?

EF2: Ah... eu acho, na verdade eu não acho, tenho certeza. É por conta da minha... do meu histórico familiar. Da minha vida, é... da minha infância, tudo que eu vivi, né? O relacionamento com os meus pais, nunca tive é... uma amizade com os meus pais, nunca tive muito diálogo, muito afeto, muito carinho, muito cuidado. Sempre foi um relacionamento mais rígido, meio conturbado, com muita briga, muita discussão. A minha mãe tem um perfil muito narcisista, meio dominadora. É... sempre eu me vi como uma rival dela e não como filha, parece que sempre teve uma rivalidade, ciúmes do meu pai. Acredito que por conta do que ela já viveu também, eu não sei como foi a infância dela também, mas é... eu lembro de situações de infância onde eu chorava muito, onde eu ficava triste porque eu pensava: por que a minha mãe é assim? Eu não vejo as outras mães sendo como ela é. É... meu pai me defendia várias vezes quando ela queria me agredir fisicamente. É... mas só que, não só fisicamente, ela me agrediu muito verbalmente, emocionalmente. É... a figura materna nessa, essa... essa... esse tema, né, de maternidade, de figura materna sempre foi muito difícil pra mim. Sempre que eu vejo outras mães tratando bem as filhas, isso me deixa um pouco triste, sabe? Porque eu não tive isso. Então eu acredito que, por conta disso, de todas as palavras que eu ouvi da minha mãe também, não foram palavras de afirmação, pelo contrário, tudo isso foi construindo uma adulta muito frágil. Que não tem a segurança que eu gostaria de ter. Eu admiro muito pessoas que são seguras, porque não tenho isso.

ENTREVISTADORA: E como a sua conversão aconteceu lá atrás, né? 10 atrás, aproximadamente?

EF2: Então, eu não lembro com muitos detalhes, mas tem coisas que eu lembro porque me marcaram, me marcaram muito. É... essa mesma amiga que eu fui morar junto com ela, é... ela me convidou pra ir na igreja algumas vezes, quando nós éramos ainda muito jovens, não lembro, talvez entre 16, 17 anos e eu lembro, é... eu sempre admirei muito essa minha amiga. E eu lembro de uma vez que nós fomos na igreja com a mãe dela e a mãe dela chamar ela de filha, a gente tava no mesmo carro, a gente tava juntas no carro e a mãe dela chamou ela de filha, aquilo me deixou... me fez chorar. Elas não perceberam, mas eu chorei ali no carro, porque eu pensei nossa, a minha mãe nunca me chamou de filha, nem meu pai também. É... e a gente tava indo pra igreja, eu lembro que naquele dia foi um dia bem legal na igreja dela, é... só que aí eu não fui mais, né? Foi a primeira vez que elas me chamaram. Eu acho que ele foi um dos primeiros contatos que eu tive com a igreja. Depois de um tempo, muitos anos, quando eu estava, é... eu acho que já tava na faculdade, é, já tava, eu já tava na faculdade, já tava trabalhando, eu ia numa cabeleireira e essa cabeleireira também era... também é evangélica. E ela sempre falava de Jesus pra mim, ela lia alguns trechos da Bíblia e aquilo me impactava muito. É... e ela tinha uma... uma cabeleireira assistente dela, que também era evangélica e também sempre falava da Bíblia pra mim, e eu lembro que uma vez, é... eu falei pra essa cabeleireira, eu falei: nossa, mas a minha vida tá tudo bem, porque eu tenho emprego, eu tô estudando, eu tenho faculdade. Eu tô fazendo... tá tudo ótimo na minha vida, mas eu, mesmo assim, não tá. Eu sinto um vazio. E aí eu lembro que ela falou que era a falta de Jesus. Que era só ele que podia preencher. É... e aí eu comecei a frequentar, ela me chamou, é... pra ir algumas vezes na... pra ir na igreja dela visitar, eu fui, mas foi só pra visitar mesmo. Depois, eu não vou lembrar com detalhe, tá? Mas é basicamente acho que foi assim, depois de um tempo eu comecei a passar na frente de uma igreja que é essa igreja Paz e Vida, eu passava na frente dessa igreja de ônibus e eu olhava pra essa igreja e eu via as pessoas lá e eu pensava: as pessoas lá são... parecem ser tão felizes, eu quero fazer parte disso, eu quero tá ali também. Porque elas parecem ser felizes, eu acho que elas vão me acolher. Eu acho que eu vou me sentir bem ali. Eu acho que vai ser... eu vou me sentir como se eu tivesse numa família. E foi aí que eu comecei a ir nessa igreja. Eu ia sozinha, eu sempre fui sozinha. E foi ali que eu me converti, onde foi ali que eu conheci esse pastor é... e aí ele saiu de lá, né, a gente ficou alguns anos, depois ele saiu de lá pra abrir o ministério dele e eu fui com ele pra esse outro ministério.

ENTREVISTADORA: Certo. E como você retornou? Quais situações você tava vivendo que te levaram, depois de todo aquele período de afastamento, a voltar?

EF2: Tá. É... bom, parece que tem... parece que na minha vida tudo tem a ver com relacionamentos amorosos, porque... e com a minha mãe. Porque eu... ah, assim que eu entrei nesse emprego novo, eu estava morando com essa minha amiga e me envolvia, né, com alguns rapazes e tudo mais. Só que quando eu me envolvia com algum rapaz era sempre com aquele rapaz, eu sempre meio que acabava me apaixonando por alguém. E aí depois de um tempo que eu tava nesse emprego novo, é... eu comecei a sair com um colega de trabalho, e... e aí eu comecei a ter com ele, a gente começou a ficar e depois namoramos. A gente começou a namorar sério, só que eu não me sentia totalmente em paz nesse relacionamento. Por quê? Como eu sempre fui da igreja, é... eu conheço a palavra, né, eu conheço a Bíblia, eu sei que o que eu tava fazendo era errado, porque eu tava tendo um relacionamento que não condizia com os preceitos da Bíblia. O que a Bíblia diz que é certo, porque a Bíblia é... condena, né, o sexo fora do casamento, a imoralidade sexual, né? A... eu esqueci a palavra agora, a fornicação, e eu tava vivendo... eu tava tendo essa vida com esse rapaz. Então eu estava totalmente dividida porque eu sabia que o que eu tava fazendo era errado, então me trazia muita culpa, mas ao mesmo tempo, eu gostava muito dele, eu me sentia muito dependente dele. Eu tinha, eu era muito apegada a ele, tava muito apaixonada. E... então, eu tava bem dividida. E aí aconteceu uma situação muito chata é... na minha família com a minha mãe, uma situação horrível que me tirou totalmente... foi um baque muito grande. E eu lembro que depois que aconteceu isso com a minha mãe, eu corri pros pés do senhor e eu decidi dar um basta. E eu falei: Senhor, eu vou terminar com esse rapaz, eu quero viver em santidade, porque eu não quero mais.

Eu meio que fiz aquilo por pela minha mãe, porque eu não queria continuar vivendo aquilo, eu queria que a minha mãe se convertesse, eu queria que a minha família fosse salva, eu queria que a minha mãe tomasse um rumo, porque o que ela tinha feito tinha sido muito grave. E eu vi que eu também tava muito errada pelo que eu tava fazendo, então eu decidi entregar tudo pra Deus. Tomar um posicionamento, porque eu queria voltar pra Deus e eu queria que a minha mãe também, é... se firmasse, que ela também fosse salva. Então ali eu decidi terminar com ele. É... e aí foi aí que eu comecei a voltar. Aí eu tentei terminar com ele, eu terminei, só que eu tive algumas recaídas, porque não era fácil, eu me sentia muito sozinha. É... era muito difícil. E aí, na segunda vez que eu decidi terminar com ele de novo, porque, né, a gente acabou voltando, aí na segunda vez eu pensei: não, agora não dá mais, porque eu não me, eu não tava me sentindo bem realmente naquele relacionamento, sentia muito culpada, como se não fosse algo de Deus pra minha vida. E aí eu decidi realmente terminar, foi inclusive na época da... quando começou a pandemia, quando iniciou a pandemia. Aí eu voltei, comecei a voltar pra igreja. E aí foi nessa igreja que realmente eu me firmei. Conversando com essa pastora, eu comecei a ser disciplinada, é... lembro de uma oração que ela fez comigo muito forte, né, de tudo que eu tava passando, tudo que eu tava vivendo, que o que eu tava fazendo era errado com esse rapaz. E eu sabia que era errado, me sentia muito mal. E foi basicamente assim que eu voltei.

ENTREVISTADORA: E aí, hoje você considera que você tem conseguido desenvolver mais inteligência emocional?

EF2: Sim, desde que eu terminei com esse rapaz, desde que eu comecei a me firmar no Senhor, é... eu me sinto bem mais forte emocionalmente, eu não tenho mais os... eu não vivo mais os mesmos dramas que eu vivia antes, as aflições. Teve um momento que eu tive muita insônia, momentos horríveis, muito vazio. Como eu falei, baixa estima. É... nossa, hoje eu me sinto totalmente diferente, muito melhor. De todo processo, né, mas hoje eu me sinto muito mais forte emocionalmente.

ENTREVISTADORA: Do que você mais sentia falta quando você tava afastada?

EF2: Em relação à igreja, o que que eu sentia falta?

ENTREVISTADORA: Sim.

EF2: ... A comunhão, de ta com pessoas que servem ao senhor. Porque faz toda a diferença, você ficar isolado é... não dá, você não consegue servir o senhor se você tá isolado, porque a igreja é um corpo, né? A igreja é uma família, são várias pessoas, então eu sentia falta disso, eu sentia falta de um discipulado, de ter um pastor, acho que era esse o principal, eu sempre ia pra igreja querendo,

sabe, ter uma... ter a opinião, a visão de um líder, uma pessoa com uma experiência pra me dar a direção, pra me... pra me falar do senhor, né, pra estar ali comigo me ajudando, me discipulando, acho que eu sentia muita falta de um pastor, uma pastora pra me discipular, um acompanhamento mais próximo de um líder.

ENTREVISTADORA: Certo. E como você avalia hoje a sua vida?

EF2: Hoje eu avalio a minha vida muito melhor do que o que eu estava antes. É... eu me arrependo, é... das coisas que eu fiz, sabe? Eu vejo que hoje, com uma outra visão, as coisas que eu que eu fiz no passado, é, hoje eu vejo que eu tenho mais maturidade espiritual e emocional também. É... eu vejo que eu cometi muitas... fiz muitos, cometi muitos erros, muitas coisas por, é... imaturidade mesmo, por falta de conhecimento, por... por falta de temor. Hoje eu sinto, eu vejo que eu tenho um fundamento, eu tenho uma estrutura hoje. Que eu tinha antes, mas eu não conseguia ver. Antes de me desviar, né, quando eu conheci o Senhor, quando eu estava vivendo o primeiro amor. Eu acabei me afastando, eu acabei deixando a rotina, os afazeres, a cobrança, é... tirar a minha visão de Deus. Comecei a olhar muito pro homem, parei de olhar pro senhor. Então eu digo: Eu tirei os olhos do... eu parei de focar no relacionamento com Deus. E hoje eu vejo que o que mais importa é o meu relacionamento com ele. A profundidade, a intimidade, aquilo que eu construo com ele. No secreto, na minha vida, né? No meu dia a dia.

ENTREVISTADORA: E como está seu envolvimento religioso hoje? Com as atividades, né, religiosas?

EF2: Hoje eu tô... eu sou bem participativa no meu ministério, é... faço parte do... sou obreira, né, no meu... na minha igreja, que eu é... eu faço parte do ministério de louvor, é... ajudo em tudo praticamente na liturgia ali do culto, né, nas... na direção do culto, quando existe alguma oportunidade pra pregar, eu também tô presente, já preguei, é... tenho bastante envolvimento com as pessoas, né no ministério, com os meus pastores, com a liderança, com os membros também, é...

ENTREVISTADORA: E a sua busca pessoal?

EF2: Minha busca pessoal?

ENTREVISTADORA: Como você avalia a sua busca pessoal hoje?

EF2: Como assim busca pessoal?

ENTREVISTADORA: Você falou bastante sobre o envolvimento nas atividades, né, religiosas, mas também existe uma busca pessoal, né, que você chama de secreto.

EF2: Ah tá, entendi, a minha busca por Deus no pessoal.

ENTREVISTADORA: Isso.

EF2: Assim, eu sinto que também está... se desenvolveu bastante em relação ao passado, é... até porque eu me sinto sempre estimulada a estar buscando, porque eu preciso também compartilhar isso com a igreja. Então isso me estimula a buscar mais no pessoal. A orar mais, a meditar mais, a ler mais a Bíblia, a louvar, né? Claro que a nossa vida é... tem altos e baixos, né, tem dias que a gente tá super motivado ali pra buscar, mas tem dias que eu fico um pouco mais desmotivada, um pouco mais desanimada, a gente acaba buscando menos. Mas a ideia hoje é ser constante. Eu percebo que hoje eu estou bem mais constante com Deus do que o que eu era antes. Eu era muito instável, muito inconstante.

ENTREVISTADORA: E o que você acha que mudou pra você conseguir desenvolver essa constância?

EF2: O que mudou? As minhas experiências na igreja é... e as minhas experiências pessoais enquanto eu oro, enquanto eu... enquanto eu busco, né? Quando Deus, eu percebo que Deus fala comigo. E não sei te explicar, mas hoje eu percebo que eu sinto mais fome, mais paixão por Deus. Mais vontade de ter ele por perto, de estar perto dele.

ENTREVISTADORA: E a sua rede de apoio, né, amigos, família, mudou alguma coisa? Depois que você... como você compara, né? O antes, quando você estava afastada e o depois quando você retornou?

EF2: Hum... na minha família. Ah, é que meus pais, eles não, eles não são... a minha mãe vai na igreja, o meu pai não. É... não mudou muita coisa na minha casa. É... mais quem mudou fui eu. Talvez isso acaba me deixando mais forte. É... na minha rede, não falei, né, eu tenho a minha amiga que também tem a... professa, tem a mesma fé que eu, é... tem as pessoas da igreja, eu tenho amigas de infância também que servem o Senhor. É... então eu tô sempre cercada de pessoas. Eu percebo que o que mudou, o fato dessa minha amiga servir ao senhor, isso, com certeza, contribui pra eu me aproximar mais de Deus também, porque eu vejo que nós duas nos ajudamos nesse sentido. Uma fortalece a outra.

ENTREVISTADORA: Em casos de dificuldade, em casos de necessidade, a quem você costuma recorrer?

EF2: Ah, minha amiga. A Deus e a essa minha amiga.

ENTREVISTADORA: Certo. E falando assim mais, né, voltando a falar sobre relacionamento amoroso que é algo que você disse que é relevante. É... na sua história, é, você... na época que você tinha essa dependência emocional, você tinha medo de rejeição?

EF2: Sim. Totalmente, principalmente com esse colega de trabalho que eu me apaixonei. O primeiro, meu primeiro namorado, que eu terminei depois, né, que eu fui morar com a minha amiga, depois de um tempo eu não sentia medo de rejeição dele. Porque eu fui percebendo que ele estava sendo... era um relacionamento tóxico, um relacionamento abusivo, então eu percebi que ele dependia muito de mim. E isso acabou ham... tirando, quebrando a admiração que eu tinha por ele. Inclusive foi... esse foi, né, fora as decepções, esse foi um dos motivos que me fez querer realmente terminar. Mas esse segundo, no início do relacionamento eu tinha medo de rejeição. Na verdade, foi ele que foi o interessado, né? Então eu não... quando eu comecei a me envolver com ele, eu não... eu não... não tinha tanto medo de rejeição, porque ele tava mais apaixonado do que eu, mas depois, com o tempo é... quando a gente brigava, quando a gente... quando eu comecei, realmente, a me apaixonar por ele, quando a gente brigava, eu, às vezes, eu tinha medo de rejeição, de ser rejeitada por ele.

ENTREVISTADORA: Você pensa, você tinha pensamentos, é, preocupação de perdê-lo, medo de perdê-lo, com alguma frequência?

EF2: Não exatamente, só quando a gente brigava, eu tinha medo dele... daí ele não vir atrás, dele não... ah, acho que é isso. Não sei se pode dizer que é o medo de perdê-lo.

ENTREVISTADORA: E aí, pensando assim, considerando você também hoje. É... você se preocupa, de alguma maneira, se as outras pessoas também gostam de você? Quando você começa a estabelecer relações mais próximas?

EF2: Tenho, mas olha, pra ser bem sincera, hoje eu não ligo muito, porque... para o que algumas pessoas pensam de mim, contanto que sejam, né? Se não forem as pessoas que realmente são muito próximas, as outras eu não me importo muito. Quem eu me importo realmente são aquelas pessoas que são mais importantes pra mim, que eu tenho mais admiração. As outras pessoas, eu não ligo muito para o que pensam. Não sei se isso não faz sentido.

ENTREVISTADORA: Faz sentido, sim. Eu quero te agradecer, é... acho que eu já perguntei bastante coisa, você também contou bastante coisa. E aí eu quero te fazer minha última pergunta: você gostaria de acrescentar algo relacionado ao tema da entrevista que não tenha sido perguntado ou fazer alguma complementação?

EF2: Hum... não. Acho que é isso mesmo.

ENTREVISTADORA: Tá bom, muito obrigada. Eu vou parar de gravar.

EF2: Tá bom.

Nome: EF3
Idade: 38 anos
Gênero: Feminino
Estado Civil: Casada
Religião: Evangélica Pentecostal
Tempo de adesão religiosa: 15 anos
Escolaridade: Ensino médio
Ocupação: Cabeleireira

Código: EF3
Data da entrevista: 22/12/2022
Tempo de entrevista: 54:51

ENTREVISTADORA: É, vamos começar falando um pouco sobre o seu processo de retorno pra religião. Evangélica Pentecostal, né?

EF3: Sim.

ENTREVISTADORA: Em que momento da sua vida você se afastou da sua afiliação religiosa?

EF3: Eu me afastei é... estava tudo bem. Até eu ter decepções dentro da igreja. É, eu sei que o meu foco dentro da igreja não são as pessoas, é Jesus Cristo mas eu me decepcionei com os líderes que eu tinha é, com a igreja em si, e isso foi me deixando, foi... fui me afastando, me afastando aos poucos até chegar o momento de não ir mais pra igreja.

ENTREVISTADORA: Quais situações você viveu nesse período?

EF3: Ah... hoje, atualmente, eu luto há quatro anos com a depressão, com a ansiedade e isso me afastou muito, muito, muito da igreja. É, eu me vi em um momento aonde eu precisei muito dos membros da minha igreja, dos irmãos da minha igreja e eu não tive retorno, eu não tive respaldo nenhum deles. É... eu tive... eu machuquei o meu pé em 2019, onde eu rompi os ligamentos do meu pé, onde eu fiquei impossibilitada também de ir à igreja cultuar e eu tive uma, um respaldo durante quatro anos. Uma pessoa me procurou, uma pessoa tentou me aproximar do senhor Jesus novamente e eu me frustrei em relação a isso.

ENTREVISTADORA: Isso faz quanto tempo?

EF3: Quatro anos.

ENTREVISTADORA: Há quatro anos você se afastou, né, você começou a se afastar?

EF3: Eu fiquei afastada mesmo, afastada, foram três anos.

ENTREVISTADORA: Certo, três anos afastada.

EF3: Sim.

ENTREVISTADORA: E como você se sentia?

EF3: É ruim, né? É como se a gente fosse insignificante. Problemas todo mundo tem, é como se os nossos problemas aumentassem, a proporção é maior, primeiro porque nós não estamos firmado em Cristo. Primeiro porque a gente não busca, primeiro porque eu, pelo menos, não buscava, eu não orava. Foi um momento onde eu me revoltei contra Deus. Eu questionei a existência do senhor. Por que eu? Por que comigo? Por que isso? É... e aí eu comecei a questionar, foi onde me revoltei mais ainda, onde eu não tinha vontade nenhuma de estar na presença do senhor. Eu não orava. Teve um

momento em que eu voltei pro mundo, eu voltei a beber, eu frequentei lugares aonde eu não deveria frequentar e não foi isso sozinha, eu levei as minhas filhas, né? Eu levei a minha família pra isso, aonde dificultou mais ainda o meu retorno, o meu buscar pra Cristo.

ENTREVISTADORA: E essas coisas, esse processo começou na sua vida, depois do acidente?

EF3: Sim.

ENTREVISTADORA: Você diria que o acidente foi o estopim pra tudo isso acontecer?

EF3: Com certeza, com certeza, foi meio que um divisor de águas assim, sabe? É... a gente não espera passar pelo que eu passei, eu acho que ninguém espera passar por um acidente ou uma enfermidade né? Enfim, e aconteceu. Eu costumo dizer hoje vendo com outros olhos, trazendo como ensinamento tudo que eu passei, como experiência, por mais que tenha sido algumas negativas, eu costumo dizer que foi um divisor de águas.

ENTREVISTADORA: É e aí o acidente, como divisor de águas, ele dividiu então duas fases da sua vida, né?

EF3: Totalmente.

ENTREVISTADORA: Como era antes?

EF3: Antes do acidente eu tinha uma rotina, eu trabalhava num escritório na Vila Madalena e eu tinha uma rotina de sair de manhã, chegar à noite. É... tinha os meus afazeres em casa, tinha o meu momento de cultuar a Deus, eu ia pros cultos às quintas-feiras e aos domingos. Domingo eu chegava na igreja oito horas da manhã só saía meio-dia e meia, uma hora, porque eu fazia parte do estudo bíblico, depois tínhamos o culto. Depois a gente ficava conversando com os irmãos lá. E após o acidente não, eu me vi literalmente prostrada em cima de uma cama dependendo 100% das pessoas pra fazer tudo. Tudo, porque eu não conseguia fazer nada, nada. É, eu sempre fui muito independente e me ver dependendo dos outros foi horrível. Foi horrível. Foi horrível, horrível, horrível. E eu acho que era um momento aonde eu podia me aproximar mais do senhor, né? E não. Foi um momento onde eu me afastei totalmente. Totalmente. Foi neste momento onde eu comecei a questionar mais a Deus. É, eu já vinha lutando fazem três anos isso do acidente, só que com mais um, que eu venho lutando contra a depressão, é... só piorou a situação porque eu questionava: é, que irmão é esse que ninguém estendeu a mão, ninguém me ligou, ninguém me mandou uma mensagem. Cadê o cuidado? Cadê a preocupação? Cadê o meu pastor que não veio até a ovelha dele? Cadê a pastora? E aí eu questionei muito. Oi, é o que eu que eu te disse, foi um divisor de águas em todos os sentidos, mudou a minha rotina, mudou a minha vida pessoal, mudou a minha vida espiritual, foi bem complicado, foi bem difícil.

ENTREVISTADORA: E antes disso você já tava convertida há 10 anos, né?

EF3: É, na verdade assim, é, eu frequento a igreja desde que eu era pequena na rua da minha casa da minha mãe, tinha uma senhora, tinha, não tem uma senhora e ela era da Assembleia de Deus e ela pegava as crianças da rua toda e levava pra Assembleia de Deus. Então eu tive esse contato com a com a igreja Evangélica desde muito cedo e aí, na minha adolescência eu não quis mais ir com ela, não fui mais. Fui pra igreja católica. Onde eu comecei a fazer parte de grupo de jovens, da igreja, fazia mentorias dentro da igreja. E aí, quando eu cheguei aos meus, quando eu completei os meus 18 anos eu não quis mais, aí eu não fui mais pra igreja nenhuma. E quando eu conheci o meu marido, em seguida eu engravidei, um ano após eu engravidei, eu comecei a frequentar essa igreja onde eu me tornei membro, que é uma igreja no Parque Pinheiros. E então faz 16 anos eu estive dentro desta igreja. Onde eu estava grávida ainda da minha filha. Mas me batizar, me batizar mesmo tem apenas oito anos que eu estou batizada.

ENTREVISTADORA: E por que, depois de casar é, depois de conhecer o seu marido vocês resolveram começar a se filiar, né, a essa igreja no Parque Pinheiros?

EF3: Então, assim, ele ia muito na igreja católica. Ele era muito da igreja católica. E eu fui da evangélica eu era evangélica, ele era católico, aí depois não fiz, fui mais e aí nós recebemos um convite pra ir. E nós recusamos várias vezes porque a família dele frequenta essa igreja já tem muitos anos. Nós

recusamos várias vezes. E aí uma vez nós brigamos. Eu falei: meu Deus. Senhor, me ajuda. E agora? Pelo amor de Deus, não posso perder meu casamento. E aí nós decidimos aceitar esse convite. E nós fomos pra igreja e aí foi assim, precisou ir... dar o primeiro passo. Nós demos o primeiro passo e fomos durante muitos anos.

ENTREVISTADORA: E o que vocês encontraram lá depois do primeiro passo?

EF3: Um preenchimento que o mundo não preenche. É... você encontra a verdadeira paz. Você encontra o verdadeiro sentido. Você encontra, de fato, o que muitas vezes a gente procura no mundo. O que a gente procura nas pessoas e não encontra. E não encontra. É... quando você procura Deus de coração, quando você exerce, de fato, a tua fé você encontra resposta, você encontra o caminho, o senhor te preenche, ele te abastece. Coisas que o mundo não faz. O mundo, muitas das vezes, ludibria a gente, né? Enche os olhos com coisas mundanas e que são momentâneas. E com Cristo não. Com Cristo não é assim, não é que você não vai ter problemas, não. Não vai existir mais nada, muito pelo contrário, existe até o dobrado. Só que você tem o Pai. Você tem a certeza que tudo vai ficar bem.

ENTREVISTADORA: E como você considera, avalia que a igreja, né, o fato de você estar na religião contribui com tudo, com a paz, né, tudo isso que você mencionou, de uma forma prática? Tem algo que é feito lá, o que acontece?

EF3: Hoje eu faço parte de um membro de uma igreja, próximo à minha casa e eu encontrei, eu frequento essa igreja desde o dia 25 de agosto de 2022, então fazem meses. Vai fazer quatro meses. E eu encontrei, em quatro meses, o que eu não encontrei durante 16 anos. É... nós temos acolhimento, nós temos membros dispostos a estar contigo seja na risada, seja no choro. É... nós temos, nós encontramos Jesus de verdade, acima de tudo, antes de termos os membros, nós encontramos Jesus de verdade. É... eu fui pra essa igreja por um acaso, um acaso. Foi um convite também de uma colega que já é membro dessa igreja e ela me convidou pra assistir um culto e eu falei que ia, que ia, não fui, ia, não fui, aí na terceira vez que ela me convidou, eu fui. E quando eu estive lá, só de entrar na igreja, a sensação é diferente. Então assim, eu acho que a igreja te contribui pra isso ela não te... ela te garante que você não está sozinha. Que a minhas lutas, as minhas... as minhas fraquezas, é... os meus choros eles estarão comigo. Aonde eu posso também contribuir, as minhas alegrias, os meus risos, é... a minha força, onde eu possa... a gente pode estar trocando momentos de palavras, não só o físico, sabe?

Então, assim, eu acho que isso, vindo de uma igreja, é muito importante. Os membros da igreja te dar esse retorno, te dar esse respaldo, faz toda a diferença. Porque não adianta eu ir pra igreja e buscar como se eu fosse sozinha. Eu tenho que ter um retorno. Irmão, eu estou contigo. Eu vou orar por você. É, o que tá acontecendo? Eu posso te ajudar? Eu vou orar contigo, sabe? Vamos dobrar os nossos joelhos e vamos orar pela tua vida, pela tua casa, pela tua causa. Enfim, é te dando aquela certeza de que você não está sozinho. Porque nós somos irmãos em Cristo. E isso é muito essencial. Então eu encontrei isso há quatro meses. O que eu achei que eu tinha e eu não tinha.

ENTREVISTADORA: E como tá o seu envolvimento atualmente? Você, como você compara? Seu envolvimento religioso atual e antes de você se afastar?

EF3: Eu acho que antes de eu me afastar da igreja, é... eu tinha um compromisso com Deus, eu tinha um compromisso com a igreja, nós tínhamos um grupo de mulheres onde nós nos reuníamos, onde nós orávamos, só que hoje eu acho que assim, a minha busca, ela é maior. A minha entrega hoje é maior. Por mais que eu tivesse... lá atrás, é... mulheres comigo, é... orações frequente, nós uma vez no mês nos reuníamos cada uma na casa de uma pra orar, eu acho que não era tão intenso como é agora. Eu acho que a... da minha parte a vontade de estar em Cristo, a vontade de ser diferente, a vontade da mudança contínua não era tão forte, tão presente na minha vida como antes. Hoje eu me sinto muito mais preparada. É... tudo que eu passei durante esse afastamento me serviu, de fato, pra mostrar que eu preciso me derramar aos pés do Senhor todos os dias. Todos os dias. É uma busca é... contínua. Contínua. E eu acho que eu não... Lá atrás eu não pensava da forma que eu penso hoje. Eu acho que a minha entrega não era tão verdadeira quanto é agora.

ENTREVISTADORA: Como você chegou a essa conclusão? O que mudou?

EF3: O meu... a minha forma de pensar, a minha forma de agir, a minha forma de querer o Senhor dentro da minha casa. A minha forma de orar. Só pra você ter uma ideia, é, hoje, todos os dias eu faço o meu devocional e eu nunca fiz isso. Eu nunca fiz isso. Eu fazia assim, uma vez ou outra e olhe lá, e quando sobrava um tempo, porque assim, a gente costuma colocar tudo na frente de Deus, né? A gente costuma falar assim: ai eu tenho a casa inteira pra lavar, pra limpar, primeiro eu vou limpar casa, se sobrar um tempo eu oro a Deus. Hoje já não, hoje a casa espera. Hoje, a minha prioridade é o senhor. Então tudo que eu passei durante esse afastamento, com o meu pé, é, com as minhas crises, que hoje já são bem menores do que era antes, antes era constante. Eu tinha crises constantes, hoje eu declarei pro senhor que eu não aceito isso pra minha vida. Eu não quero isso pra minha vida. Antigamente, é, eu cheguei a aceitar que eu era doente. Ah, eu ah eu sou assim, eu vou viver assim. Não, hoje eu não aceito, eu não aceito que eu passo por isso, eu não aceito viver da forma que eu vivo, eu não aceito tomar as medicações que eu tomo e eu sei que com Cristo eu vou vencer.

Eu testemunhei, na igreja onde eu frequento hoje, eu tinha síndrome do pânico e o meu marido precisou passar por uma cirurgia e ele fazia mercado, ele fazia açougue e ele fazia feira, ele fazia tudo, ele comprava até o pão pra eu e as minhas filhas tomarem o café da manhã. E quando ele ficou acamado, não tinha que fizesse, tinha que ser eu. E como que eu ia sair? Eu tinha medo. A igreja é na esquina da rua da minha casa. Duas esquinas pra baixo. E eu não ia sozinha. E aí eu me vi numa situação onde eu precisava fazer porque senão a gente não ia comer dentro de casa. Eu precisava fazer tudo. E aí eu orei a Deus, dobrei o meu joelho a Deus no banheiro e falei: Senhor, me ajuda. Me ajuda. Eu sei que o Senhor é comigo e eu preciso. E hoje eu testemunhei isso na minha igreja e hoje eu sou livre da síndrome do pânico, eu não tenho síndrome do pânico, eu não tenho medo de sair na rua sozinha. É... eu vou pra igreja que nem ontem eu fui pro culto, eu fui pro culto sozinha. Eu vou no mercado sozinha, eu vou na casa dos meus pais sozinha. Então, assim, a minha fé, a minha fé, a fé que eu não tinha lá atrás ou tinha e tava adormecida, não sei te dizer, mas hoje, a fé que eu tenho, ela pode tudo. É totalmente diferente de antes, entende?

ENTREVISTADORA: E todas essas crises e essa síndrome, é... essas síndromes, elas foram resultado do acidente ou você já tinha tido um histórico você já tinha histórico antes do acidente?

EF3: É... é, o acidente foi há três anos que aconteceu. E eu comecei ter os sintomas é dessas crises um ano antes do meu acidente. É... foi difícil pra eu aceitar porque eu não aceitava que eu tinha depressão. Imagina, depressão pra mim era coisa de gente fraca, era desculpa de muitas pessoas pra não encarar talvez a realidade da vida. Era o que eu pensava. Era o que eu julgava as pessoas. E até o dia que eu me vi dentro do banheiro do escritório aonde eu trabalhava tentando contra a minha vida. Eu amarrei uma corda, num ferro que tinha no teto do meu banheiro pra colocar no meu pescoço porque eu estava desesperada e eu sentia uma dor muito forte, muito forte, muito forte no meu coração e que nada saciava aquilo, nada passava daquilo, e quando eu amarrei a corda no meu pescoço, soltei o banco, o gancho caiu. Eu falei assim: ué, mas que estranho, tava tão preso, a gente coloca plantas e plantas aqui, nunca caiu nada. E aí eu falei: meu Deus, será que Deus é Deus mesmo? Porque eu já questionava Deus porque eu estava passando por isso. É... e aí foi se agravando, as crises foram aumentando até eu poder aceitar. Eu vim aceitar após oito meses que eu estava passando por tudo.

Foi onde eu aceitei procurar ajuda médica, foi onde eu aceitei a ajuda do meu esposo, onde eu aceitei a ajuda dos meus irmãos, dos meus pais. Enfim, das pessoas mais próximas, né? E as coisas se agravaram, de fato, após o meu acidente. Após eu ficar acamada, sem poder andar, sem poder me locomover. É, por conta de um erro médico, porque eu torci o pé e quando eu fui pro hospital eles não fizeram nenhum exame apenas deram como uma torção e na verdade eu tinha rompido três ligamentos do pé e aí, quando eu voltei, após oito dias já não dava mais pra operar porque já havia se passado 24 horas. Eu tive que fazer um tratamento conservador no qual eu faço até hoje. Até hoje. Eu sinto dores frequentes, eu não tenho firmeza no pé, eu não consigo usar um salto por muito tempo, eu costumo dizer que eu não consigo ser mais menininha por muito tempo porque dói o pé. É... foi onde tudo se agravou, foi onde, de fato, é... por isso que eu digo que foi um divisor de águas, porque foi onde, de fato, eu pude ver o que eu passava, o que eu passei e hoje o que eu passo. Quem eu tinha e hoje quem eu tenho. A minha fé como era e a minha fé hoje como é. Então por isso foi, de fato, um divisor de águas.

ENTREVISTADORA: E nesse período que você ficou afastada, como você se sentia? Como foram as circunstâncias da sua vida?

EF3: Eu me sentia muito, pior assim, o que mais me deixava é... inconformada, primeiro pelo erro médico, eu demorei a aceitar isso. Eu achei isso assim um absurdo. Você procura ajuda de um médico, é o único que pode te ajudar naquele momento e ele faz um descaso com você da forma que... porque, pra mim, foi um descaso, porque ele não fez nenhum raio X. Ele apenas olhou meu pé inchado e roxo e falou que tinha sido uma torção, ponto. Então, pra mim, foi um descaso. Depois eu depender 100% dos outros, porque eu não podia levantar, eu usei comadre pra fazer as minhas necessidades na cama até eu poder ir pra uma... muletas, cadeira de rodas. É... não podia colocar o pé no chão, eu tinha que depender do meu marido, da minha filha pra poder me dar um banho, da minha mãe, pra poder me dar um banho. É... eu me sentia trancada, travada. É... eu comecei a me sentir feia, o meu emocional, que já era abalado, ficou muito pior porque as minhas crises, eu tinha duas, três crises por semana, eu não conseguia me controlar, as minhas medicações, as minhas consultas eram feitas online e as minhas medicações só iam aumentando. Eu tomo um medicamento chamado lítio, onde eu cheguei a tomar 700 miligramas dele por dia. É... fora as outras medicações. Então só uma medicação tinha 700 miligramas. Fora as outras medicações. É... foi um momento muito difícil. Muito difícil mesmo onde eu era rodeada de pessoas e essas pessoas, aos poucos, elas foram sumindo, foram indo embora e os meus questionamentos com Deus ficaram maiores, frequentes. É... foi muito difícil, foi um momento muito difícil pra mim.

ENTREVISTADORA: Do que você mais sentia falta nesse período?

EF3: Eu sentia falta de ter a minha vida, de andar, de trabalhar, de fazer as minhas coisas, de arrumar minha casa, porque eu amo arrumar minha casa, de poder me dedicar 100% às minhas filhas, porque eu amo ser mãe e eu não podia fazer isso. Eu não podia fazer isso. É... eu não sentia falta de Cristo, porque eu já questionava a ele, então eu não sentia falta dele. A única coisa que eu sabia fazer era questionar, era brigar, era me revoltar, porque eu fiquei rebelde com Cristo. Eu briguei com ele. Então eu tinha falta de ter a minha vida.

ENTREVISTADORA: Mas e aí, em determinado é... momento você resolveu voltar, né?

EF3: Sim.

ENTREVISTADORA: Por que você voltou? O que que te fez voltar? E não foi a primeira vez que você voltou, né? Você já tinha voltado em outro momento. Por que voltar?

EF3: Eu estava mexendo no Facebook e aí o neto dessa senhora que eu te disse, que levava a gente pra igreja na infância, ele tem um ministério no Jardim Leila e aí, eu mexendo no Facebook estava uma live dele e da esposa. E eu resolvi assistir. E ali eu falei: meu Deus, como eu sou ingrata. Como eu sou ingrata. É... me perdoa. Foi onde eu comecei a pedir. Ele tocou um louvor, um louvor que ele fez e esse louvor tocou muito comigo. E aí eu comecei a pedir perdão pra Deus. É... pela minha ingratidão, pela minha falha, porque nesses quatro anos. É... esses três de afastamento mais um ano aonde eu fiquei doente, então durante esses quatro anos, foram quatro tentativas contra a minha vida e nas quatro tentativas o senhor foi misericordioso comigo. Nada aconteceu comigo e tudo isso começou vim à minha mente através dessa live e eu falei: meu Deus, é muita ingratidão, sou muito ingrata. É, porque mesmo não te buscando, mesmo duvidando da tua existência, mesmo duvidando do teu amor, eu sei que hoje eu estou aqui pela tua misericórdia. Eu estou aqui pelo teu amor. E eu comecei a entender tudo isso.

Só pra você ter uma ideia, é... eu tomo um remédio, chama-se Rivotril. É... e eu tomei a cartela desse remédio. Eu posso tomar durante o dia quatro medicações. Eu tomei trinta comprimidos. E a única coisa que eu senti foi ânsia de vômito e muita dor de cabeça. Quando eu cheguei no hospital, o médico falou pro meu marido assim: é... olha eu não sei o que vocês fizeram, mas ela precisa fazer uma lavagem porque ela tomou a medicação e essa medicação em excesso, no caso, ela pode tomar quatro, se ela toma seis, ela vem a óbito e a sua esposa tomou 30. O que vocês fizeram eu não sei te dizer, mas ela vai ficar internada só porque ela precisa fazer uma lavagem. E tudo isso veio à minha mente no momento dessa live. Da misericórdia de Deus com a minha vida. Dos propósitos do Senhor para a minha vida. É... da forma linda que Deus me ama e eu tão ingrata. E eu tão ingrata, tão pecadora, eu me senti muito suja diante de tudo que eu tinha feito contra mim mesma, de tudo que eu tinha falado pro senhor. Então eu entendi, eu entendi que a minha vida é do Senhor. Eu entendi que eu não tenho controle de nada, de nada sobre a minha vida. De nada. Então após ouvir o louvor que

ele colocou, eu precisei, eu não tive é, alternativas que não fosse me render pro senhor ali naquele momento.

ENTREVISTADORA: Certo. É... assim, pra eu conseguir te conhecer também um pouco mais, uma coisa ficou bem... é, tá tudo muito claro, mas uma coisa eu estou questionando um pouco. Por que que você sempre acaba voltando? Por que que você acha que sempre acaba voltando? Pra Jesus.

EF3: Porque a minha vida é do Senhor. Ele não abre mão, ele declarou, eu fui escolhida, eu fui escolhida. Por mais que eu saio, por mais que eu o renegue, ele é o dono da minha vida. Eu não tenho como ficar longe do Senhor. Eu não tenho como. Porque as pessoas de... é, eu já ouvi as pessoas dizerem assim: ah, eu escolho a Cristo. Não, eu fui escolhida. Eu não escolhi, ele e me escolheu. E uma vez que ele declara que eu sou filha dele, só cabe a mim a obediência e aceitação. Então as três vezes, as três vezes que eu saí da igreja e eu voltei foi porque ele me resgatou. Porque é um propósito, é um propósito a se cumprir, a minha vida. E a única coisa que eu tenho que fazer é ser obediente.

ENTREVISTADORA: E como você se sente hoje?

EF3: Eu me sinto amada, eu me sinto cuidada. Eu me sinto especial. Hoje, eu buscava muito tudo isso nas pessoas, eu buscava aceitações nas pessoas. É... eu buscava o amor das pessoas. Eu queria estar perto de todo mundo. Hoje não, hoje Cristo me basta. Hoje a minha família me basta. É a minha base, é a minha estrutura. Isso me basta. Então hoje, é o que eu disse, eu não deixei de ter problemas, os problemas continuam. Só que hoje eu encaro de forma diferente. Hoje eu sei que os problemas existem. Eu, como humana, fazer a minha parte e a outra o Senhor está no controle.

ENTREVISTADORA: Por que você acha que buscava o amor nas pessoas?

EF3: Eu creio que eu buscava pra preencher um vazio que eu tinha. Eu tinha um vazio, uma necessidade de ter muita gente perto de mim, de estar comigo, de compartilhar com o mundo. Então hoje, eu sei que eu busquei a minha vida inteira errada. A vida inteira errada. Porque esse vazio que eu tinha somente o Senhor preenche, somente ele, somente ele preenche. Eu faço a minha parte aqui para ele e ele faz o resto para mim e pronto.

ENTREVISTADORA: E como é sua relação com a sua família, desde a sua infância?

EF3: Eu tenho um relacionamento muito maravilhoso, muito maravilhoso com os meus pais, com os meus irmãos, a gente tem divergências de opiniões, isso pra mim é muito natural, mas nós temos um relacionamento muito bom. Desde de sempre, desde sempre. É a família da minha mãe, nós somos muito unidos. Então são muitos tios, muitos primos, é, muitas tias e tivemos um episódio em 2020, com um tio e a minha filha. É isso, 2020. Na verdade assim, isso aconteceu a minha filha tinha oito anos de idade. Hoje ela tem 16. E ela nos contou isso apenas em 2020. É... aonde ele tentou abusar da minha filha. E ela guardou durante anos. É... todas as vezes em que nós estávamos com ele, ela não queria estar. E eu obrigava ela a estar. É o tio, é o seu tio, é isso. Isso jamais passou pela minha cabeça assim, nunca, nunca passou pela minha cabeça. E em 2020 ela, em 2021, desculpa em 2021, em janeiro de 2021, em janeiro agora vai fazer dois anos, ela contou isso pra gente. Desde então minha filha é... ela é muito calada, muito na dela, diferente da minha outra caçula, né, que é o oposto. E eu sempre achei que ela precisava de um... de um psicólogo ou algo do tipo e ela sempre negou. E aí eu acho que ela chegou no limite dela, né? Foi onde ela expôs tudo isso.

E eu, como mãe, que nem eu te disse, eu amo ser mãe e eu acho que Deus me fez pra ser mãe. E eu resolvi brigar. Eu resolvi tomar as dores da minha filha. Meu marido disse que eu mostrei pra ele que eu fui mais do que leão. E eu expus isso pra família. Então a família que era unida, a gente estava junto pra comer até uma salsicha. Nós dividíamos essa salsicha pra mais de trinta pessoas. Hoje não é mais assim. Após este episódio, é... eu nunca mais a vi, muitos deles, muitos não acreditam na minha filha, até hoje. É... de início, os meus pais também não acreditaram e nós ficamos sem nos falar durante um bom tempo. Hoje a gente tem um relacionamento, hoje a gente tá junto, mas o resto da família, onde nós éramos juntos assim, as pessoas falam assim: nossa, sua família é igual unha e carne né? Eu falei: ah é mesmo. Hoje não é mais. Então que nem Natal, o Natal tá chegando. Então o Natal, passa os meus irmãos, nós né, os meus irmãos, minha mãe e meu pai o resto não. O resto não. É... eles não aceitaram eu ter procurado os direitos da minha filha, eu ter ido pra justiça. Eles não aceitam isso. Acham que que eu fiz o errado, que nós somos família. Bom, enfim. Eles não aceitam.

Então, hoje, hoje o relacionamento família que nós temos são os meus pais e os meus irmãos e a família dos meus irmãos, né? É isso. De tios que nós tínhamos todos nós temos dois. Dois tios que nós temos contato. Com os outros não.

ENTREVISTADORA: Certo. Tirando esse episódio que é mais recente, então você sempre teve uma relação muito boa né, com seus pais?

EF3: Sim, sim, sempre.

ENTREVISTADORA: É... eles eram religiosos?

EF3: Nunca foram, eles que se julgam, até hoje, católicos, mas é aquele católico que nem na igreja vai, sabe? Eles se julgam assim. Então quando eu ia, desde pequena, é: vai lá, ora por mim, reza por mim. Quando eu fiz, que eu fui pra católica, que eu fiz é catequese, primeira comunhão, crisma. Isso, vai lá. Ou me deixavam na porta da igreja e me buscavam depois.

ENTREVISTADORA: Então eles nunca julgaram.

EF3: Não, não, não, nunca me julgaram. Na igreja onde eu frequentava, às vezes, eles iam pro culto comigo. Eles iam pro culto, assistiam o culto, às vezes tinha festividades, peças teatrais na igreja e a MC, que é minha filha mais velha, ela fazia parte do grupo de dança da igreja, ela ia se apresentar. Às vezes eles iam pra lá também, mas fazer parte, congregar, não.

ENTREVISTADORA: Certo. E por que que você... como foi assim, sua infância em relação a amigos é... como você avalia a sua infância?

EF3: Eu tinha muitos amigos. Eles iam, meus pais, eles têm uma casa bem grande. Então nós nos reuníamos sempre lá na casa dos meus pais. É, os pais deles deixavam eles lá, levavam pra lá e a gente dormia lá em casa na casa dos meus pais, brincava na casa dos meus pais, tanto que hoje eu tenho 38 anos, eu tenho amigos lá de trás, da minha infância.

ENTREVISTADORA: Então você teve uma infância muito segura.

EF3: Muito, muito.

ENTREVISTADORA: Você, em algum momento já teve medo de rejeição?

EF3: Rejeição, não. Eu tive receio. Eu creio que não, a palavra certa não é rejeição. Eu tive medo é... quando eu resolvi, de fato, aceitar Jesus, eu tive medo das opiniões e a minha família é uma família totalmente católica. Então assim, a minha família inteira bebe, a minha família inteira curte as coisas mundanas, tal. Então, eu tive medo dessas... das reações deles. Pelo fato da gente estar sempre junto, é... da união que nós tínhamos. Então eu tive esse medo do julgamento. Tanto que quando é... é que não tem jeito, quando você aceita Jesus, quando você permite que Jesus tome conta da tua vida, é automático. Automático. Você muda. Você muda. E quando você vai fazer alguma coisa que não é do agrado do Senhor, o Espírito Santo está ali: Ei! Está errado isso daí, isso aí não.

Então o teu comportamento passa a ser outro. E o meu comportamento passou a ser outro diante das reuniões familiares que nós tínhamos. Então eu cheguei a ouvir piadinhas, eu cheguei a ser apontada como a crentinha. Agora tá indo pra igreja. Oh, irmã... sabe, quando eu estava junto com eles e que eu tinha o horário do culto, eu preferia ir no culto de manhã. Só que quando não dava pra ir de manhã eu ia à tarde. E aí nós estávamos juntos, eu pegava a minha bíblia. Tchou, gente. Fica com Deus. Isso, vai lá, vai dobrar o joelhinho e vai orar pra gente enquanto a gente está aqui dançando por você. Então eu ouvi muito isso. E num determinado período da minha vida eu tive medo. Desses julgamentos. Depois pra mim passou a ser muito natural e eu já não ligava mais. E foi tranquilo.

ENTREVISTADORA: E quão fácil ou difícil era pra você estabelecer novas relações?

EF3: Não, eu não me acho difícil ter novas... eu não me julgo uma pessoa difícil em ter novas relações. Eu me acho uma pessoa aberta pra ter novas relações. É... eu costumo dizer que eu tenho um problema muito assim, eu não sei nem se é um problema, mas do mesmo modo que eu me apego às

pessoas, do mesmo modo que eu faço amizade muito rápido, eu desfaço também muito rápido, é meio que a mesma proporção, sabe? Às vezes isso me assusta. Às vezes eu acho que está tudo certo, é por aí que vai. Então eu não me julgo uma pessoa difícil em estar aberta a ter novas relações.

ENTREVISTADORA: E em relações com amigos e amorosas, quando você começa a estabelecer uma relação nova ou quando você, né, começa a se apegar, quão frequentemente passa pela sua cabeça o medo de perder a pessoa, ou passava, né?

EF3: Então, hoje eu já não tenho esse medo mais. E tudo isso mudou após esse episódio com a minha filha. É... muita coisa mudou após isso. Então antes disso, eu tinha medo. De perder a minha amiga, de falar alguma coisa a mais pro meu irmão. Após isso não. Após isso não. É... se eu tiver que perder, eu penso desta forma, se eu tiver que perder, se eu tiver que ir embora, é porque não era pra ficar. É... hoje eu penso desta forma. O que é pra estar comigo, está comigo. O que não é para estar, o Senhor levou embora porque é uma das minhas orações, é o que o Senhor me ajude em tudo naquilo que eu não posso ver. Então, uma das minhas orações, é que o senhor de fato só deixe permanecer o que for verdade, o que for da vontade dele, o que não for, que o Senhor leve embora. Então hoje, pra mim, é muito tranquilo isso.

ENTREVISTADORA: A que você atribui essa nova forma de você pensar e lidar com essas questões?

EF3: A Cristo, ele me ensinou isso. Ele me ensinou, ele me mostrou isso. É... eu fazia questão de estar com as pessoas. É... eu não, nunca tive muitos amigos. Eu sempre tive a minha família. Então se eu tivesse que estar com os meus amigos e com a minha família, obviamente eu estaria com a minha família, deixaria os meus amigos em segundo plano. É... e após tudo isso acontecer eu entendi também que quem fazia questão era eu. Quem queria estar era eu. Então, hoje, Cristo me mostrou. Hoje o Senhor me mostrou, de fato, o que vale a pena. Por quem eu tenho que lutar. Por quem eu tenho que orar. Não que eu não ore por eles. Eu peço a Deus que o Senhor os abençoe, que o Senhor os prospere na vida deles, mas isso não me faz querer estar com eles. Estar ao lado deles, conviver com eles. Não, eu não os odeio, eu não tenho sentimento nenhum por eles, que eles vivam a vida deles e eu viva a minha vida com a minha família e está tudo OK. Então eu entendi isso. É, eu atribuo isso ao Senhor.

ENTREVISTADORA: Certo. E por que você acha que começaram as crises?

EF3: Eu não sei te dizer. É o que eu converso hoje com o meu psicólogo e o meu psiquiatra, eu não sei, eu não sei, é... eu comecei... Tudo começou porque eu comecei a me sentir muito sozinha, onde eu nunca fiquei sozinha, fisicamente, nunca fiquei sozinha, mas eu me sentia sozinha, estando com mais de 30 pessoas. Minha família é muito grande e eu sempre estive com eles. Mas eu me sentia sozinha. Chegou momentos da gente estar em reuniões, em festas e dançando e conversando é, e bebendo e eu falava: o que que eu estou fazendo aqui? Por que eu estou aqui? Eu não estou feliz aqui, mas eu estou rindo com eles. É... por que que eu tô bebendo? Eu não preciso disso. Mas eu tô bebendo porque eu tenho, eu estou com eles aqui. Então eu não sei até hoje. São quatro anos que eu faço tratamento, eu ainda não sei te dizer aonde tudo começou. Eu sei que tudo começou por eu me sentir sozinha. Aquela sensação de estar sozinha em meio a todo mundo. Estar com todo mundo e ao mesmo tempo não ter ninguém, mas assim, o foco, que nem o psiquiatra fala pra mim assim, mas tem um gatilho EF3, nós precisamos descobrir o teu gatilho e eu até agora eu não sei te dizer.

ENTREVISTADORA: Mas nessa época, que foi antes do acidente, você estava afiliada àquela igreja no Parque Pirajussara, né?

EF3: Sim.

ENTREVISTADORA: Então você se sentia sozinha mesmo na igreja?

EF3: Mesmo na igreja. Mesmo na igreja eu me sentia sozinha. É... em uma das minhas crises, no começo das minhas crises, eu tive o retorno de uma pessoa. É, onde ela se prontificou a ir na minha casa, onde essa pessoa orou por mim. É, aonde ela se preocupou comigo e mesmo assim eu me sentia sozinha.

ENTREVISTADORA: É, e aí quando você menciona que você saía com a sua família. É, isso foi enquanto... e aí você também bebia... foi enquanto você tava afiliada à igreja, ao ministério?

EF3: Quando eu me reunia com eles, sim, eu estava filiada ao outro ministério. Quando eu bebi, eu já não estava mais indo na igreja.

ENTREVISTADORA: E aí o sentimento de vazio persistia?

EF3: Sim, era constante. Era constante. Eu tive uma crise no escritório onde eu trabalhava, que eu acho que foi uma das crises mais fortes assim, uma das que eu tive mais forte, onde o meu patrão teve que me levar pro hospital. Quando eu me senti sozinha. É... e quando eu conversava com as pessoas parecia que as pessoas não estavam dando ouvidos, é como se eu não estivesse ali, é como se eu não existisse pra elas, entende?

ENTREVISTADORA: Entendo. E na sua vida pessoal e profissional, como estavam as circunstâncias?

EF3: Eu trabalhava num escritório, é... aonde eu adorava, era o escritório de paisagismo, onde eu amava ver a transformação do ambiente, era um ambiente tranquilo. Tinha uma supervisora pé no saco, mas até então, tranquilo. É... eu tinha... eu tinha não, eu tenho uma sogra onde a gente não se dá bem. Fazem 16 anos, isso que eu carrego uma mágoa muito grande dela, muito grande dela, aonde eu já tentei, por inúmeras vezes, diversas vezes ter um bom relacionamento, mas eu não consigo. É... da parte dela o que ela demonstra é que tá tudo Ok, que tá tudo certo, mas da minha parte não está. Eu não consigo, foram anos ela se desfazendo da minha filha, ela deixando a minha filha pra trás, na minha gestação, eu grávida, ela citou que a minha filha era um câncer na vida dela. E eu não consigo, eu não consigo. Eu oro a Deus. Eu oro a Deus, de todo o meu coração, pra que ele me ensine a perdoar, pra que eu me livre disso. Porque eu acho que esse é um dos focos que ainda me permite viver doente.

ENTREVISTADORA: E você talvez relacione isso também?

EF3: Não entendi.

ENTREVISTADORA: E você talvez relacione isso também ao início das crises?

EF3: Eu acho que sim.

ENTREVISTADORA: E como você avalia a mudança na sua vida depois que você retornou?

EF3: Eu tive uma mudança, é... que eu nunca tive antes, eu costumo dizer que eu mudei, desta vez, de dentro pra fora e acho que das outras foram tudo de fora e nem chegou a ser pra dentro. É... hoje eu enxergo as coisas de um modo diferente. É... hoje eu não tenho um dos melhores relacionamentos com a minha sogra, mas hoje eu consigo cumprimentá-la, hoje eu consigo falar com ela, coisas que eu não conseguia antes. É, hoje eu consigo entender o afastamento das pessoas da minha vida de forma totalmente diferente, sem peso, sem culpa, sem dor e é o que eu te disse, eu atribuo tudo isso ao Senhor.

ENTREVISTADORA: EF3, você gostaria de acrescentar algo aqui à entrevista que eu não perguntei? Mas que tem a relação com a nossa conversa?

EF3: Eu acho que o que as pessoas precisam entender é que Cristo faz a diferença. Cristo é a base. Tudo é por ele e para ele. A gente só precisa se permitir, não cometer os erros que eu cometi, não passar pelo vale que eu passei pra poder entender que ele é o dono da nossa vida, que ele está no controle de tudo. Que a gente precisa apenas querer. Dar o primeiro passo, se permitir dar o primeiro passo. Porque a partir do momento em que você der o primeiro passo, ele faz a diferença.

ENTREVISTADORA: E hoje você vai com a sua família.

EF3: Glória a Deus, glória a Deus sim. Hoje eu e a minha família frequentamos a igreja que eu havia te dito aqui próximo à minha casa. É e está sendo benção. Está sendo transformador.

ENTREVISTADORA: Certo. EF3, muito obrigada por participar, né, dessa pesquisa, eu vou parar a gravação porque a gente tá encerrando, tudo bem?

EF3: Tudo bem.

Apêndice E – Guia de Análise de Conteúdo

GUIA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

CATEGORIZAÇÃO DE ESTILOS DE APEGO

Nome do(a) colaborador(a):

Área de atuação/estudo:

Data (dia / mês / ano) da análise de conteúdo:

Obrigada por sua disposição em colaborar na realização da categorização de estilos de apego. Siga as etapas indicadas abaixo, cumprindo-as na ordem em que estão enumeradas:

- 1)** Leia o texto de apresentação deste material na próxima página.
- 2)** Leia o quadro com as descrições dos tipos de apego (seguro e inseguro, com suas variações).
- 3)** Para a análise do conteúdo referente a cada um dos participantes, siga as instruções dadas em cada página, explicitadas a seguir:
 - 3.1 Leia o quadro com o resumo da história de vida de cada participante, com ênfase em sua trajetória religiosa.
 - 3.2 Em seguida, leia o quadro com alguns trechos extraídos da entrevista. (Caso queira, poderá ter acesso à transcrição das entrevistas completas no arquivo anexado intitulado “Íntegra das Entrevistas”).
 - 3.3 Tomando como base a história de vida e o conteúdo das entrevistas apresentado, indique qual estilo de apego poderia ser atribuído, por inferência, a cada participante. Se necessário, volte a reler o quadro completo para checagem de características e comportamentos.
 - 3.4 Caso tenha tido alguma dúvida ou queira comentar algo, escreva no local indicado.
- 4)** Por gentileza, devolva o material respondido por e-mail, como arquivo anexado, até dia 11 de setembro de 2023.

Agradeço, antecipadamente, por sua preciosa colaboração.

Kherolen Hanny Rodrigues Gonçalves Dias

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) colaborador(a),

Este material contém informações para a análise dos estilos de apego de participantes da pesquisa de mestrado "Retorno à religião: análise de aspectos psicossociais e o papel do apego", cujo objetivo é compreender a influência dos estilos de apego nos aspectos psicossociais relacionados ao retorno à religião Evangélica Pentecostal e à Umbanda. A análise visa checar a concordância na categorização do estilo de apego de cada participante por juízes independentes para checagem da variabilidade/concordância interobservador e comparação com a análise realizada pela pesquisadora em conformidade com os padrões descritos na Teoria do Apego⁴.

Ao todo, foram realizadas doze entrevistas: dois grupos de seis participantes, três do gênero masculino e três do gênero feminino, de cada religião, a saber: Umbanda e Evangélica Pentecostal. A referência a cada participante é realizada a partir de códigos com três elementos (duas letras e um algarismo): o primeiro refere-se à adesão religiosa (U para Umbanda e E para Evangélica Pentecostal); o segundo refere-se ao gênero (M para masculino e F para feminino); e o terceiro, à ordem de realização da entrevista. A você caberá analisar apenas o conteúdo referente a quatro participantes, dois homens e duas mulheres, um de cada religião.

Para viabilizar a análise, é apresentado um resumo da história de vida de cada participante, com ênfase em sua trajetória religiosa. O conteúdo é resultado de uma revisão aprofundada das informações coletadas durante as entrevistas semidirigidas, visando fornecer uma visão abrangente de seu contexto e experiências individuais. Também é fornecido um quadro com uma seleção de trechos relevantes das entrevistas relacionados à temática do apego. A página indicada nos trechos se refere à sua localização na página de transcrição da entrevista. Por isso, é fornecido um arquivo anexado com a transcrição completa de todas as entrevistas para consulta (caso julgue necessário), onde estão assinalados os trechos selecionados para facilitar sua localização.

O material inclui um quadro descritivo que detalham os estilos de apego, construídos a partir de uma revisão da literatura especializada em apego que servirá como referência para a análise de cada participante. Ao fim de cada página destinada a cada participante um quadro resumido é apresentado para que seja ali assinalado o tipo de apego inferido a partir do material apresentado.

Sua contribuição para este estudo consistirá na análise e inferência dos estilos de apego com base nas informações fornecidas.

Sua análise crítica será de grande valor para a pesquisa e enriquecerá a discussão teórica no campo do apego e da religião.

Agradeço antecipadamente por sua colaboração e contribuição para este estudo.

Kherolen Hanny Rodrigues Gonçalves Dias

Mestranda

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Orientação: *Profa. Dra. Fatima Regina Machado*

⁴ Bowlby, J. (1969/1982). Attachment and loss (2ª ed., Vol. 1). Basic Books.

Descrição dos estilos de apego seguro e inseguro, com suas variações.

	Estilo de apego	Base da relação com a figura de apego	Características	Atitudes e Comportamentos
(1)	SEGURO	Figura de apego sempre presente para atender às necessidades da pessoa cuidada e, por isso, a pessoa sente-se confiante e segura para explorar seu ambiente.	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção de relações saudáveis. • Conforto com intimidade e autonomia. • Capacidade de expressar emoções de forma equilibrada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tem relações saudáveis. • Sente-se confortável com intimidade e independência. • Tem atitude positiva sobre si mesmo • Consegue estabelecer limites saudáveis em suas relações, tanto para si mesmo quanto para os outros.
(2)	INSEGURO <i>Evitante</i>	A figura de apego não está disponível com regularidade e especialmente não esteve disponível em um momento específico de muita necessidade por isso, a pessoa passa a evitar o apego e reprime seus sentimentos para evitar a rejeição.	<ul style="list-style-type: none"> • Evitação de vínculos. • Distância emocional e desapego. • Dificuldade em confiar nos outros. • Preferência pela autossuficiência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exibe uma tendência a reprimir suas emoções e evitar a intimidade em relacionamentos próximos. • Desconfia das intenções dos outros. • Relaciona-se com as pessoas, mas fica na defensiva para evitar o apego e manter sua independência comportamental e emocional.
(3)	INSEGURO <i>Ansioso-ambivalente</i>	A pessoa não tem certeza de que a figura de apego está/estará disponível para cuidar dela, mas deseja e busca por seus cuidados exibindo alto desejo de intimidade e dependência excessiva da figura de apego.	<ul style="list-style-type: none"> • Medo de abandono e rejeição. • Necessidade constante de validação e aprovação. • Dependência excessiva dos outros. • Tendência à emotividade. • Insegurança. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta ansiedade em insegurança nos seus relacionamentos. • Preocupa-se com a falta de apoio dos outros. • Tem o sistema de apego hiper ativado: busca constantemente e ansiosamente por amor e cuidado. • Autodeprecia-se questionando seu próprio valor.
(4)	INSEGURO <i>Ansioso- evitante (desorganizado/ Desorientado)</i>	A relação com a figura de apego oscila e é contraditória.	<ul style="list-style-type: none"> • Oscilação entre querer buscar e evitar a proximidade. • Dificuldade de estabelecer laços profundos. • Dificuldade em confiar nos outros. • Dificuldades com a regulação emocional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tem desejos conflitantes de intimidade e independência. (Deseja intimidade, mas ela parece intimidadora e, por isso, algo a ser evitado). • Deseja relacionamentos próximos, mas teme a rejeição e o abandono. • Tem uma visão negativa de si mesmo. • Desconfia dos outros.

Fonte: Ainsworth (1978; 1985); Bowlby (1969/1982; 1988).

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Patterns of infant- mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 771-791. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3864510/>
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss* (2ª ed., Vol. 1). Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. Basic Books.

ANÁLISE DE CONTEÚDO: (CÓDIGO DE PARTICIPANTE)

- 1) Leia o quadro com o resumo da história de vida relatada por (CÓDIGO DE PARTICIPANTE):

Resumo da história de vida

- 2) Leia o quadro com trechos extraídos da entrevista com (CÓDIGO DE PARTICIPANTE):

Trechos da entrevista

- 3) Assinale a alternativa que lhe pareça mais adequada para indicar o estilo de apego que pode ser inferido a partir do conteúdo apresentado por (CÓDIGO DE PARTICIPANTE):

Assinale sua escolha:	Estilo de apego	Atitudes e Comportamentos
()	SEGURO	<ul style="list-style-type: none"> • Tem relações saudáveis. • Sente-se confortável com intimidade e independência. • Tem atitude positiva sobre si mesmo • Consegue estabelecer limites saudáveis em suas relações, tanto para si mesmo quanto para os outros.
()	INSEGURO <i>Evitante</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Exibe uma tendência a reprimir suas emoções e evitar a intimidade em relacionamentos próximos. • Desconfia das intenções dos outros. • Relaciona-se com as pessoas, mas fica na defensiva para evitar o apego e manter sua independência comportamental e emocional.
()	INSEGURO <i>Ansioso-ambivalente</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta ansiedade e insegurança nos seus relacionamentos. • Preocupa-se com a falta de apoio dos outros. • Tem o sistema de apego hiper ativado: busca constantemente e ansiosamente por amor e cuidado. • Autodeprecia-se questionando seu próprio valor.
()	INSEGURO <i>Ansioso-evitante</i> <i>(desorganizado/desorientado)</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Tem desejos conflitantes de intimidade e independência. (Deseja intimidade, mas ela parece intimidadora e, por isso, algo a ser evitado). • Deseja relacionamentos próximos, mas teme a rejeição e o abandono. • Tem uma visão negativa de si mesmo. • Desconfia dos outros.

Fonte: Ainsworth (1978; 1985); Bowlby (1969/1982; 1988).

- 4) Utilize o espaço abaixo para fazer comentários acerca do conteúdo apresentado ou apontar dúvidas que porventura tenham surgido em sua análise.

--

Participaram do comitê de análise de conteúdo nove interobservadores, entre eles mestrandos, mestres, doutorandos e doutores em Psicologia Social, a saber:

Grupo	Código	Nome
Grupo 1	1a, 1b, 1c	Prof. Dr. Adriano da Silva Costa Manoel Pedreira Lobo Prof. André Renato Rizzi
Grupo 2	2a, 2b, 2c	Profa. Dra. Fatima Cristina Costa Fontes Prof. Dr. Gabriel Teixeira de Medeiros Profa. Dra. Camila Torres
Grupo 3	3a, 3b, 3c	Profa. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow Paula Santos de Paula Prof. Dr. Wellington Zangari